



COLETORES DE LIXO
AMBIGÜIDADE
DO TRABALHO
NA RUA

MINISTÉRIO DO TRABALHO



FUNDACENTRO
FUNDAÇÃO JORGE DUPRAT FIGUEIREDO
DE SEGURANÇA E MEDICINA DO TRABALHO

COLETORES DE LIXO: A AMBIGÜIDADE DO TRABALHO NA RUA

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Fernando Henrique Cardoso
MINISTRO DO TRABALHO E EMPREGO
Francisco Dornelles

FUNDACENTRO

PRESIDÊNCIA

Humberto Carlos Parro

DIRETORIA EXECUTIVA

José Gaspar Ferraz de Campos

DIRETORIA TÉCNICA

Sonia Maria José Bombardi

DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Marco Antônio Seabra de Abreu Rocha

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

José Carlos Crozera

Tereza Luiza Ferreira dos Santos

Coletores de Lixo: A Ambigüidade do Trabalho na Rua



Mestrado em Psicologia Social

*Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial
para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social, sob
orientação da Profa. Doutora Bader B. Sawaia*

1999

*Ao povo da rua:
A todo este povo que limpa as ruas para que possamos
passar;
A todo povo que abre os caminhos e que para isso vive
entre a alegria e o sofrimento
Num maravilhoso jogo de cintura, possível apenas para
quem convive com a brincadeira e com a seriedade,
paralela e concomitantemente.*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Profa. Dra. Bader B. Sawaia, que com sua “abertura” me possibilitou a oportunidade das possibilidades no pensar, no agir e no afeto.

Aos meus pais, Tereza, José Luiz e Napoeão Topázio, por acreditarem em mim, mesmo ausentes e distantes fisicamente.

Ao Siemaco, ao Chaves, Gilmar, Omar e Nenê, que após um sambinha me abriu as portas deste mundo maravilhoso do coletor de lixo.

À socorinha, que com sua humildade, experiência de vida e sabedoria, em algum momento foi a “tradutora” dos afetos destes trabalhadores.

À Sandra Donatelli, com a qual trabalhei em uma das fases de pesquisa de campo.

Aos colegas Marco Antônio Bussacos, pela colaboração na definição da metodologia de trabalho e à Dra. Leda Leal Ferreira, pelas valiosas sugestões quando do exame de qualificação.

À Profa. Dra. Fulvia Rosemberg, por sua valiosa colaboração quando do levantamento bibliográfico, na cadeira de Leitura Crítica em Psicologia Social.

À Lude, pela revisão gramatical e por suas excelentes sugestões, tornando mais fácil a compreensão do texto.

À Terezinha, secretária do Programa de Psicologia Social, por sua paciência e incentivo a cada encontro.

Ao CNPq, à Fundacentro e ao Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Asseio e Conservação e Limpeza Pública de São Paulo, pelo apoio financeiro.

APRESENTAÇÃO

O trabalho desenvolvido na rua tem de ser abordado na sua multidimensionalidade, não só como fonte de sofrimento, mas, também, como fonte de prazer.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é a compreensão da multiplicidade dos significados do trabalho executado na rua com o lixo, a partir dos coletores de lixo (aqueles que correm atrás do caminhão, recolhem os sacos de lixo e os jogam dentro caminha de coleta).

A pesquisa de campo teve duração aproximada de oito meses, quando foram realizadas as observações participantes, os encontros com grupos de trabalhadores, entrevistas com dirigentes sindicais e representantes das empresas prestadores de serviços de limpeza urbana. A análise foi realizada após várias leituras das fontes, buscando as unidades de significado, as quais foram colocadas em relação, em busca dos núcleos de significação

Concluimos que o trabalho dos coletores de lixo é um trabalho imprevisível. O trabalho imprevisível se faz na diversidade de situações e na ambigüidade de significados que vão do prazer ao sofrimento; da liberdade ao cerceamento; do risco à diversão; da visibilidade à invisibilidade, suscitando emoções de alegria, bem como de tristeza.

A equipe unidade é o sustentáculo dos trabalhadores para operacionalizar esta atividade num espaço público (terra de ninguém) e com o lixo (não se sabe, ao certo, de que se constitui), através da organização do trabalho que possibilita a criação de “macetes” e de “jeitos de fazer” o trabalho.

Ainda assim, este tipo de organização não protege os trabalhadores, e a pinga, neste contexto, é o “remédio de garrafa”, que além de estimular, limpar, anestesiá, desintoxicar, desinfetar, é também usada para garantir um sentimento de legitimidade social no processo de inclusão pela exclusão

social por parte da população e por parte dos próprios coletores de lixo.

As reflexões apontam que os programas de saúde do trabalhador têm que contemplar a multidimensão do mundo do trabalho para evitar a modelização rígida de programas de qualidade de vida.

SUMÁRIO

Primeira parte

I	Definição do problema e justificativa	15
II	Levantamento da literatura	21
III	O trabalhador da limpeza urbana e o sindicato	29
IV	Metodologia	37
V	O cotidiano do coletor de lixo	45
VI	Análise dos dados	65

Segunda parte

I	A atividade	69
II	Saúde	135
III	Pinga: cura e adoecimento	159
IV	Considerações finais	171

Anexos

Anexo I	Glossário	177
Anexo II	Observação participante	181
Anexo III	Descarregando o lixo do caminhão na usina	191
Anexo IV	Os encontros	195

	Bibliografia	217
--	--------------	-----

PRIMEIRA PARTE

I

DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

O coletor de lixo ou *gari*, é aquele trabalhador que faz a coleta do lixo domiciliar, geralmente trabalha em equipes compostas de cinco elementos (um motorista e quatro coletores), e segue na parte traseira do caminhão da coleta, recolhendo os sacos de lixo colocados nas calçadas e nas portas de residências, pela população. Estes trabalhadores exercem sua função no espaço público da rua, num setor/área previamente definidos pela empresa responsável, numa jornada diária de trabalho de sete horas e vinte minutos.

Minha aproximação com a categoria dos trabalhadores da limpeza pública de São Paulo se deu em função de uma demanda sindical do Siemaco (Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Asseio e Conservação de Obras e Limpeza Urbana de São Paulo) - à Fundacentro, instituição de pesquisa vinculada ao Ministério do Trabalho, a fim de que fosse desenvolvido um estudo acerca das condições de trabalho e saúde desta categoria profissional.

Esta instituição tem por finalidade a realização de estudos e pesquisas que visam conhecer o trabalho de diferentes categorias profissionais, suas dificuldades, riscos de acidentes de trabalho e de doenças profissionais; ou ainda, relacionadas ao trabalho a que estão expostos os trabalhadores no exercício de sua função e propor alternativas, sejam estas desde as mais simples, como um piso antiderrapante ou mudanças no

arranjo físico de uma fábrica, até uma mudança de equipamentos ou do funcionamento de um determinado setor da empresa, onde esteja havendo condições insalubres, perigosas e penosas para o trabalhador que ali se mantém durante sua jornada de trabalho, ou ainda, propor ações que venham a interferir nas relações pessoais e profissionais.

Esta solicitação, aparentemente clara, só foi desvelada após algum tempo de contato com a diretoria do sindicato, que, talvez, por não ter uma prática ainda definida na área de saúde do trabalhador, não sabia ao certo o que procurava e muito menos o que nos pedia. Sua queixa principal era o consumo de álcool por parte dos trabalhadores, durante o exercício das funções. Segundo a diretoria, estes trabalhadores eram "movidos a álcool" * e ela assumiu uma posição contrária a este tipo de conduta, especialmente no que diz respeito aos coletores.

Após uma reunião na sede do sindicato com dirigentes sindicais, técnicos da Fundacentro, delegados sindicais e trabalhadores da limpeza pública, o primeiro contato com os trabalhadores causou emoções que aumentaram a minha curiosidade, despertando perguntas e mais perguntas, principalmente quando me reportava às falas desses trabalhadores durante aquela reunião.

Estas falas me emocionaram. A esta altura, a equipe técnica que havia ido às reuniões já havia sido desfeita, pairava um certo desinteresse e o que o sindicato solicitava naquele momento, parecia para mim, impossível desenvolver sozinha.

“Dois vales refeições são descontados quando eu falto ao trabalho por motivo de saúde, sendo que os patrões só tinham direito de descontar apenas um vale, já que eu faltei apenas um dia”. **

Refletir sobre o que foi posto acima confundia-me mais e mais a cada momento. Ora, como permitir que sejam descontados vales refeições, quando um trabalhador falta ao serviço? Como aceitavam que fosse descontado um vale refeição, enquanto este problema de saúde que apresentava e o fez faltar por um dia, no meu entender, estava sendo causado exatamente por aquelas

*Fala de um dirigente sindical

**Fala de um delegado sindical e coletor de lixo

condições e tipo de trabalho, e principalmente, pelo tratamento dado pelas empresas a estes profissionais que limpam as ruas, varrem e recolhem a sujeira da cidade? Que tipo de relação se estabelecia com a empresa e com eles próprios, que tipo de vida, o que constituía a vida destes trabalhadores, dessas pessoas que lidavam com restos, com sobras humanas, com mal cheiros e que, em contrapartida, também eram responsáveis pelo embelezamento da cidade, por caminhos limpos e abertos, sem entulhos, sem obstáculos para a população? Esta categoria parecia ser lembrada pelas autoridades e pela comunidade apenas no contraponto da cidade limpa, ou seja, quando faziam paralisações e o lixo amontoava-se nas calçadas.

Minhas indagações e inquietações se sobrepunham umas às outras, pois, ao me sentir ligada a esta categoria, passei a observá-los em qualquer lugar onde pudessem ser vistos e não era difícil observá-los, pois exercem suas atividades de trabalho nas ruas. E nas ruas, ao vê-los, já com outros olhos, cresceu o meu encanto e minha disposição para estudar, pesquisar e aprofundar uma série de reflexões sobre a saúde do trabalhador, suas práticas, as práticas sindicais, as posições e posturas das empresas e principalmente sobre como estes trabalhadores, expostos a uma série de condições inadequadas, insalubres, perigosas e penosas, podiam ainda, em pleno horário de pico, às 18h30, em uma avenida de trânsito e circulação de pedestres intensa, correr, pular, esbarrar seus corpos nos corpos dos colegas de trabalho, ganhar altura, voar, brincar? Eles pareciam poder usar o espaço da rua como um espaço livre, como um espaço para manifestação e exposição do seu corpo e, paralelo a este fator, pareciam exercer o livre brincar durante sua atividade profissional usando o próprio corpo. Aliás, esse mesmo corpo que é "obrigado" a correr aproximadamente 40 km/dia, encontra disposição para pular.

Afinal, quem é este trabalhador, que cuida da higiene e da estética da cidade e para isso é obrigado a lidar com os restos, as sobras, com coisas que as pessoas descartam? Quem é este desconhecido que quase é confundido com o lixo, para quem olhamos sem enxergar nas ruas?

É interessante refletir sobre este personagem e sobre o seu trabalho e a relação que a sociedade estabelece com ele. Pensemos: quando e como é estabelecido um contato com o coletor de lixo? Este trabalhador tem o seu trabalho reconhecido pela comunidade?

Em uma rápida enquête, por mim realizada com pessoas de diversos níveis de escolaridade, idade, formação cultural, profissão etc., foi indagado sobre o que gostariam de saber sobre o coletor de lixo. A maior parte das respostas e comentários nos fornecem alguns indícios das representações desses trabalhadores, tais como:

“Por que e para que eles correm tanto? Onde eles estão querendo chegar? Estão treinando para a “São Silvestre”? Estão correndo da polícia?”.

“Fico pensando no lixo, eles trabalham com o lixo. Penso em como seria a casa deles, a higiene, como seria a higiene dos filhos, será que tomam banho todos os dias, fazem a barba como nós? E na hora de ir para a cama com a mulher?”

“Eles são muito barulhentos. À noite, eles vêm sempre gritando e até já sei o horário deles passarem...”

“Eu fico furioso quando estou no trânsito e tem um caminhão de lixo. Eles sempre atrapalham o trânsito e ainda correm entre os carros, correndo o risco de serem atropelados. Isso fora o cheiro que a gente tem q agüentar”.

“Minha mãe dizia que se eu não estudasse, quando crescesse ia ser lixeiro”.

Podemos, a partir destas falas, apontar alguns aspectos interessantes, tais como: a relação da comunidade com o coletor de lixo se estabelecendo através do lixo, daquilo do que queremos nos livrar (um produto que não é do coletor e tampouco foi produzido por ele). Sobre este aspecto, vale atentar para as reportagens veiculadas na imprensa televisiva, quando esta categoria paralisa suas atividades. As matérias mostram tomadas das ruas com o lixo amontoado, enfatizando aspectos estéticos, de higiene e de beleza.

Outro aspecto curioso é que parece haver uma associação entre a figura do coletor de lixo e a irresponsabilidade (brincadeiras, lixo espalhado, bagunça, gritaria). Aqui, cabe como ilustração citar uma anedota/chiste feita pela ‘Band FM’:

“O coletor de lixo é urna eterna criança, pois ele vive na rabeira do caminhão e está sempre com a mão no saco”.

Este chiste salienta o conteúdo lúdico e, diríamos, até infantil, do traba-

lho do coletor: o brincar, o gritar, o pular.

E outro ponto que merece destaque, ao meu ver, associa o coletor de lixo com a sujeira, ou melhor, o coletor de lixo parece igualado ao lixo que recolhe, passando uma noção de inutilidade, de falta de perspectiva ("*onde querem chegar?*"); de marginalidade ("*se não estudasse ia ser lixeiro*") e de sujeira, falta de higiene nos seus hábitos, ou melhor, como se não houvesse distinção entre a natureza do seu trabalho e o não trabalho ("*tomam banho **todos** os dias?*") Estas falas deixam entrever uma conotação valorativa do belo e do feio, do limpo e do sujo, desqualificando a sua atividade e também, principalmente, o próprio trabalhador da limpeza pública.

Sobre as questões anteriormente apontadas, parece-nos apropriado citar um trecho da pesquisa de Phillipi Jr., sobre resíduos sólidos e limpeza pública que vem endossar e resumir as reflexões supra citadas, sendo que aqueles comentários foram feitos por leigos, enquanto que neste caso trata-se de estudioso do tema da limpeza. Coloca suas considerações a respeito do coletor de lixo da seguinte forma:

“...verificam-se descontentamentos tanto dos funcionários como da população, acarretando falta de maiores cuidados na coleta, com recipientes danificados, derramamento de resíduos pela rua, influenciando inclusive nos cuidados sociais tomados com a segurança do trabalho, pois há riscos de acidentes com os detritos... Por vezes, os quadros da limpeza pública são utilizados para a transferência de indisciplinados, incompetentes e ineficientes de outras áreas” (Phillipi Jr., 1979)

Podemos observar que o autor atribui em sua fala um caráter punitivo ao trabalho do coletor de lixo, uma conotação de castigo, que nos remete a origem do termo trabalho, "Tripalium", instrumento de tortura para onde eram encaminhados os escravos que não executavam suas tarefas.

Foi através destes indícios comentados em sala de aula, no curso de Metodologia Científica, com a orientadora deste projeto, que foi ganhando corpo e forma a idéia de concretizar, a vontade de conhecer, apreender e aprender, pesquisar e analisar junto com os coletores de lixo quem era este trabalhador da rua, qual o significado do trabalho na rua com o lixo, como usa a rua durante o trabalho e a organização deste trabalho.

A bibliografia levantada, embora discordante quanto às causas, é unânime em apontar os infortúnios, os acidentes de trabalho e doenças ocupacionais,

bem como especificam características do trabalho do coletor de lixo. As informações sobre os coletores, somadas às observações de seu comportamento na rua que me parecia expressão de criatividade, espontaneidade, prazer, alegria pura, genuína, como pular na avenida Paulista, esbarrar no colega de trabalho, propositadamente, levaram-me a pensar no lado contrário à insalubridade, à periculosidade e à penosidade: a possibilidade da existência de prazer no trabalho a partir dos próprios trabalhadores, a partir de uma forma de organização e divisão do trabalho que excluía as regras e a presença da empresa, bem como seus representantes, aparecia, agora, mais nitidamente.

Aos poucos, fui conhecendo aspectos e situações inimagináveis para quem não os conhece de perto. Eles criam a forma própria de se organizar, a qual foge totalmente ao que é prescrito pela empresa; têm fama de machistas e paqueradores, de brincalhões, de ter uma mulher em cada porto ou em cada rua. Seria possível uma expressão espontânea, criativa, prazerosa, por parte do trabalhador, mesmo estando envolvido por inúmeras pressões, condições inadequadas, tipo de trabalho, trabalho sujo, trabalho vazio onde nada é produzido?

Assim, foi delineado o objetivo desta pesquisa que é precedido por unia premissa: o trabalho tem que ser abordado na sua multidimensão, não só como sofrimento, mas, também, como fonte de prazer, de vivências positivas; capaz de suscitar sentimentos e emoções de alegria e não apenas de desprazer ou tristeza/sofrimento e, estes comportamentos que suscitam emoções e vivências positivas podem constituir-se numa forma de expressão da criatividade, da espontaneidade, da capacidade que o ser humano tem de se transformar e de transformar a sua realidade, e não apenas como mecanismos de adaptação, estratégias coletivas de defesa ou alienação.

Quais características adquirem a organização e as condições de trabalho quando realizadas na rua, no espaço público? Isto o torna mais livre do controle e pressão diretos das chefias imediatas/empresa, possibilitando a criação de formas de organização do próprio trabalho mais adequadas às suas necessidades ou mais presos?

Portanto, o objetivo central desta pesquisa é a compreensão da multiplicidade dos significados do trabalho executado na rua, fora dos limites físicos da empresa e que se constitui em lidar com o lixo, com ênfase na dialética entre alegria e sofrimento no trabalho, liberdade e cerceamento evitando cair em conclusões simplistas ou estereotipadas.

II LEVANTAMENTO DA LITERATURA

Comecei a buscar - através de um levantamento bibliográfico sistemático, exaustivo e específico a esta categoria- os conhecimentos já produzidos sobre o mundo do trabalho, sobre o trabalhador e sua atividade de trabalho, sobre enfim, a doença, a saúde e o trabalho, sobre as imbricações e possíveis influências do trabalho para o bem estar do coletor de lixo.

Na pesquisa bibliográfica, pôde-se verificar uma grande produção científica sobre a problemática do lixo, dos sistemas de coleta e destinação final deste, da limpeza urbana, especialmente a partir da década de 50, sob o patrocínio da Organização Mundial de Saúde e Organização Pan-americana de Saúde (Ellis 1970; USP, 1969; Hanks, 1968; OPS, 1963; OPAS, 1965; USP, 1973; USP. OMS. OPS., 1969).

Nos trabalhos acima citados, o problema do lixo é abordado sob o ponto de vista da saúde pública, da estética, ou seja, o interesse se volta para a comunidade, que não deve ficar em contato com os resíduos sólidos, para se evitar as contaminações e geração de doenças provenientes do lixo.

Quando do exame das publicações científicas e/ou pesquisas específicas sobre o coletor de lixo, constatei que, no Brasil, estas começam a ser produzidas na sua grande maioria, sob o ponto de vista da saúde do trabalhador apenas na década de 70 e um maior interesse pelo tema acontece na década de 80. Estas publicações apresentam características comuns, com algumas exceções, tais como: abordagens epidemiológicas, privilegiando técnicas quantitativas,

com amostras definidas probabilisticamente ou com a demanda desses trabalhadores a serviços médicos; prestigiam enfoques em que são caracterizados os coeficientes de frequência e gravidade dos acidentes de trabalho ocorridos; procuram caracterizar os tipos de acidentes de trabalho e as partes do corpo mais atingidas, nos coletores de lixo (Iário, 1989; Robazzi, 1991; Silva, 1973; Silva e Carvalho, 1974; Robazzi e Bechelli, 1985; Coelho Filho e Lobato, 1975; Marques, Carmona e Moraes, 1980; Rubbo, 1983).

Em estudo realizado por Silva (1973), sobre as condições de saúde ocupacional dos coletores de lixo da cidade de São Paulo, tomou-se um grupo de lixeiros e um grupo controle de varredores, que trabalharam no período de 1966 a 1970. Os dados levantados possibilitaram o estudo dos acidentes de trabalho e da morbidade da amostra.

Quanto aos resultados de morbidade, "encontrou-se uma série de entidades mórbidas que foram distribuídas em sete grupos de afecções: gripais, gastrointestinais, das vias aéreas, da pele, neuropsiquiátricas, tuberculose e outros" (Silva, 1973).

Com relação às afecções neuropsiquiátricas, o autor inclui neste grupo a epilepsia e no grupo "outros": desânimo, desinteresse, úlcera duodenal, etilismo crônico, angina pectoris e hipertensão arterial. Tenta ainda relacionar estas afecções, às condições sócio-econômicas do grupo: "O baixo nível sócio econômico contribui para um estado físico, mental e social inadequado, propiciando condições férteis ao aparecimento de neuroses e alcoolismo... Outros fatores como ambientais, materiais, a mão de obra não especializada ou adaptada, os atributos pessoais e a aceitação das diferenças individuais aumentam ainda mais o número de parâmetros que influenciam neste comportamento".

Coelho Filho e Lobato (1975) em estudo realizado com os trabalhadores da limpeza pública de Belém, em 1974, mostra que 521 trabalhadores, 5,3% apresentam pneumopatias (em 1972) porcentagem que decresce para 2,3% em 1974. Além destes dados, os autores relatam que o horário da coleta se dá em três turnos, as refeições são feitas nas ruas, a empresa não tem SESSMT, inexistem exames médicos e periódicos e os trabalhadores não usam equipamento de proteção individual. Referem-se também aos índices de acidentes de trabalho, os quais acometem mais os membros superiores e inferiores, pés e mãos.

Marques, Carmona e Moraes (1980) em estudo realizado com os trabalhadores do serviço de limpeza pública de Santo André, demonstram que neste tipo de atividade são encontrados os mais altos índices de acidentes de trabalho, quando comparados a outras áreas de serviços da prefeitura.

Estes autores colocam que 55% dos acidentes ocorrem com homens e

56%, com as mulheres e têm origem em atos inseguros, originados pela falta de fiscalização. Os fatores preponderantes nestes atos inseguros seriam: falta de atenção à tarefa, ingestão de bebidas alcoólicas, forma indevida de levantamento de peso, excesso de velocidade na coleta, brincadeiras e má utilização de equipamentos de proteção.

Os autores apontam ainda condições inseguras proporcionadas pela empresa, para explicar os cortes provenientes de acondicionamento inadequado de resíduos cortantes em sacos plásticos e, no caso das varredoras, deslizamentos e tombos em pisos escorregadios. Quanto à natureza do acidente, afirmam que as varredoras apresentaram índices de 33,91 % para distensões e 20,76% para escoriações, enquanto que os trabalhadores do sexo masculino apresentaram 23,88% para ferimentos cortantes.

Em outro estudo, realizado no estado da Guanabara por Silva e Carvalho (1974), visando subsidiar a Companhia Estadual de Limpeza Urbana na reformulação de Programa Intensivo de Prevenção de Acidentes, relata que ocorreram 753 acidentes, no período de setembro de 73 a agosto de 74. Estes acidentes vão desde atropelamentos, mutilações e morte. Outra vez, os cortes nos pés e mãos são os mais referidos, além de quedas dos caminhões e penetração de corpos estranhos.

Este estudo nos aponta uma curiosidade com relação à denominação gari, dada aos coletores de lixo. A Irmãos Garys foi a primeira empresa prestadora de serviços de coleta, transporte e destinação final do lixo, no período que antecedeu a década de 40 e em função de sua permanência na execução destes serviços, os coletores de lixo passaram a ser denominados de garis, denominação esta ainda utilizada em todo o Brasil, principalmente no estado do Rio de Janeiro.

Rubbo (1983) realizou estudo com os trabalhadores da coleta de lixo domiciliar em Porto Alegre, visando verificar as doenças causadoras da aposentadoria nesta categoria; relacionar as causas de afastamentos e licenças por faixa etária e tempo de serviço. O levantamento de dados foi realizado no período compreendido entre 1976 e 1981, a partir das fichas cadastrais dos trabalhadores. Observou que os afastamentos mais frequentes se deram por contusões, gripes e problemas gastrointestinais para o grupo de 20 a 24 anos, e contusões, dermatoses e problemas gastrointestinais para o grupo de 25 a 29 anos. As dispensas por problemas de saúde estavam relacionadas a contusões, gripes, lombalgias e problemas gastrointestinais, sendo que as causas que levavam os trabalhadores à aposentadoria foram, por ordem de importância, problemas de coluna, cardíaco, psicoses, pulmão, neuromioses. No que se refere às doenças com manifestações psicoemocionais, Rubbo

agrupa-os em "Sistema Nervoso", tais como: neuroses, alcoolismo, demência, paranóia, relacionando tais quadros com o tipo de trabalho e o modo de vida dessas pessoas.

Em estudo realizado por Robazzi (1984), com o objetivo de investigar as condições de vida, trabalho e riscos a que estavam expostos os coletores de lixo da cidade de Ribeirão Preto, a autora entrevistou domiciliarmente 36 trabalhadores, onde obteve os seguintes dados acerca do seu cotidiano de trabalho: mais de 20% percorrem 40 a 80 quilômetros diários; todos trabalham em média oito horas por dia; mais de 95% solicitaram afastamento do trabalho num total de 173 vezes. Estes afastamentos ocorreram por acidentes (em 75% ocorreram traumas ou lesões em membros superiores ou inferiores, coluna, olhos, quadril e tórax).

Esta autora relata ainda que o índice de ingestão de bebidas alcoólicas é de 81,11% entre os coletores de lixo, e tece algumas considerações sobre os motivos que podem induzir unia pessoa ao hábito do consumo abusivo dessas substâncias. Um dos motivos "estaria relacionado ao fato de trabalharem em uma atividade que oferece a estes trabalhadores, pouca consideração social, pertencer à classe sócio econômica mais humilde e à baixa renda familiar, indiretamente pode induzi-los ao hábito da ingestão alcoólica. Como não têm condições monetárias adequadas para adquirir certos alimentos, considerando-se o elevado preço da maior parte desses... Conseguem suprir então, ao menos em parte, suas necessidades calóricas diárias com a ingestão de bebidas alcoólicas, cuja sensação, inclusive, pode induzi-los à diminuição do consumo de alimentos por dia" (Robazzi, 1984). Cita também outra consideração, muito rapidamente, a qual está relacionada com o fato destas bebidas serem distribuídas gratuitamente por donos de estabelecimentos comerciais e r moradores, no final do ano.

Em outro estudo realizado por Robazzi (1991), intitulado "*Contribuição ao estudo sobre coletores de lixo: acidentes de trabalho ocorridos em Ribeirão Preto, estado de São Paulo, no período de 1986 a 1988*", a autora efetua um levantamento retrospectivo dos acidentes de trabalho ocorridos entre estes trabalhadores, utilizando como fonte as Comunicações de Acidentes do Trabalho (C.A.T.) arquivadas no Setor de Acidentes do Trabalho do Instituto Nacional de Previdência Social. No período de 1986 a 1988, "159 coletores de lixo sofreram acidentes de trabalho, sendo maior a frequência nos meses de dezembro e nos meses do início do tino. Quanto aos dias da semana, as maiores frequências encontradas foram nas segundas-feiras, com tendência a aumentar aos sábados" (Robazzi, 1991).

Quando relaciona as causas dos acidentes aos índices encontrados, a au-

tora aponta o acondicionamento do lixo, o caminhão coletor e as vias públicas como sendo inadequados e geradores de riscos de acidentes para estes profissionais. Com relação aos tipos de acidente e partes do corpo atingidas, os dados apresentados por Robazzi, não diferem de outros estudos, que apontam os ferimentos, lesões corto-contusas, lesões cortantes e escoriações que ocorrem predominantemente nos membros superiores e inferiores.

Na literatura levantada encontra-se outro grupo de estudos realizados com a categoria dos trabalhadores da limpeza pública que abordam as condições de trabalho, organização do trabalho, penosidade, insalubridade e periculosidade, o sofrimento dos trabalhadores, sob um enfoque qualitativo.

Tolosa (1990), em estudo realizado com os trabalhadores braçais da prefeitura da cidade de Botucatu, incluindo entre estes, os coletores de lixo, estabeleceu um quadro comparativo das condições de riscos ocupacionais, entre as opiniões dos servidores e a da própria pesquisadora, através do levantamento realizado a partir das falas individuais e de suas observações durante visitas realizadas aos locais de trabalho. Este quadro comparativo mostra que a atividade física intensa, acidentes de trabalho com lesões nos membros inferiores e superiores e atropelamentos, foram observados por ambos.

Lúcia Márcia André (1994), em pesquisa desenvolvida com os bueiristas da cidade de São Paulo, investigou a sobrecarga emocional e estratégias defensivas no trabalho da limpeza pública, investigando a relação laboral, através da realização de entrevistas semi-estruturadas com bueiristas e técnicos de recursos humanos, onde foram analisadas as representações e as vivências, a partir de falas individuais. Os resultados obtidos demonstraram que os trabalhadores estão sujeitos a situações que podem provocar sofrimento mental e sobrecarga emocional, decorrentes diretamente das condições de trabalho: ambiente insalubre, poucos equipamentos de proteção e tecnologia rudimentar. Esta autora utiliza-se de conceitos da psicopatologia do trabalho, tais como: estratégias coletivas de defesa, sofrimento no trabalho, desgaste etc.

Na literatura internacional, os estudos mostram um quadro semelhante aos estudos desenvolvidos no Brasil.

Sliepevich (1955), em estudo intitulado "*Efeitos das condições de trabalho sobre: a saúde dos trabalhadores da limpeza pública de cidade de Nova York*", concluiu que existe relação entre algumas doenças e o trabalho executado pelos coletores de lixo, sendo as cardiovasculares, as de musculatura e tendões, as de pele, hérnias e as artrites consideradas como doenças ocupacionais deste grupo específico de trabalhadores.

Hanks (1968) realizou uma revisão literária sobre resíduos sólidos e sua relação com doenças ocupacionais e nesta, após análise de diversos estudos

realizados nos EUA, conclui que "há uma necessidade de dar mais atenção ao problema, por parte das autoridades, empresários, profissionais de segurança" e "indicando ausência de dados relativos a acidentes ou doenças" na maior parte das empresas. Como sugestões para corrigir e prevenir os infortúnios que podem ser sofridos pelo trabalhador da limpeza pública, Hanks aponta o desenvolvimento de programas de segurança de alta qualidade, abrangendo veículos, equipamentos de operação, trabalho manual; aumento da educação na segurança dirigida a empresas de manipulação de resíduos sólidos; o estabelecimento de planos para a obtenção de dados de acidentes e doenças ocupacionais e a programação de estudos sobre a natureza dos riscos e prevenção para o trabalhador da limpeza pública.

Gordon (1989) relata que nos EUA, segundo estudo realizado pelo National Safety Council em 1979, entre 761 mil trabalhadores, ocorreram 1.850 casos, com dias de afastamento do trabalho e 562 casos de morte. Os tipos de lesões ocorridos são distribuídos entre torção nas costas (25%) a que atribuem, o seu resultado, ao levantamento inadequado de peso e ao superesforço. Confirmando os resultados de estudos realizados no Brasil, outras partes do corpo muito atingidas (22/0) são as mãos, dedos e tornozelos, atribuindo a causa aos movimentos freqüentes dos coletores e ao transporte inadequado das cargas de lixo. Outros acidentes ocorridos, segundo Gordon, são as lesões e ferimentos na pele, os quais incluem queimaduras, perfurações, laceração, ardência, frieira, mordida de cachorro, picada de abelha e mordida de rato. Os cortes são causados por metais, vidros quebrados e pregos.

Neste estudo, conclui-se que, "o elemento humano é responsável por mais acidentes do que aqueles de guias apenas mecânicas. O coletor é retirado do maior segmento da força de trabalho inexperiente, tem pouca ou nenhuma experiência com equipamentos pesados e recebe pouca informação, treinamento e supervisão" (Gordon, 1989).

Esta conclusão já havia sido apontada em 1974 por Lascoe, em estudo realizado sobre acidente de trabalho também nos EUA, mostrou dados dos acidentes de trabalho, partes do corpo atingidas e tipos de lesões, também direcionando seus fundamentos teóricos para o ato inseguro, responsabilizando o trabalhador pelas causas dos acidentes, eximindo a empresa de qualquer culpa. "As causas das falhas humanas são descanso insuficiente, más condições físicas, problemas pessoais que levam à falta de atenção, atitudes negligentes e arriscadas". Os tipos de acidentes mais encontrados neste estudo, por ordem de freqüência, foram as distensões muscular e dorsal, quedas (devido aos movimentos freqüentes de subir e descer dos veículos), lesões cutâneas (escoriações, laceração, queimaduras, mordidas de insetos e ratos)

e lesões graves e amputações (devido às partes móveis mecânicas dos caminhões compressores).

Cimino e Mamtani (1987) realizaram estudo na cidade de Nova York com os trabalhadores da limpeza pública, com objetivo de determinar a incidência de acidentes de trabalho ocorridos no período de 1973 a 1983, e observaram que 50% dos acidentes são torções/luxações, lesões nas costas, fraturas e deslocamentos são conhecidos como agravantes ou causadores de artrites, sendo que as lesões tem como causa o peso dos sacos de lixo e o seu direcionamento, respectivamente. Outras causas apontadas são escorregar, a partida do veículo, a entrada no veículo. No que se refere às doenças ocupacionais, observou-se uma prevalência dos seguintes quadros nos trabalhadores da limpeza pública: bronquite crônica (11,8%); artrites (8,1%); hipertensão (6,5%); hemorróidas (6,1%), seguidos de outros com índices mais baixos, tais como hérnia inguinal (3,2%); distúrbio arteriocoronário (2,2%) e dermatites (1,3%). No período compreendido entre 1975 e 1984, houve o registro de 551 mortes, sendo a causa principal os problemas cardíacos (42,8%) e câncer (28,1%) e neste último quadro, a maior prevalência foi de câncer respiratório/pulmão (42,0%).

Portanto, a literatura especializada só relata pesquisas epidemiológicas, apoiadas nos diagnósticos ou nos sintomas físicos, relegando o processo do surgimento da doença e sua relação com o trabalho. Aqui, portanto, tem-se mais uma justificativa da presente pesquisa que pretende estudar a qualidade do trabalho e sua relação com a saúde, a partir das significações atribuídas pelos trabalhadores.

III

O TRABALHADOR DA LIMPEZA URBANA E O SINDICATO

Alguns dados sobre a limpeza pública em São Paulo

Cada habitante da cidade de São Paulo é responsável pela produção de aproximadamente 700 gramas de lixo por dia, apenas em sua residência. Somados ao lixo domiciliar, encontramos os resíduos gerados pelas indústrias, lojas, hospitais, escolas etc.

Numa cidade como São Paulo, esta soma assume uma proporção gigantesca, ou seja, são produzidas 13 mil toneladas diárias de lixo (Siemaco, 1992) e que precisa ser coletado, transportado e ter uma destinação filial.

É interessante nos perguntarmos de onde vem todo este lixo. Oliveira (1982) coloca que os resíduos sólidos comumente denominados lixo, constituem os resíduos sólidos da atividade humana; por outro lado é assinalado que qualquer material se torna resíduo quando seu proprietário ou produtor não o considera mais com valor suficiente para retê-lo.

Segundo a American Public Works Association (1975),

“lixos são todos os resíduos e semi-sólidos, putrescíveis ou não, excetuando as excreções humanas. Inclui desperdícios, despejos, cinzas, lixo de varrição de ruas etc.”

Observamos que o lixo ou resíduo sólido é um fator incontestável e

decorrente da presença humana sobre a terra e da transformação da qualidade de vida.

“O problema dos resíduos sólidos ou lixo começa nos lugares onde é produzido e pela sua fácil decomposição, produzindo mal cheiro e atraindo moscas, baratas e ratos. Estes reflexos vão desde a poluição visual, passando pela poluição ambiental através dos odores que emana até quando atinge seu papel negativo como gerador direto das mais variadas doenças como: febre tifóide, cólera, diarreias, leptospirose, envenenamento alimentar e outras” (Silva, 1973).

A limpeza pública em São Paulo foi estabelecida como um serviço, através da lei 09 de 09/05/1892, quando começa a haver uma maior preocupação com a questão da saúde, visto que o lixo espalhado atrai insetos que podem disseminar doenças (Sposati, 1985).

Esse serviço passou por inúmeras mudanças e em 1968, com a criação do Departamento de Limpeza Pública, começou uma nova fase neste setor e na gestão do prefeito Faria Lima iniciaram-se as concorrências públicas para a contratação dos serviços de coleta e varrição, sendo o primeiro contrato efetuado com a Administração Regional de Santana (São Paulo, 1990).

Aos poucos, foi sendo implantada a coleta e a varrição realizada por empreiteiras e finalmente, em 1987, na gestão do prefeito Jânio Quadros, completou-se a privatização desses serviços com contratos referentes às áreas do Itaim Paulista e Guianases (São Paulo, 1990).

Atualmente, o serviço de coleta e varrição é realizado, principalmente, por quatro empresas prestadoras de serviço: Vega Sopave S.A., Cavo S.A., Enterpa S.A. e Logos, principalmente, na Usina de Compostagem de Vila Leopoldina. Essas empresas são responsáveis inclusive pela limpeza das feiras livres (821 feiras) e das bocas de lobo (300 mil) (Siernaco, 1992).

A distribuição dos setores, regiões da cidade de São Paulo, por empresa, era até março de 95, a seguinte: Vega Sopave S. A., responsável pelos bairros da Penha, Moóca, Vila Maria, Vila Guilherme, São Miguel, paquera, Guaianases, São Matheus; a Cavo, responsável pela Sé e Lapa; e a Enterpa, responsável por Campo Limpo, Santo Amaro, Capela do Socorro, Vila Mariana, Ipiranga, Vila Prudente, Pinheiros e Butantã, Perus, Pirituba, Freguesia do Ó e Santana.

Esta atividade envolve 10.259 empregados, sendo 2.409 coletores de lixo; 5.500 varredores; 850 motoristas e 1.500 administrativos, totalizando

10.259 trabalhadores, distribuídos nas empresas prestadoras de serviços (Siemaco, 1992).

Os motoristas dos veículos de coleta de lixo pertencem a outra categoria profissional, a dos trabalhadores do transporte de cargas. No entanto, todas as conquistas dos trabalhadores de asseio, conservação e limpeza pública são estendidas a estes profissionais.

Para a coleta das 13 mil toneladas diárias, as empresas possuem uma frota de 665 caminhões e 120 veículos auxiliares, num total de 785 veículos que transportam o lixo para duas usinas de compostagem (Leopoldina e São Matheus); para dois incineradores no caso do lixo hospitalar (Ponte Pequena e Vergueiro) e para quatro aterros sanitários (Vila Albertina, Perus, Santo Amaro e São Matheus) (Siemaco, 1992).

Estes serviços são realizados sob as diretrizes da Divisão de Limpeza Pública da Secretaria de Serviços e Obras, sob a fiscalização das Secretarias das Administrações Regionais, e o pagamento é efetuado pela Secretaria das Finanças da Prefeitura do Município de São Paulo.

Nos contratos efetuados, as empresas recebem cerca de US\$ 23,00 por tonelada de lixo coletado e o custo total dos serviços é o equivalente a 5% da arrecadação anual do município (Siemaco, 1992).

Os coletores de lixo estão inseridos na categoria da limpeza pública, a qual é representada pelo Siemaco - Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Asseio e Conservação e Limpeza Urbana de São Paulo, bem como os varredores/*margaridas*, bueiristas e o pessoal de usinas de compostagem do lixo.

Este sindicato foi fundado em 30 março de 1959, permanecendo até 1980, praticamente parado em função da ditadura militar. *"Só a partir ele 1980, começa a haver realmente, uma atuação, enfocando, principalmente afiliação do trabalhador do sindicato"**. A criação deste sindicato se deu quando os trabalhadores da limpeza pública ainda eram servidores municipais e segundo os dirigentes sindicais, havia muita omissão por parte dos dirigentes naquela época. Para nos dar uma idéia do que ocorria, relatou que o primeiro presidente do sindicato permaneceu durante doze anos neste cargo, no período de 1967 a 1979.

O Siemaco representa os trabalhadores da limpeza pública e privada que perfazem um total de aproximadamente 80 mil pessoas. Desse total, 69 mil

* Siemaco. Tribuna do Asseio. São Paulo, n. 16, março 1995. Fala de um dirigente sindical do Siemaco. Os dados citados neste capítulo, tiveram como fonte as entrevistas e documentos do Siemaco, apresentados por seus dirigentes sindicais.

exercem suas atividades profissionais na área da limpeza privada, distribuídos por diversas pequenas empresas prestadoras de serviços. Os trabalhadores sindicalizados somam 28 mil e destes, sete mil são da limpeza urbana/ pública, área que inclui o coletor de lixo (Siemaco, 1992).

Em termos de serviços assistenciais prestados pelo Siemaco, figuram no seu quadro: o departamento jurídico, médico, subdividido em clínico e odontológico (criado em 1976) e oftalmológico; auxílios tais como auxílio creche, natal idade (criados em 1980) para compra de medicamentos. Das conquistas da categoria, destacam-se: vale refeição, cesta básica, assistência médica, aviso prévio de quarenta e cinco dias, delegados sindicais. Os trabalhadores pagam uma taxa de contribuição sindical de 10%.

Segundo dados fornecidos pelo Siemaco/1991, foram realizados 6.230 atendimentos à categoria na sua sede: houve 331 consultas ao oftalmologista, fornecimento de auxílio medicamento de 800 guias farmacêuticas, atendimento médico a 1.136 pessoas e 1.178 consultas odontológicas.

Além do exposto acima, o Siemaco forneceu, até 1991, 5.630 Bolsas de estudos para os filhos dos trabalhadores (este benefício foi suspenso em 1996) e o departamento jurídico atendeu 7.363 pessoas, sendo abertos 600 processos. Neste mesmo ano, foram fiscalizados 6.523 setores de trabalho e compareceram ao sindicato 109 mil trabalhadores.

Alguns benefícios foram suprimidos em função das dificuldades do sindicato em mantê-los, preferindo utilizar "*os recursos para conscientizar os trabalhadores, para melhorar as condições de vida deles, para ter uma vida mais digna*"

Nesta linha de atuação, o sindicato tem investido, desde 1992, na realização de cursos para delegados sindicais, e a partir de 1994, de uma forma mais maciça na formação dos dirigentes. No entanto, encontra grandes dificuldades de apreensão dos conteúdos em função da baixa escolaridade, bem como os questionamentos e postura necessárias a um líder sindical.

Uma outra linha de trabalho adotada pelo sindicato a fim de "conscientizar" os trabalhadores dos problemas e da necessidade de sindicalização, foi a criação de uma revista com os símbolos do coletor de lixo, o "*Zé da Bronca*", e da *margarida*, a "*Maria Bonita*". Este último símbolo deve-se ao fato de haver na diretoria do sindicato a presença de seis mulheres, também por estas representarem 60% da categoria como um todo.

O bloco "*Tá limpo*", assim o sindicato chama a categoria para as suas lutas e esta é a sua marca, visível em todos os seus panfletos e boletins informativos. Este bloco também assume um outro papel durante o carnaval: após os desfiles das escolas de samba na avenida, estes trabalhadores surgem para

recolher o lixo ali produzido pelos foliões e em certo ponto da limpeza, dançam e desfilam com suas vassouras, que transformam-se em porta-estandartes e são até filmados pela imprensa televisiva.

Nas campanhas salariais da categoria, o Siemaco enfrenta a dificuldade de mobilizar a categoria para discutir a pauta de reivindicações, sendo reduzido o número de trabalhadores nestas assembléias iniciais. As assembléias tomam maior vulto quando aproxima-se as negociações e/ou quando há possibilidade de paralisação da categoria, ficando o local lotado pelos trabalhadores. As assembléias da categoria são realizadas no Clube da Cidade, no bairro da Barra Funda. Nestas ocasiões, o sindicato aluga o salão do clube por algumas horas, para dar andamento às suas conversações, definição da pauta de reivindicações, propostas de luta, conversações sobre as negociações, paralisações etc. Enfim, quando se trata de reunir a categoria, recorre-se a este salão.

Nas primeiras assembléias da categoria, das quais participei, no início de 1993, pude observar que os trabalhadores da limpeza pública chegavam em ônibus fretados pelo sindicato. Esta prática foi extinta pelo fato do sindicato concluir ser uma prática paternalista. Assim, após duas assembléias realizadas em 1993, já se pôde perceber que os coletores de lixo chegavam por seus próprios recursos.

Algumas características dos coletores de lixo

Os coletores de lixo têm baixa escolaridade, sendo a maioria analfabeta, sabendo apenas assinar o nome, escrever um pouco com muita dificuldade (haja visto os desenhos que faziam durante a pesquisa de campo, os comentários que faziam por escrito continham inúmeros erros, tornando, por vezes, o texto ininteligível) e segundo dados do Siemaco, 1991, 50% dos coletores de lixo encontram-se na faixa etária de 35 anos.

A problemática da baixa escolaridade aparece na fala dos coletores de lixo quando referem-se aos investimentos realizados para os filhos em idade escolar:

"O estudo é a primeira coisa da vida", ou "O estudo é importante porque amanhã ou depois ela não precisa pegar no pesado como nós".

A sua procedência, segundo a representação dos próprios trabalhadores da limpeza urbana através de desenhos, é do Nordeste do país e de Minas

Gerais, tanto que os coletores de lixo foram representados graficamente por um homem usando chapéu de cangaceiro (Lampião, o rei do cangaço).

Segundo alguns dados fornecidos pelo Siemaco, em novembro de 1992, o salário do coletor de lixo era de Cr\$ 2.351.622,37, já incluídos o vale refeição, cesta básica e o percentual de insalubridade. A partir de março de 95, após uma negociação com os empresários, o salário do coletor de lixo passou a R\$ 250,80, além do percentual de insalubridade (R\$ 28,00), e como salário indireto, o vale refeição (R\$ 87,50) e a cesta básica (R\$ 45,00), totalizando R\$ 411,30.

Os salários são diferenciados para as funções destes trabalhadores. Coletores de lixo e bueiristas percebem a mesma remuneração, que é mais alta que a dos varredores, R\$ 357,50 (sendo R\$ 14,00, o adicional de insalubridade, vale refeição - R\$ 87,50 e cesta básica - R\$ 45,00).

Na última negociação do Siemaco com as empresas, em março de 1995, reivindicou-se que os trabalhadores da limpeza pública, em seus registros em carteira de trabalho, constassem como coletores, varredores ou bueiristas. Anteriormente, este pessoal era admitido para realizar os serviços de varrição e coleta do lixo, servente e ajudante geral. Tal fato dava margem a inúmeros desvios de função, chegando mesmo a serem deslocados para a construção civil quando as empresas assim quisessem.

Outras questões são apontadas como relacionadas ao salário recebido, tais como: morar em locais mais distantes do trabalho, onde os aluguéis são mais baratos e daí a relação com o grande tempo gasto no deslocamento casa/trabalho/casa.

A atividade de trabalho atribuída ao coletor de lixo obriga-o a correr em média 20 a 40 km por dia, dependendo do setor para o qual é designado, jogando os sacos de lixo encontrados nas calçadas dentro dos caminhões coletores.

A jornada de trabalho diária é de sete horas e vinte minutos. Este é o tempo prescrito para a coleta de lixo nos setores. Em alguns casos, a jornada é ultrapassada pelo fato dos coletores terem de fazer a coleta e também limpar a rua onde houve feira livre (varrer, juntar, recolher o lixo e jogar dentro dos caminhões). Nesses casos, os coletores ficam à disposição da empresa até por aproximadamente quatorze horas, aumentando assim o seu desgaste, a exposição aos riscos e às doenças.

Nas situações em que é realizada apenas a coleta de lixo, a equipe tende a executar seu serviço o mais rápido possível para ficar desocupada mais cedo - "*voar mais cedo*" - e ser liberada para ir embora. Para que tal aconteça, estes trabalhadores correm, ao invés de andar, durante todo o

trajeto do local a ser coletado.

Para a realização do trabalho propriamente dito, são formadas equipes, em geral, de cinco trabalhadores: um motorista e quatro coletores de lixo, os quais saem da empresa dentro das cabines dos caminhões (norma de segurança) e não nos estribos, até que cheguem ao setor designado. Tal medida de segurança se deve ao fato de já terem ocorrido inúmeros acidentes, pois os caminhões de coleta, para chegar ao local de trabalho, vão em velocidade mais alta, podendo em alguma manobra, desequilibrar o coletor na traseira do caminhão e provocar um acidente de trabalho e nem sempre os setores para o qual estão designados são próximos das garagens.

Presenciei na garagem de uma das empresas, a saída de um caminhão de coleta e da equipe de trabalho que estava no estribo, e neste momento estava presente um dos dirigentes sindicais do Siemaco. Nesta ocasião, houve desentendimento entre o diretor sindical e os coletores para que estes saíssem da garagem na cabine do motorista. Esta medida pode não ser a mais adequada a estes trabalhadores em função de terem de sentar um no colo do outro quando na cabine do motorista, devido ao pequeno espaço disponível para cinco pessoas.

As condições em que executam a sua atividade de trabalho não são o que poderíamos chamar de adequadas ou favoráveis, que facilitem, ou mesmo, que não incorram em risco à sua saúde.

Os coletores de lixo trabalham em três turnos de trabalho, dependendo da empresa prestadora de serviços. De uma forma geral, estão expostos ao calor e ao frio intensos, à chuva, à garoa etc. Em função de sua atividade, as roupas, vestimentas adequadas para um dia de frio ou chuva, não podem ser usadas, segundo eles, "porque atrapalha o ritmo da coleta", ou seja, diminui a possibilidade de movimentos do corpo, aumentando inclusive o risco de acidentes no trabalho. Durante o inverno, são muito freqüentes pneumonias e tuberculoses, principalmente nas equipes que trabalham no turno da noite.

Os sapatos que usam são do tipo "*conga*", muito pouco resistentes no que se refere ao intervalo de tempo necessário para a troca do velho por um novo, bem como sem possibilidade alguma de oferecer proteção ao coletor de lixo, pois é de tecido, é leve e pode ser facilmente rasgado ou cortado.

O contato do lixo com as mãos é constante, pois, o uso de luvas é outra problemática nesta atividade. Segundo os trabalhadores, elas não são usadas porque as empresas não fornecem este equipamento e quando é fornecido e tenta-se usar, logo observa-se que as luvas dificultam os movimentos, por fazerem os coletores perderem a sensibilidade (tato). São, em geral luvas de raspa, grossas e duras.

Os caminhões de coleta de lixo passam, atualmente, por grandes transformações, desde a sua estrutura aparente até os seus mecanismos de funcionamento. Atualmente, a frota de caminhões vem sendo substituída por caminhões novos que têm como elemento chamativo a cabine dupla para o transporte dos coletores de lixo até o setor de trabalho, a fim de que não viagem no estribo ou sentados no colo dos colegas dentro da cabine do motorista, como já foi relatado anteriormente.

Alguns veículos são dotados de mecanismos de segurança, na parte traseira do caminhão, para ocasiões onde surgem elementos de perigo de acidente para os coletores, quando eles próprios podem paralisar os movimentos do leme do caminhão de coleta e, simultaneamente, avisar ao motorista, através de um alarme, que a coleta esta paralisada naquele momento.

Um aspecto curioso e digno de nota nesta pesquisa que discute o brincar no trabalho, foi a observação de que o início das assembléias da categoria dos trabalhadores da limpeza pública começava como uma festa. Nestas ocasiões, sempre havia música, samba, e os coletores e margaridas aproveitavam para dançar enquanto aguardavam o início da assembléia.

IV METODOLOGIA

Conforme dito anteriormente, nosso objetivo de estudo se relaciona com a vivência: sentimentos, prazer e emoções suscitadas pelas experiências concretas, decorrentes das situações enfrentadas, durante o desempenho de uma atividade de trabalho. Enfim, com o significado.

Desta forma, a orientação foi para um tipo de pesquisa onde o pesquisador está inserido no

“meio, investigando, participando dela e tomando partido na trama da peça” (Ludke e André, 1986).

- a) **Não rigidez** – tivesse eu o objetivo de estruturar os passos desta pesquisa da forma que ocorreu, não conseguiria fazê-lo com tanta propriedade, como o “acaso” me proporcionou. Digo que o desenvolvimento deste trabalho foi atípico, pois começou a ser entabulado numa roda de samba.

Porém, não foi por acaso. Há oito meses, eu tivera contato com a diretoria

do sindicato desta categoria, quando surgiu meu interesse ou, pelo menos, uma certa curiosidade por estes trabalhadores. Depois deste contato, não conseguia estabelecer outros, sem saber ao certo o motivo. Já estava quase desistindo quando numa sexta-feira, resolvi me divertir um pouco: saí com amigos para dançar. Era uma roda de samba e como acontece nestes locais, facilmente as pessoas se entrosam em função da música e do seu estilo: o samba, o pagode. Um rapaz me convidou para dançar. Enquanto dançávamos, conversávamos e nesta conversa, descobri que o meu par era um dirigente sindical da categoria profissional, que há oito meses, tentava contatar para verificar a possibilidade de desenvolvimento do estudo do curso de mestrado. Já estava quase desistindo, quando o acaso ou os "deuses" me proporcionaram este encontro que me abriu as portas do sindicato e as possibilidades de estudo e pesquisa sobre os coletores de lixo.

- b) **a diversidade de técnicas** utilizadas para o levantamento de dados no trabalho de campo ocorreu em função da necessidade do pesquisador envolvido de "olhar" por vários ângulos, ou seja, como se estivesse fotografando um mesmo objeto, utilizando-se de vários referenciais para compor o quadro da forma mais completa possível e assim, quanto maior for o número de informações, mais fidedigna e válida será a pesquisa. Além do que, o montante de informações não serve apenas para validar um trabalho, um problema na pesquisa qualitativa, mas também para apreender a diversidade, os contrastes e paradoxos relacionados ou vividos pelo seu objeto de estudo;
- c) **superação da cisão** entre sujeito e objeto, entre pesquisador e pesquisado. Portanto, optei por uma metodologia, técnicas e procedimentos onde a aproximação, o contato direto e até íntimo com a categoria profissional dos coletores de lixo, foi o principal procedimento que orientou as diferentes etapas do mesmo. A proximidade, as vivências desse mundo pelo pesquisador foi uma condição *sine qua non* para iniciar e desenvolver este estudo.

Procedimentos

Em observação aos três pressupostos, a presente pesquisa usou os seguintes procedimentos:

- **Levantamento documental:** de panfletos do sindicato, documentos da prefeitura, recursos audiovisuais, matérias de jornais etc.

• **Observação participante:** com os coletores de lixo, em vários locais e situações, com o objetivo de verificar como fazem e o que fazem, ou seja, como realizam seu trabalho e o que realizam, o que na verdade está envolvido na coleta de lixo. Para isto, foi acompanhada uma equipe de coleta duas vezes: uma vez durante a coleta de lixo propriamente dita e outra vez, durante a limpeza de uma rua de feira livre. Durante esta etapa, foram gravadas entrevistas com os coletores, o processo e situações de trabalho foram fotografados (registro), para melhor apreensão do fenômeno pesquisado. Além destas visitas, também foram realizadas mais duas: uma delas na Vega Sopave S.A., garagem do Jabaquara, a outra na Enterpa S.A. Também visitei a Usina de Compostagem de Vila Leopoldina (Anexo III); observei os movimentos reivindicatórios da categoria no sindicato (assembléias/data-base) a fim de apreender a sua relação com as condições de trabalho, saúde e vida dos coletores de lixo e comemorações da categoria (dia da criança). A empresa Cavo S.A. não permitiu minha entrada em suas dependências.

O critério para a escolha desta empresa para análise da observação participante se deve ao fato de nesta ter havido uma maior penetração e, por conseguinte, maior fluxo de (lados durante o trabalho de campo (ver descrição pormenorizada do diário de campo, em Anexo II).

• **Encontros com grupos** - Esta atividade perseguiu o objetivo de conhecer as dificuldades da categoria e da limpeza pública; os riscos a que estão expostos, decorrentes da organização do trabalho; suas queixas de saúde e o desenvolvimento de suas tarefas e, sistematizar conhecimentos sobre estes trabalhadores, de forma que fornecessem subsídios para as suas lutas por melhores condições de trabalho e de vida. Esses encontros com os trabalhadores da limpeza pública, bem como, a tônica de cada reunião, está descrito pormenorizadamente no Anexo IV.

Trajatória do pesquisador na concretização destes procedimentos

Em função do contato que estabeleci com o Siemaco, a fim de entrar em contato com meu objeto de estudo, seus diretores mostraram-se disponíveis e dispostos a colaborar para que esse contato se estabelecesse de fato e o estudo fosse realizado.

Quando dos primeiros encontros com os diretores, especialmente com o sr. Omar Fracari, assessor e braço direito do presidente, foram relatadas algumas queixas relacionadas a outros pesquisadores que os teriam procurado e que após a realização da pesquisa, não retornaram para uma devolução dos dados. Mais que uma queixa, me parecia um aviso para não

proceder da mesma forma.

A outra queixa/reclamação era relacionada aos poucos estudos desenvolvidos com a categoria do asseio e conservação e as inúmeras dificuldades encontradas no exercício do trabalho, no tocante à saúde e segurança. O sindicato demonstrava interesse em investir na saúde e segurança do trabalhador, conhecendo e buscando alternativas para eliminar a exposição aos riscos e melhorando as condições de trabalho.

Ambos tínhamos interesses comuns, embora os objetivos fossem diferentes. Para o sindicato, interessava obter uma "fotografia" das condições de saúde e trabalho, um perfil da categoria, bem como aspectos relacionados à organização do trabalho, especialmente no tocante à jornada de trabalho, cargo ocupado, função exercida etc., em função de denúncias de desvios de função e não pagamento de horas extras.

Neste momento do trabalho, eu ainda não havia definido a metodologia a ser utilizada na pesquisa de campo, tendo clareza, no entanto, que "deveria olhar" os coletores de lixo por diversos ângulos e através de técnicas diversas.

À medida que prosseguíamos nas negociações, foram se esclarecendo as necessidades, objetivos e, por conseguinte, o delineamento da pesquisa. Como muitas outras instituições que entram em contato com um problema ou considerando alguma questão pela primeira vez e também pela própria característica da entidade sindical, foi verbalizado o interesse por dados quantitativos, ou seja, números, estatísticas etc.

Iniciou-se, então, a elaboração de um questionário para:

- 1) traçar um perfil desta categoria e de suas condições de vida (idade, naturalidade, moradia, estado civil, número de filhos, número de cômodos na residência, tipo de residência, despesas com residência, condições de saneamento, água encanada, esgotos etc);
- 2) organizar o trabalho (pausas, jornada de trabalho, horário de entrada e de saída, horas extras, salário, função em que foi registrado, função desempenhada, tipo de trabalho).

Nesta fase, contei com a participação do estatístico da Fundacentro, Marco Antonio Bussacos, que iria delimitar a amostra e determinar a técnica para tratamento dos dados, e com a colaboração da ergonômista Leda Leal Ferreira, também da Fundacentro para a elaboração do questionário.

Elaborado o questionário, o passo seguinte foi testá-lo, o que se realizou nas ocasiões em que eu visitava as empresas responsáveis pela limpeza pública e observava os coletores de lixo durante a execução do seu trabalho.

Várias dificuldades surgiram: onde encontrar os trabalhadores, visto que estes não tem um local fixo durante a sua jornada, como localizar todos os coletores de lixo, aqueles que recolhem os sacos de lixo nas ruas e jogam dentro dos caminhões de coleta, já que nos registros profissionais as denominações eram diferentes da função exercida. O tempo necessário para tal levantamento foi muito extenso e não dispúnhamos de uma equipe técnica, apenas a coordenadora do projeto, para cobrir todas as entrevistas.

Desta forma, desisti deste delineamento de pesquisa epidemiológico e passei a considerar técnicas com abordagem qualitativa e de grupo, ocasião em que entrei em contato com a ACT - Análise Coletiva do Trabalho. Esta técnica de levantamento de dados, desenvolvida por Leda Leal Ferreira, possibilitava uma apreensão dos problemas do mundo do trabalho, tanto no seu nível concreto das condições de trabalho, como do ponto de vista psicossocial e emocional, através da realização de reuniões, com grupos de trabalhadores voluntários em local neutro, não ameaçador ao trabalhador. Seria solicitado que descrevessem detalhadamente a sua atividade de trabalho.

A ACT prescreve também a presença de sindicalistas (dois no máximo), para que estes aprendam a técnica e possam utilizá-la em outras situações de investigação/pesquisa, possibilitando assim autonomia às entidades, ou seja, utilizar a ACT sem a presença de pesquisadores. Recomenda-se ainda, a presença de no mínimo dois técnicos nestes encontros, em função da quantidade de informações que são colocadas, podendo uma pessoa apenas, ficar desorientada e perder informações valiosas para o trabalho. Todas as reuniões foram gravadas em fitas cassete, para posterior análise e discussão com o grupo de trabalhadores, para depois passar à elaboração de relatório de pesquisa. O relatório de pesquisa foi entregue e discutido com o sindicato em questão em julho de 1994.

Assim, reuni-me com Omar, expliquei a impossibilidade de fornecer dados com tratamento estatístico, expliquei o procedimento da ACT e solicitei que divulgasse a proposta, a fim de obter trabalhadores voluntários para participar dos encontros, bem como a liberação destes, pela empresa, durante a jornada de trabalho. O grupo solicitado seria constituído de cinco a oito trabalhadores, todos **coletores de lixo da coleta domiciliar** e os encontros seriam realizados na sede do próprio sindicato, às quintas-feiras, das 9 às 11 horas, com início das atividades em 24/03/1993.

Quanto à delimitação da função a ser pesquisada, a opção do sindicato, se deu pelos coletores de lixo, devido ao fato destes trabalhadores serem mais expostos ao público do que os varredores e bueristas, também inseridos na categoria da limpeza urbana/asseio.

A realização desta atividade se deu na sede do Siemaco, na Barra Funda (as duas primeiras reuniões) e as outras sete, na sede da Fundacentro, em Pinheiros. A mudança se deu a fim de proporcionar um local, onde os trabalhadores se sentissem à vontade para falar de suas experiências, concepções de mundo e de trabalho, sem sentirem-se constrangidos, vigiados ou perseguidos. Enfim, um local neutro, que não os ameaçasse.

O grupo foi composto por coletores de lixo, varredores e bueiristas e dois sindicalistas, perfazendo um total de 18 pessoas, das três principais empresas prestadoras de serviços de limpeza pública de São Paulo - Cavo S.A, Vega Sopave S.A. e Enterpa S.A. Além de função e empresa, o grupo variou em idade, sexo, tempo e função na empresa, para abranger uma diversidade de situações e condições a fim de enriquecer os dados coletados. Os sindicalistas foram acrescentados ao grupo para além de ouvir, tomar conhecimento e discutir com a categoria seus problemas e facilidades no exercício de suas atividades, poder apreender uma técnica de pesquisa para utilizá-la em outras situações em que o sindicato percebesse a necessidade deste tipo de intervenção.

Dentre os preparativos para a realização dos encontros na sede da Fundacentro, providenciei lanches, que eram servidos por volta das 11 horas. Este era um momento de descontração, de conversa com as varredoras, sobre "*coisas de mulheres*" e o momento dos trabalhadores do sexo masculino, "*mostrarem seus dotes*" como eles próprios diziam. Então falava-se da "*varredora mais bonita do alojamento, do chefe chato e pegajoso*". Era, também, ocasião em que me pediam alguma orientação sobre problemas que os trabalhadores consideravam como psicológico ou como "*nervosismo da pessoa*".

Outra providência tomada para que a realização desses encontros fossem transferidos para a sede da Fundacentro, relacionou-se ao transporte dos trabalhadores à esta instituição. Em função do local de moradia do grupo (distante do local combinado), foi colocado à disposição do grupo nos dias de encontro, quintas-feiras, um veículo da Fundacentro para ir buscá-los na sede do sindicato (ponto de encontro), trazê-los à Fundacentro e levá-los ao sindicato, após a reunião. Em função do número de participantes, 18 pessoas, apenas um veículo era insuficiente. Esta carência foi suprida com um veículo colocado à disposição pelo sindicato e com desembolso de quantias para táxi.

Os trabalhadores foram previamente contatados pelo sindicato, que explicou o objetivo das reuniões e liberou alguns, durante o horário da jornada de trabalho, pelas empresas. Apenas não foram liberados pelas empresas, durante a jornada de trabalho, aqueles coletores de lixo que exerciam suas atividades no período noturno. Esta situação era um dos fatores que contribuía,

para que os coletores sentissem um pouco de sonolência quando o assunto ou debate estava enfadonho, sendo um excelente indicador de que havia se desviado de sua proposta original.

Através de temas para discussão previamente estabelecidos, desenhos, dinâmicas de grupo, sociopsicodrama, os trabalhadores eram solicitados a descrever suas atividades de trabalho detalhadamente, incluindo desde a sua jornada de trabalho até suas emoções, quando do contato com o cheiro do lixo, por exemplo, Estes encontros tiveram a duração de três horas, durante nove quintas-feiras, iniciados às 9h30 e encerrados, em geral, às 13 horas. Todos os encontros foram gravados em fitas cassete e posteriormente transcritos para estudo e análise. Os encontros ocorreram no período de 25/03 a 27/05/93. Nesta etapa contei com a colaboração de Sandra Donatelli, pedagoga da Fundacentro. A pesquisa de campo teve uma duração aproximada de oito meses.

Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada a partir do material coletado em pesquisa de campo das três fontes seguintes: observação participante entrevistas com coletores de lixo, dirigentes sindicais, representantes das Comissões Internas de Prevenção de Acidentes das empresas e dirigentes das empresas prestadoras de serviços de limpeza pública.

Num primeiro momento, foi feita uma descrição detalhada da observação participante, incluindo o arranjo físico das empresas, bem como todos os meus passos e procedimentos durante a observação, seqüência de cada acontecimento com todas as minhas impressões e detalhamento das entrevistas, conversas e encontros com os trabalhadores.

Cada uma das fontes foi analisada de /per si, buscando as unidades de significado a partir de várias leituras e para cada um deles a leitura e o olhar foi o mesmo.

Uma vez levantados, os significados foram colocados em relação, definidas as grandes categorias que levaram à compreensão dos significados do trabalho, até que enfim, foram revelados os esquemas afetivos, as emoções, as palavras e expressões usadas pelos trabalhadores e as contradições existentes. Os demais capítulos serão apresentados na seguinte ordem: O cotidiano do coletor de lixo, mostrando a descrição de um dia de trabalho e a comemoração do dia da criança. Este capítulo diferencia-se dos demais e em especial da metodologia da pesquisa, onde relatei como desenvolvi este trabalho, meus passos e procedimentos; diferencia-se também do capítulo III,

O trabalhador da limpeza urbana e o sindicato”, pois, nele estão contidas informações gerais sobre a história do sindicato, suas orientações para a categoria, bem como características da categoria como um todo.

O capítulo O cotidiano do coletor de lixo, se subdivide em Segunda-feira: um dia de trabalho pesado (que traz para o leitor uma descrição detalhada de situações vivenciadas pelos coletores de lixo, envolvendo seu dia-a-dia de trabalho, sua rotina, com as manobras por eles realizadas, com as facilidades e dificuldades por estes trabalhadores vividas) e Um dia de festa: o dia da criança (comemoração do dia da criança).

Na "Análise e discussão dos dados", capítulo VI, são apresentadas as grandes categorias e as unidades de significado e a relação entre eles. Elas se dividem em: Atividade, que subdivide-se em espaço de trabalho-rua, objeto de trabalho-lixo e organização de trabalho-equipe; Saúde e Pinga; o capítulo VII, o último capítulo, apresenta Considerações finais; a Bibliografia e por fim, os Anexos, no qual estão inseridos um Glossário de palavras e expressões, usadas por estes trabalhadores, as quais revelam, também, a sua organização do trabalho e de como esta é vivenciada e a descrição detalhada dos encontros, da observação participante, elaboradas a partir do diário de campo.

V O COTIDIANO DO COLETOR DE LIXO

Segunda-feira: um dia de trabalho pesado*

O início da jornada de trabalho dos coletores de lixo de algumas equipes é às 6 horas da manhã. Vejo-os chegar ao local de trabalho e se preparar. Esta preparação se dá no vestiário, onde trocam suas roupas.

Próxima ao vestiário, localiza-se uma sala pequena, onde fica, na sua entrada, um homem, sentado numa cadeira, parece uma espécie de responsável pelo material ali dentro encontrado. Os coletores têm que passar por esta sala e pegar as suas ferramentas de trabalho: pás, vassoura etc., sempre que chegam na empresa. É um ritual que se repete todos os dias, o que nós chamaremos de “ritual de preparação”.

Após vestir o uniforme, alguns coletores se juntam em pequenos grupos, aguardando a saída do caminhão, a chegada dos outros colegas, conversam entre si e brincam. Outros trabalhadores, aglomeram-se frente a um guichê, onde ficam de dois a três funcionários da empresa, com pranchetas em mãos. Estes funcionários são os chefes de tráfego, responsáveis pela distribuição dos funcionários das equipes para o setor onde deverá ser realizada a coleta.

Numa segunda-feira, o caminhão de coleta faz em média três viagens. Isto significa encher o caminhão com uma média de 8 a 9 toneladas em cada

* Descrição detalhada no Anexo II

viagem, ou seja, os quatro coletores de lixo carregam em seus braços, numa segunda-feira, dia pesado da coleta, aproximadamente 24 a 27 toneladas de lixo, o que dividido por quatro coletores, representa um montante de 6 a 7 toneladas de lixo por coletor.

Os trabalhadores chegam na garagem e vão direto para o relógio de ponto, onde "batem o ponto" e em seguida, vão ao vestuário para se trocar. Dependendo da hora em que chegam à garagem, às vezes, têm de ficar aguardando por algum tempo o caminhão de coleta com a sua equipe de trabalho. Enquanto aguardam, eles conversam, brincam, dançam, riem. O primeiro a chegar, foi o motorista - *Cazuza* e depois o *Fininho*, *Bahia*, *Tefé* e o *Tico-Tico*. Neste dia, não faltou nenhum dos membros da equipe.

O motorista *Cazuza* é responsável pela checagem do caminhão, observando as ferramentas, se estão no lugar certo, testando os freios, o leme, a barra de direção, para verificar se está em condições de ir para a rua e assim, evitar acidentes. O veículo a ser utilizado é um caminhão da Ford, com placa WD 6010. Vale ressaltar que este caminhão é o mesmo usado quando da outra visita feita à esta empresa. Em geral, segundo os trabalhadores, os caminhões só são trocados se houver falha. Se isso não acontecer, permanece a mesma equipe, no mesmo veículo.

Os trabalhadores entram na cabine do motorista e às 6h50, saem da garagem em direção ao setor designado para a coleta - Vila Nova York. Na saída da garagem, o fiscal anota o número de registro do motorista e até chegarem ao setor, levam em média dez minutos.

Um problema se apresenta na saída do caminhão: cinco homens devem entrar e sentar numa cabine, que só comporta três pessoas. Como se arrumam? O lugar do motorista é garantido pela sua própria função, a de dirigir o caminhão. Sentam mais três, apertando-se, e um coletor senta no colo de outro coletor. Neste momento, muitas são as brincadeiras e, mesmo assim, transparece um constrangimento, uma tensão que posteriormente foi explicada como uma vergonha de ter de sentar no colo do colega, principalmente, quando há mulher por perto.

Alguns coletores preferem sair da garagem para o setor de trabalho no estribo do caminhão, mas esta prática é proibida pela empresa e combatida pelo sindicato destes trabalhadores, porque coloca em risco a vida dessas pessoas. Às vezes, o percurso entre a empresa/garagem e o setor de trabalho é longo, o motorista imprime maior velocidade ao caminhão e com os trabalhadores no estribo, qualquer incidente, como uma parada súbita, pode provocar um acidente, talvez até fatal.

Durante o trajeto até o setor da coleta, o caminhão estava numa vê-

locidade de aproximadamente 40 km/h. Esta velocidade foi tirada por analogia com o carro em que eu estava. Outra vez, havia à minha disposição, um veículo da Fundacentro e um motorista que me apanhou à minha residência às 5 horas da manhã.

O primeiro ponto da coleta, quando a coleta é iniciada de fato, no setor designado, é em uma padaria. Os coletores de lixo vão até o fundo da padaria e de lá saem com dois tambores, que são carregados em duplas e jogam o lixo dentro do caminhão. Após, voltam aos fundos da padaria, onde deixam os tambores. Esta operação é chamada de "bater tambor".

Ao deixar os tambores nos fundos da padaria, dirigem-se à padaria e ali, recebem graciosamente, um café para cada um deles. Aqui, se estabeleceu uma espécie de troca entre os coletores de lixo e o dono do estabelecimento comercial. Em outros pontos da coleta, observa-se o mesmo procedimento como o de "bater tambor" e em troca lhes foi dada uma "pinga". Vale ressaltar que o regulamento interno da empresa proíbe estas práticas. No entanto, os trabalhadores não aceitam esta regra e agem da forma acima descrita. Segundo os coletores, quando fazem isso, *"um está ajudando o outro, porque ele tem o lixo recolhido e nós temos um café, um lanche, uma pinga"*.

Os coletores referem ainda que às vezes não comem em casa, seja por falta de alimento, seja por falta de tempo, por isso, *"fazem uma boquinha"* nos bares. "Fazer uma boquinha" significa comer sem pagar nada em troca.

Após saírem desta padaria, seu primeiro ponto de trabalho, os coletores começaram a se preparar, realizando um aquecimento, que também era feito correndo de uma forma mais lenta. Alguns deles, dobraram as barras da calça, segundo eles, para *"facilitar a corrida"* e portanto, o serviço, pois a boca da calça é larga e eles podem enroscar os pés nela.

Os coletores começam a correr em velocidade maior, e pude observar que os cachorros saem das casas para a rua e latem muito, sendo que alguns correm atrás dos coletores de lixo. Os cães são um risco em potencial para estes trabalhadores, pois, também na literatura, são referidas as mordidas de animais. Mas, não são todos os cães que tentam morder. Alguns, parecem querer brincar e correm atrás do caminhão de coleta, fazendo muito barulho com seus latidos. A estes, não se dá muita importância.

Durante todo o trajeto, os trabalhadores efetuam a coleta, correndo em movimentos de zigue-zague e subindo no estribo, com o veículo em movimento.

Os trabalhadores correm em direção aos sacos de lixo, hora todos do mesmo lado, outra hora, dividem-se em duplas. Esta divisão vai depender da quantidade e peso dos sacos de lixo.

Os trabalhadores correm atrás do caminhão de lixo, acompanham o caminhão. Neste ponto, vale ressaltar, que esta é uma equipe boa de trabalho, a qual trabalha unida e Já tem algum tempo que estão juntos na equipe, inclusive o motorista. Assim, já existe um ritmo determinado pelo grupo que se mantém, já sabem onde o lixo é colocado pelos moradores, o que favorece a aceleração no ritmo do trabalho, bem como um entrosamento maior da equipe e um dia de trabalho sem reclamações ou queixas. Também alternam as subidas no estribo, parte traseira do caminhão, em função da distância em que o lixo a ser coletado se encontra.

Observou-se que, no início da coleta, os trabalhadores sobem pouco no estribo, a não ser que o lixo esteja muito distante. A explicação deles para este fato é a de que estão ainda em aquecimento, esquentando o corpo e se ficarem subindo no estribo e lá permanecerem, não conseguirão "esquentar o corpo" como necessitam.

Em vários pontos da coleta, é comum cair lixo de sacos que por serem frágeis, rasgam facilmente. Os trabalhadores, neste momento, se valem de duas tábuas, que são colocadas na parte lateral do caminhão de coleta e recolhem o lixo caído. Nada pode ou deve ficar para trás.

Nas ruas sem saída, o motorista entra de ré e quando está realizando esta manobra, não há coleta de lixo, pois, não poderia ver os coletores se eles estiverem no centro da parte traseira do veículo, levando ao risco de acidentes. Desta forma, apenas quando chega ao final da rua é que os coletores iniciam a coletar os sacos das calçadas. Alguns coletores sobem no estribo e vão para o final da rua, junto com o veículo, enquanto outros vão correndo e aguardam o caminhão no final da rua, para só aí começar a coletar.

Uma manobra frequentemente realizada pela equipe de coleta, é o desvio de certos trechos de uma rua para uma outra, para depois retomar a coleta na primeira rua. Isto se dá como uma forma de evitar trechos da rua que são muito ruins, em função da não pavimentação ou por haver ruas em que não há saída, ou mesmo para adiantar o serviço, visto que já sabem que aquela rua é contramão para o veículo coletor se entrar nela naquele sentido.

É muito freqüente que os coletores, já tendo "adiantado o seu lado", ou seja, já tendo recolhido o lixo que lhe cabia, adiante, acelere sua marcha e se antecipe para juntar, mais adiante, vários sacos de lixo em um só ponto. O tempo de reunir estes sacos de lixo é o tempo necessário para que o motorista se aproxime com o caminhão. Observei que nenhum minuto de tempo é gasto à toa. Todos os movimentos dos coletores, parecem estar dentro de uma lógica de economizar tempo "*para voar mais cedo*". Isto significa ser liberado mais cedo pela empresa e chegar em casa mais cedo também.

Estas manobras só são possíveis porque os coletores de lixo já conhecem o trajeto a ser percorrido, tendo desenvolvido "macetes", formas de trabalhar que facilitam a sua atuação.

Apesar da proibição do uso de latas para acondicionar o lixo, estas ainda são usadas pelos moradores. Todo tipo de recipiente pode ser visto na coleta: tambores de plástico, latas pequenas, sacos plásticos.

Em função do horário, por volta de 7 horas da manhã, o trânsito estava pouco intenso, facilitando ainda mais o trabalho dos coletores de lixo, os quais ainda não precisavam preocupar-se com os riscos de acidente de trânsito, como os atropelamentos.

Durante todo o trabalho, os coletores se comunicam constantemente com o motorista do caminhão e entre eles, com o objetivo de avisar da passagem de outros veículos, para avisar que algum coletor está um pouco atrasado com o lixo e que assim, o motorista deve diminuir o ritmo do caminhão, para que aquele coletor possa alcançá-lo; para fazer a distribuição do lixo; para avisar onde o lixo está reunido ou escondido. Muitos moradores "escondem" o lixo para que os cachorros não rasguem os sacos e só os coletores mais experientes sabem encontrá-lo.

Os movimentos realizados pelos coletores de lixo também envolvem o baixar e o levantar o corpo, pegando sacos de lixo, a não ser quando nas calçadas existem lixeiras, ou seja, suportes que ficam elevados do chão, onde os sacos de lixo são colocados. Este tipo de suporte facilita seu trabalho e diminui o risco de movimentos bruscos, que podem provocar desvios na coluna. Os sacos de lixo colocados sobre os muros das casas não são os melhores alojados, pois exigem que o coletor se coloque, muitas vezes, na ponta dos pés, esticando todo o corpo e isso incorre em mais riscos de distensões, deslocamentos e outros problemas de saúde.

Alguns moradores, ao perceberem que os coletores estão passando, saem de suas casas com os sacos de lixo, e correm juntamente com os coletores, para jogar o saco dentro do caminhão de coleta. Muitas vezes, são moradores que "estão com o lixo meio atrasado".

Os coletores pegam até cinco sacos de lixo em cada mão, dependendo do tamanho do saco e do peso do lixo. Nas regiões onde há muita areia, esta é colocada dentro dos sacos de lixo que, às vezes são tão pesados, que não conseguem pegar sozinhos, precisando da ajuda de outro colega.

Os coletores olham sempre para os companheiros para verificar se ele vai "dar conta" de pegar o lixo. Caso caia algum saco ou o coletor perceba que o colega não consegue carregar todos os sacos sozinho, ele vai ajudá-lo. Esta é uma prática constante em uma equipe boa de trabalho.

Os sacos de lixo, quando muito pesados e grandes, fazem com que os trabalhadores, para apoiá-los melhor, sem o risco de se rasgarem e o lixo cair no chão, ponham as mãos na parte de baixo do saco. Também nesta situação se constitui risco de acidentes de trabalho, pois pode haver naquele saco material cortante, como vidros, latas, objetos pontiagudos que podem perfurar suas mãos. Os índices de acidentes de trabalho causados por material cortante nas mãos é um dos mais altos dentre todos que são citados na literatura específica. Os coletores, nem sempre, têm noção do peso dos sacos de lixo.

Os coletores, ao pegar latas de lixo para descarregar nos caminhões, batem com essas latas na parte superior do caminhão e fazem uma manobra com os pulsos, uma rotação, com as latas cheias de lixo e, portanto, pesadas, podendo com isso causar torções, distensões musculares etc. Não é de se estranhar que estes trabalhadores, conforme a literatura cita, apresentem um conjunto de dores nos braços e nas pernas.

É comum que o tipo de comunicação mantida entre os coletores de lixo, seja apenas a dos sinais e olhares, sem muitas palavras. Todas as atitudes e ações executadas pelos coletores baseiam-se na observação do trabalho executado pelos colegas, na necessidade de ajuda e na cooperação. Apenas nos casos de veículos que surgem inesperadamente, um grita para o outro "perigo", "carro", "a morte". "A morte" parece ser a representação do perigo de acidente para o coletor de lixo. Nas ocasiões em que é o motorista que percebe a aproximação de um veículo, em geral, no sentido contrário em que estão, ele avisa com a buzina, chamando a atenção dos colegas, para o risco de acidentes.

Outro problema para estes trabalhadores, é a fila dupla de veículos, impedindo o caminhão de coleta de fazer o trajeto e aos próprios trabalhadores de pegar os sacos de lixo, principalmente quando os veículos são de grande porte, como é o caso dos caminhões.

Após um certo tempo do início da coleta, os trabalhadores ficam com suas roupas molhadas de suor e este escorre de seus rostos, fazendo com que levem suas mãos ao rosto para secar o suor.

Em alguns pontos da coleta, foi observado que os coletores cumprimentam os moradores; isto se deve ao fato desta equipe ser fixa, portanto, já facilmente reconhecida pela população e, também, ao fato de cobrirem este setor por mais de um ano.

As ruas com ladeiras são de grande risco de quedas para estes trabalhadores. Nestas ocasiões, os coletores praticamente "soltam o corpo", como que aproveitando a lei da gravidade, ou seja, como se tivessem uma regra de economia de movimentos e de esforço.

Após trinta minutos do início da coleta, já começam a mostrar sinais de cansaço. Este cansaço foi evidenciado pela dificuldade de levantar os braços e pelo lixo que cai na rua, com maior frequência.

Os coletores de lixo, neste ponto, apoiam-se na parte traseira do caminhão, tanto para verificar se é possível atravessar a rua sem o perigo de atropelamento, dar um impulso para continuar ou retomar a corrida, como também, é uma forma de tentar se equilibrar. Eles correm, sem se aproximar muito do estribo, parte traseira do caminhão, principalmente quando estão no ápice da coleta, isto é, quando estão correndo muito.

Um dos coletores fica próximo ao caminhão, este coletor nunca é o mesmo, ocorre um rodízio. A sua função, neste ponto, também é a de dar uma retaguarda para os colegas que jogam os sacos de lixo e que podem errar, ou o lixo cair no chão, cabendo a estes que estão mais próximos do caminhão pegar as tábuas (sua ferramenta) e recolher o lixo caído. As tábuas, após serem usadas, são postas no mesmo lugar em que estavam, para que outro coletor, ao precisar delas, não tenha que se preocupar em procurá-las. Isto pressupõe um outro princípio, no qual está fundamentado o trabalho desta equipe: as ferramentas são de todos os trabalhadores, devendo ficar em local lá estabelecido pelo grupo e de fácil acesso

Correr ao lado do caminhão de coleta, não se limita apenas à exposição ao risco de ser ignorado pelo motorista do veículo, mas também, se devo ao fato do lixo estar nas calçadas, nas laterais, onde ficam os coletores, facilitando pegar os sacos e também jogar dentro do caminhão sem saírem de sua: posições, nem tampouco de fazer movimentos muito bruscos com o corpo ao se voltarem, tanto para o caminhão coletor, como para pegar os sacos de lixo

Os trabalhadores que atuam na coleta de lixo parecem ter uma percepção extraordinária de seu corpo, bem como das relações espaciais, pois dificilmente esbarram no corpo do outro em função de uma ameaça de queda de qualquer coisa parecida. Esbarrar no corpo do colega constitui-se em um risco de acidente de trabalho em potencial, pois pode desequilibrar o outro e levá-lo a quedas e outros acidentes.

A impressão que estes trabalhadores transmitem, é a de que estão "vencendo o lixo". A cada instante, um trabalhador ultrapassa na sua corrida o outro colega e recolhe mais um saco de lixo, que é jogado dentro do caminhão. Em cada ponto em que se encontram, é como se fosse estabelecida um, linha divisória, bastante nítida, entre o limpo e o sujo.

Nas praças, o lixo colocado pelos moradores, em geral, está com os sacos rasgados, talvez por animais, ou mesmo pela fragilidade dos sacos. O lixo espalha-se pela praça e os coletores de lixo têm de recolhê-lo.

Para tal, primeiro juntam com as tábuas, e como esta operação é mais demorada, o motorista mantém o caminhão ligado, porém parado, à espera dos trabalhadores.

As luvas usadas pelos coletores a esta altura já estão molhadas de suor, servindo apenas para evitar o contato direto com o lixo. Não previnem o risco do desenvolvimento de problemas dermatológicos. Pelo contrário, são responsáveis pela irritação na pele causada pelo atrito com as mãos.

Num dos pontos, um morador corre atrás do caminhão com um saco de lixo na mão e o joga dentro do veículo coletor. Conversei com ele, perguntando por quê ajudou e ele respondeu que havia perdido a hora de pôr o lixo na rua, o que indica que este morador sabe exatamente a hora da equipe da coleta de lixo passar na sua porta.

À medida que o sol começa a esquentar e a temperatura sobe, o lixo passa a fermentar, o que propicia a exalação de odores muito fortes. Ficar atrás do caminhão da coleta de lixo é um verdadeiro teste de fé, tanto em função do mau cheiro como também do ruído do caminhão. Este barulho se deve à ausência de manutenção do veículo e ao equipamento sucateado.

Um dos sinais de que o caminhão de coleta deve ir para o transbordo ou usina de compostagem para descarregar o lixo, é a devolução do lixo pelo caminhão. A medida em que o caminhão é acelerado e o leme passa a movimentar-se mais rapidamente, o lixo, por estar acumulado, tende a cair de dentro do caminhão no chão da rua e os coletores são obrigados a refazer a coleta do lixo. Isto acontece com muita frequência nas segundas-feiras e, também, é por isso que é considerado um dia "pesado".

O caminhão parou em um bar, onde os coletores de lixo foram pegar mais tambores cheios de lixo. Na volta do descarregamento dos tambores, param no bar e tomam uma "pinga".

Alguns estabelecimentos dão dinheiro para esses trabalhadores "caixinha", por semana. Outros, não dão nada, pelo contrário, empurram a "pinga". A "caixinha" é tão pequena que, ao ser dividida entre todos os membros da equipe, pouco sobra e os trabalhadores usam, também, para tomar café ou refrigerante. Esta situação é mais que freqüente.

Também é freqüente toda a equipe parar a coleta e descansar por cinco minutos, inclusive o motorista que também sai do caminhão para *"estirar as pernas, ir ao banheiro, tomar alguma coisa, fumar um cigarro"*. No entanto, o caminhão permanece ligado. Nestas situações, os trabalhadores ficam à vontade: sentam no chão, ficam em cima do estribo, escolhem o melhor lugar e a maneira mais confortável possível de ficar descansando.

Não é apenas nos bares que os coletores de lixo entram para pegar o lixo,

mas também nas escolas. Nestas, o cuidado é dobrado em função da presença de crianças por perto. Também nas escolas foi observado o uso de tambores que os coletores tinham de bater. Após "bater o tambor", voltam para a escola, onde deixam os tambores. Assobiam para o motorista, que engata a marcha do carro e segue adiante, já retornando ao ritmo anterior à pequena parada para descansar.

Os coletores também têm que enfrentar os riscos de acidentes de trabalho em ruas não pavimentadas e cheias de pedra, com piso totalmente irregular, para realizar seu trabalho. São as "ruas pirambeiras", onde são obrigados a diminuir o ritmo da corrida e da coleta de lixo. Nesta rua, foram observados, além da ausência de asfalto, a presença de esgotos abertos, pedras etc.

Nesta mesma "pirambeira" ocorre o flerte de rim coletor com uma moradora que estava parada em uma calçada, às 8h 10 da manhã, exibindo um pequeno short e uma mini-blusa, além de um batom vermelho nos lábios. Ele passa e fala alguma coisa pra ela que retribui com um sorriso largo e aberto. Segundo os próprios coletores, este tipo de "encontro" é muito comum. Próximo a esta "rua pirambeira", há também uma pequena área com muito mato, onde as pessoas jogam lixo, que os coletores têm obrigação de recolher. Neste tipo de local, muitas vezes são encontrados cachorros mortos e até cadáveres humanos.

Quando a rua tem lixo dos lados esquerdo e direito, e também quando não há movimento de outros veículos, em geral, o motorista dirige o caminhão posicionado no meio da rua, dividindo equitativamente a distância para os coletores de lixo que ficam do lado direito e para os que ficam do lado esquerdo, no sentido de diminuir distâncias entre os coletores e o caminhão onde jogam o lixo.

Quando os coletores estão adiante do caminhão, eles não param para esperar o veículo. No máximo, o que fazem é diminuir a marcha até que o caminhão de coleta os alcance e eles possam jogar o lixo dentro dele. O objetivo disto é não parar a coleta e também o corpo, mesmo que por alguns minutos, segundo os coletores, porque dificulta a retomada do ritmo anterior pois aumenta o desgaste, tendo em vista que precisam imprimir maior força.

Mesmo quando não há lixo para ser recolhido, os coletores não param de correr. Mas nestas situações, surgem entre eles muitas brincadeiras, especialmente as disputas para verificar quem corre mais. Este tipo de "brincadeira" não se inicia com a fala dos trabalhadores. Não há comunicação verbal, apenas gestos, olhares e o comportamento de disputa, competição.

A quase uma hora e meia do início do trabalho da coleta de lixo, começa a ser freqüente estes trabalhadores pedirem água para os moradores que

estão lavando as calçadas. Tomam água das mangueiras que estão sendo utilizadas pelos moradores na lavagem das calçadas. A "sede começa a apertar". Também, usam lavar o rosto e jogar água na cabeça para refrescar. Em função do calor e da corrida, estes trabalhadores ficam com as blusas molhadas de suor e a cada pouco, puxam a camisa para, segundo eles, "descolar a camisa do corpo, parar a coceira que estão sentindo".

Muitas vezes, os coletores dão leves batidas no corpo dos colegas, quase um empurrão. Segundo estes trabalhadores, os empurrões se constituem em brincadeira e incentivo, pois são gestos realizados no sentido de "empurrar o colega pra frente porque ele já está cansado".

Durante todo o trajeto, os coletores mantêm com os moradores, uma relação amistosa: devolvem os cestos nas mãos das pessoas, agradecem e principalmente, brincam com as crianças. *"O gari já é malfãlado, se ele desrespeitar o pessoal aí, fica pior"*.

Mais uma parada em um bar, quando vão "bater o tambor" e "receber" o seu pagamento em forma de bebida: uns tomam vinho, outros tomam conhaque, outros tomam café, água, refrigerante.

O dono do bar diz que dá vinho porque o coletor gosta. De tanto pararem ali, "de baterem os tambores", também os donos dos bares passam a conhecê-los e saber de suas preferências, a ponto de servir a bebida que gostam. Os coletores pararam em quatro bares, incluindo também as padarias e pediram água para os moradores apenas duas vezes. A ingestão de muito líquido, segundo eles, atrapalha o ritmo da coleta, tornando-os mais lentos.

É interessante observar que se institui a bebida como uma forma de pagamento, como uma moeda, talvez a moeda deste grupo de trabalhadores.

A partir deste ponto, solicitei permissão ao motorista do caminhão para acompanhar a coleta de dentro da sua cabine. Objetivava observar os coletores de um outro ângulo, o do motorista, e conhecer um pouco da sua rotina na coleta de lixo em uma equipe boa de trabalho.

A primeira coisa que se observa é o ruído do caminhão, constante, intenso, impedindo a conversa com o motorista. Acredito que os motoristas, com o passar do tempo, venham a apresentar alguma perda auditiva. O motorista conhece toda a coleta de lixo em função de uma prática de no mínimo três anos, sendo o mais velho da equipe. Conhece, também, as dificuldades dos coletores, e todo o seu trabalho é no sentido de facilitar o trabalho dos colegas. Dá pequenas paradas quando os coletores têm de bater tambor, quando estão atrasados com o lixo, avisa-os de carros que estão querendo ultrapassar ou que estão indo no sentido contrário ao deles. Sua atividade exige muita concentração e um conhecimento detalhado de todo o processo e do trajeto da coleta.

A sua comunicação com os coletores ocorre através da visualização daqueles pelo espelho retrovisor do veículo.

O caminhão está cheio de lixo, portanto, é necessário que seja descarregado. Naquele dia, a coleta de lixo estava adiantada, pois não tinha completado duas horas. O comum para esta equipe seria descarregar o caminhão após duas horas e meia do início da coleta. Quando o caminhão está sobrecarregado, os coletores dão o aviso para o motorista. O sinal de que o caminhão está carregado é o lixo que cai no chão, jogado para fora pelo leme do caminhão.

Fiquei na cabine do motorista até o final da primeira viagem (um período de quarenta minutos em média), quando ele e um coletor se dirigiram para o transbordo da ponte pequena e os outros três coletores ficaram em uma praça que tinha algumas árvores, sombra e bancos onde nos sentamos para conversar e descansar. Antes de se dirigir ao transbordo, o motorista pega a prancheta e, num formulário da empresa, anota o nome da rua em que terminou a primeira viagem, a quilometragem e a hora, para efeito de controle.

A informação dos trabalhadores que ficaram na praça é que o motorista demoraria aproximadamente uma hora e vinte minutos para descarregar e voltar. Esta praça ficava a alguns metros de distância e os coletores tinham que ir andando. Chamei-os para irem no carro da Fundacentro até o local de descanso e fomos conversando já durante o trajeto.'

O tempo previsto para a descarga do caminhão foi ultrapassado em 40 minutos. O tempo gasto para o trajeto foi de duas horas. A operação realizada no transbordo envolve a remoção do lixo coletado para uma carreta que transporta o lixo para o Aterro Sanitário de Perus (lixão). O motivo da utilização de mais tempo que o previsto, foi um defeito no caminhão de coleta, que impediu o levantamento do coxo do caminhão e o seu descarrego.

A segunda viagem foi iniciada às 11h20, no mesmo setor, Vila Nova York, na rua Barra do Rio Abaixo, dando continuidade à coleta de lixo e após duas horas de descanso, o ritmo dos coletores de lixo é bem mais lento, pois estão com "o sangue frio".

A forma de trabalhar não é diferente daquela realizada na primeira viagem. Acrescentam-se àquela, situações em que só há lixo para ser coletado de um lado da rua e todos se dirigem para este lado, o que segundo eles, "é só sossego".

Observa-se, também, que o ruído do caminhão de coleta diminuiu em função de haver sido descarregado e de não forçar o equipamento. Talvez este

* Esta conversação e sua análise será retomada após a descrição de todo o trajeto da jornada destes trabalhadores, com vista a facilitar o entendimento do trabalho do coletor de lixo.

veículo ande sobrecarregado, ou seja, exceda o seu limite médio de peso, facilitando e acelerando o seu sucateamento.

Em um dos pontos da coleta, os trabalhadores, entram em uma residência, a chamado do morador, para retirar um lixo muito grande e diferente do usual: pedaços de madeira, tijolos, compensado etc. Parecia ter sido feita uma reforma na casa e, por isso, todo o material correspondente às sobras deste serviço, estava lá para ser jogada no lixo. Este tipo de material é denominado entulho e estes trabalhadores da coleta domiciliar não são obrigados a coletar. No entanto, quase sempre o fazem em troca de uma "caixinha". Este tipo de operação é denominada pelos coletores como *muamba*.

Após vinte e cinco minutos do início da segunda viagem, os coletores começam a retomar o seu ritmo anterior, mais intenso na sua marcha e, portanto, na coleta dos sacos de lixo, o que segundo eles, "é o seu ritmo *norma/*". Esta fala me leva a pensar que o ritmo aceito pelos coletores de lixo, considerado normal e dentro dos padrões, é o ritmo do correr intenso.

Rua Alto Alecrim, rua Adonir Augusto de Paula, rua Jacinto Andreoti (rua sem saída). A manobra realizada pelo motorista, para entrar de ré em uma rua sem saída, é proibida pela empresa. Outra dificuldade encontrada são as ruas estreitas. Por outro lado, nas ruas estreitas há também a vantagem dos coletores não precisarem se deslocar de grandes distâncias, em zigue-zague, para recolher o lixo dos dois lados da rua.

Os motoristas ainda enfrentam outras dificuldades relacionadas aos moradores, enquanto pedestres no trânsito. Muitas são as pessoas que atravessavam na frente do caminhão de coleta. Se ocorrer um atropelamento, os transtornos para os motoristas são inúmeros, além de precisar registrar o atropelamento em delegacia (boletim de ocorrência), estes trabalhadores estão sujeitos também a serem penalizados pela empresa, talvez até com a demissão ou suspensão.

Passadas doze horas e, na segunda viagem da equipe de coleta, o ritmo dos coletores, apesar de intenso, não se compara ao ritmo da primeira viagem. Observa-se, também, que os sacos de lixo caem com muita frequência no chão. Os coletores não conseguem acertar o lixo dentro do caminhão, parecem errar a pontaria. Muito compreensível este fato, em função do desgaste, já sentido pela musculatura que não obedece mais às ordens emitidas. O tempo total de coleta, neste ponto, é de exatamente três horas e dez minutos, excetuando as duas horas em que o caminhão foi descarregar o lixo no transbordo.

A operação de recolher no chão o lixo que cai dos sacos é denominada de *feirinha* e por se tratar do final da coleta, os trabalhadores já estão pegando o lixo de qualquer jeito, com as próprias mãos, sem a utilização das tábuas que

algumas vezes utilizaram na primeira viagem. A esta altura, percebe-se que os sinais são muito mais frequentes do que no início da jornada de trabalho. Um dos coletores explicou que isto se deve ao cansaço, fazendo com que a responsabilidade deles aumente com relação à sua vida e a do colega de trabalho. Por estarem mais cansados, seu desempenho físico é mais lento. Também é nesta fase que os coletores brincam mais, fazem gestos engraçados, batem mais nos colegas.

Chegamos em um condomínio fechado. O motorista já sabe com quem deve pegar a chave. Um dos coletores vai buscar a chave e abre o portão. Em geral isso é feito pelo coletor mais velho da equipe. O motorista tem que atravessar o caminhão na rua, em função da grande quantidade de lixo naquele local, e ficar bem próximo. O lixo, nesses locais, é acumulado dentro de uma "caixa" de alvenaria; é como se fosse um quarto, com uma porta de ferro com cadeado. O lixo, neste caso uma segunda-feira, estava velho, curtido. Quando é aberta, a porta da caixa, me é quase impossível permanecer próxima, em função do terrível odor que exala.

Este foi o último ponto da coleta de lixo no setor Nova York. Era exatamente 13h20, quando terminou a coleta daquele setor. Portanto, durante seis horas e vinte minutos, os trabalhadores ficaram disponíveis para aquele setor. Sua jornada de trabalho, não foi necessária, tendo-se utilizado de uma hora a menos. Os trabalhadores estavam exaustos, molhados de suor, alguns, já procurando um local para sentar, outros, subindo no caminhão preparando-se para ir embora. Todos tem apenas um pensamento: "voar para casa".

Após esta viagem, a última, o caminhão se dirige para o transbordo da Ponte Pequena para descarregar, alguns coletores pegam carona para a empresa; outros, ficam próximos de suas casas. Se terminar o setor, o fiscal não aparecendo, o pessoal está liberado da empresa, embora o *"certo seja lã lia empresa para passar o cartão, tem que ir de qualquer jeito pra lá para passar o crachá"*.

Às vezes, os trabalhadores preferem despedir-se do motorista no último ponto da coleta do setor e ir para a empresa de ônibus ou em outro caminhão que tenha terminado a coleta mais cedo e que já esteja descarregado e se dirigindo para a empresa, para não terem de esperar o caminhão coletor descarregar para só depois ir para a empresa.

No entanto, algumas vezes, em função da distribuição das escalas, os coletores, além de executarem a coleta de um dado setor, ainda têm de "fazer feira".

Nosso primeiro contato, no local da feira, onde os trabalhadores iriam coletar, foi com o fiscal de tráfego, pois me pareceu que este não nos deixaria

a sós com os coletores por nenhum momento. O fiscal de tráfego, sr. Eulálio, tinha uma postura física que nos dizia que ele deveria ser o primeiro a falar, enquanto autoridade, hierarquicamente constituída, e representante da empresa. Não foi apenas a hierarquia da empresa que me levou a entrevistá-lo, mas também, um certo "ar de arrogância", o qual aparecia em seu peito estufado, como se fosse um peito de pombo. Daí, a minha idéia foi de ganhar a sua confiança através de uma entrevista. E assim na nossa conversa, informou-me sobre o esquema, a organização do "fazer a feira".

"Fazer a feira" envolve, entre outras coisas, um regulamento da prefeitura. Este regulamento dispõe que as barracas devem ser desmontadas às 13h30, só que normalmente, ocorrem atrasos e os coletores só podem começar a limpeza após o desmonte de todas as barracas. Esta operação, segundo o fiscal, se inicia por volta das 14 horas. Nesta rua, uma feira média, apenas 300 metros, em geral são enviados oito coletores e dois motoristas. Nos casos, em que a extensão da rua, for inferior a 300 metros, é designada uma equipe, ou seja, um motorista e quatro coletores.

Após certo tempo, inclusive, com a limpeza da rua iniciada, o sr. Eulálio me comunicou que a outra equipe de coletores de lixo é que deveria participar daquela limpeza de rua, em função de ser uma feira média, havia sido designada para fazer a limpeza de uma rua de feira em outro local, sendo que isto aconteceu inesperadamente.

O tempo gasto é de aproximadamente uma hora e meia, para varrer e coletar o lixo, segundo o sr. Eulálio. Todas as equipes de trabalho fazem feira e isto se dá segundo uma distribuição por escalas, elaboradas pelas empresas. O único dia, em que não há feira é na segunda-feira, dia de lixo pesado. De terça a sábado, as equipes são escaladas, segundo os setores em que exercem suas atividades profissionais. Aos domingos, não há escalas e sim plantões.

A feira designada para o grupo observado ficava na rua Pirambóia, na Vila Carrão, tinha 300 metros, era asfaltada e, segundo informações do sr. Eulálio, considerada uma feira média, para a qual são designados oito coletores de lixo e dois motoristas, portanto duas equipes de trabalho. No entanto, um ponto interessante de se colocar aqui e que apenas uma equipe estava de prontidão para a limpeza da rua, contrariando as expectativas do fiscal de tráfego.

Apesar desta ser uma equipe fixa, havia entre eles um "*tapa buraco*", em função da ausência de um dos coletores que estava com "*problemas de família*". Encontrei os coletores de lixo, ao final da rua (tendo como referência numeração das casas), sentados numa calçada, conversando. Estavam todos cansados, suados e eu diria até, mal-humorados.

tive uma grande surpresa ao saber que esta equipe de coletores de lixo havia começado a sua jornada de trabalho às 6h30 e ainda ia fazer a limpeza da rua da feira livre e só depois, iria para a garagem.

No caso da Vega Sopave, a escala para fazer limpeza da rua das feiras é quinzenal, ou seja, cada equipe de trabalho faz duas feiras por mês e folga dois domingos. O que entendo ser importante neste procedimento, nesta organização do trabalho, é que estas limpezas das ruas, onde houve feira livre, ocorre de forma conjunta com a coleta de lixo, ou melhor, além de fazer a coleta na área para a qual são designados, ficam à disposição da empresa, para realizar a varrição e coleta do lixo das feiras. Este tipo de organização, sem dúvida alguma, sobrecarrega ainda mais aqueles corpos que já foram submetidos a esforços demasiados, podendo levar a um maior número de acidentes, já que terão que despender mais energia e esforço para a próxima etapa.

Desta fornir, estes trabalhadores chegam a ter uma jornada de trabalho que varia conforme o tamanho da rua da feira, executando estas tarefas por um período de até 16 horas ininterruptas. O tempo livre é para almoçar e descansaram pouco. Este tipo de situação, as pausas para descanso, deixa os coletores extremamente irritados, *"pelo fato de estarem cansados"*, ou talvez pela obrigação de trabalhar mais uma vez neste tipo de trabalho "pesado".

Além dos aspectos acima citados, segundo os próprios coletores, quando eles são obrigados, pelo trabalho em si, a ficar por algum tempo parados, quando retornam às atividades, sentem grande dificuldade de retomar o "pique anterior", sentem-se muito mais lentos do que se tivessem continuado seu trabalho sem pausas. Talvez esta seja uma das causas de se executar o trabalho sempre correndo, pois assim, além de terminar mais cedo, também não têm que sentir esta dificuldade, pois "estão ainda de sangue quente".

Observei, em outras situações, em outros locais, coletores, que recolhiam alimentos da feira, no seu final, enquanto aguardavam o momento de iniciar a execução de seu trabalho.

Senti grande resistência, ou talvez, até por estarem muito cansados para falar. De qualquer forma, resolvi sentar no chão e começar uma conversa mais informal, perguntando sobre: naturalidade, tempo de empresa e até dizendo-lhes a minha naturalidade, como uma forma de aproximação.

Mostro-me interessada pelo seu local de origem e o trabalhador dispara a (falar de sua terra Natal; após conversarmos um pouco sobre o nordeste do país, os outros coletores já haviam se aproximado, pude voltar-me mais para a sua atividade, como coletor de lixo, para o seu trabalho e aí os depoimentos são diversos, como veremos.

Já se ouvia o barulho do caminhão e também já era possível visualizar,

bem próximo, o veículo destinado à coleta de lixo, guiado por *Cazuza*, quando interrompemos a nossa conversa e Teté juntou-se à equipe de coletores, para iniciar a limpeza da rua da feira livre.

Enquanto os coletores amontoavam o lixo próximo a eles, outro membro da equipe varria a rua. Era o motorista do caminhão, o *Cazuza*, que auxiliava os coletores para poderem terminar a limpeza o mais rápido possível.

Uma situação bastante curiosa, e a posição da vassoura para varrer a rua: os coletores usam a vassoura ao contrário, com a parte da madeira para retirar o lixo.

No setor de trabalho destes coletores, o caminhão acumula 12 toneladas de lixo, o que permite fazer duas "viagens", ou seja, duas vezes o veículo precisa dirigir-se ao transbordo e ser descarregado. Neste caso, em função de ser quinta-feira, um dia fraco na limpeza pública, são feitas apenas duas "viagens", uma na coleta, propriamente dita e a outra na limpeza da rua da feira. Este número de "viagens" ocorre no intervalo das quartas-feiras aos sábados, sendo que nas segundas e terças-feiras são freqüentes três ou mais "viagens", em função da quantidade de lixo a ser coletado. A média de lixo coletado, em cada um desses dois dias, é de vinte e quatro toneladas.

Começa a limpeza: pegam em duplas os sacos mais pesados e vão jogando dentro do caminhão de coleta. Este é o lixo que é recolhido durante a coleta, colocado nas calçadas das residências, que ali permaneceu devido a realização da feira.

A distribuição do trabalho é feita pelos próprios coletores, dividindo-se em duplas. Enquanto uma dupla coleta o lixo ensacado, colocado nas calçadas e varre a rua, outra dupla, no lado oposto, amontoa o lixo da feira em alguns pontos, utilizando-se das próprias mãos e de tábuas, de aproximadamente 40 x 15 cm, que substituem as pás e as vassouras, sendo todos os montes de lixo colocados do mesmo lado. Após esse amontoamento, ainda há uma segunda varrição, que vai juntar todo tipo de lixo mais leve, como folhas de alface etc. Paralelamente, a outra dupla vai recolher o lixo amontoado e jogá-lo dentro do caminhão de coleta. Após esta etapa, os coletores saem de foco da rua da feira e dão espaço para outros trabalhadores da mesma empresa, que continuam o processo da limpeza da rua, iniciando a sua lavagem. Para tal fim, o equipamento utilizado é um carro pipa e a equipe, neste caso, foi composta de três pessoas: um motorista e dois ajudantes. A lavagem da rua é iniciada pelo lado mais alto, para que a água escorra no declive e a mangueira é manipulada por um dos ajudantes, que direciona o jato de água a todos os pontos da rua da feira livre.

Esta divisão de trabalho permite aos coletores controle sobre sua forma

de trabalhar, podendo terminar mais rapidamente e sua tarefa e também, uma distribuição equitativa entre eles. Além disso, com todo lixo amontado do mesmo lado, facilita-se a passagem do caminhão de coleta, bem como permite ao coletor correr para coletar, em linha reta, o que o desgasta menos fisicamente. É bom lembrar que esse tipo de divisão do trabalho só é possível quando a "equipe é boa".

A distribuição do trabalho definida pelos próprios coletores da equipe de trabalho, não é fixa. Na limpeza de rua de feira seguinte, ocorre rim revezamento entre as duplas ou seja, os que varreram a feira anterior, irão coletar e os que coletaram, irão varrer.

Já passavam das 16h30, quando o carro pipa, chegou e os coletores, tendo terminado sua tarefa, dirigiam-se para uma lanchonete. Entraram no bar e começaram a tomar lanche.

Um dia de festa - o dia das crianças

O Siemaco - Sindicato dos Empregados em Asseio e Conservação e limpeza urbana da Grande São Paulo - tem como uma de suas práticas comemorar datas festivas, tais como o dia da criança e o dia do gari. Naquele ano em que estava realizando a pesquisa de campo, fui convidada pelos dirigentes sindicais para participar de uma delas: a do dia da criança.

A comemoração foi específica para filhos e trabalhadores da limpeza pública, tendo ocorrido em um domingo, na sede da Força Sindical, rua Galvão Bueno, 780, bairro da Liberdade, com início às 8 horas e término às 12 horas.

Cheguei à festa às 10h45. O salão estava lotado de mulheres, homens e crianças e enfeitado com faixas cedidas pela Vega Sopave, Enterpa e Cavo. Nestas faixas estavam escritas a seguinte frase: "Pelo fim da violência contra os menores". Havia também enfeites com bexigas e um palco com uma grande faixa, onde estava escrito: "O Siemaco parabeniza as crianças". Neste palco foram realizadas várias apresentações e entretenimentos para o público ali presente - uma média de 300 pessoas - incluindo toda a diretoria e membros do sindicato, que trajavam blusa amarela, a blusa do sindicato.

As apresentações foram: um show de mágica, um grupo de capoeira e um grupo animador de festas infantis, com os membros vestidos de palhaço e de personagens de histórias infantis, como a Emília do Sítio do Pica Pau Amarelo etc. Estas apresentações eram realizadas contando com a participação das crianças, parecia teatro popular, onde o público é também o ator.

Além dos números acima apontados, houve sorteio de brindes para os trabalhadores que incluíram oito ferros de passar roupa, um aparelho de som,

um fogão e várias camisetas do sindicato com as figuras do *Zé da Bronca* e da *Maria Bonita*. Após todos os sorteios, muita música.

Nos fundos do salão, em uma pequena saleta, estavam organizados os "comes e bebes". Uma mesa grande e comprida, com pães, salame, queijo, salsicha para cachorro quente, servido e preparado por mulheres do sindicato e nas bebidas, refrigerantes. Não havia bebidas alcoólicas. A distribuição ficou por conta dos homens do sindicato. A limpeza do salão também foi mais um dos encargos dos trabalhadores do sindicato. Neste dia, varredoras e coletores de lixo, puderam sentar-se, conversar e descansar calmamente sem "correria". Apesar disso, o número de participantes na festa foi considerado pequeno pela diretoria do sindicato, a qual atribui o fato ao curto espaço de tempo para divulgação e também ao fato de ser um domingo, dia que os trabalhadores da limpeza pública têm para descansar e fazer reparos em suas casas.

Toda a equipe de trabalhadores participantes dos encontros realizados na Fundacentro estava presente e a minha chegada foi motivo de muita festa e alegria. Todos queriam me cumprimentar e me servir sanduíches, pipoca, refrigerantes etc. Seguiu-se a isto, a apresentação dos filhos, das esposas, dos maridos, expressando muito "orgulho" dos filhos que "*são estudados e foram criados do lixo*". Dizer que os filhos foram criados do lixo, corresponde a dizer que através do seu trabalho de coletor de lixo ou de varredor, aquele pai trabalhador pôde prover o sustento de sua família, inclusive no aspecto referente a educação, o que é muito valorizado pela categoria.

A festa/comemoração era de fato uma festa "de família" e com exceção de um ou dois trabalhadores, todos os outros, estavam portando-se de maneira diferente naquele dia: sérios, voltados para seus filhos e esposas, apesar de não se distanciarem de mim.

Ao final do sorteio de brindes, deu-se início à distribuição de brinquedos para todas as crianças ali presentes. Foi formado um corredor humano, do qual participei, para organizar a fila e todas as crianças deveriam ter à mão um papel com o carimbo do sindicato, que era apresentado no ato da entrega do brinde; para que não houvesse repetição de entrega de brinde, garantindo a distribuição para todas as crianças.

Os presentes escolhidos para as crianças do sexo feminino, consistia em bichos de pelúcia e para as crianças do sexo masculino, em carrinhos de brinquedo. Após a entrega de brinquedos a todas as crianças, os sindicalistas explodiram numa demonstração de alegria pela "*festa ter sido um sucesso*", segundo eles: aquela era a primeira vez que faziam algo assim. Nesta explosão de contentamento, deixaram seus "postos de trabalho" e com vassouras

erguidas, “fazendo de conta” que eram estandartes, cantaram sambas enredo e danaram até o último trabalhador sair do salão.

Acho interessante registrar que o salão onde foi realizada a festa, ficou coberto de lixo, apesar dos imensos tambores e cestos de lixo espalhados por toda a sua área. A limpeza foi feita pelos dirigentes sindicais.

Quando estava me despedindo dos dirigentes sindicais, fui presenteada com um ursinho de pelúcia, 12 litros de refrigerante, bexigas e uma bandeira do sindicato. Segundo eles “*porque eu merecia, por tê-los prestigiado*” e ainda me ofereceram transporte, deixando-me na porta da minha residência.

IV ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados revelou três grandes unidades temáticas, isto é, temas que se precipitaram e que englobam a totalidade do conteúdo. São eles: **atividade, saúde e pinga**, sendo que cada uma delas divide-se em sub-unidades de significado.

A **atividade** subdivide-se em:

- a) **espaço de trabalho – rua**
(liberdade e cerceamento, o outro, o trabalho em movimento e trabalhar brincando);
- b) **objeto de trabalho – lixo**
(o lixo velho – fedor e contaminação, o lixo triste, o lixo como esconderijo e o lixo rico – presentes e *muambas*) e
- c) **organização do trabalho – equipe**
(equipe boa, o *gari* na equipe de trabalho, o motorista bom – o outro indispensável e o fiscal).

A **saúde**, outra grande temática que também possibilitou a compreensão dos significados do trabalho, subdivide-se em:

- a) **relação saúde trabalho**
(o trabalho afeta a saúde e o trabalho não afeta a saúde) e
- b) **os cuidados com a saúde**

A **pinga**, outro tema que se emergiu na análise das falas dos trabalhadores, aponta as seguintes subunidades:

- a) **a cachaça na relação com a população** e
- b) **a cachaça como o remédio que cura.**

As unidades e sub-unidades foram analisadas a partir de diversas leituras das entrevistas e da observação participante, buscando-se os seus significados. Os significados ressaltados são diversos e apontam, todos eles, para o caráter de ambigüidade, de multidimensionalidade de situações e da vivência destas situações, constituindo-se no pilar da qualidade do trabalho do coletor de lixo: o trabalho imprevisível.

No quadro, nas páginas seguintes, demonstrei de maneira esquemática e resumida os resultados da análises dos dados.

SEGUNDA PARTE

I

A ATIVIDADE

A atividade se subdivide em três categorias: **a. espaço de trabalho - rua** (liberdade e cerceamento, o outro, o trabalho em movimento e trabalhar brincando); **b. objeto de trabalho - lixo e c. a organização do trabalho-equipe.**

A. Espaço de trabalho - Rua

Uma característica fundamentalmente importante nesta categoria profissional que é intrínseca à natureza de seu trabalho, é que os coletores de lixo exercem sua atividade de trabalho no espaço público da rua, o que lhes possibilita uma multiplicidade de qualidade, ou melhor, de pares contraditórios de qualidade, tal qual o espaço onde se realiza.

A rua é o espaço onde se desenrola a vida profissional dos coletores de lixo. Mas neste espaço não estão apenas estes trabalhadores, pois a rua é um espaço de todos os que trabalham e também do malandro, dos mendigos, dos desassistidos, dos discriminados, dos aposentados etc.

Espaço de códigos diferenciados daqueles do mundo da casa e do trabalho, estar na rua implica em movimento, novidade, imprevisibilidade. A rua é o lugar do informal, do fortuito, da impessoalidade, de ver e de ser visto, de circular.

A rua também é um espaço de encontros. Conforme aponta Camargo,

as pessoas se encontram nas ruas e vão a algum lugar. Não há uma permanência na rua.

"Uma piada popular diz que Brasília é des"mana porque na falta de esquinas, as pessoas perdem seus principais pontos de referência... Quem observa as ruas de nossas grandes cidades, tomadas de assalto por veículos e oferecendo perigos de toda ordem, não consegue acreditar que na história das cidades, as ruas surgem para atender a necessidades de contemplação e de encontro de indivíduos" (Camargo, 1989).

Existe todo um movimento urbano no sentido de tornar as grandes cidades em grandes centros urbanos, suas ruas, especialmente, em locais que sirvam de circulação e de permanência para a população.

"O êxito das iniciativas municipais de calçadas explica-se pela recuperação dos valores culturais dos espaços de circulação na cidade, com setes bancos e possibilidade de contemplação e encontro" (Camargo, 1989).

A idéia parece surtir um grande efeito ou ir de encontro aos anseios da população, especialmente no verão, quando a alta temperatura convida as pessoas a saírem de suas casas para refrescarem-se.

Em cidades como São Paulo, por exemplo nos calçados da avenida Paulista, os donos dos bares põem as mesas e as cadeiras nas vias, que ficam lotadas de pessoas que desejam "quebrar o gelo" do final da jornada de trabalho. Tudo é convite para um chopinho.

Estes espaços, por vezes, são transformados em espaços culturais com exposições fotográficas, lançamentos de livros etc. Estas situações são permitidas e até incentivadas.

1 Liberdade e cerceamento

Aparentemente, a rua é o lugar que se contrapõe ao espaço restritivo da empresa, que rompe com a organização *taylorista* do trabalho, que eliminou o prazer e o lúdico desta atividade e foi corroborada pela organização científica do trabalho, que desenvolveu estratégias para aumentar a produção pela disciplinalização dos corpos, sendo um exemplo dela a introdução das esteiras rolantes. O ritmo do corpo para realizar as atividades produtivas passou a ser determinado pelas "esteiras", pela linha de produção, pelos encarregados de

tinha, para atender às necessidades do mercado de consumo.

Essa organização de trabalho diferencia-se totalmente do trabalho artesanal onde o tempo era marcado pela necessidade do próprio artesão. Diferencia-se também pela ruptura que passa a existir entre a concepção e a execução de trabalho. O trabalhador não idealiza, concebe e dá forma ao produto. Ele passa a executar ordens de outras pessoas (chefias, encarregados etc), sobre o objeto que devem produzir, chegando a sentir-se desapropriado do seu conhecimento, da sua experiência. Desta forma, no espaço das fábricas cria-se todo um aparato para isolar e controlar o trabalhador no seu posto de trabalho. Neste espaço é "proibido" conversar, rir, brincar, pois dessa forma não há produção.

Aparentemente, o espaço da rua apresenta-se como antônimo desta organização, com possibilidades de escolhas, de alternativas que são criadas, exatamente porque a rua é um espaço onde cada um cuida de si.

Mas, a análise das entrevistas e dos dados de observação revelou o caráter paradoxal do uso da rua pelos trabalhadores, ou seja, a rua como sofrimento e prazer, liberdade e cerceamento. Todos os coletores afirmam este caráter libertário da rua, com diferentes justificativas. Para eles, trabalhar na rua significa ser livre - livre dos controles e pressões dos chefes imediatos na empresa; livre para fazer uma refeição em qualquer horário e até para não fazer - liberdade é sentida, vivenciada, em contraposição ao espaço restrito da empresa. Afirmam que as relações são estabelecidas a partir de outros critérios, normas, hierarquias, propiciando inclusive relações fundadas na cooperação, na ajuda e também, no "toma lá, dá cá", nas trocas.

A liberdade também é apontada em relação ao uso de seu próprio corpo a liberdade de movimentos está presente no correr, no pular, que até parece uma brincadeira, o que faz com que os outros considerem a atividade do coletivo como não séria, revelando a cisão entre trabalhar e brincar do senso comum. O trabalho realizado na rua expõe os significados de liberdade em relação ao tempo ou ao controle do tempo, que ocorre dentro da fábrica; liberdade em relação à presença das chefias; liberdade em relação ao controle do próprio; movimentos do corpo; liberdade para conhecer pessoas, o que vai contra o isolamento sentido pelos trabalhadores que estão dentro da empresa; e liberdade com relação ao próprio espaço físico na relação rua/empresa.

Assim,

"Trabalhar na rua, o lado bom, é você trabalhar livre, não tem ninguém para te encher o saco, né? Você, fazendo o seu serviço normal, pronto, mil maravilhas..."

No "trabalhar na rua" está implícita a ausência de um controle externo da empresa, tanto no que diz respeito à execução do trabalho (o que fazer e como fazer), como também com respeito ao ritmo da atividade, do tempo gasto para realizar a tarefa.

"Não é como o patrão que chega carregado e briga com a gente, dizendo que está tudo errado. A gente, faz o nosso serviço numa boa, sem pressa. O fiscal pode aparecer, desaparecer e às vezes, não dá tempo dele pegara gente no setor porque ele tem um monte de setores para percorrer. Mas a gente faz o serviço do mesmo jeito..."

Nas falas acima, a liberdade é vivenciada no paradoxo da presença e da ausência dos representantes da empresa; na ausência concreta do "chefe encarregado" e na possibilidade do surgimento inesperado do fiscal. A respeito das relações hierárquicas nos ambientes de trabalho, Dejours coloca que,

"O chefe da equipe e o contramestre utilizam freqüentemente repreensões e favoritismos para dividir os trabalhadores, de maneira que à ansiedade relativa à produtividade, acrescenta-se a ansiedade resultante do que chamáramos de `cara feia do chefe" (Dejours, 1987).

Trabalhar no espaço da rua implica na diversidade que esta proporciona em distrair-se, esquecer dos problemas para dar espaço a outras vivências; em relação ao "chefe", não prestar-lhe atenção quando chegasse ao trabalho "carregado", mal humorado ou de "cara feia".

Fininho é um exemplo típico do trabalhador que gosta de trabalhar ao ar livre, na rua. Pôde-se perceber o seu contentamento a esse respeito, pois ao dizer que "adora trabalhar na rua", sua expressão é de satisfação pura, acompanhada de um largo sorriso.

Para estes trabalhadores, existe uma intrigante relação entre a liberdade e os movimentos realizados pelo corpo.

"Na rua, eu já trabalhei em ambiente fechado. Tem bastante diferença. Por exemplo, na coleta você vai correndo, você faz o seu tempo. Eu acho que a vantagem de ser coletor é essa. Numa metalúrgica, você entra com o apito e só sai com o apito. O tempo passa rápido pra nós, coletores de lixo. Você

se distrai, você conhece uma pessoa procurando uma rua e não percebe que o tempo passou. Essa é a nossa vantagem”.

Para falar, expressar seus sentimentos e afetos relacionados à “liberdade” vivenciada no trabalho na rua, estes trabalhadores, quase sempre reportam-si ao trabalho realizado dentro de uma empresa, ou seja, com limites físico definidos; reportam-se também ao tempo, jornada de trabalho e ao seu controle (“*entra com o apito e só sai com o apito*”).

A liberdade também é sentida e vivenciada quando associada ao trabalho corrido: correr é liberdade.

“Eu já passei seis anos preso numa fábrica de sapato, eu ia ser encarregado mas eu desisti. Eu não agüento trabalhar preso em lugar nenhum. Eu adoro a liberdade da rua. Correr é liberdade. Por que você acha que os passarinhos gostam de viver e de voar? Quando eu estou na rua, eu vôo como um passarinho e não penso em mais nada”.

Este coletor resume em sua fala as noções de "prisão" dentro da fábrica em oposição à "liberdade" da rua; explicita ainda, a associação entre ausência de controle da empresa sobre o corpo e o correr como expressão de liberdade, reunindo a um só tempo a liberdade, os movimentos e a rua como expressão máxima positiva da sua atividade de trabalho.

A "liberdade da rua" aponta a diversidade de situações experimentadas pelo coletor. Para tal façanha, ele se descreve como "um homem de mil faces", o que pressupõe um "jogo de cintura", flexibilidade para lidar com a diversidade, a multiplicidade de situações e significações que só a rua pode suscitar. Ao mesmo tempo, este "homem de mil faces", que é um corredor, um maratonista, tem de "correr mental e emocionalmente" para captar, entender, compreender as situações mais imprevisíveis possíveis, as quais têm seu lugar reservado na rua, pois a rua é um espaço de enganos e de ausência de controle.

Mas nem tudo é "alegria" e "liberdade" na rua. Este espaço também apresenta aspectos negativos e assim, associados ao desconforto, ao desprazer e ao sofrimento, ao cerceamento e à humilhação.

Um aspecto negativo de trabalhar na rua, associado às péssimas condições de trabalho a que estão submetidos, diz respeito à ausência de uma estrutura mínima, tal como sanitários.

Segundo uma das *margaridas* que fazia parte dos encontros,

"...à medida que fica prendendo a urina. Eu mesma tenho esse problema, se me der vontade de ir ao banheiro, eu tenho que ir. Não que eu tenha aquele problema de ficar indo sempre, é que se eu não for, depois eu não consigo mais fazer xixi. Tem varredoras que não vão porque têm medo de ir e de o fiscal brigar: Agora, tem outro problema. É que nós mulheres não podemos, fazer xixi em qualquer lugar como os coletores fazem e nem sempre a gente tem banheiro pra usar".

Além da ausência de banheiros próprios para os trabalhadores da limpeza pública, a pressão das empresas e dos fiscais se faz presente, como obstáculos à satisfação das necessidades fisiológicas destes trabalhadores. Sabemos que

o ato freqüente de prender a urina pode, posteriormente, constituir-se em urna incontinência urinária, que somada ao processo de envelhecimento natural dos tecidos, tende a se agravar mais ainda.

A situação é no mínimo humilhante, pois algumas *margaridas* utilizam o saco de lixo para satisfazer suas necessidades. Segundo os trabalhadores, as *margaridas* principalmente, deveriam trabalhar próximas a urra alojamento ou ter um posto volante à sua disposição.

E conforme comenta Da Matta,

"... Nada pior para cada um de nós do que ser tratado como 'gente comum', como "Zé Povinho" sem eira nem beira... Fazemos uma equação reveladora entre o ninguém conhece ninguém, o ser de ninguém e estados sociais altamente liminares como a boemia, o carnaval e, evidentemente, a pré-criminalidade. Nada pior do que ter que fazer uma necessidade fisiológica na latrina pública..." (Da Matta, 1991).

Por outro lado, não ter tini banheiro para as suas necessidades possibilita aos coletores usar qualquer estabelecimento comercial, o mato, a própria rua, no momento que desejar. Observa-se que não é apenas o lixo que é reciclado. As situações adversas para estes trabalhadores, imprimem uma outra conotação, algo como "tirar o máximo proveito" até do negativo, em seu benefício.

Se por um lado estes trabalhadores conseguem "tirar o máximo de proveito das situações adversas", transformando-as em positivas, por outro, ao realizarem estas transformações na sua maneira própria de trabalhar em favor destas situações, não mudam a situação, permanecendo no mesmo estado.

As trocas efetuadas, como a necessidade do uso dos sanitários e a ausência de uma providência por parte das empresas, institui um processo de inclusão pela exclusão, o qual pode ocasionar uma sensação imediata, aos trabalha dores, de estarem mudando a situação, quando aceitam lavar os sanitários para usá-los. Na verdade, a empresa não toma conhecimento dessas condições e a prática da lavagem dos sanitários continua instituindo-se como uma troca informal. Desta forma, o que deveria ser seu por direito, o é em função de sua disponibilidade em "negociar", o que implica na existência de um jogo de cintura de sua parte por um lado e, por outro, o sobrecarrega mais ainda de trabalho pesado e sujo.

Pode-se concluir, pelas falas dos coletores, as associações por eles estabelecidas entre o prazer e a natureza do seu trabalho, com todas as suas características que o desempenho de sua atividade, ao ar livre, na rua, distante de suas chefias imediatas, representantes imediatos dos patrões, proporciona uma grande sensação de liberdade. A liberdade de ir e vir, sem controles e pressões, *"sem ninguém me vigiando, podendo ir ao banheiro a hora que eu quiser"*, podendo imprimir o ritmo que desejar ao trabalho.

Porém, é aqui que reside mais um paradoxo que nem eles próprios têm consciência. Eles não impõem o ritmo desejado, o ritmo não foi definido automaticamente pelo grupo, mas pela produção.

Estar trabalhando na rua e a sensação de liberdade que vivenciam, por estar longe dos "olhos" da empresa, é ilusória; ao invés de prazer e alegria, gera tristeza e sofrimento.

Concomitantemente, exercer uma atividade profissional no espaço público da rua, distanciado da empresa, implica em manter num certo espaço mental, a "lembrança" deste vínculo empregatício e ao mesmo tempo, apagar esta "lembrança" para o que surge no espaço da rua.

Esta fala mobilizou grande parte do grupo e um dos trabalhadores dá um depoimento que podemos considerar como sendo o protagonista naquele encontro, onde a temática central é a liberdade, o ir e vir, o controle e a hierarquia na empresa, bem como as formas de controle.

"O cara quer crescer dentro da empresa, me explorar, .subir. Isso não pode acontecer. Nós não estamos no tempo dos escravos. Nós estamos em um país livre onde a gente pode conseguir coisa melhor sem ser explorado. Nesse serviço a gente tem que estar livre, sem ninguém rondando a gente. Você coletando lixo na rua, você tá livre. Passa um de carro, passa uma pessoa vendo a gente trabalhando. Eu acho que é um

serviço que devier ser mais valorizado pois esse trabalho que a gente faz é no mínimo, digno. Isso é um serviço limpo. É um trabalho de limpeza do nosso país. Trabalhar na rua é ruim porque se suja, mas você não vê o tempo passar. A pior coisa do mundo é trabalhar em um lugar onde o cara fica te explorando. Você fica com raiva, nervoso. Você fica com vontade de chorar porque está sendo explorado pelo próprio fiscal. Um homem desse não é um fiscal, é um palhaço por querer fazer um negócio desse com o próprio trabalhador".

Através desta fala, observa-se as contradições existentes nesta atividade, expressando-se através das posições: liberdade x exploração; trabalhar na rua x sujeira; trabalhar no lixo x dignidade. Seus sentimentos, afetos e emoções resvalam para o lado negativo, para a exposição do conflito entre o trabalhador coletor de lixo e o cidadão, como se as duas condições implicassem em situações diferenciadas, que ele tenta reunir.

"Trabalhar na rua" implica, também, em "pegar" a sujeira da cidade, mas, por outro lado, é nesta função, que se expressa o sentimento de patriotismo ("limpeza do nosso país").

"Todo mundo quer ser político, quer ganhar dinheiro, viver bem e não lembra que nós é que fazemos o serviço sujo, nós é que carregamos o país nas costas".

Estes trabalhadores parecem sentir-se heróis, combatentes, soldados de guerra. Esta guerra, apesar de ter seu espaço na rua, na verdade é travada, na maior parte do tempo, contra a exploração, contra a imagem da empresa que massifica, controla, limita e não respeita o cidadão trabalhador.

Além do olhar a vigilância da empresa se revela de múltiplas formas: além do olhar do fiscal, existe, também, o olhar dos próprios coletores da equipe que imprime um ritmo acelerado para saírem mais cedo do trabalho.

Estes trabalhadores são "vigiados" por si próprios, através da equipe de trabalho, que tem introjetados os padrões da empresa e pela população dos setores onde atuam, pois esta pode fazer reclamações a qualquer momento. São observados a todo momento, visíveis e ao mesmo tempo invisíveis, como se existisse uma barreira entre estes e a população.

A respeito desta problemática da visibilidade, da vigilância e do controle, Foucault em "*Microfísica do poder*", ao analisar o "panopticon de Bentham", assim se expressa:

“Eu diria que Bentham é o complemento de Rousseau. Na verdade, qual é o sonho rousseauiano presente em tantos revolucionários? O de um sociedade transparente, ao mesmo tempo visível e legível em cada uma de suas partes; que não haja mais nelas zonas obscuras, zonas relegadas pelos privilégios do poder real, pelas prerrogativas de tal ou tal corpo ou pela desordem; que cada um, do lugar que ocupa. Possa ver o conjunto da sociedade; que os corações se comuniquem uns com os outros, que os olhares não encontrem mais obstáculos, que a opinião reine, a cada um sobre cada um... Bentham é ao mesmo tempo isto e ao contrário. Ele coloca o problema da visibilidade, mas pensando em uma visibilidade organizada inteiramente em torno de um olhar dominador e vigilante. Ele faz funcionar o projeto de uma visibilidade universal, que agiria em proveito de um poder rigoroso e meticuloso. Sendo assim, articula-se a idéia técnica do exercício de um poder ómnividente’, que é a obsessão de Bentham; os dois se complementam e o todo funciona: o lirismo de Rousseau e a obsessão de Bentham” (Foucault, 1979).

O *panopticon* inclui na sua essência, a idéia de que, cada pessoa torna-se um vigia do outro e de si. Comentando, ainda, sobre as formas de controle e vigilância, Foucault acrescenta:

“Seu problema não era fazer com que as pessoas fossem punidas, mas que nem pudessem agir mal, de tanto que se sentiriam mergulhadas, imersas em um campo de visibilidade total em que a opinião dos outros, o olhar dos outros, o discurso dos outros o impediria de fazer o mal ou o nocivo... Sem necessitar de armar, violências físicas, coações materiais. Apenas um olhar. Um olhar que vigia e que cada um, sentindo-se pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá esta vigilância sobre e contra si mesmo” (Foucault, 1979).

A conclusão que retiramos é que a rua, como espaço de realização do trabalho, é contraditória. Permite mobilidade de relações e criação organizativa, mas, ao mesmo tempo, cerceia e subalterniza.

Para se entender a multidimensionalidade do significado do trabalho

na rua é preciso considerar os demais elementos que o compõe: ***o outro, o trabalho em movimento e diversão e risco.***

2 O outro: o pessoal da rua

Exercer atividades profissionais no espaço público da rua exige, segundo os próprios coletores

"... muito jogo de cintura para lidar com as pessoas, se não você dança ou então muda de setor.."

Ter "*muito jogo de cintura*"* implica na possibilidade de lidar, em breves períodos de tempo, tanto com a dona de casa que está com o lixo atrasado; com os "bandidos" da região, cujas regras têm de ser respeitadas; tanto como com as crianças que, "iluminam" o percurso do coletor de lixo com o seu sorriso, com os companheiros.

2.1 A população

Uma vantagem da atividade realizada na rua, para os coletores é o contato com a população, ressaltando assim, uma das características da rua apontada pelos estudiosos: é local de encontros, um lugar para ver e para ser visto e para se encontrar com pessoas no geral ou com alguém em particular. Assim,

"Com o pessoal da rua mesmo, você passa em uma casa, pega lixo, Pega amizade com aquele pessoal. Você chega já arruma água pra gente, trata bem, que nem eu passo na rua Jordânia, que só dá bandido. Mas o caminhão de lixo passava, os caras davam licença pra gente. Aí, o caminhão passava pois com essa turma ninguém mexe. A gente se sentia protegido, com a consideração que eles tinham com agente. Porque se você arrumar confusão qualquer rolo que .surgir; eles apoiam ".

A oportunidade de conhecer pessoas, fazer amizades, estabelecer trocas e favores com a comunidade e o pessoal no trânsito, bem como de se sentir respeitado pelos "marginais", pelo "pessoal barra pesada", os faz senti

* Segundo Caillois (1967), seguindo sua classificação dos jogos, "o jogo de cintura" é um deles, sendo definido como "um estilo, jeito, características originais que se distinguem dos outros; combina idéias de limites, de liberdade e de invenção".

rem-se "orgulhosos" e "respeitados", assim como importantes, a ponto de por eles serem protegidos.

Outro aspecto positivo no contato com a população é a relação com as donas de casa. Quando questionados sobre o contato com estas pessoas, assim responderam:

"Tem gente boa, tens gente ruim. Você sabe elite no mundo tem de tardo. A gente logo vê. Às vezes, você chega na casa de uma tia, você tá morrendo de sede, isso já aconteceu com a gente. A gente pediu água, ela falou que não tinha, nem da mangueira ela quis dar pra gente. Já na outra vizinha, ela pegou água gelada e deu pra gente, água mineral ainda. Ela disse que a gente não tomasse da mangueira porque não prestava".

Alguns dos coletores dessa equipe trabalham no mesmo setor, há mais de uma ano e, segundo eles, isso facilita o seu trabalho, por conhecerem as pessoas e a região*.

As relações entre os coletores de lixo e os moradores passam, também, pelo critério da cooperação, da ajuda mútua e da troca de favores. As relações de troca parecem ultrapassar o significado do "agrado", dado com uma "caixinha" ou com uma bebida alcoólica. Vejamos esta fala de um coletor:

"Nós não somos obrigados a bater tambor. A gente faz porque quer. Tem lugar aí que o povo dá uma caixinha pra gente, já dá pra tomar um café, um refrigerante. Então, a pessoa é boa, é decente com a gente, não é aquela pessoa ruim e quando é assim, a gente não bate o tambor, mesmo que tenha uma pinga. Eles vê o lado (a gente e a gente vê o lado deles, se eles são bons, a gente retribui também".

Nesta fala surgem vários aspectos interessantes. Um deles está relacionado ao fato do coletor "agradar algumas pessoas da comunidade". O que antes parecia ser feito apenas do lado da população, surge agora sendo realizado pelos coletores de lixo, restabelecendo de alguma forma o seu "poder de barganha mostrando assim que são necessários à comunidade o outro aspecto está relacionado com o "ser decente", o que parece implicar em respeito, autoestima e possibilidade de escolha.

Sobre este último aspecto, Da Matta, aponta sua relação com o espaço da rua. Vejamos sua fala:

O coletor só é transferido de setor ou de equipe se ocorrer algum tipo de incidente. Estes incidentes podem ser um desentendimento com a população ou excesso de consumo de bebidas alcoólicas.

"Na casa, temos associações regidas e formadas pelo parentesco e relações de sangue; na rua, as relações têm um caráter indelével de escolha, ou implicam essa possibilidade... na rua é preciso muitas vezes algum esforço para se localizar e descobrir essas hierarquias, fundamentadas que estão em outros eixos... Na rua é preciso estar atento para não violar hierarquias não sabidas ou não percebidas. E para escapar do cerco daqueles que nos querem iludir e submeter, pois a regra básica do universo da rua é o engano, a decepção, a malandragem, essa arte brasileira de usar o ambíguo como instrumento de vida"
(Da Matta, 1990).

Através da fala seguinte, pode-se observar como estes trabalhadores estabelecem as hierarquias citadas por Da Matta e como as fundamentam:

"Quando a gente chega naquele bar ali, a gente já vai lá atrás buscar os tambores dele e depois a gente toma um refrigerante come um salgadinho... É o reconhecimento dele. Tem gente aí que acha que a gente tem obrigação de pegar, já esse daí conosco, já está ferrado. A gente fala pra eles que eles tem que deixar o tambor do lado de fora pra gente pegar; ou fala pra cortar o tambor pelo meio ou ainda pra colocar uma alça pra facilitar mas a gente não vai lá dentro do estabelecimento dele para pegar o tambor como a gente faz com os outros".

A relação de ajuda e a cooperação entre coletores e população passa, primeiramente, segundo os entrevistados, por uma relação de respeito, de reconhecimento da importância e da necessidade de seu trabalho. O respeito é a base da reciprocidade e da troca. Desta forma, o coletor de lixo se impõe e impõe à população a importância da sua atividade.

"Ha mulheres na rua que não vêem o valor do seu trabalho. Você trabalha, pega o lixo delas, às vezes elas põem um saquinho fraco e aquele saco de lixo já rasgou ali. Se fica um pouco de lixo, qualquer coisa, motorista não quer esperar. Mas ela não quer entender aquilo, ela acha que a culpa é nossa. Aí já começa a xingar. Você pega uma lata, quando você pega, a lata está caindo o fundo, você pega, joga pra

dentro do caminhão, você vai devolver a lata sem fundo, .sem nada. Mas aí a mulher liga aqui e fala - Olha, o gari, o lixeiro - elas tratam de qualquer jeito - passou aqui - lixeiro, elas não tratam de gari, elas falam lixeiro - O lixeiro passou e jogou a minha lata novinha pra dentro do caminhão. Aí, quer dizer, quando você chega, o fiscal chama lá, agente vai conversar até com o chefe - por que é que você pegou a lata novinha da mulher, e jogou pra dentro? Aí, ele já dá um dia de gancho Quando chega no fim do mês, no fim das contas você perde metade do seu salário".

A expressão "dia de gancho", muito usada pelos coletores de lixo, refere-se a suspensão como uma punição, por quaisquer atos considerados como irregularidades ou corno se tivessem sido violadas as normas e o regulamento interno da empresa. Neste caso, uma das regras mais rígidas da empresa diz respeito ao não molestamento dos transeuntes, tendo os coletores e varredores de tornar o maior cuidado possível para não esbarrar ou, até mesmo, tocar nestas pessoas. De acordo com o Regulamento Interno de Trabalho das empresas, os

"garis devem usar o máximo de respeito para com o público; o funcionário deverá manter junto ao público cortesia e respeito".

Quando estes trabalhadores se recusam a "bater os tambores" destas pessoas, elas ameaçam ligar para a empresa e fazer reclamações. Os coletores costumam dizer que "não são obrigados a bater os tambores" e nestes casos apoiam-se nas normas e regulamentos da empresa que os proíbe de fazer isto, para desta maneira não pegar o tambor daqueles que não "os reconhecem como importantes" e, portanto, não estabelecem trocas. Dessa forma, aquele mesmo regulamento que tantas vezes, é burlado, infringido, neste momento, tem o papel de fazer valer a sua presença e importância para a comunidade. Deixa-se o espaço do informal para buscar garantias no formal para propiciar valor social, conforme demonstra a seguinte fala:

"Com as pessoas que são decentes, a gente pega e bate o tambor. Colabora com a gente, a gente colabora com eles também. Agora, tem muitos que já não presta. É igualmente essas donas de casa. Tem mulher que você pede um copo de

água ge lado, celas não dão Você chega ali, a outra mulher dá até um litro inteiro de água mineral pra gente. Então, cessa daí já reconheceu e já aquela outra pessoa pensa que ã gente é escravo. Se você pega um tambor de 60 quilos, você pode dar um jeito na coluna, você tá se arriscando. Se ã gente, for correr o vai ser por nós mesmos, porque a firma não reconhece uma dor na coluna se ela apareceu quando a gente taxa batendo um tambor".

Observem, pois, que estes trabalhadores estabelecem a relação entre o peso carregado dos tambores e o risco de um problema de saúde nesta situação. Mas parece que vale a pena correr o risco, se há o retorno do reconhecimento pela população através de "agrados e favores".

"Afinal, a gente vai bater um tambor de um cara que não dá valor pra gente ? Se você não der valor pra gente, a gente vai dar valor pra você?! Quando eles pensam que a gente é obrigado a bater o tambor deles, eles estão desvalorizando a gente ".

Nesta direção, os coletores comentam sobre as fotografias tiradas dentro da garagem e durante o seu trabalho, pois

"Nunca ninguém fez isso com a gente, isso é bom pra nós, pra gente poder mostrar o nosso trabalho. Nunca ninguém se interessou por nós, a gente se sente reconhecido e estamos retribuindo contando os nossos casos, as histórias da gente na rua".

"Ser reconhecido", "dar valor pra gente", são expressões chaves para estes trabalhadores e designam afetos e ações. A possibilidade de serem vistos através de uma fotografia os motiva e faz com que sintam "orgulho" de fazer o que fazem.

O que estes trabalhadores chamam de "respeito", de "ser decente", de "reconhecimento" é mais uma forma de expressão da inclusão pela exclusão. "Bater o tambor", "bater lata" quando não precisavam fazê-lo e em troca receber uma "caixinha", um lanche, é uma forma de agradar estes coletores. No entanto, este "agrado" e a sua satisfação são imediatos, nada trazendo de concreto para um bem estar duradouro. A "caixinha" é pequena e ainda tem que

ser dividida entre a equipe. Se o "bater lata" e o "bater tambor" fossem realizados por outras pessoas, a população, com certeza, teria de pagar um valor muito maior que um simples "agrado". Desta forma, o ser reconhecido é um processo perverso que diz ao trabalhador que ele é importante, mas que não pode receber o valor merecido pelo seu trabalho. É ambíguo porque diz que ele pode obter outros ganhos e ao mesmo tempo que não pode sair do lugar que ocupa. Mas a rua é lugar do outro perigoso, que ameaça e discrimina. Um coletor de lixo aponta o perigo do outro:

“pois quando eu passava nessa rua Jordânia, sempre a polícia está lá. Aí, vou passando, quando vou abaixando pra pegar duas latas, a Rota vinha atrás de num, parou bem pertinho de mim, já abriu as quatro portas - 'Põe a mão na cabeça'. Eu disse – eu? 'Não, você, não'. O cara já saiu correndo e em uma casa um monte de caras juntos fumando. Pra você ver; como é perigosa a rua ”.

Sobre este aspecto Da Matta coloca

“que na rua devem viver os malandros, os meliantes, os pilantras e os marginais em geral... Do mesmo modo, a rua é local de indesejável l individualização, de luta e de malandragem. Zona onde cada um deve zelar por si, enquanto Deus olha por todos...” (Da Matta, 1991).

Mas não são apenas os riscos citados que se constituem em sofrimento e tristeza pra este trabalhador da limpeza urbana. A discriminação, por parte da população, é uma fonte forte de sentimentos e emoções desprazerosas.

Associadas ao tipo de trabalho que executam e ao produto com o qual lidam, está relacionada a atitude da comunidade, da população que, muitas vezes, discrimina este trabalhador de várias formas. Esta discriminação, colocando-os à margem, magoa e entristece, como pode ser observado nesta fala:

“A discriminação pelo fato de nós trabalharmos neste tipo de serviço está estampada no rosto de cada um, mas eu não olho por esse lado. Se eu passar e o cara tapar o nariz. ou cuspir, aquilo não está me dizendo nada ”.

O coletor, muitas vezes é confundido pela população com o lixo com

o qual trabalha e isto não passa despercebido destes trabalhadores. Um deles aponta esta questão muito claramente em sua fala.

“Muita gente chama a gente de lixeiro. Eu não sou lixeiro, lixeiro é quem faz o lixo. Nós somos coletores. Nós coletamos o lixo e conhecemos a sujeira da cidade. A gente sabe o tipo de lixo de cada setor. Tem setores que tem mais lata, outros tem mais papel, outros tem mais garrafa e assim vai... A discriminação por parte das pessoas, o cheiro do lixo, tudo isso, a gente vai deixando no lixo”.

Apesar de pouco falada, a questão do trânsito, quando apontada, revelou uma faceta intimamente relacionada com o estigma imputado a estes trabalhadores, revelando, dessa forma, um aspecto da representação social da comunidade, que os marginaliza em função do tipo de trabalho que executam:

“Agora, eu estou na coleta, mas eu estava na varrição da 23 de maio, o cara veio com o carro, eu estava trabalhando e ele nem aí, Passou por cima da minha vassoura, me deu vontade de pegar o cabo da vassoura e quebrar por cima do carro dele”.
“No caso, eu sou coletor à noite. O povo está vendo os garis atravessando de uma rua pra outra. Eles não tem, assim, uma consideração... Um lixeiro, está fazendo uma limpeza na cidade que serve pra população, pra todo mundo, pra nós mesmos. A consideração é assim: o lixeiro está passando com o saco de lixo, ele está vindo com o carro, ele não tem a consideração de esperar um segundo pro cara passar, se você não sair eles jogam o carro por cima”.
“A semana passada inclusive, um Escort passou o pneu por cima do meu pé, eu coletando na avenida, lá na São João, o retrovisor pegou na minha mão; a hora que eu peguei o tambor de lixo, que eu vou virando, o carro breca em cima de mim, o pneu da frente passou por cima da ponta do sapato, que rasgou o sapato. Era uma mulher dirigindo, ela não parou pra saber se eu estava bem ou não. Ela engatou a primeira no carro e se mandou”.

Estas situações são enfrentadas pelo coletor no seu dia-a-dia, seu cotidiano, não apenas no período noturno.

2.2 Os companheiros

(Este tópico será mais desenvolvido no item *Organização de trabalho: equipe*)

Ao relatarem os perigos, os malandros, meliantes e pilantras das ruas, os coletores colocam o porquê da importância de uma equipe unida e nisto subentende-se uma equipe fixa, onde todos os membros da equipe já conhecem o trajeto, a área e os perigos daquela região, bem como as pessoas que ali circulam, pois não obedecer às regras da rua é se expor ao risco de ser assassinado.

“A gente trabalhava num setor aqui, em cima da Radial, no Viaduto Aricanduva, ali embaixo é só bandido, né? E tinha um novato que mexeu com a dona de um bandido e os cara – Opa, esse cara aí, eu vou matar, eu vou apagar. Aí, como eu conhecia os bandidos, eu falei – Não, o cara é novato. Aí, fiz a cabeça deles porque senão iam matara o cara. Eu falei pro coletor – Você vai ter que mudar de setor porque você arrumou confusão, foi mexer com a mulher do cara. Depois, eles chegaram e falaram – Oh baixinho, você é considerado aqui, o que você pedir pra nós, ta em casa. Você trata a gente bem, sabe trabalhar com a gente. O serviço da gente na rua é isso aí: procurar fazer amizade com o pior elemento que tiver e não desfazer do cara. Você tem que fazer amizade com a turma na rua tanto com o lado bom como com o lado ruim”.

Estas situações são encontradas com uma certa frequência pelos trabalhadores, sendo geradora de ansiedade, desconforto e medo. O medo de perder a própria vida, em função de um colega da equipe que não conhece o povo da rua e suas regras.

Assim como existem pessoas boas, existem também perigosos e preconceituosos. Uma das falas aponta o processo de generalização da categoria por um comportamento particular.

“O que acontece é que por causa de um ou outro colega de trabalho, a gente tem que passar por isso. Se você entra no bar pra comprar alguma coisa, o cara que atende dá as costas e vai fazer de conta que está ocupado pra não atender a gente. Mas não são todos que agem assim. Tem uns que são legais e tratam a gente normal, como todo mundo. É como se fosse um racismo, discriminação é como o racismo”.

Esta fala resume, de certa forma, as contradições do tratamento dispensado aos trabalhadores por parte da população, bem como explicita a ambigüidade vivenciada e sentida pelos coletores de lixo, tanto a sua posição de "ser respeitado", como também a sua sensação de ser e de sentir-se humilhado, rejeitado ou excluído.

2.3 As crianças

A relação entre a criança e o coletor é sempre agradável. Talvez esta relação se dê em função da criança ainda não ter desenvolvido o preconceito sobre este trabalhador.

A presença da criança nas ruas os faz rememorar a infância, bem como traz lembranças dos seus próprios filhos. Enfim, remete à pureza de seus filhos e à sua própria. E nesta alegria, eles conseguem encarar, enfrentar com bom humor todo o lixo que têm à sua frente.

A criança pode funcionar, também, como uma injeção de ânimo para os coletores de lixo. Ao brincar os coletores transformam-se nos atletas do lixo e são, também, as crianças que incentivam todo o seu percurso. O troféu é um sorriso puro e no sorriso puro, a esperança de que no futuro consigam limpar toda a sujeira que cerca as suas vidas.

A relação estabelecida entre os coletores e as crianças é algo, no mínimo, curioso e intrigante. Existem trechos da coleta de lixo de um setor que são marcados pela presença das crianças, em determinadas ruas e segundo estes trabalhadores,

"Eles trazem os sacos de lixo e entregam na mão da gente. E é uma gritaria, chamam u gente de tio. Elas acham bonito. Só as crianças mesmo que fazem festa pra gente e ti gente entrega as latas na mão delas. Isso com criança, né. Afinal é criança e merece".

As crianças parecem ter, entre os coletores, um espaço afetivo reservado. Talvez isto se relacione ao próprio conteúdo lúdico da tarefa, levando a uma identificação pelas crianças das brincadeiras infantis como o "pique" por parte dos coletores. Por outro lado, a criança representa o belo, o puro, o sublime, em contraposição ao lixo, ao feio, ao sujo, ao podre.

2.4 As paqueras/os flertes

Outro tipo de situação muito freqüente no contato com a população do setor onde se efetua a coleta, são as paqueras, os flertes e as namoradas.

Os coletores têm a fama de paqueradores, beirando mesmo o estereótipo da virilidade, tanto que os diretores sindicais costumam dizer que,

“O coletor de lixo tem uma mulher em cada rua”.

Como dissemos anteriormente, a rua é um lugar de encontros e de contemplação.

“Em cada ponto, ele tem uma namorada. No outro setor não dá porque é só firma e cada um de nós, tem uma paquera, uma moça bonita esperando a gente passar. Quando está fazendo muito calor, elas esperam a gente com água pra gente beber e aí, a gente conversa um pouco”.

Segundo Camargo

“Andar pelas ruas é uma oportunidade de ver e de ser visto, de ver paisagens naturais e construções humanas, de observar as pessoas em geral ou de encontrar-se com algumas pessoa em particular” (Camargo, 1989).

Foram vários os casos contados, nas entrevistas, sobre a cobertura dada pelos colegas da equipe para que um dos coletores pudesse ir namorar. Por exemplo: enquanto um deles namora na feira, local da coleta, os outros fazem a distribuição da tarefa de coleta de lixo da feira, arcando com a sobrecarga de trabalho.

Aqui vale retomar as reflexões já feitas para acentuar que as condições de trabalho dessa categoria, especialmente a flexibilidade e o contato com a população, fazem com que estes trabalhadores transformem uma situação penosa em uma situação prazerosa, prenhe de afeto. Este afeto se mostra na relação com a “*moça bonita*”, na paquera, na camaradagem, na relação de ajuda. Outro fator relacionado ao trabalho que facilita este tipo de situação é o de realizar a coleta em um determinado setor, durante um certo período de tempo, o que lhe permite conhecer pessoas e estabelecer relações afetivas, conforme se vê no relato a seguir:

“A história de uma namoradinha. Eu tive uma namoradinha, eu comecei a namorar ela na coleta. Eu sei que isso está errado e eu já era casado... Eu conheci ela na rua. A gente traba-

lhava na rua e ela trabalhava numa avícola, era empregada de um homem lá. Aí, começou, que eu nunca falei que era casado. Ela perguntava pra mim se eu era casado, mas eu não falei. Acho que ela percebeu, né? Então, uma vez, a irmã dela entrou na conversa e falou que eu era solteiro, que tinha acabado de chegar do norte e a irmã dela me ameaçava, dizendo que se descobrisse que eu era casado, ia me matar. A garota tinha quinze anos e eu com vinte e oito já. Tudo começou porque ela mandava recadinho e aí eu cheguei junto mesmo. Enquanto os caras estavam coletando a feira, eu estava lá conversando com ela. Os caras me dava cobertura. Nessa brincadeira, com essa namoradinha, a gente namorou uns três, quatro meses. Eu largava a feira, o pessoal ficava tudo de olho pra quando tivesse qualquer problema me avisar”.

De uma certa forma para estes trabalhadores a rua já tem códigos da intimidade, ou por eles foram trazidos para este espaço, pois conseguem estabelecer algumas relações afetivas, como é o caso das namoradas.

Este coletor de lixo conta “seus casos”, como ele mesmo chama, de uma maneira muito engraçada, fazendo todos rirem, talvez até de sua ingenuidade e uma certa infantilidade no seu modo de falar.

“Estava coletando, e passou uma mulher e eu falei – Isso é que é mulher, não aquela sardinha que eu tenho em casa – quer dizer, eu falei isso daí, como uma brincadeira, não quis desfazer da minha mulher. Aí o meu irmão conta pra minha mulher. Então, nós estávamos conversando, à noite e ele falou – Fala agora pra comadre que ela é uma sardinha. Aí, de noite nós estávamos deitados, eu fui fazer um carinho nela e ela falou – Não. Vai atrás da mulher da rua. Eu não sou uma sardinha?!”

Tem um outro aspecto da rua que é importante ressaltar aqui. Em função de ser um espaço de exposição e de encontros, as pessoas preparam-se, vestem-se adequadamente, tentando passar uma idéia de asseio e de higiene, com o objetivo de mostrar o que há de bonito, mas também o aparente. No século XIX, as roupas ganharam um espaço importante na discussão da visibilidade/invisibilidade: a aparência passa a ter um papel fundamental.

“Vestir-se de maneira sofisticada... significava aprender como abaixar o tom de sua aparência e como passar despercebido... Dada à convulsão das condições materiais, as pessoas desejavam se proteger, misturando-se à multidão... Havia alienação porque o homem não mais expressava a sua individualidade através da sua aparência, e assim por diante” (Sennett, 1988).

Onde já se viu ir à padaria para comprar pão de pijamas? E este é o conflito expresso na fala do coletor abaixo, que não está de pijamas, mas suado, com a roupa de gari, “*com tudo*”:

“A namoradinha estudava, muitas vezes dizia que ia pra escola e ia me encontrar lá onde eu estava trabalhando. Quer dizer, você com a roupa de gari, com tudo, né?! Você se sente até um rei. Eu me sentia todo orgulhoso, afinal era uma menina de quinze anos. Só que ficava com medo. Sei lá, eu casado, com vinte e oito anos, essa menina com quinze, sei lá... Eu não podia ir longe demais, se não depois, eu poderia ir parar na cadeia até, ela era de menor. Aí depois, eu saí do setor e não vi mais ela. Acabou a mordomia”.

Na experiência com a namorada, outra vez, a ambigüidade do trabalho na rua: a possibilidade do namoro, a vergonha da ocupação, de estar suado, do seu próprio preconceito e, ao mesmo tempo, a alegria e a satisfação por ter sido descoberto o ser humano, o cidadão, o homem, o macho que existe por trás do lixo.

Neste sentido, Sennett apontou que através da aparência pode-se diferenciar uma classe social da outra. Este tipo de situação estende-se também aos locais de trabalho.

“... quando o jovem (iniciante) vai a uma fábrica, não consegue ler o nível de vários operários, embora o seu amigo o consiga imediatamente. Em outras palavras, essa roupa bem que fala socialmente...” (Sennett, 1988)

Ser coletor de lixo implica em se construir no confronto entre o reconhecimento e a discriminação, a liberdade de movimentos e a escravização à velocidade, o sofrimento e o riso, a desordem e a ordem, a sujeira e a

higiene, a feiúra e a beleza. É como se, a cada metro coletado imbricassem o sujo e o limpo, os maus tratos e as boas atitudes da população. Ser coletor, nessa perspectiva, é deixar para trás, no próprio lixo, os maus tratos e a discriminação da população; é ter um jogo de cintura que os permita transitar entre malandros, bandidos, mocinhos e mocinhas, ao mesmo tempo com brincadeira e seriedade.

2.5 As "caixinhas": a esperança de um bom Natal

As "*caixinhas*" ou "*festas*" são expressões usadas pelos coletores de lixo para designar uma gorjeta que é dada pela população em função de serviços especiais, favores prestados pelos coletores à população. Estas gorjetas, em geral, são de maior valor ou a maior parte da população a concede na época das festas natalinas.

Esses serviços especiais são realizados quando os objetos que são jogados fora pela comunidade precisam ser removidos das ruas e que podem ser reaproveitados ou não pelos coletores. De qualquer forma, os coletores recebem um "agrado", por estar retirando o que é considerado inútil. Em geral, são objetos pesados e grande como um colchão, um equipamento de som, entre outros, que as pessoas não sabem como se desfazer ou onde deixar. Desta forma, os coletores de lixo recebem uma "caixinha" e ainda podem, se o objeto estiver em estado aproveitável, pegá-lo para si.

Segundo os coletores de lixo,

"O que mais segura o gari no coleta de lixo é a caixinha, no final de ano, porque o resto é só lixo, só tristeza".

Assim como, existem casos de trabalhadores que entram para o serviço de coleta da empresa para fazer

"Um bico e pegar a caixinha e depois disso ir embora".

Nestes casos, parece-me que não há uma identificação da categoria com a profissão. Mas existem outros casos, como o que está narrado a seguir:

"Tem cara que paga aquela caixinha e daquele mês de dezembro até janeiro, ele não volta pra trabalhar. Ele vai gastar aquele dinheiro primeiro, vai fazer farra com os amigos e depois que ele gasta aquele dinheiro, ele volta pro serviço de novo".

Este fenômeno explica a alta rotatividade de trabalhadores na categoria, especialmente nos meses de janeiro e fevereiro. Durante este período, muito trabalhadores demitem-se do trabalho para visitar seus parentes, descansar e até para "fazer farras".

A "caixinha" é um dos pontos altos da coleta de lixo e só acontece em função do contato com a população do setor onde trabalham. As "caixinhas" se estabelecem como uma troca, sendo que, além da conotação de pagamento, está embutido nesta troca, o reconhecimento do trabalho do coletor de lixo e sua valorização.

Mas para se obter uma "caixinha", é realizado um verdadeiro ritual, o que se inicia logo após as festas de final de ano, com uma preparação da população.

A seguir será descrito um cios momentos considerados mais importantes para os coletores, o final de ano e por conseguinte, "as caixinhas". É interessante porque, segundo a descrição do coletor há um ritual neste processo, o que envolve uma preparação (compra de cartões de Natal, a entrega para a população, nas casas) e um planejamento para atingir o resultado esperado (entregar os cartões no início do mês e recolhê-los, tudo com uma data certa).

"Pra falar a verdade, o que eu mais achava melhor; era quando chegava o fim do ano por causa da caixinha. Quando chega o mês de novembro pra dezembro, o Ivair já sabe conto é que é, a gente compra uns cartõezinhos uns santinhos, dizendo - Os coletores dessa rua desejam feliz Natal... Aí, você vai sair e quando chega o começo de dezembro, você sai distribuindo, de cacca em casa e quando e lá pra o dia 15 ou 18, a gente conheça, passando na rua e vai pedindo caixinha - Olha a caixinha pro lixeiro".

Vale acrescentar que estas "caixinhas" recebidas são entregues ao motorista. líder da equipe, e depois divididas equitativamente entre os membros, incluindo, por vezes, o próprio fiscal ligado àquela equipe de trabalho. Os coletores ressaltam, mais uma vez, a necessidade de uma equipe unida, boa de trabalho e de confiança, principalmente o motorista, que é quem "*toma conta do dinheiro ganho*". O motivo para este ponto do trabalho ser considerado especialmente bom é que estas "caixinhas" equivalem a dois ou três salários a mais para os coletores de lixo.

Segundo suas informações, as "caixinhas" não acontecem apenas no Natal. Acontecem em todas as festas do ano: Páscoa, carnaval, festa

junina, sendo que as "caixinhas" mais "gordas são as do Natal".

Os coletores "preparam" a população, a dona de casa etc., durante a sua atividade de trabalho, ocasião na qual recolhem todo o lixo, no final do ano. Ao mesmo tempo, a coleta assume outro caráter, que é o de recolher não mais as sobras, pois o dinheiro ganho das "caixinhas", ou mesmo a possibilidade de receber este dinheiro da população, representa a possibilidade de ter de volta o investimento pessoal que fez, a possibilidade de comprar um fogão novo ou um carro, e até, talvez o mais importante, a possibilidade de reconhecimento do seu trabalho pela população, sem a interferência da empresa, estabelecendo-se ao receber as "caixinhas" o ato final da troca entre coletores de lixo e comunidade do setor no qual trabalha.

A preparação do setor inclui desde pegar o saco de lixo da "tia que está atrasada", até brincar com as crianças das ruas e avisar a esta comunidade que o dia está chegando:

"Prepara a caixinha, tia. Você pega uma lata aqui, bate ela, e deixa ela lá na frente, isso no meio do ano. Aí quando vai chegando setembro, outubro, você vai pondo a lata mais perto da casa é quando tá faltando quinze dias, um mês pra o Natal, você deixa na porta".

Neste jogo, os coletores dizem que o contato com as pessoas é fundamental pra desenvolver o seu trabalho e, também, para obter ganhos.

"Você trabalhei ruim setor uru ano inteiro, você conhece as pessoas, você sabe quem é bom, quem é ruim, não é? Então no meu caso, no setor, eu fiz muita amizade com a mulherada, com todo mundo, pegava o lixo atrasado, porque é o seguinte, o setor; você tem que preparar ele para quando chegar no fim do ano, você recolher tudo. Agora, se você não quebra o galho de ninguém, a mulherada vem com o saco de lixo... sabe corno é que é, então você já perdeu. Sé você não fãz isso, a primeira coisa que ela diz é que você não pega o lixo dela, é ou não é? Você não é obrigado a exigir; então você tem que preparar durante o ano para colher no final".

O destino dado a esse dinheiro ganho depende da necessidade e desejo de cada um, conforme coloca o coletor, lembrando de sua primeira "caixinha".

“A minha primeira caixinha deu Cr\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos cruzeiros), isso em 83, eu comprei um carrinho. Era o meu sonho”.

Noutro caso, o coletor de lixo ao receber sua “caixinha”, viajava para visitar os parentes e até demonstra um certo arrependimento, pois

“Eu pegava um Natal, pegava umas férias e ia pro norte. Todo ano, eu ia lá passear, eu torrei muito dinheirinho, né? Mas graças a Deus, ajudei muito a meus pais também, sempre na hora que eles estavam mais precisados, eu ajudava”.

Percebam que este “dinheirinho”, é uma quantia com a qual não se contava, não se previa com certeza e, também não se sabia ao certo o seu valor. Desta forma, era uma quantia que sempre

“Ajudava e tornava possível até ajudar aos pais no norte, comprei um chão pra eles comprei o material, fiz uma casinha, apesar que está parada porque não dá pra mim ir lá sempre... Mas foi tudo negócio de Natal, né? Ainda com esse dinheiro, mandei buscar meu pai e minha mãe pra passear aqui e ainda mais quatro irmãos. Eles vieram e voltaram muito contente. Quer dizer, pra mim era o mesmo de ter comprado um carro novo”.

Além destas coisas feitas com a “caixinha”, também compra-se dormitório novo, fogão, televisão, aparelho de som e também se casam:

“Eu casei já tinha tudo pago e tudo com o dinheiro da caixinha. Agora, a maioria do pessoal não pensa isso aí e depois está tudo duro. Tem cara que pega aquela caixinha e daquele mês de dezembro até janeiro, ele não volta pra trabalhar, ele vai gastar aquele dinheiro primeiro, vai fazer farrá com os amigos e depois que ele gasta aquele dinheiro, ele volta pro serviço de novo”.

Na verdade, segundo as falas dos coletores, esses trabalhadores programam suas necessidades e vidas para o final de ano, juntamente com a

"caixinha" das festas de Natal, porque seus rendimentos são muito aquém do que precisam para prover suas necessidades.

"Tem as coisas pra comprar e o dinheiro não está dando. O que é que você faz? Não, vamos esperar um pouquinho até o final do ano".

Mas pedir e receber as "caixinhas" também tem seu lado excludente. Um dos problemas relacionados a pedir "caixinha" é a vergonha que estes trabalhadores sentem:

"Não se pode ter vergonha de pedir: Tem hora que dá vergonha de chegar no meio das pessoas... e tem gente que responde mal. Às vezes, você chega num lugar e tem aquelas senhoras que entende o serviço da gente, tem muitas que abraça a gente, agradece. Mas tem muitas, que eu acho, que tem até nojo de pegar na mão da gente. Às vezes, você chega num lugar onde só tem homem, a gente pede uma caixinha, ele dá, mas primeiro ele quer tirar uma... um sarro da gente".

Aqui observamos, contrariamente às emoções e sensações positivas que as caixinhas proporcionam, sentimentos negativos como a vergonha e a humilhação, sendo que provêm todos os sentimentos do mesmo fato, ou seja, simultaneamente, emoções agradáveis e desagradáveis.

Alguns coletores, como que para se proteger destes sentimentos de humilhação e vergonha, dirigem-se e pedem apenas a pessoas conhecidas e que sabem não agirão de forma a suscitar-lhes tais sentimentos.

Um coletor do período noturno, participante dos encontros de trabalhadores da limpeza pública (uma das fases da pesquisa de campo), apontou em um desenho o tensa das caixinhas recebidas nas festas da seguinte forma, expressando, muito claramente, suas frustrações e expectativas; o lado prazeroso do trabalho ao receber uma caixinha, bem como seu sofrimento na ausência desta:

"É que os garis ficam contentes só no Natal. E o mês que os garis só dão risada. O Natal é o mês que o gari está alegre e pode enfeitar essa árvore. Tem o Natal e a árvore de Natal e eu chego contente na firma. Se o cara falar que chega aborrecido, está mentindo. Toda a vida a gente

chega alegre, mas no mês de dezembro é melhor. Essa planta tem raiz pra ser eterna, pra poder ficar sempre verdinha. Esse aqui é o meu barraco. Eu gosto de árvore de Natal”.

O Natal pra esses trabalhadores não é apenas uma data festiva. É, antes de tudo, a possibilidade de obter maior rendimento através das caixinhas e enfeitar sua árvore de Natal. Esta, com a entrada das caixinhas, tem a possibilidade de criar raízes, de ser permanente, parecendo até uma promessa e uma esperança de dias melhores no futuro.

Outros tipos de troca são estabelecidos com a população, como por exemplo, com os donos de estabelecimentos comerciais, quando ao "bater os tambores" que estão localizados nos fundos dos bares, das padarias, na volta, entram nestes locais e "recebem" uma "pinga", um refrigerante, um salgado. Esta situação está analisada no item referente ao consumo alcoólico, por envolver uma série de outros elementos. Contudo, enfatizo que esta relação de troca se estabelece, também em função do trabalho do coletor de lixo ser realizado na rua, espaço público e, portanto, permissivo.

3 Trabalho em movimento: velocidade máxima

O "trabalho corrido" é um dos aspectos desta ocupação que apareceu em várias falas como uma representação acerca do trabalho na rua, de "ser coletor de lixo", subentendendo significados de: liberdade de expressão, vitória, desafio, bem como esforço, desgaste, escravização do corpo, monotonia.

Ser um "trabalho corrido" é a qualidade apontada como positiva, sendo uma das características que mais lhes agradam.

“Eu gosto da coleta, só. Gosto de correr atrás de caminhão, é um serviço que você trabalhando direitinho, não tear ninguém pegando no seu pé, desde que você chegue no horário, você chegando antes, tá tudo bem. Correndo, eu me sinto legal. Eu me sinto melhor correndo do que se estivesse num serviço parado, serviço parado para mim não tear graça, entendeu? Eu fico à vontade quando estou em movimento”.

Esta fala aponta o trabalho corrido como algo que proporciona prazer, bem como reflete o seu porquê.

A idéia básica que nos apresenta é a do trabalho autônomo, em movimento. Trabalhar sozinho refere-se à ausência de chefias, dos controles da empresa sobre o seu próprio corpo, sobre seu ritmo; refere-se, também, ao movimento

pelo próprio movimento. Estar em movimento é estar vivo, é poder sentir o seu sangue circulando, a vida fluindo, ou, talvez até, sentir que está "fazendo", "construindo" a sua própria vida.

O trabalho corrido, em alguns momentos, é mostrado como um equivalente do esporte, das maratonas e este também é um aspecto considerado positivo, que traz prazer e alegria:

“Se eu fosse um cara mais novo eu iria viver minha vida s[ó] correndo. A gente não corre atrás do caminhão? Por que então não correr na São Silvestre?¹. O prêmio da São Silvestre é alto. É dinheiro pro cara nunca mais trabalhar no lixo”.

O que este trabalhador apontou em sua fala é muito interessante, pois, ao mesmo tempo em que reconhece o seu esforço, o trabalho desgastante, reconhece, também, a sua "resistência", o seu "pique" que só se compara ao de um atleta.

Além disso, nos fala de seus desejos de obter recursos de uma outra forma, através de uma outra atividade, talvez a de desportista, na corrida da São Silvestre, apontando para a preparação e o condicionamento físico que realizam diariamente, sem a presença de um treinador, como o fazem os atletas que têm um patrocínio. No entanto, entre os atletas das maratonas e estes atletas do lixo do asfalto, parece haver uma semelhança, que se constitui no desejo de vencer, de superar-se, de ser reconhecido, de tornar-se, digamos, um herói.

Por outro lado, o "trabalho corrido" também se mostra como sofrimento, como tristeza, como desgaste e desânimo e, também, como um desafio. Quando solicitados a pensar na imagem do coletor de lixo, durante os encontros realizados, a primeira fala a surgir é:

“O cidadão correndo... é coisa ruim. O nosso serviço, o serviço do gari é corrido ou velocidade máxima, muita velocidade, corre muito depressa...”.

Outra fala destes trabalhadores indicou um outro significado, implícito no trabalho corrido, imbuído de sofrimento, desprazer:

¹São Silvestre - corriola realizada em São Paulo, no final do ano (31/12), de âmbito internacional, com a participação de inúmeros atletas estrangeiros e nacionais. Uma das características dessa prova esportiva, é a grande presença de participantes que não têm a prática esportiva. A participação em si mesma, completar o trajeto mesmo sem chegar entre os primeiros, é o prêmio que se busca.

“A gente corre o dia inteiro, o coletor está correndo o dia todo, passando pela vida correndo, correndo, correndo pro serviço. A gente chega em casa como corpo já daquele jeito, o cansaço físico pela corredeira do coletor, tanto do varredor também. Quando eu era varredor, varria seis quilômetros. Três pra lá, três pra cá, o dia inteiro, toda vida, todo dia o mesmo serviço, quer dizer a gente fica com cansaço físico, a gente fica só andando direto, sem parar. Andando lá na rua... e cansa”.

Esta fala sintetiza as contradições contidas na qualidade do "trabalho corrido". Ela aponta a monotonia do trabalho repetitivo e a alienação pela correria. Enfim, demonstra que mesmo sendo um trabalho realizado no espaço da rua, ele também apresenta um aspecto negativo, que se constitui na repetição vinculada ao tipo de atividade desempenhada, o de correr para coletar, o de varrer vários quilômetros todos os dias.

Portanto, como o trabalho imóvel frente à esteira que se constitui numa restrição, em uma alienação, o trabalho que se realiza constantemente em movimento, também se constitui numa alienação, em uma massificação, numa tendência do trabalho repetitivo: a questão está centrada na obrigatoriedade de executar movimentos sempre ou de não executar movimentos sempre. De uma forma ou de outra, há sempre uma restrição, uma rotina que impede os trabalhadores de exercer a diversidade, a multiplicidade de situações, caracterizando outra contradição do trabalho na rua.

Segundo estes trabalhadores, é a equipe de coleta que determina o seu próprio ritmo, em função de necessidades do grupo de terminar a coleta mais rapidamente ou não. Mas a necessidade de *“voar mais cedo”*, ou seja, ser liberado das atividades, define um ritmo imposto pela equipe mais rápido, um ritmo *“puxado”*.

Dejours em *"A Loucura do trabalho"* aponta que os ritmos intensos exigidos pelas empresas são os grandes responsáveis pela ansiedade produzida no trabalhador.

“A ansiedade responde então aos ritmos de trabalho, de produção, à velocidade e, através destes aspectos, ao salário, aos prêmios, às bonificações. A situação de trabalho é completamente impregnada pelo risco de não acompanhar o ritmo imposto e de perder o trem” (Dejours, 1987).

Todos os trabalhadores se submetem a este ritmo e se vangloriam, de nesta equipe unida, "fazer seu próprio ritmo", sem a presença dos chefes e dos encarregados que controlam os corpos dos operários dentro de uma fábrica.

No entanto, é exatamente na ausência dos chefes e encarregados que estes coletores se submetem a ritmos rápidos, ainda que disponham de tempo para realizar seu trabalho mais lentamente e sem correr. Existem, como poderemos observar na análise relativa a equipe de trabalho, vários outros elementos que indicam a presença deste controle pelos próprios trabalhadores. É certo que não há a presença física da empresa, de seu espaço restritivo, controlador e limitante da expressão criativa, mas o poder de controle, as pressões sobre os ritmos e os corpos, é realizada pela equipe. O olhar do outro, se incumbe de determinar o ritmo do trabalho.

Na fala abaixo, de um ex-coletor de lixo, um pequeno resumo do que seja o trabalho corrido, o trabalho do coletor de lixo, com suas contradições e ambigüidades, inclusive afetivas:

“O ritmo é puxado. Numa parte é puxado, é só esforço, mas também é diversão. Pra nós que somos acostumados neste serviço, entrar agora numa firma e ficar ali sentado... Não dá mais. Você entra numa firma às sete horas, só vai sair pra almoçar lá pelo meio dia e depois volta de novo e fica ali parado. Na rua você é livre. Na rua, neste serviço a gente tem muita história pra contar, muita coisa engraçada. Na firma, você tem que fazer hora de almoço. Você tem de comer mesmo que não tenha vontade, porque se você não come, depois vai sentir fome, você não vai poder sair pra almoçar. Aqui na rua, a gente tem hora de almoço, mas a gente pode não fazer, como é o caso”.

Esta fala sintetiza as principais unidades de significado do trabalho corrido: o ritmo "puxado" e o esforço (sofrimento), a diversão (o prazer) e a possibilidade de estabelecer suas pausas, segundo suas necessidades.

Enfim, o paradoxo da ausência das chefias, dos encarregados e dos fiscais, paralelamente ao ritmo intenso e cansativo do trabalho, pois, se por um lado estabelecem seu próprio ritmo de trabalho, segundo o que lhes é mais conveniente, não respeitam suas próprias necessidades e limites físicos. Expressa-se assim, a contradição entre autonomia e submissão que caracteriza a liberdade da rua.

4 Trabalhar brincando: diversão e risco

O coletor de lixo ao falar de seu trabalho, conforme já foi visto, fala de liberdade e de cerceamento, de alegria e aborrecimento, enfim, de diversão e risco. Esta atividade inclui o riso, a alegria, o gritar, o correr, o esbarrar no corpo do colega, no preconceito, na autonomia de organização de sua atividade com sacrifícios pessoais e físicos, mostrando como é tênue a divisão entre diversão e trabalho. Estas ambivalências são muito claras na fala de *Fininho*, um dos colegas que observei:

“Trabalhar com o lixo, ao mesmo tempo que é uma diversão, também é arriscado. É arriscado por que você se arrisca. Por exemplo, quando você está coletando atrás do caminhão e vem carro na frente, você não vê, você depende dos colegas pra dar um toque; outra coisa é arriscado subir no estribo e cair”.

O arriscar-se subentende excitação, movimento, desafio, mudança, poder, vitória, superar a si mesmo, extrapolar seus próprios limites, uma espécie de jogo que segundo Oliva comentando Ariès.

“O jogo constituía-se em um dos pilares tanto da formação da identidade pessoal como da consciência coletiva da comunidade” (Oliva, 1991)

E eu acrescentaria que o jogo, o brincar, por seu caráter coletivo, constitui-se em um dos pilares da consciência da categoria.

A rua permite que estes trabalhadores tenham autonomia para desenvolver sua atividade longe das pressões e controle do ritmo imprimido pelas chefias. Quando conseguem uma equipe boa de trabalho, podem

“... coletar todo o setor brincando, brincando”.

A rua também é um lugar de brincadeiras, de exposição e de grandes concentrações. Os movimentos políticos, as grandes manifestações públicas, também têm seu ponto de encontro marcados no espaço público da rua. Quem não se lembra do grande contingente de pessoas que ocupou as ruas do Brasil na campanha das “diretas já”?

Blass (1992) analisou a greve da categoria profissional dos bancários, ocorrida em setembro de 1985, a que teve manifestação importante nas ruas

da cidade de São Paulo, tornando-se diferenciada por sua forma de expressão, a que aproximou-se de uma festa. Este movimento, além de unir e reunir a categoria dos bancários, parou o centro da cidade, trazendo as pessoas para dentro do movimento, conseguiu quebrar o gelo, a impessoalidade, ou seja, o anonimato peculiar aos espaços públicos nos grandes centros urbanos.

Outras manifestações populares ocupam o espaço da rua: procissões, paradas militares, carnaval, cada uma delas guardando as suas características muito peculiares. Todas obedecendo a um ritual, seguindo e reafirmando conceitos, simbolismos expressados na sua organização e nas suas tradições.

No carnaval, por exemplo, tudo é permitido e isto acontece nas ruelas, nas praças. A multidão se aglomera próxima aos carros de som, aos bares, querendo brincar. "A praça Castro Alves é do povo como o céu é do avião" já dizia a letra de uma famosa composição de Dodô e Osmar.

Estar na rua

"É divertido. A gente correndo assim, a gente brinca, brinca com o outro, corre; quando a gente dá risadas, é que está fazendo piada um com o outro. Mesmo quando vai jogar os sacos, se a gente sabe que tem um material cortante dentro, a gente joga o saco e segura pra poder o saco rasgar e espalhar todo o lixo, depois você vai catar o que tinha ah dentro".

É poder curtir

"...as tias que estão com o lixo atrasado e com as crianças que fazem festa pra gente".

As brincadeiras são uma forte característica nesta categoria profissional, seja com o cachorro que os ameaça de morder com o qual apostam corrida, seja com as crianças que correm atrás do caminhão para jogar o lixo e para quem o coletor de lixo faz questão de entregar a lata em mãos.

Estes trabalhadores são muito ameaçados por mordidas de cachorro quando coletam o lixo de bairros residenciais. O interessante é que o fato dos cachorros correrem atrás deles não se constitui apenas em um risco de acidente de trabalho. Segundo eles,

"As vezes, e até bom, a gente se diverte pois também aposta corrida com o cachorro. É um incentivo pra gente".

Para Huizinga,

“Jogamos ou competimos ‘por’ alguma coisa. O objetivo pelo qual jogamos e competimos é antes de mais nada e principalmente, a vitória... Os frutos da vitória podem ser a honra, a estima, o prestígio... A ‘aposta’, que em latim pode dizer-se vadium, (em alemão Wette, em inglês gage), é um ‘penhor’ no sentido de um objeto puramente simbólico que é atirado dentro do campo do jogo a título de desafio... A competição não se estabelece apenas ‘por’ alguma coisa, mas também ‘em’ e ‘com’ alguma coisa. Os homens entram em competição para serem os primeiros ‘em’ força ou destreza... competem ‘com’ a força do corpo ou das armas, com a razão ou com os punhos, defrontando-se uns aos outros com demonstrações extravagantes, com palavras, fanfarronadas, insultos, e finalmente, também com astúcia” (Huizinga, 1990).

Numa outra situação durante a observação participante, constatei que a brincadeira é freqüente entre estes trabalhadores, a qual depois foi narrada da seguinte maneira:

“Foi eu e o Jabá. A gente sempre trabalha, um brinca com o outro, mas sempre ligado né? Ele falou: - Hoje eu estou bom pra correr. – Então vamos correr”.

O brincar transforma sofrimento em prazer, o trabalho em lazer. É como se ao viverem em meio a toda a sujeira do lixo, reciclassem este lixo e o utilizassem como um adubo extremamente produtivo, de condições altamente férteis e propícias à vida.

Correr, gritar, pular, esbarrar um no outro são condutas freqüentes no desempenho dos coletores, bem como o riso.

O riso não está necessariamente associado ao brincar, mas deve ser analisado aqui, pois ajuda a compreender o caráter ambíguo do brincar e do jogo no trabalho.

Bérgson em seu livro, *“O riso, ensaio sobre a significação do cômico”*, apontou algumas condições para que o riso e o cômico se estabeleçam:

“Não há comicidade fora do que é propriamente humano... Já se definiu o homem como um ‘animal que ri’. Poderiam tam-

bém ter sido definido como um animal que faz rir... A insensibilidade acompanha o riso. O maior inimigo do riso é a emoção. O cômico exige algo como certa anestesia momentânea do coração para produzir todo o seu efeito... Não desfrutaríamos bem o cômico se nos sentíssemos isolados. O riso parece precisar de eco. O nosso riso é sempre o riso de um grupo... Por mais franco que se suponha o riso, ele oculta uma segunda intenção de acordo, eu diria quase de cumplicidade... O que causa o riso é o desajeitamento... um personagem cômico o é, em geral, na exata medida em que se ignore como tal. O cômico é inconsciente” (Bergson, 1987).

Um dirigente sindical acompanhando-me em uma visita a uma empresa, se expressou assim sobre esta questão:

“Só dá pra conversar com o pessoal brincando, rindo...”

Segundo Bérqson,

“O riso deve ser algo desse gênero: uma espécie de gesto social. Pelo temor que o riso inspira, reprime as excentricidades, mantém constantemente despertas e em contato mútuo certas atividades de ordem acessória que correriam o risco de isolar-se e adormecer, suaviza, enfim, tudo o que puder restar de rigidez mecânica na superfície do corpo social” (Bergson, 1987).

Concordando com Bergson, as brincadeiras, os gracejos, o riso entre os coletores de lixo, apresentam a função, bem como o significado de atenuar, suavizar, minimizar o seu constrangimento, a sua vergonha e até a sua própria aparição no meio social.

Os gritos e o barulho provocado pelos coletores e referido pela população, pode ser, também, uma forma de por pra fora as suas tensões e preocupações e, também, de voltar a ser criança, pois, o espaço público da rua, espaço de jogos, brincadeiras, do pique, espaço outrora utilizado pelas crianças, possibilita esta viagem ao passado.

O aspecto lúdico é algo extremamente forte e presente na categoria dos trabalhadores da limpeza pública. Talvez a isto esteja relacionado o fato de todo coletor de lixo ter um apelido e em geral são conhecidos por seus cole-

gas, através dos apelidos, sendo que alguns deles, mesmo trabalhando Juntos há mais de um ano, não sabem o nome dos colegas. Outras vezes, os trabalhadores sabem os nomes dos colegas, mas só os chamam pelos apelidos. Parecem brincadeiras ele faz de conta, os jogos que se jogam na rua, e parecem estabelecer uma relação entre a impessoalidade do espaço da rua e as relações entre as pessoas e ao mesmo tempo uma camaradagem entre eles. É como se estes trabalhadores usassem "nomes de guerra" ou apelidos carinhosos de criança.

De uma forma ou de outra, estes trabalhadores trazem para o espaço público condutas próprias à esfera da intimidade. Chamar alguém por seu apelido é algo que diz respeito ao afeto, à privacidade e ao segredo.

O espaço público da rua, apesar de permissivo, apresenta também regras próprias. Uma dessas regras é o silêncio. Na rua não se conversa, não se ri, não se grita. Apenas se contempla, se observa, sem participar. Estas regras quando quebradas chamam a atenção e elas o são em diferentes ocasiões, ou de festejos coletivos ou em ocasiões inesperadas (greves, catástrofes etc.).

Os coletores quebram estas regras ao realizar seu trabalho, fazendo-se reconhecidos de longe pelos seus gritos e risos. Eles denunciam a impessoalidade da rua, quando trazem para essa a brincadeira e o riso. E a população, por sua vez, parece reconhecê-los e, simultaneamente, excluí-los, quando assume a postura de ignorar a sua presença ou ele confundir-los com o lixo e a sujeira.

"Não gosto de sentar no colo dos colegas quando a gente está na cabine do motorista, porque os colegas e o povo da rua fazem brincadeiras de mau gosto, todo mundo ri da gente"

"A brincadeira também apresenta um caráter ambíguo. Apresenta o significado de divertimento e gracejo, mas também de galhofa, zombaria ou de um ato que causa dano, desagrado ou mal estar" (Ferreira, 1980).

Para finalizar as reflexões sobre a rua, cabe perguntar se é possível ainda associar a atividade do coletor de lixo a alegrias, brincadeiras e à liberdade, tendo em vista as facetas apontadas?

A brincadeira, segundo Winnicott

"...é universal e é a própria saúde, pois facilita o crescimento e conduz aos relacionamentos grupais; o brincar é

uma experiência criativa, uma forma básica de viver, tendo que ser espontâneo e não submisso. O brincar não é exclusivo das crianças” (Winnicott, 1975)

Oliva, em dissertação de mestrado sobre o brincar do adulto, aponta quatro dimensões sobre o brincar e o trabalho:

“1) um caráter de não trabalho, de recreação; 2) um caráter de não dever, ou seja, o brincar do adulto é totalmente desvinculado, subjetivo, é a auto permissão; 3) os jogos no trabalho, onde o conteúdo lúdico é observado na linguagem, nos apelidos, nas piadas, no senso de humor, nas inflexões de voz, e trocadilhos, nas competições etc, e 4) o brincar sem distinção nítida em relação ao trabalho” (Oliva, 1991)

Ainda segundo Oliva, o brincar

“...sugere uma ênfase nos mitos, na imaginação, na fantasia, nas manifestações do inconsciente individual e coletivo... centrado no desenvolvimento do indivíduo” (Oliva, 1991).

Philippe Ariès dedicou um capítulo à História dos Jogos em sua obra *“História social da criança e da família”*, reforçando a idéia do jogo como um elemento indispensável ao espírito da humanidade, apesar das mudanças ocorridas nestes jogos e nos modos de produção. Numa perspectiva histórica, comenta:

“Para nós é difícil imaginar a importância dos jogos e das festas na sociedade antiga; hoje, tanto para o homem da cidade como para o do campo, existe apenas uma margem muito estreita entre uma atividade profissional laboriosa e hipertrofiada, e uma vocação familiar imperiosa e exclusiva. Toda a literatura política e social, reflexo da opinião contemporânea, trata das condições de vida e de trabalho... o divertimento, tornado quase vergonhoso, não é mais admitido... Na sociedade antiga, o trabalho não ocupava tanto tempo do dia, nem tinha o valor existencial que lhe atribuímos há pouco mais de um século” (Ariès, 1981)

"Trabalhar brincando"?!? A antítese entre o brincar, o jogo e o trabalho datam de longas datas e está intimamente relacionado ao fator econômico. Divertir-se trabalhando implica em não ser sério, em não encarar o trabalho com seriedade, ou melhor, seriedade e diversão são opostos que não se coadunam. Para se trabalhar, há de haver seriedade. Desta forma, o espaço reservado às brincadeiras e à diversão é o espaço fora dos limites das fábricas, das empresas, fora do espaço produtivo. Portanto, o não-trabalho, a diversão livre é associada à improdutividade, à culpa e à vergonha.

No entanto, em vários ambientes de trabalho, observa-se o uso de apelidos, piadas e trocadilhos, o que revela o espírito lúdico que mesmo sendo "espremido", encontra um canal e uma forma de escoar, como que um espírito lúdico rebelde, o qual não permite ser aprisionado e, muito menos, excluído da vida. O brincar é possível e, segundo alguns estudiosos, é um elemento essencial ao espírito humano, uma categoria absolutamente primária da vida e tão essencial quanto o raciocínio.

A conclusão que retiramos é que a rua como espaço de realização do trabalho é contraditória. Permite mobilidade de relações e criações organizativas, mas ao mesmo tempo cerceia e limita.

"O outro" é uma fonte geradora tanto de prazer como de sofrimento. No "outro" está a possibilidade do reconhecimento do ser humano e do trabalhador quando é visto, mas ao mesmo tempo, no "outro", ou no olhar do outro, está a possibilidade da discriminação, da vergonha e da exclusão.

Nas "caixinhas" também estão expressas as contradições do trabalho na rua dos coletores de lixo. Os baixos salários e as precárias condições convivem, em paralelo, com a visibilidade do coletor durante as "festas de Natal"; mesmo sendo estas imprevisíveis, tanto na possibilidade de serem recebidas, bem como, no valor da "caixinha". A certeza, para estes trabalhadores - e nisto não há paradoxos, contradições ou ambigüidades - é a de que as "caixinhas" complementam os seus rendimentos, minimizando sua ansiedade, suas preocupações com a sua sobrevivência e de sua família.

No "trabalho em movimento" outra contradição: correr mais para "voar mais cedo" equivale a exigir mais do seu próprio corpo, que neste momento já não precisa de um agente externo para controlar o seu ritmo e o seu tempo. O relógio, a vigilância e o controle são internos.

A diversão, o riso, as brincadeiras também apresentam-se como contraditórios. Brincar para estes trabalhadores é competir e superar-se, é obter prazer, mas é também galhofa, zombaria e minimizando do sofrimento. Ao brincar, ou tratar seu colega pelo apelido, traz do espaço da intimidade condutas que não são comuns no espaço público da rua. Este trabalhador desempenha

sua atividade sempre no paradoxo da visibilidade e da invisibilidade. O trabalho na rua pode possibilitar tanto a criação bem como a ansiedade e o sofrimento pela imprevisibilidade, por não estar preparado, para de um lado da calçada lidar com a criança e no outro lado da calçada, com o marginal.

B. Objeto de trabalho - o Lixo

"Trabalhar com o lixo ou trabalhar no lixo" para usar uma expressão dos coletores, é outra categoria empírica que emergiu dos discursos e observações. Ela se refere ao objeto de trabalho da categoria ou o produto com o qual lida.

Segundo algumas definições, lixo é

"Conjunto de resíduos originados das mais diversificadas atividades humanas ou seja, tudo aquilo que é rejeitado e qualificado de inútil, e que não possa ser facilmente reaproveitado" (Santos, 1969).

"Lixo é aquilo que se varre de casa, do jardim, da rua e se joga fora; entulho; tudo o que não presta e se joga fora; sujeira, sujeira; imundície; coisa ou coisas inúteis, velhas, sem valor" (Ferreira, 1977).

"Lixo é definido como todo resíduo sólido resultante da atividade das aglomerações humanas, resíduos esses, que podem ser objetos os quais não mais possuem valor ou utilidade, porções de materiais sem significação econômica, sobras de processamentos industriais ou domésticas a serem descartadas, enfim, qualquer coisa que não se deseje mais" (Pinto, 1979).

Esse autor divide o lixo em

"O lixo pode ser classificado em quatro grupos: o de origem doméstica, o proveniente das atividades do comércio e indústria; aquele que é recolhido nos logradouros públicos e o de locais especiais, como o hospitalar, o de quartéis, o das estações de tratamento de esgotos, e outros semelhantes" (Pinto, 1979).

Alguns apontam uma certa utilidade do lixo

"... muitos materiais, em pequena quantidade, como as que existem no lixo dos grandes centros urbanos, podem passar a ter significado econômico considerável " (Pinto, 1979).

fechando questão acerca do reaproveitamento e da utilidade do lixo.

O reaproveitamento do lixo, a "transformação" dos restos e sobras em *muambas*, pelos coletores, se opõe à afirmação anterior, o que veremos mais adiante, bem como a classificação do lixo.

As referências bibliográficas citadas são unânimes em certos aspectos: falar em lixo, parece subentender significados, tais como, "rejeitado", "inútil", "sem valor" mas, para o trabalhador, o lixo tem múltiplos significados, construídos na convivência diária com ele.

Para os coletores, o lixo divide-se em "*lixo velho*", "*lixo fresco*", "*lixo pobre*" e "*lixo rico*", atribuindo-se a estes características diversas e designando situações de trabalho com as quais se relacionam.

Partindo de outra perspectiva, estabelecem, também, um novo mapeamento da cidade, de seus bairros e ruas, em função do tipo de lixo que coletam e curiosamente têm estabelecido um conhecimento da população, através do lixo que descartam e que é recolhido pelos coletores.

O lixo domiciliar é produzido sempre nas dependências das residências, no aconchego dos lares, na privacidade e intimidade.

Se levarmos ao extremo- dentro desta intimidade do lar, ainda pode-se subdividir o lixo produzido nas cozinhas, nos banheiros, nos escritórios, o que o torna mais íntimo ou menos íntimo; ou mesmo o lixo das crianças, das mulheres, dos homens e lançar hipóteses, a partir dele, que se pesquisado, "espionado", estudado, fornece indicadores sobre os hábitos das pessoas da casa; a quantidade de moradores de uma residência; os hábitos alimentares; a ingestão de bebidas alcoólicas; o ciclo menstrual das mulheres; a sexualidade; o uso de preservativos; o uso de drogas etc.

Este lixo produzido pelas pessoas dentro do "aconchego dos lares", algo íntimo e revelador, sai deste espaço privado para o espaço público da rua e para as mãos do coletor de lixo: o "lixo privado" torna-se "lixo público"; o que era invisível torna-se visível, a partir do manuseio destes conteúdos; traz à luz os segredos, os desejos e toda a "sujeira" de seu produtor.

Corbin em "*Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos de oito e dezenove*", no capítulo intitulado "O fedor do pobre", discorrendo

sobre as alternativas da burguesia para higienizar os corpos e locais, analisa também a significação social das perturbadoras mensagens de intimidade. O cheiro seria uma delas. Assim,

"A ausência de cheiro importuno permite distinguir-se do povo pútrido, fedorento como a morte, como o pecado, e ao mesmo tempo, justificar implicitamente o tratamento que lhe é imposto. Ressaltar a fetidez das classes laboriosas e acentuar com isso o risco de infecção que sua simples presença comporta contribui para manter esse terror justificatório em que a burguesia se compra: e que canaliza a expressão de seus remorsos. Encontra-se assim induzida uma estratégia higienista dar assimila simbolicamente a desinfecção à submissão. A enorme fetidez das catástrofes sociais, quer se trate do motim ou do epidemia, leva a pensar que tornar inodoro o proletário poderia instituir a disciplina e o trabalho'... Eis que o excremento organiza as representações sociais. O burguês projeta sobre o pobre aquilo que ele tenta recalcar. A visão que ele tem do povo se estrutura em função der imundície" (Corbin, 1987).

E este autor continua assim sua narrativa acerca da higienização das ruas e dos corpos:

"O ser humano que desde sempre, apodrece no último grau da miséria cheira forte porque seus humores não têm a cocção necessária nem o grau de animalização próprio ao homem. Se ele não tem cheiro humano, não é por fenômeno de regressão, mas antes porque ele não atravessou os limites de vitalidade que definem a espécie... Antes de mais nada, como é evidente, ti prostituta, ela também é aparentada tio lixo, e sua presença cessa assim que desaparece o dejetos. Em Florença, as ruas são pavimentadas, os esgotos são cobertos, as imundícies são contidas atrás de grades, as ruas juncadas de flores odoríferas; não há inceis uma única mulher da vida" (Corbin, 1987).

Estas citações de Alain Corbin, referem-se aos séculos XVIII e XIX e no caso em questão, em 1996, lidamos, além da higienização das ruas, sanea-

mento dos esgotos, com sistema de coleta, transporte e destinação final do lixo e com coletor responsável por esta coleta.

Além dos itens acima colocados, a sujeira, as excreções são escondidas também nos sacos de lixo. O coletor de lixo lida com a produção mais íntima das pessoas e segundo os estudiosos, com o que está sendo considerado inútil, quando descartado, mas nem por isso menos revelador.

E para localizar estes trabalhadores, "escolhem" aqueles próximos da miséria, associando os estigmas de pobreza e sujeira. Vejam,

“O catador de lixo leva ao ápice o mau cheiro dos artesãos: é que em sua pessoa, concentravam-se os eflúvios nauseabundos do excremento e do cadáver. Embora sua condição e sua higiene estejam se tornando melhores, também o trabalhador doméstico cheira mal...” (Corbin,1987).

Enfim, o tipo de produto com o qual lidam estes trabalhadores, se constitui de lixo e de toda a sorte de elementos e características desagradáveis que acompanham esse produto, dependendo de suas condições ou composição/decomposição, tal como moscas, insetos e o cheiro do lixo etc., o que atribui características e significados ao lixo.

Passemos a analisar algumas delas em particular que foram apontadas pelos sujeitos.

1 O lixo velho: fedor e contaminação

O "lixo velho", segundo os próprios trabalhadores da coleta, está associado ao mau cheiro, aos odores, em função de ser "aquele lixo que já está em processo de decomposição". É o lixo guardado dos finais de semana e também o lixo recolhidos nas favelas, local onde os moradores não têm uma coleta diária, sendo o lixo armazenado em depósitos, denominados pelos coletores de "caixas".

Muitas vezes, o coletor se depara com esta situação e como aparece na sua própria fala,

"O mais triste que eu ficho, é cachorro morto. Você pegar um cachorro morto, aquilo é a coisa mais triste, depois tem as coisas positivas. Isso dá até vontade de tomar cachaça".

Encontrar animais mortos é uma rotina para os coletores que recolhem o lixo das favelas, pois nestes locais a coleta é realizada apenas uma

vez por semana e o lixo não é ensacado e colocado nas portas dos moradores, mas sim colocado em "caixas". Essas "caixas" são construídas com tijolos, são de alvenaria e ali é reunido o lixo produzido pela população. Quando os coletores vão para essa região, eles usam a expressão "bater caixas" para designar como é executado o seu trabalho.

Em função da coleta nas favelas ser realizada apenas uma vez por semana, o lixo acumulado entra em processo de decomposição, estado este encontrado pelos trabalhadores, quando ali chegam. As caixas têm de 2 a 3 metros e os coletores têm de se debruçar e recolher todo o lixo, com todo o mal cheiro.

“Uma vez eu fui limpar uma caixa numa favela; essa caixa tinha um cachorro morto que estava se dissolvendo. Eu e um colega começamos a tirar tábuas, terra, pedra, mas quando chegou no casco, nós descobrimos o cachorro. Quando a gente viu estava fedendo, o cachorro estava com problema. Se a gente fosse por ele pra fora os moradores iam falar. Aí, tinha um bocapiu que ia cair diretamente na galeria e a água estava escorrendo, então a gente, com um pedaço de pedra, empurrou o cachorro e a água levou. Mas, se a gente fosse colocar pra fora, os moradores, acho que eram capazes de nos bater, porque estava fedendo demais”.

Para estes trabalhadores, o "fedor" do lixo e o próprio lixo podem ser fontes de contaminações de suas vidas e de seus corpos.

Dentre alguns estudiosos dos odores, ou da significação dos cheiros para o homem e de outros trabalhos literários, citamos o romancista Patrick Süskind, em "O Perfume, história de um assassino" - em uma de suas descrições acerca da relação entre os aromas e o estar vivo. Assim,

“...as pessoas podiam fechar os olhos diante da grandeza da beleza, e podiam tapar os ouvidos diante da melodia ou de palavras sedutoras. Mas não podiam escapar ao aroma. O aroma é um irmão da respiração. Com esta, ele penetra nas pessoas, elas não podem escapar-lhes caso queiram viver. E bem pra dentro delas é que vai o aroma, diretamente para o coração, distinguindo lá categoricamente entre atração e menosprezo, nojo e prazer, amor e ódio. Quem dominasse os odores dominaria o coração das pessoas” (Süskind, 1985).

Nas falas dos coletores, ouve-se queixas sobre o cheiro do lixo impregnando suas roupas e suas vidas.

“O que tem de pior aqui é o cheiro do lixo, é tudo, o trampo é muito puxado. Aqui não tem nada de bom. A gente sente um mau cheiro danado desse aí, passa até a vontade de se alimentar. Quando tá muito forte a gente puxa o carro. Ruim é na segunda feira, é o pior dia porque o lixo fica parado, o cheiro é horrível”.

Um mau cheiro, um perfume, um aroma não parece algo vindo de fora, ou mesmo, algo forçado, pois, desperta emoções, afetos, lembranças. Parece um sentimento que vem de dentro, do mais íntimo da pessoa. O cheiro toca na intimidade mais recôndita. Diz respeito à individualidade. Talvez a partir disto se possa estabelecer a relação entre os cheiros do lixo e a identificação atribuída e sentida pelos trabalhadores, se levarmos em conta a natureza do seu trabalho e as suas condições de vida e a sua identificação com o lixo, com o que não serve mais, com o que é inútil, relegando ao mais baixo nível a sua auto-estima, por se sentirem “sujos por dentro”, num processo equivalente ao descrito na citação de Süskind.

“Já tenho um litro de álcool separado, em casa. Assim que eu chego, não deixo nem meus filhos me abraçarem, vou direto passar álcool no corpo pra ver se tirou um pouco daquele cheiro miserável que eu sinto na minha pele. É o cheiro do lixo. De tanto a gente ficar perto e cheirar aquele lixo, aquela podridão, ele entra na gente, entranha na nossa pele e vai com a gente pelo resto da vida”.

Indiscutivelmente, os cheiros têm um papel fundamental nas nossas vidas e não se restringem apenas aos perfumes, mas, também, ao próprio aroma de cada corpo. Estreitamente associado aos aromas, o olfato, órgão do sentido capaz de proporcionar a experiência de sentir cheiros, é, segundo vários estudiosos, o primeiro e mais importante sentido a ser desenvolvido na criança recém-nascida.

Além destes aspectos já citados, os cheiros são sempre associados com a limpeza e com a sujeira, com a morte e com a vida, com estilos de pessoas leves e pesadas/mórbidas e penetram no âmago do ser, constituindo-se em símbolo de identificação (esta questão será retomada no item Pinga).

A questão da qualidade do lixo aponta ainda para outro aspecto da contaminação, ou seja, o de lidar diretamente com este objeto, do contato direto das mãos com resíduos que vão se decompor ou que estão em decomposição. Este caminho é fatalmente constituído de riscos à saúde, de contrair doenças infectocontagiosas.

Outro aspecto, diz respeito às condições de segurança e por conseguinte, aos equipamentos de proteção individual, como é o caso das luvas usadas pelos coletores de lixo. Estas luvas são de raspa, portanto, são grossas e o tamanho é grande. Segundo os próprios coletores, elas dificultam os movimentos e, quando são usadas molhadas, secam em contato com a pele, contaminadas pelo cheiro do lixo ou pelo próprio suor do coletor, sendo que o atrito entre a pele e a luva está em relação direta com problemas dermatológicos.

“Eu trabalho com duas luvas pra evitar alguma infecção devido a água do lixo”. “A gente sente tanta coisa trabalhando com o lixo, é até difícil de explicar. Às vezes, você sente aquela canseira...”

Sacos de lixo com vidro, seringas e agulhas é outro ponto muito discutido e acontece de ser encontrado no lixo com grande frequência, segundo os trabalhadores,

“Porque as pessoas tem má fé. Tem pessoas que nem imaginam o risco pra o coletor de lixo, nem passa pela cabeça delas que eu posso me furar com a agulha, me cortar com o vidro e daí ficar sem poder trabalhar porque atingiu minha mão”.

O risco está presente e, sempre constantemente, o risco e o medo andam em paralelo nesta profissão. A exclusão sentida se expressa, também, no cuidado ou na ausência de cuidados que a população tem ao acondicionar o seu lixo. Parece haver um deslocamento, um mecanismo de defesa por parte da população que se "limpa" dos seus resíduos, dejetos e sujeira e com tal pressa, que o faz de qualquer forma. O coletor de lixo ou o "lixeiro", como alguns querem chamar, é o depósito desta sujeira. A população une o lixo e o coletor, tornando-os inúteis, descartáveis, sem vida.

Ackerman (1992), em *"A história natural dos sentidos"*, também faz referências às alternativas burguesas pra higienizar os corpos e livrar-se de sua

sujeira, e como deposita estes conteúdos sobre os podres, as prostitutas, os negros, enfim, sobre os excluídos, porém necessários.

As significações estabelecidas entre o lixo e, principalmente, o cheiro do lixo e contaminações vão muito longe. Ackerrnan, proporciona "pistas" sobre a junção existente entre o lixo, a rua e os excluídos, subentendendo vulgaridade.

“...se lembrarmos que em vários idiomas europeus, as palavras vulgares usadas para designar prostituta são variações da raiz indo-européias pu, que significa decair, pobre. Em francês, putain; para os irlandeses, old put; em italiano, putta; puta em espanhol e português. Existem as palavras cognatas: pútrida, pus, supurar e putorius (que se refere à família dos gambás). Gambá é um termo derivado da palavra indígena Cangambá, que durante os séculos 16 e 17, na Inglaterra, era o termo alternativo para prostituta” (Ackerman, 1992)

Portanto, o que está nas ruas, assim como o lixo, "fedez".

2 O lixo triste

Confirmando esta linha de raciocínio, um coletor de lixo referiu ter encontrado uma criança dentro de uma caixa. Quem o colocou ali pretendia que fosse coletado e o pôs, junto com outros sacos de lixo na calçada:

“Isso foi a coisa mais estranha e triste que eu já encontrei no lixo. É chocante. Ele era perfeito, um recém-nascido”.

3 O lixo como esconderijo

Outra situação fala do próprio povo da rua, desta vez dos "bandidos" e da polícia, e algumas vezes estes trabalhadores são confundidos com os "bandidos", bem como encontram suas "pistas" no lixo.

“Uma vez eu achei um revólver calibre 38 no lixo. O bandido passou, escondeu perto do lixo. Depois pegou o revólver, entrou numa casa abandonada e escondeu o revólver. Acho que alguém viu ele escondendo, foram e cataram dele também. Quando ele passou por lá não tinha mais nada. E eu encontrei no meio do lixo”.

Segundo estes trabalhadores, estes revólveres são jogados fora pelos bandidos em qualquer lugar que a polícia não veja, nos momentos em que estão sendo perseguidos.

4 O lixo rico: muambas e presentes

Mas é um grande equívoco pensar o lixo apenas pelo seus aspectos negativos, pois "tem o lixo pobre e o lixo rico", e além disso,

“Eu gosto do lixo, eu criei meus cinco filhos no lixo”.

O "lixo rico" é aquele lixo onde eram encontrados muitos objetos de valor e até dólares "que deu pra levantar um barraco". Isto aconteceu até 1981. Depois, o lixo passou a ser um lixo pobre.

“Já não se encontrava coisas boas devido à crise que começou por volta de 82”.

Atualmente, segundo os próprios coletores de lixo, o pessoal que é admitido no serviço da limpeza urbana, procura este trabalho por falta de opção. Em geral, são profissionais com uma ocupação definida: eletricista, torneiro, metalúrgico etc., mas que devido à crise do país não encontram outra opção que não seja a de trabalhar como lixeiro. Portanto, constitui-se numa opção por falta de possibilidade de optar. A questão remonta à sobrevivência, à subsistência básica sua e de sua família, principalmente a partir de 1982, quando começa a haver no país um período de recessão financeira. Nesta época, até o próprio lixo transformou-se: "de lixo rico passou a lixo pobre", pois, a partir daí já não se encontravam coisas interessantes, que valessem a pena serem pegas e levadas para casa, como faziam anteriormente os coletores.

Observem que os próprios coletores, estabelecem uma relação de causa e efeito entre situação financeira e o tipo de lixo coletado num determinado momento histórico de crise financeira do país.

Os trabalhadores entram em residências a chamado do morador, para retirar um lixo muito grande e diferente do usual: pedaços de madeira, tijolos, compensado etc., resíduos de reformas realizadas e por isso todo o material correspondente às sobras deste serviço são jogados no lixo. Este tipo de material é denominado de entulho e estes trabalhadores da coleta domiciliar não são obrigados a coletar. No entanto, quase sempre o fazem em troca de uma "caixinha". Este tipo de operação é denominada pelos coletores como *muamba*.

No que se relaciona às *muambas*, os trabalhadores contaram situações que envolvem a alegria, a tristeza e o perigo. Relacionado à alegria, o "*lixo rico*", aquele que é encontrado e pode ser reaproveitado pelos próprios coletores:

“Foi na segunda-feira passada, bem naquela primeira rua, tinha um saco ali, aí veio aquele que nós apelidamos de Arcoverde, que é de Pernambuco. Aí, ele catou três sacos e aí, ele sentiu que um estava cheio de muamba, aí ele jogou os outros sacos e rasgou o terceiro, aí estava cheio de vidro de perfume, rapaz. Perfume cheiroso do Avon, aqueles negócios de fazer unha. Aí o Cazuzza, parou o caminhão e ficou só olhando. Aí a velha veio correndo e gritou: O raposa, isso é que é gostar de rasgar saco. No fim do ano, a gente encontra um monte de coisas boas. Eu tenho um toca fita que eu achei no lixo. A gente acha de tudo”.

Os coletores narram muitas situações relacionadas a "*negar coisa lixo*". Este tipo de conduta é proibido pela empresa e para fazer isso, em geral, se valem de pedaços de papel encontrados no próprio lixo, e de sacos plásticos para embrulhar o objeto. Quando são coisas grandes, tais como televisão, rádio etc., estes trabalhadores "*mocosam*" o objeto por algum tempo para não serem flagrados pelos fiscais da empresa e depois voltam pra pegar. "*Mocosar*" um objeto qualquer é escondê-lo para não ser descoberto por outras pessoas.

A alegria expressa pelo encontro de coisas boas no lixo, *muamba*, está centrada no fato dos restos, deixarem de ser lixo naquele momento, passando a ser um adorno, um enfeite, perdendo a conotação de algo que não é mais utilizável.

Quando encontrado, o objeto jogado recebe uma carga afetiva por parte do coletor o de sua família quando é levado para sua casa. O lixo passa a fazer parte do espaço reservado da casa, o diferenciado do espaço da rua, que é desprovido do afeto.

Como todos os dias, estes trabalhadores estão sujeitos a encontrar "*coisas*" interessantes no lixo, achei por bem denominá-los nestes momentos de o *papai Noel do lixo*, sendo que este *papai Noel* não se limita à aparecer apenas nas festas Natalinas, mas sim todos os dias.

É este *papai Noel*, que com seu saco de lixo que não é mais lixo, que muitas vezes, possibilita trazer livros para que os filhos desses trabalhadores estudem; é este *papai Noel* que permite à esposa deste coletor de lixo, às

vezes, tornar-se uma manicure no bairro em que reside, ganhando mais algum dinheiro ao utilizar-se dos alicates de cutícula achados pelo seu marido; é este papai Noel que possibilita ao coletor, algumas vezes, a oportunidade de sentir outro cheiro no seu corpo, o cheiro do perfume que encontra durante a coleta.

Por outro lado, este grupo profissional, ao receber tão pouco, sente-se menosprezado e desvalorizado na sua auto estima por não ter condições financeiras de adquirir um objeto que não tenha sido usado por outras pessoas.

Neste sentido, sua casa, por receber as coisas que são encontradas no lixo, transforma-se numa espécie de museu do lixo. Podemos até pensar que sua casa não é mais um espaço apenas seu, privado. É como se ao levar as muambas para casa levasse junto com elas o aspecto do não privado, do público, do que é de todos, levando a um sentimento ainda maior de empobrecimento.

Associadas a esta situação estão as emoções, os afetos, sejam eles agradáveis ou desagradáveis, sejam eles alegria, "*um mel*", sejam eles "*tristeza, um lixo*".

Enfim, a conclusão deste item é que o trabalho com o lixo é ao mesmo tempo risco e alegria. O risco está sempre presente na hora em que se pega o saco de lixo em suas mão e não se sabe o conteúdo, a qualidade do e o tipo de lixo. Este lixo pode constituir-se de cadernos, livros, vidros de perfume que são levados para a família do coletor, como também pode constituir-se em um cachorro morto em decomposição, que vai contaminá-los, além de expor estes trabalhadores ao mau cheiro. Portanto, o núcleo de significado desta unidade é a imprevisibilidade.

C. A organização do trabalho: a equipe

"*Trabalhar em equipe*" é o grande significado que surgiu nas falas sobre a organização do trabalho.

O ritmo do trabalho, suas pausas, sua jornada e seus procedimentos são definidos por esta equipe, que geralmente é composta de um fiscal do setor, um motorista para o caminhão e quatro coletores de lixo.

O critério definidor da qualidade da equipe é dado pelo "*voar mais cedo*", que significa terminar o serviço e ser liberado pela empresa. É dela que decorrem as sub-unidades de significação que passaremos a analisar a seguir: **equipe boa, gari bom, o motorista e o fiscal.**

1 A equipe boa, unida

A equipe é definida, prioritariamente, em função da divisão igualitária, seja do trabalho ou de uma “caixinha”, entre todos os seus membros. Equipe boa é equipe unida.

“Unido é, assim, em termos de entrar em acordo pra pegar um lixo, uma caixinha ou às vezes, o que dá pra um tem que dar pra todo mundo entendeu? Tem gari que é desunido, só quer pra si”.

A empresa define a tarefa, a região e o tempo máximo e a “equipe boa” permite administrar o ritmo de trabalho, o tempo real para desempenhar essa atividade, assim poder “voar mais cedo”, ou seja, quando é do interessa da equipe, esses trabalhadores imprimem um ritmo mais intenso à coleta. Para que isto seja possível, a equipe de trabalho tem que ser unida, ou seja, obedecer às regras da própria equipe. Daí, serem desenvolvidos vários “macetes” para o cumprimento da tarefa.

“Isso daí acontece. A gente vem dois de um lado e dois do outro. Aí a gente vê se aquele outro lado está mais pesado, a gente adiante o nosso lado e corre pra ajudar o outro e assim eles também fazem. Um dá uma força pra o outro”.

Ou conforme fala outro coletor entrevistado:

“...a gente passa três pra um lado, adianta um lado e assim vai trocando, conforme a quantidade de lixo e da ajuda que o colega necessita. Isso é uma coisa que acontece. Se tem um saco pesado, a gente pega em dois, em três...”

Esta distribuição do trabalho definida pelos próprios coletores da equipe de trabalho não é fixa. Na limpeza de rua de feira ocorre um revezamento entre as duplas, ou seja, os que varreram anteriormente, irão coletar e os que coletaram, irão varrer.

“Essa divisão é o seguinte: enquanto ele está varrendo lá, nós estamos adiantando esse outro lado pra ele, né? Pra não pesar muito. Então a gente faz os montes e quando ele chegar aqui vai estar mais fácil pra ele poder varrer”.

Às vezes, vão os quatro coletores pra pegar o lixo quando este está amontoado em grande quantidade. Por exemplo:

“Às vezes, você pega três, quatro latas, o outro tá aqui sem pegar nenhuma, quando o cara trabalha unido, ele vai ao encontro do outro. Você vem com quatro latas, ele pega duas e você vem com duas. Vai lá, depois volta, vai levar as latas lá. Aí, nenhum se mata do que o outro, trabalho tudo junto”.

O motorista é peça importante na definição do ritmo. Ele diz:

“É besteira correr. Tem uns que querem trabalhar que num louco. Outros já não gosta. Vai da cabeça de cada um. Eu já prefiro trabalhar moderado, maneiro, mas também, muito devagar não é bom. Não adianta você trabalhar na correria tem um monte de lixo aqui, você sai correndo, mais adiante, você tem de parar e pegar o lixo que ficou pra trás. O gari é que tem que puxar o caminhão e não o motorista puxar o gari. Eu gosto de trabalhar no meu ritmo, mas se eles falam pra ir mais rápido, eu estico. Eles tem que puxar o caminhão porque não adianta eu sair na frente sozinho, pois se tem cinco, seis sacos de lixo aqui e tem só dois garis desse lado, eu vou ter que esperar por eles, pois se eu for embora, depois tenho de voltar. Na nossa equipe, vão dois coletores correndo na frente e pegam os sacos que estão na frente, os que vem atrás pegam os que ficam pra trás, assim não cansa muito a equipe”.

Nesse sentido, o trabalho prescrito (como a atividade deve ser realizada, segundo as determinações da empresa) é superado pelo trabalho real (como a mesma atividade é realizada de forma diferente da que é recomendada pela empresa, quando os próprios trabalhadores criam suas regras, normas, hierarquia, ou seja, criam sua forma de organização do trabalho, criam conhecimentos que lhes são próprios).

O Prof. Dr. Laerte Sznclwas (Prof. Dr. Em Ergonomia – Depto. Engenharia e Produção/Politécnica), em palestra proferida no dia 23/06/1994, no Seminário: Lesões por Esforços Repetitivos, em São Bernardo do Campo, enquanto enfocava a Ergonomia e a L.E.R., a análise dos postos de trabalho, juntamente com a importância de se ouvir o trabalhador, colocou

que, pela sua experiência de trabalho e de contatos com entidades sindicais uma forma de se mobilizar uma categoria profissional para paralisação dentro de uma fábrica, é executando as tarefas da maneira que a empresa ou seus representantes prescrevem. Dessa forma, a produção prevista não acontece, porque ela é fruto de inúmeros arranjos, "macetes" e "gambiarras" criados pelo trabalhador. Ao realizar sua atividade de trabalho segundo as determinações da empresa e assim não produzir o que se esperava, o trabalhador prova que quem concebe o trabalho não entende dele, que o seu saber é reduzido, que não tem valor quando se trata da produção.

Para que esta distribuição de tarefas ocorra satisfatoriamente é preciso que o trabalho se desenvolva em clima de cooperação e ajuda mútua, o que, segundo eles só ocorre se a equipe for unida.

Relacionados a equipe de trabalho surgem sentimentos imbuídos de juízo de valor, como confiança (ou falta de), e (ir)responsabilidade, os quais são decisivos para um bom dia de trabalho, sem acidentes inclusive.

Na perspectiva de Huizinga, o trabalho em equipe se torna uma grande brincadeira, um jogo. Nas regras (ordem) determinadas pela equipe de trabalho (a harmonia) é estabelecido o ritmo (ritmo).

Não se pretende dizer que não haja tensão. Ao contrário, o jogo se estabelece, assim como os coletores de lixo, nos confrontos, nos paradoxos, na tensão.

“Tensão significa incerteza, acaso. Há um esforço para levar o jogo até o desenlace, o jogador quer que alguma coisa ‘vá’ ou ‘saia’, pretende ‘ganhar’ à custa de seu próprio esforço... O elemento de tensão lhe confere um certo valor ético, na medida em que são postos à prova as qualidades do jogador: sua força e tenacidade, sua habilidade e coragem e, igualmente, suas capacidades espirituais, sua lealdade. Porque, apesar de seu ardente desejo de ganhar, deve sempre obedecer às regras do jogo” (Huizinga, 1990).

As regras do jogo, bem como as regras e o ritmo determinados pela equipe devem ser seguidos à risca para que se mantenham a ordem, o ritmo, a harmonia, o feitiço e até a tensão nesta atividade.

Em função dos riscos existentes na atividade de trabalho do coletor de lixo, a solidariedade anteriormente apontada se faz necessária para a própria sobrevivência, inclusive no simbolismo da dominação do medo.

A respeito Dejours afirma:

“O risco cria, espontaneamente, a iniciativa, favorece a multiplicidade de tarefas e permite a economia de uma formação verdadeira que a direção, aliás não poderia dar”.

2 O gari na equipe de trabalho

O *gari* é o maior na equipe e se mostra como muito importante para o seu funcionamento, para o desempenho da atividade e como elemento sustentador tanto da ordem quanto da desordem.

Através dos *garis*, observa-se também as dificuldades da equipe de trabalho, com toda a sua diversidade de situações. O *gari* é qualificado pelos colegas segundo sua posição dentro da equipe, sendo esta posição identificada no que se relaciona à aceitação e ao cumprimento das regras do grupo.

A exemplo do que ocorre com o lixo, há variações de significantes para o *gari*. Desta forma, temos o “*gari bom*”, o “*gari ruim ou nó cego*”, o “*tapa buraco*” e o “*cabaço*”. Cada uma dessas denominações designa situações e maneiras de trabalhar diferenciadas uma das outras.

2.1 O gari bom

“O gari bom é aquele que chega junto, corre, trabalha e chega junto com os outros. O motorista não abre mão de um ajudante desse porque ele quer acabar o setor cedo porque ele ganha ponto com os outros”.

Em outras palavras, o *gari bom* é aquele que desempenha sua função segundo as orientações e regras da equipe de trabalho (trabalho real), desprezando a regulamentação da empresa (trabalho prescrito).

No caso de ter pouco lixo de um dos lados,

“O gari, o cara fica sozinho, passa o outro pra cá e fica três garis, só ajudando. Aí depois, ele vê que já apertou o lado do amigo dele, aí ele volta”.

2.2 O nó cego, chupinha: o gari ruim

“Você vai limpar uma rua aqui, então, tem dois gari aqui, dois aqui. Então você vai numa rua aqui, tem gari que ele dá uma olhada assim, ele vê do lado que tem mais lixo e o que tem menos, sabe? Nisso daí, você vai pegando a do cara. Vamos supor, ele tá aqui, eu to com ele aqui, vamos supor que eu seja nó cego, né? Eu to com ele aqui, aí tem muito lixo aqui, né, aí eu passo pra lá, pro outro lado. Aí o outro que tá lá passa pra cá”.

A expressão *nó cego* é usada para aqueles trabalhadores que não cooperam com a equipe de trabalho, sendo que o principal indicador disto é exatamente não considerar as regras da equipe, desconsiderando a divisão de tarefas, quando da distribuição dos sacos de lixo a serem apanhados etc.

A relação entre os coletores, em função da presença do *nó cego*, pode ser conflituosa:

“Nó cego, que vê que tem muito lixo do lado que ele tá, então ele corre pro outro lado; ele vê um saco pesado aqui, ele deixa aquele saco pra você e pega o leve. Esse é o chupinha, nó cego. Chupinha porque gente diz que chupa o sangue, só quer tirar proveito e nó cego, é porque é difícil de desatar, tá sempre amarrado, na dele, só deixa você suar e não quer saber de nada. No primeiro dia que você vai trabalhar com um nó cego, sem ninguém falar nada antes, na hora que ele desce do caminhão, você sabe que ele é um nó cego. Ele sempre fica onde tem menos lixo ou então atrás do caminhão, fica tomando água direto, toda hora para pra amarrar o cadarço do sapato, a gente vê que ele é mesquinho”.

Para coletores de lixo, o *nó cego* é semelhante, ou seja, guarda características semelhantes ao do “vampiro”, sugando seu sangue, sugando sua vida, vivendo através deles quase que escondido em suas sombras, mas facilmente identificável. Estes trabalhadores se sentem “vampirizados”, sugados e, talvez esta exploração de suas vidas, de suas forças, se expresse através do *nó cego*.

Nestas situações, os coletores da equipe tem também uma forma de lidar com esta situação. Eles “queimam o nó cego do carro”, ou seja, tiram ele da equipe. Eles contam uma situação deste tipo:

“Tinha um cara aqui que era assim. Nós vazíamos o setor quase todo e ele sempre só sugando. Entrava aqui, entrava acolá. Ora, onde é que ele vai, não trabalha mais não? E nós três só se matando. Aí nós falamos com o fiscal pra tirar ele. Aí o fiscal mandou ele embora”.

“Queimar o nó cego do carro” é uma situação que está bem explicitada na fala abaixo, expressando, também, que a responsabilidade formal para excluir o gari ruim é do motorista:

“Aí, o motorista ia falar pro fiscal – Esse gari não presta – pra pegar outro gari melhor, entendeu? Até ele ficar com uma equipe boa porque aí ele termina o setor mais rápido e o gari ruim não, vamos supor, ele vai ficar bom né? Mas os caras não dão chance e aí vai indo pra outro motorista, aí vai indo pra outro...”

Até no jogo e na brincadeira não há lugar para o nó cego ou, como fala Huizinga, para o desmancha prazeres.

“...jogador que desrespeita ou ignora as regras; é um desmancha-prazeres... Retirando-se do jogo, denuncia o caráter relativo e frágil desse mundo no qual, temporariamente, se havia encerrado com os outros. Priva o jogo da ilusão – palavra cheia de sentido que significa literalmente ‘em jogo’. Torna-se portanto necessário expulsá-lo, pois ele ameaça a existência da comunidade dos jogadores. O desmancha-prazeres destrói o mundo mágico, portanto, é um covarde e precisa ser expulso” (Huizinga, 1990).

Da mesma forma, o nó cego ameaça a existência da equipe de coletores e assim como o desmancha-prazeres é excluído e substituído por outro coletor que se insira nas “regras do jogo”. Um dos recursos de exclusão é tornar o nó cego invisível para a equipe.

2.3 O tapa buraco: o substituto

Há coletores com os quais o pessoal da equipe

“Não vai com a cara dele. Mas se o cara faz o trabalho dele direito, está tudo bem. Ele fica na dele e nós na nossa e nós vamos cooperar com ele no trabalho”.

Um dos critérios para se manter na equipe é a capacidade de trabalhar em conjunto, independentemente de uma relação amistosa, da possibilidade da solidariedade, ou seja, mesmo não sendo uma relação amistosa, ainda há possibilidade do coletor aí permanecer, se este faz bem o seu trabalho. Ainda assim, os próprios coletores admitem ser muito melhor trabalhar com aqueles que eles gostam.

“A gente vai defender a vida dele, tanto faz se a gente gosta dele ou não, pois o que a gente não quer pra gente, a gente não vai dar para os outros. Ele é um ser humano”.

Dentre essas regras, a lealdade é fundamental e existe mesmo “quando não vão com a cara do parceiro”, pois, avisam-no a do perigo de um carro. A “vitória” se mostra no desafio de vencer o lixo, sem quebrar as regras.

A vida dos colegas, o risco de acidentes de trânsito e a inadequação dos equipamentos (caminhões velhos), faz com que os coletores desenvolvam e mantenham códigos próprios para avisar sobre os carros que vão ultrapassar, sobre o que está ocorrendo na traseira do caminhão.

“...pois é um companheiro de serviço, e se eu sei que a minha vida é importante, a dele também é. Por isso, a equipe boa é aquela que você pode ficar um pouco sossegado porque você sabe que os outros garis vão te avisar de qualquer perigo”.

Segundo Dejours, o medo dos trabalhadores pode ser usado pelas empresas para manter os trabalhadores sob controle, dentro da sua ordem.

“Efetivamente, o medo serve à produtividade, pois com esse tipo de atmosfera de trabalho, os operários estão especialmente sensíveis e atentos a qualquer anomalia, a qualquer incidente no desenvolvimento do processo de produção. ...O medo compartilhado cria uma verdadeira solidariedade na eficiência. O risco diz respeito a todo mundo, a ameaça não poupa ninguém, e nesse caso é impensável deixar o barco afundar”. (Dejours, 1987).

Nesse sentido, é preferível uma equipe de trabalho fixa, ou seja, pessoas que já atuam juntas há algum tempo, do que mudança constante, seja de novatos no grupo, seja de outros trabalhadores que são escalados para substituir algum coletor que faltou.

"Quando você vai com um caminhão escalado de repente, dois, três garis não vão com a sua cara. Ele não tem nada contra você, tá entendendo? Você não aprontou nada pra ele, mas ele não vai com a sua cara. Às vezes, você vai com um saco de lixo bastante pesado e o motorista não está lhe vendo. Aí, eles vêem você com o saco de lixo, em vez deles falarem assim - Ó, pára aí. Tem um cara com um saco pesado - aí, eles falam - queima motorista".

No entanto esta deficiência não é totalmente suprida, pois este coletor não está acostumado ao modo de trabalhar da equipe, apesar de esforçar-se ao máximo para que os outros não sintam tanto a ausência do colega. Este esforço parece ser em vão, pois, logo que este sai com o motorista, os colegas comentam sobre o *tapa buraco*.

"Ele gosta de mostrar serviço, é um pouco apavorado. Ele quer fazer tudo muito rápido. Ele quer pegar saco de lixo pesado sozinho".

O *tapa buraco* e o *nó cego* não conseguem se enquadrar, nas equipes. Fazem seu trabalho num plano individual, seguindo seus próprios ritmos, regras e organização. Seguem sua subjetividade, que se constrói na exclusão, no exagero da visibilidade, sob o olhar crítico e severo dos colegas de trabalho.

2.4 O cabaço: o gari novo e sua iniciação

O coletor recém contratado sofre inúmeros testes e trotes que são proporcionados pelos colegas de trabalho. É um verdadeiro ritual de iniciação, para que o *cabaço* seja aceito como um membro da equipe.

"Cabaço é um modo de tratar porque nós somos novos. Quem eu mesmo, eu cheguei do norte, aí vim trabalhar aí, quando eu fui entrar na cabina, aí o motorista já perguntou pra mim -- Você joga futebol? Joga bolar?-Aí, eu falei, não jogo muito não. - Ih, então tá ruim pra você agüentar

*esse serviço porque aqui se o cara não for bom pra correr...
Aí, os caras pegou me sentou lá, aí eu sentei, assim, no
porta luva do caminhão. Aí, o motorista – É, aí não vai dar
– mas eu acho que já estava tudo combinado – Aí não vai
porque você vai atrapalhar o retrovisor, o espelho. Aí, os
caras, já pra tirar um barato mesmo, eu cheguei do Norte
em 1981, trabalhava na roça, meio cismado, né? Aí, os
caras – Não, você vai sentar logo no meu colo; você é um
cabacinho novo mesmo. – Aí, eu ficava olhando assim,
procurava – Não vou sentar aí não, meu amigo. Você vai me
desculpar, mas eu não vou sentar no seu colo”.*

Apesar desta fala referir-se a sentar no colo do colega como sendo um trote, é preciso recordar que essa situação se estabeleceu, também, em função dos trabalhadores saírem da empresa na cabine do motorista e ela não comportar cinco pessoas. Portanto, um ou dois trabalhadores são obrigados a sentar no colo dos colegas, independente de serem novatos ou não na coleta ou na equipe de trabalho. Parece que aqui se evidenciou um tipo de situação que Dejours (1987) denominou de “estratégia coletiva de defesa”, criada pelos trabalhadores em função de uma situação real. Esta estratégia coletiva permaneceu nesta categoria e é estendida para os *garis* novatos como um trote, um teste e ao mesmo tempo como um ritual de iniciação àquele grupo, quando na verdade é uma situação desconfortável e geradora de acidente de trabalho, provocado pela organização.

A expressão *cabaço* está associada à idéia de virgindade, conforme mostra um coletor na fala seguinte:

*“O cara é novo. Aí, eles falam – A gente vai quebrar o
cabacinho dele. Aí, eu sentei no colo dos caras. Você passa
pelas ruas, os caras, às vezes, começam a tirar um barato.
Até dois, três meses, o cara continua sendo cabaço. Aí,
depois que passa três, quatro, cinco meses, aí já é igual aos
outros. Aí vai entrando outros, é aquela mesma história”.*

Aquele coletor que sofreu todos esses *testes*, quando entra um outro novato, vai fazer isso com ele, reafirmando o poder da equipe, ou seja, a equipe de trabalho parece expressar, de uma forma muito particular, o poder exercido pela empresa.

“Quer dizer, você paga aquilo ali, mas depois, outro paga pra você. Você é novo, precisa do serviço, então você vai se sujeitando aquilo ali. Só que depois que você se estabelecer um pouquinho, aí você fica meio alto também, né?”

Os trotes e os testes a que são submetidos os novos coletores, são uma forma de treinamento informal, um adestramento, num determinado período de tempo necessário para que o *gari* novo introjete as regras e o esquema dos coletores e da própria empresa. O ritual de iniciação é mais eficaz do que os treinamentos formais propostos pela empresa, pois além da relação com os colegas, gera emoções.

Ainda sobre a iniciação, relacionando-as às brincadeiras, é sabido que há entre estes elementos, uma relação com as representações sagradas nas civilizações primitivas. A esse respeito, Huizinga afirma:

“A representação sagrada é mais do que a simples realização de uma aparência, é até mais do que uma realização simbólica: é uma realização mística... Os participantes do ritual estão certos de que o ato concretiza e efetua uma certa beatificação, faz surgir uma ordem de coisas mais elevada do que aquela em que habitualmente vivem....Mas seus efeitos não cessam depois de acabado o jogo; seu esplendor continua sendo projetado sobre o mundo todos os dias, influência benéfica que garante a segurança, a ordem e a prosperidade de todo o grupo até a próxima época dos rituais sagrados” (Huizinga, 1990).

E assim, Huizinga, prossegue na sua dissertação sobre os rituais e a relação destes com os jogos, com as brincadeiras:

“O ritual é um dromenon, isto é, uma coisa que é feita, uma ação. A matéria desta ação é um drama, isto é, uma vez mais, um ato, uma ação representada num palco. Esta ação pode revestir a forma de um espetáculo ou de uma competição. O ‘rito ou ato ritual’, representa um acontecimento cósmico, um evento dentro do processo natural. ...aqui representação é realmente identificação, a repetição mística ou a representação do acontecimento. O ritual produz um efeito que, mais do que figurativamente mostrado, é real-

mente produzido na ação. Portanto, a função do rito está longe de ser simplesmente imitativa, leva a uma verdadeira participação no próprio ato sagrado” (Huizinga, 1990).

2.5 Quando o cabaço fica alto

“Fica todo mundo atrás do estribo, né? Aí, tá coletando, aí o caminhão, o motorista já sabe onde tem lixo, é tanto que onde tem lixo escondido o motorista sabe. Então, se você é velho de caminhão, o motorista pára ali, você já sabe onde está o lixo, mesmo se não tiver ali no chão, vamos supor atrás do muro ali, você sabe, né? Então você vai lá e pega. Então, tem vez que o cara é cabaço, o caminhão pára, o mais valho fala – O bicho pega aquele lixo lá – Em vez do cara pegar porque ele tá na ponta né, você tá lá no meio, ele fala – Ô, vai pegar o lixo. Aí, você vai né? Você vai fazer o quê? Chega uma hora que o cara fala – Ô, pega o lixo. Aí você fala – Ô pega você chara ou então fica lá. Aí você fica alto ou seja, já tem voz ativa”.

A expressão *fica alto* para estar relacionada a uma posição de igualdade perante os outros coletores da equipe de trabalho, quando já é um deles devido à aprovação dos companheiros pelos testes a que foi submetido. Enfim, é um *gari*, já incorporado na equipe e que corre, chega junto dos outros, entra no ritmo da coleta e, implicitamente, no ritmo imposto pelo motorista.

“Quando tá tudo unido, não tem essa. Quando o caminhão para, tanto faz os da ponta pular, como o que tá no meio. Eu sou novo, entro naquele caminhão, em vez dos caras falarem, o cara é novo, vamos devagar; pelo contrário, sabe o quês faziam – amos matar esse cara – e falavam pro motorista pelo espelho – Acelera – só pra ver você morrendo, entendeu? Aí chegava de tarde, o que dava? Só briga”.

3 O motorista bom: o outro indispensável

Conforme visto anteriormente, o motorista é de outro sindicato, mas segundo a organização formal, o motorista é o líder da equipe na rua.

Toda a responsabilidade e decisão, mesmo que tomadas pelo grupo, são comunicadas ao fiscal e à empresa pelo motorista. É também confiada ao motorista a “guarda” das caixinhas recebidas pelos coletores de lixo.

“O motorista é o líder da equipe, tudo que está passando lá atrás, é responsabilidade dele. Ele tem que chegar, comunicar. É o líder, depois do fiscal é o motorista, por último é a gente mesmo”.

A responsabilidade do motorista é referida pelos coletores e pelo próprio motorista como sendo muito grande, constituindo-se num fator que contribui para que fique “com a mente cansada”.

“Ficar com a mente cansada. Todos os motoristas carregam uma responsabilidade muito grande. Ele está andando com esse carro, ele tem que proteger, dois de um lado e dois do outro. Então, ele tem que ficar com os pés no breque. O carro vai seguindo, se vem um carro de frente, ele tem q dar o sinal, de lá, ele buzina, a gente já sabe: esse toque, vem carro. Porque, de repente, a gente vai e joga o saco, atravessa correndo, até o cara frear, já jogou agente longe”.

É comum os coletores afirmarem que os motoristas ajudam na coleta de lixo. Esta “ajuda” pode se dar de várias formas, seja atravessando o caminhão no meio da rua, seja varrendo o lixo da rua da feira.

“Tem muito lixo do lado, ele encosta o caminhão, atravessa o caminhão no meio da rua, na contramão. Apesar de que a empresa não gosta porque ele tem que ir na mão dele. Mas, dele joga pro lado do gari para poder ajudar o gari, olha pelo retrovisor”.

A ajuda do motorista, segundo outros coletores, se deve não apenas ao fato destes terem pressa ou à existência de interesses próprios para terminar o serviço mais cedo, mas também, ao espírito de cooperação que se instala e marca uma equipe boa de trabalho.

Assim comentam sobre o fato do motorista varrer a rua para juntar o lixo quando estão “fazendo a feira”:

“Não são todos que fazem isso, mas o Cazuzá é gente fina; ele conhece o nosso trabalho, ele sabe o sofrimento da gente”.

Parece, portanto, que a ajuda do motorista na coleta se deve a uma identificação com os coletores, sendo que suas atitudes são no sentido de suavizar o sofrimento dos colegas com estas intervenções

Através destas falas, evidencia-se a preocupação do motorista com a equipe. Definida como “um peso sobre as costas”, essa responsabilidade torna-se maior, também, em função de ter que controlar veículos de coleta que, muitas vezes, encontram-se em condições inadequadas de segurança para uso e sem uma manutenção prévia.

As colocações acima ainda informaram sobre outro aspecto: a comunicação criada e estabelecida entre os trabalhadores – **os códigos**. Esses códigos referem-se, por exemplo, a tocar a buzina um número x de vezes para informar aos colegas sobre um veículo que se aproxima no sentido oposto e prevenirem-se acidentes.

Este tipo de conduta não é comum, tendo seu espaço reservado a uma equipe boa de trabalho, como explicitaram estes trabalhadores.

“Tem motorista aí que ele mesmo é que puxa o caminhão. O gari tem que se esforçar atrás para poder alcançar. Sempre aparece alguém assim, tem gente de toda qualidade, de todo jeito”.

“Acho falta de responsabilidade do motorista também que tá no volante. Ele tem o dever de ver quem tá atrás coletando o lixo”.

Assim, o *nó cego* pode ter sua expressão na figura do motorista. Neste caso para “queimar o *nó cego* da equipe”, a queixa é feita diretamente ao fiscal.

“Às vezes, o motorista, o líder da equipe, gosta de judiar. Ele arranca na frente e não vê o lado de quem está atrás, no retrovisor, no caso dos coletores. Aí, o pessoal tem de correr mais. Mas, se isso acontece, a gente pode falar para o fiscal e trocar de motorista”.

4 O fiscal bom

O “fiscal bom” que segundo os coletores, não permite certas atitudes, tais como as que são descritas no texto que segue:

“...Se o cara desse mancada com ele, era ruim... mas se você trabalhasse direito... Tantas vezes ele saiu, daí pegava as caixinhas com o motorista e distribuía entre todos e falava – olha cada um que se vire no seu setor porque não vou mandar ajudar ninguém. Se o caminhão quebrar eu vou lhe ajudar, mas ficar galeiando, não vou ajudar ninguém”.

“Sabe trabalhar” para os coletores, parece estar relacionado a uma divisão equitativa das necessidades de auxílio/colaboração de uma equipe entre várias outras, bem como a alternância entre as equipes colaboradoras, não sobrecarregando uma ou outra equipe de coleta de lixo.

Outro indício para a identificação do “fiscal bom que sabe trabalhar” segundo a fala dos coletores é quando,

“Eles (os fiscais) chegam no caminhão, a gente tá cabando, eles falam – Quem quiser pode ir pra garagem – quer dizer, os garis que já terminaram. O motorista vai descarregar o caminhão e nos traz com ele. Quer dizer, já adianta uma hora pra gente. Terminado o serviço, ele nos traz para a garagem”.

Ou quando fazem uma distribuição equitativa nas ocasiões em que algum carro está com defeito ou problema.

“Às vezes, o caminhão da gente quebrava, ele já corria todas as áreas. Dá uma mão para o 21 lá que quebrado, né? Quando você olhava, tinha mais de oito caminhão ajudando”.

Em contrapartida quando o fiscal é ruim e “não sabe trabalhar”, além da coleta de seu setor, as equipes irão auxiliar as outras equipes que estejam com atraso em função de problemas mecânicos do caminhão. O “não saber trabalhar” está relacionado ao fato do fiscal convocar a mesma equipe para auxiliar outra.

“Quando a equipe é unida é o fiscal que é nó cego, ele não sabe trabalhar, né? Você entendeu? Vamos supor, ele toma conta de 20 caminhões, então ele não sabe resolver o problema. Vamos supor que um caminhão quebra... Ele fala: Vai lá ajudar fulano. Tudo bem, você tá ali... Mas, todo dia, todo dia, todo dia...”

O termo “geleando” para os coletores significa “enrolando o serviço”. “fazer corpo mole” e deixa-nos entrever que estar é uma forma da equipe receber ajuda de outras equipes de coleta, sem necessariamente o caminhão estar com defeito mecânico, pois,

“Tem um fiscal aí que eu esquentei a cabeça e cheguei a discutir com ele. A gente tirava a camisa parecia que a gente tinha tomado banho. Calça, camisa, tudo. Você tá ali, todo molhado. Você dava o sangue ali. Aí, o que acontece? Tinha caminhão que os caras estavam geleando, geleando que fala, é enrolando o serviço, às vezes, entrava em bar ia tomar refrigerante, café, o que for... O que é que eles falavam: não, não tem pressa não, porque se atrasar, o fiscal manda ajudar a gente. Aí, o que acontece? Você terminou já o serviço, terminava duas viagens, meio dia já estava acabando, a gente se matou ali. O que ele fazia? Mandava a gente descarregar na Ponte Pequena, quando não, era na Vila Albertina, voltava e tirava quase uma viagem pra os caras e eles lá enrolando. A gente terminou o nosso setor, ia lá ajudar eles, muitas vezes eles iam descarregar duas viagens e voltava pra pegar a terceira, já tinha dois, três caminhões ajudando, os caminhões que acabaram cedo seguiam pra descarregar e eles lá iam pra garagem porque tava vazio. A gente se matava e eles acabavam chegando aqui primeiro que a gente. Aí, eu fui obrigado a falar com ele”.

Outro ponto que deve ser considerado a partir destas falas é a ausência de equipes reservadas para “cobrir” as equipes de trabalho em ocasiões como as que foram acima descritas: quebra do caminhão etc.

Sintetizando este capítulo, temos que a equipe é um elemento centra da organização do trabalho. Também esta categoria de análise da atividade está marcada pelas contradições, pelos paradoxos e pela ambigüidade. Para

os coletores, a equipe é uma fonte de alegrias e prazer (*equipe boa ou unida*), bem como de sofrimento (*equipe ruim*); é uma fonte geradora de preocupações e de responsabilidade. É, pois, o aspecto que aponta à autonomia e liberdade de trabalho para os coletores, se ao exercer suas atividades em conjunto com uma equipe de trabalho, podem ter a autonomia e liberdade tão desejadas, pois é esta equipe de trabalho que determina como o trabalho, será executado; é, também, através desta equipe de trabalho que o poder da empresa, representado nas suas regras e na sua hierarquia é exercido e através dos quais controla os trabalhadores.

Na equipe reside a contradição que nem mesmo estes trabalhadores têm consciência: a equipe determina o seu próprio ritmo de trabalho pelo fato de trabalhar no espaço público da rua. Mas, em realidade, estes trabalhadores unidos são os representantes da empresa, tendo introjetados os ritmos das "esteiras" e para atender a quota da produção estabelecida.

Correm mais para "*voar mais cedo*", é certo. Mas o fazem para cumprir a meta da produção (a limpeza do setor para o qual são designados), para não estarem expostos ao olhar vigilante da população e ao olhar da própria equipe que no "clima" de solidariedade, pressiona os trabalhadores para mantê-los dentro dos padrões estabelecidos pela empresa.

Todos os membros da equipe são indispensáveis para a manutenção da solidariedade e estes devem obedecer às regras do grupo. Os que não se "enquadram", *o nó cego, o tapa-buraco, o fiscal que não sabe trabalhar* são habilmente excluídos do grupo e substituídos por outros.

O cabaço e a sua "iniciação" parecem ser a expressão máxima de como estes trabalhadores precisam estar "treinados" para a manutenção do próprio equilíbrio da equipe e da ordem social da empresa.

O medo que os trabalhadores sentem dos riscos a que estão expostos possibilita a criação destes mecanismos acima descritos, como de inclusão pela exclusão dentro da própria equipe. Desta forma, utiliza-se o medo como uma alavanca para a realização do trabalho, estando estes trabalhadores em estado de alerta permanente, incluindo-se aqui a solidariedade com a própria vida, bem como com a vida dos colegas.

Esta rigidez imposta pela equipe é fundamental para a sobrevivência do grupo, tendo em vista, também, o espaço de realização e o objeto de trabalho: lixo e rua. A rua, espaço de enganos e ausência de controle, de decepções, de novidades e do imprevisível. Também a imprevisibilidade de situações neste espaço fortalece mais e mais a necessidade dos trabalhadores de intimidade, solidariedade, prisão e alienação até.

O trabalhador que não se insere nas práticas da equipe, segundo Dejours,

“...um dia ou outro será a vítima; ele deverá enfrentar, além do medo criado pelos riscos do processo de trabalho, o medo criado pelo clima psicológico do qual não participa. De maneira que essas condutas perigosas funcionam, provavelmente, como um sistema de seleção – pela exclusão dos vacilantes. Em contrapartida, para todos os outros que dela participam, cria uma intensa coesão, um clima de cumplicidade protetora, funcionando então efetivamente como uma defesa contra o medo” (Dejours, 1987).

A inclusão na equipe é submeter-se à ordem dela, portanto, significa a exclusão da solidariedade, que por sua vez é reforçada e estimulada pela empresa na sua necessidade de manter a produção e em condições extremamente insalubres, perigosas, penosas e imprevisíveis de trabalho.

II SAÚDE

A saúde é a outra grande temática emergente na análise dos dados e que, indiretamente, remete à compreensão do significado do trabalho.

Através da leitura das falas, definiu-se as seguintes subunidades desta temática:

- a) **relação saúde/trabalho**
(o trabalho afeta a saúde e o trabalho não afeta a saúde) e
- b) **cuidados com a saúde**

Os trabalhadores da limpeza urbana apresentaram suas queixas relacionadas a problemas de saúde, associando-os, em algumas situações, às condições de trabalho e em outras, à organização do trabalho e condições de vida.

Assim, mostraram em suas falas as suas concepções do que seja saúde, sua imbricação com o trabalho e o uso que fazem do corpo.

Para os coletores a saúde é foco de múltiplos significados. No que se refere à sua concepção, o significado principal está sintetizado na fala abaixo:

“Saúde é vida. É ter força pra vir no outro dia trabalhar, pra não perder o serviço e poder ganhar o dinheiro pra sustentar a família”.

Saúde está associada à manutenção do papel de provedor da família, o

que significa ter força para trabalhar. Portanto, saúde é capacidade de trabalhar.

O "sistema nervoso" é mais abalado quando existe a presença dos filhos. Boltanski (1989) e Dejours (1987), chamam a atenção para este aspecto, ou seja, não há uma preocupação ou mesmo uma identificação dos sinais da doença nos adultos; estes se "recusam" a adoecer e a reconhecer a incapacidade por vergonha de precisar parar de trabalhar. Assim, ir ao médico significa a possibilidade de assumir que está doente e isto implica em despesas médicas, em despesas extras com medicamentos, desestruturando o orçamento já "apertado". Estar doente para um trabalhador pode implicar, também, em duvidar de seu papel de "provedor", de pai de família que sustenta suas crias. Já no caso dos filhos, a postura difere um pouco, pois tudo é feito para lhes garantir a sobrevivência. Desta forma existe uma série de preocupações e de cuidados que são tomados para manter as crianças saudáveis.

Segundo Boltanski no que se relaciona ao uso do corpo pelas classes populares, existe um tipo de valorização deste em função de suas necessidades básicas. Assim,

“A valorização da atividade e da força física, que é correlativa de um uso instrumental do corpo, faz com que a doença seja sentida primeiro como um entrave à atividade física e ocasione essencialmente um sentimento de fraqueza. A doença é o que tira a força, ou seja, o que impede de viver normalmente e de fazer de seu corpo um uso habitual e familiar”.(Boltanski, 1989).

Mas falar de saúde não é algo fácil, nem é fácil conceituá-la. Como diz Dejours

“Falar de saúde é sempre difícil. Evocar o sofrimento e a doença é, em contrapartida, mais fácil: todo mundo o faz. Como se, a exemplo de Dante, cada um tivesse em si experiência suficiente para falar do inferno e nunca do paraíso” (Dejours, 1987).

Dejours, comentando a respeito da ideologia da vergonha, assim expõe a dificuldade dos trabalhadores para falar de saúde e bem estar:

“Seja a sexualidade, a gravidez ou a doença, tudo deve ser recoberto de silêncio. O corpo só pode ser aceito no silêncio ‘dos órgãos’... A atitude em relação à dor é neste sentido exemplar. O corpo? Não existe nem palavra nem linguagem para falar do corpo no subproletariado. Não se sabe o que significa sentir-se bem no corpo. A gente não conhece o corpo; logo para falar dele, é preciso que haja uma dor” (Dejours, 1987).

Acredito que até por isso, os trabalhadores de uma forma geral, bem como os coletores, referem-se mais ao sofrimento e à doença, para assim poderem referir-se à saúde pela sua negação.

Para os coletores, saúde também é:

“Uma boa alimentação, dormir bem e uma boa convivência com a família, sem problema. Se divertir bastante, descansar, dormir sossegado”.

Segundo eles, saúde envolve algo mais que apenas a ausência de sintomas; envolve ética e cidadania. Este grupo nos fala de esperanças, desejos e emoções mesmo sem nomear sentimentos. Este grupo nos fala de suas expectativas, de suas necessidades e do que as proferia, do que falta para que tenham saúde:

“Saúde é ter uma casinha boa para morar, ter um salário bom que dê pra viver”.

Para se ter saúde, são necessários alguns cuidados, seguir alguns princípios e ter alguns limites nas suas práticas.

“Pra se ter saúde não se pode fazer extravagância. Tem cara por aí que passa a noite sem dormir, vai para as quadras. Isso acaba com a saúde”.

“Saúde para mim é se alimentar bem, dormir bem, não fumar, não beber, não ter vícios com drogas, praticar esportes, ter relação sexual”.

Através dos discursos, observou-se uma série de referências ao que seja saúde. Para se ter saúde são necessários alguns itens que, na sua grande

maioria, constituem-se em elementos concretos e externos ao trabalhador. Para compreender o significado da saúde não basta ater-se às definições abstratas feitas pelos trabalhadores. É preciso prestar atenção às falas sobre a relação saúde/trabalho e cuidados com o corpo, como veremos a seguir.

A. Relação saúde/trabalho

Ao definirem saúde, os trabalhadores separam-na do trabalho, mas ao se referir aos problemas apresentam suas queixas e relacionam estas ao tipo de serviço que realizam.

1 O trabalho afeta a saúde

“Todo coletor tem problema de saúde, é muito difícil não ter. O coletor que falar isso aí, é... Acho que é mentira isso aí”.

Isto parece algo contraditório se levarmos em consideração, o conceito de saúde, visto que em nenhum momento estabeleceram relação entre estar ou ser saudável e "trabalhar no lixo".

Os problemas de saúde e queixas apontados pelos coletores foram agrupados em 10 grandes distúrbios, apresentando cada um deles características distintas da região do corpo afetada e das relações estabelecidas com a atividade de trabalho.

Os grupos de queixas foram assim denominados e relacionados: *Problemas de pele, problemas auditivos, problemas do trato urinário ou de necessidades, leptospirose ou doença do rato, tétano e Aids, problemas respiratórios e pulmonares, problemas músculo esqueléticos, nervosismo, preocupação, problemas digestivos e outros.*

Os problemas de saúde apresentados pelos trabalhadores através das queixas referidas são os mesmos encontrados por Silva (1973), Rubbo (1953), Sliepevicli (1955) e por Citrino e Matutam (1987), com a diferença de que no presente estudo, referiram-se também a tétano, Aids, nervosismo e preocupação.

Problemas de pele: Foram citadas manchas, alergias e coceiras no corpo, que são atribuídas ao contato com o lixo e a possíveis contaminações, bem como com a ausência de equipamentos de proteção individual (E.P.I) adequados.

Como visto anteriormente, a concessão de equipamentos de proteção in-

dividual por parte da empresa, não garante o seu uso pelos trabalhadores, em função, segundo eles, da inadequação deste material, dificultando seu desempenho no exercício da atividade de trabalho. Além disso, o E.P.L, seria um dos fatores que, segundo eles, poderia causar problemas devido ao atrito com a pele.

Problemas auditivos: Dores e zumbidos no ouvido são relacionados à poluição sonora da cidade, ao ruído intenso dos caminhões de coleta, que não têm manutenção adequada, e ao trabalho noturno, em função das condições climáticas no período da noite, especialmente no inverno.

Problemas do trato urinário: Referidos como problemas na bexiga (dores); dores de barriga e "*problemas de necessidades*", principalmente nas varredoras e que foram associados à ausência de banheiros para uso e à continência urinária.

Um outro problema apontado pelos trabalhadores é a infecção urinária, mais comum nas mulheres, *margaridas*, que representam 60% da categoria dos trabalhadores da limpeza pública.

Leptospirose ou doença do rato: Este problema foi apontado pelo grupo como sendo associado à sua atividade de trabalho, especialmente para os bueiristas (trabalhadores que fazem a limpeza das bocas ele lobo), em função de se encontrar nos bueiros muitos insetos e roedores, tais como o rato, que é o transmissor da leptospirose.

Tétano e AIDS: Estes dois problemas estão associados ao mal acondicionamento do lixo pela população. No caso do primeiro, latas velhas e enferrujadas, e no segundo, a presença de agulhas e seringas, onde furam as mãos.

Apesar ele tratarem-se de estilos diferentes de estudo, os dados encontrados no presente trabalho são coincidentes com os encontrados por Gordon (1989) e por Lascoe (1974) em estudos realizados nos EUA.

Outro tipo de lixo que pode ser um transmissor em potencial de uma doença, é a fumaça que sai do cano de escape do caminhão.

"Mas esse negócio da máscara é por causa da poluição do caminhão, do gás que sai do escapamento. O coletor de lixo corre do lado do escapamento daquela fumaça preta e pega tudo aquilo".

Neste ponto o sindicalista faz uma intervenção para informar que foi feito um acordo com as empresas, onde determinou-se que os canos de escape dos caminhões seriam colocados para o alto, soltando a fumaça para cima. Esta troca, na frota de veículos, iria acontecer gradualmente, devendo os delegados

sindicais estar atentos a esta alteração e a este acordo (Acordo coletivo de 1993) para no caso do não cumprimento, denunciar ao sindicato para as devidas providências.

Problemas respiratórios e pulmonares: Estão relacionados ao sistema respiratório, tais como: pneumonias, gripes/resfriados, dores de garganta, associados ao tipo de trabalho a céu aberto e à exposição freqüente às intempéries climáticas. Algumas situações foram marcantes e urra dos trabalhadores mostra as seqüelas em seu corpo, onde se evidenciam as cicatrizes de cortes de vidro e narra urna situação de uma

“Pneumonia que eu peguei que eu quase morri. Eu fui pra o Emílio Ribas com suspeita de meningite e depois tive outras recaídas. Agora que eu estou aqui dentro, sem fazer nada praticamente, o meu cansaço parou, eu consegui me recuperar, mas te que parar de correr pra recuperar. Hoje, eu chego em casa normal e se for preciso arranjar outro serviço pra trabalhar, eu arrumo, eu consigo. Mas, de primeiro não, naquela correria que tava não tinha tempo pra nada”.

Estes problemas surgem a partir de uma conjunção de fatores mais as intempéries climáticas.

“Uma dor na coxa e na canela, de estar todo quebrado quando o caminhão vai descarregar, da pneumonia por causa da roupa que seca todinha no corpo”.

A outra experiência marcante para este ex-coletor também está relacionada com a saúde, ou melhor, com seqüelas na sua saúde, em função do trabalho na coleta de lixo, conforme ele mesmo narra:

“A outra coisa, é que as costas, acho que foi friagem... Eu estou normal, vamos supor, de repente, quando eu levanto o braço, estrala aqui (aponta para as costas) e pronto e trava tudo. Aí, eu não consigo virar o pescoço e nem abaixar. Tirei chapa, tirei tudo, mas não acharam nada. Isso me acontece mais quando tem mudança de tempo”.

A bronquite crônica constituiu-se na maior prevalência de doença ocupacional entre os trabalhadores da limpeza pública em estudo realizado

por Cimino e Mamtani (1987), nos EUA e o câncer de pulmão teve a maior prevalência como causa principal de mortes (42%).

Problemas musculares e esqueléticos: Aqui são colocados o desgaste físico, cansaço, falta de ar, tonturas e, neste mesmo grupo, estão as hérnias, hemorróidas, varizes, dores nas pernas, torcicolos, torções nos pés e pernas e pulso aberto. Estes problemas foram relacionados com o esforço físico, com os movimentos executados durante a coleta e com o peso dos sacos de lixo que jogam dentro dos caminhões enquanto correm.

Nos encontros realizados, as discussões sobre esta temática se estabeleceram em pequenos grupos. Um deles colocou suas reflexões sobre os problemas músculo-esqueléticos, como está demonstrado em seguida.

“Nós pensamos o seguinte: o problema de coluna surge por causa do peso, de pegar peso de mal jeito e em excesso. Isto acontece, por exemplo, na nossa categoria”.

Para explicar este "peso em excesso", os trabalhadores expõem o seguinte exemplo:

“Quando vai limpar bueiro, os bueiristas pra abrir a tampa, eles têm que combinar um com o outro, pois os dois têm que fazer força igual para que nenhum dos dois fique prejudicado. Se tem um bueirista que é meio mole, o peso da tampa fica mal distribuído, gerando dor nas costas. Quando você esfria o corpo, quando chega em casa e se deita, no outro dia de manhã, você vai levantar, é um Deus nos acuda”.

Este coletor não só exemplifica uma das situações em que pode haver um fator de risco para um possível problema de saúde localizado na coluna, como também deixa clara a sua percepção e compreensão do "culpado" por este problema. Neste caso, é o outro colega que "é meio mole".

Isto nos mostra um sistema de significados que estão diretamente relacionados com o conceito de ato inseguro, segundo o qual o trabalhador é o responsável por qualquer acidente que venha a lhe acontecer, eximindo a em presa de qualquer responsabilidade no tocante à melhoria das condições de trabalho. Portanto, não pensa que a empresa deve fornecer ferramentas que possibilitem a abertura da boca de lobo e levantar a tampa do bueiro sem incorrer em risco para a sua saúde.

Além disso, dizer que o colega é “meio mole” significa dizer que não acompanha o ritmo e as exigências da equipe para a realização do trabalho. Em outras palavras, o colega “meio mole” é também um *nó cego*, um desmancha prazeres que assim é chamado por não estar “adaptado”.

Vale ressaltar que um desvio na coluna vertebral pode incapacitar uma pessoa, o que no caso dos coletores se torna mais enfatizado em virtude do tipo de trabalho exigir a manipulação constante de volumes pesados e ser desempenhado em movimento (com pés e pernas).

Segundo resultados encontrados por Robazzi (1984), 75% dos trabalhadores se afastaram do trabalho por traumas ou lesões nos membros superiores e inferiores, coluna, olhos, quadril e tórax.

A questão é muito ampla e ultrapassa os limites da função do coletor de lixo para a do varredor. Os coletores queixam-se do peso do lixo ensacado pelos varredores, pois, segundo eles, possibilita, além da sua explicação para a relação doença-trabalho, uma visão mais completa do processo de trabalho na limpeza urbana. Nesta fala também encontra-se a denúncia do coletor de que os trabalhadores não têm conhecimento de todo o processo de trabalho da limpeza urbana:

“Tem gente que trabalha na varrição e enche o saco de terra. É terra mesmo, que vem molhada, de três coletores não agüentar pegar o saco de lixo. Não agüenta pegar o saco, precisa rasgar ele e batera a pá. Na hora que você pega, quando o saco rasga, você sente a diferença na coluna”.

A solidariedade entre os coletores, tão exigida pela equipe, está respaldada pela presença de riscos reais, visto que ela funciona como um mecanismo de proteção à saúde em função das inúmeras situações imprevisíveis que aumentam a periculosidade no trabalho de rua com o lixo.

“Às vezes tem um que é mais orgulhoso, que a gente de longe percebe que... a gente vê que ele não está podendo pegar saco sozinho, mas não. Ele inventa de pegar sozinho, o saco tem quinze ou vinte quilos de terra. Agora você imagina, eu venho correndo atrás do caminhão, o caminhão pára um pouquinho, eu pulo atrás do caminhão, eu pego o saco de varrição e nhac (imita o som do estalo dado pela sua coluna ao exceder o limite de peso do saco de lixo), dá um jeito na coluna”.

Além da ausência da solidariedade, o grupo parte do princípio de que o tipo de trabalho executado, suas ferramentas e a equipe podem contribuir para o surgimento deste tipo de queixa de saúde.

Apontam o exemplo do container:

“O container tem quatro rodas pra se locomover. Então no caso, às vezes, duas rodas ou as quatro, estão emperradas. Quando estão emperradas a gente não consegue... Consegue ma com bastante força. E quando elas estão fácil de locomover, as rodas, e o container está pesado demais, as rodas, ela, o container é incontrolável, sabe? Às vezes, você vai empurrando, quando pega um... no terreno, o container joga você de um lado pro outro... Aí você sente uma torção na coluna. Quando as rodas estão perfeitas, os dois fazem força por igual”.

Outra questão apontada refere-se a pegar os sacos de varrição muito pesados e sozinho.

“Aí, eu venho de dentro do caminhão, pegar um saco de varrição pesado. Eu não sabia que estava pesado. O saco está lá no ch-çao, eu não sei o que está lá dentro. Eu pego o saco pesado na mão, puxo, ele não vem. Suspendo o saco, aí o saco desce pro chão. Eu vou correndo e o saco caiu, aí dá um jeito na coluna...”

Quando se trata do pessoal que faz a varrição das ruas, o problema de coluna pode surgir, segundo estes trabalhadores, em função de:

“O cabo da vassoura ele é pequeno, estou varrendo ele dá problema na coluna. As foices pesadas quando você vai empurrar pode dar um mau jeito na coluna”.

Outra forma de desenvolver um problema de coluna está relacionado, segundo trabalhadores, à pavimentação das ruas e ao ritmo imposto pela equipe durante a execução do trabalho.

Um segundo coletor expressou que a situação mais marcante, enquanto atuava na coleta, estava relacionada aos riscos de acidente e à possíveis problemas de saúde.

“Tem duas coisas que me marcaram, que eu sinto até hoje: foi uma vez que o caminhão passou na lombada, com tudo, então, eu pra não cair, eu acompanhei no estribo do caminhão. Os outros garis, todos caíram. Eu acompanhei e na descida, já não descia na posição normal, já descia ao contrário, eu batia a micula no ferro. Graças a Deus não quebrou. Ainda trabalhei uns dois dias e depois eu não conseguia mais correr, tudo me doía, parecia que eu voltava pra trás. Aí fui para o seguro, fiz tratamento com forno, mas resolveu pouca coisa. Então, de vez em quando, sinto a coluna. É de repente”.

Outros trabalhadores apontam varizes como constituintes deste grupo de distúrbios. Para eles,

“A varize é causada, por exemplo, pelo peso, pelo excesso de peso ou de a pessoa ficar muitas horas de pé. A gente que está na varrição, o cara não pode sentar durante horas, tem de ficar de pé direto”.

Vale ressaltar que a região do corpo mais referida pelos coletores e também pelos trabalhos publicados, são os braços e as pernas (“as batatas das pernas”). Estes trabalhadores apresentam um conjunto de dores nos membros superiores e inferiores.

Problemas gastrointestinais: São queixas que estão relacionadas aos seus horários de almoço ou mesmo à ausência destes para que “*possam voar mais cedo*”, à ausência de locais limpos, com higiene suficiente para esquentar e fazer suas refeições.

“Uma alimentação fora de hora, de uma alimentação fraca. Você sai de casa e toma um cafezinho e só vai almoçar ao meio dia. Quando chega na hora do almoço, você não almoça. Outras causas são comidas gordurosas, frituras, cigarro, cachaça”.

Fica claro nesta fala a presença da organização do trabalho, que nem sempre é a mais adequada à saúde dos trabalhadores da limpeza urbana. Mesmo estes trabalhadores, aparentemente estabelecendo seu próprio ritmo de trabalho, organizando-se da forma mais conveniente “*para voar mais cedo*”, ainda assim, esta mesma organização não o defende de estar em contato com riscos

para a sua saúde que não se constituem em um problema imediato, como é o caso do acidente de trabalho, vindo a se concretizar enquanto uma doença relacionada ao trabalho posteriormente, após um período de tempo no exercício desta atividade e nas condições descritas.

Além destes aspectos acima colocados pelos coletores, outras situações que contribuiriam para o surgimento de uma gastrite seriam as questões ligadas à equipe de trabalho, especialmente no que se relaciona ao motorista. Muitos coletores responsabilizam o motorista por acidentes envolvendo a equipe e o caminhão de coleta, pois, segundo eles, o motorista imprime ritmo ao veículo que, dependendo do peso dos sacos de lixo eles não conseguem alcançar o veículo e o lixo acaba se derramando no chão, obrigando o coletor a ter que recolhê-lo com as suas próprias mãos.

O acidente de trabalho surge como uma "brecha" da solidariedade, um afrouxamento dos mecanismos utilizados para manter a equipe unida.

“Ele tem que prestar muita atenção no retrovisor, aí pelo retrovisor na hora que a gente está pegando um saco, e jogando no caminhão, se o saco está pesado, naturalmente ele pode parar, quando o motorista vê, é esperto. Quando ele fica desligado, ele deixa o retrovisor e fica prestando atenção no mundo, por isso que ele bate bastante”.

Segundo os trabalhadores participantes dos encontros, uma pessoa pode "ter gastrite" em função de situações de tensão que enfrentam no seu cotidiano de trabalho, ou seja, parece que estes trabalhadores utilizam-se de media

“A comida requentada provoca gastrite, pois não vamos fazer a comida hoje, pra trazer. Tem de ser de ontem... Já guarda na marmitta, de manhã cedo, já está meio passada da hora, né? Então, depois esquenta, pode ser isso que acaba provocando gastrite, porque a comida é feita pra comer na hora. Muitos aqui esquentam a comida no câmbio do caminhão”; “o estômago vazio também provoca gastrite”.

Outros riscos são as mordidas de cachorro, nos bairros residenciais onde predominam as casas. Os moradores, por vezes, colocam os sacos de lixo sobre os muros ou dentro de casa e quando o coletor vai pegar, é surpreendido pelos cães; e **quedas do caminhão e atropelamento** estão

associados a fatores como manutenção inadequada dos caminhões de coleta, impossibilidade por parte do motorista de visualizar os coletores que estão atrás do caminhão; ao trânsito e às pirambeiras (ruas com chão irregular e sem asfalto).

Um aspecto relacionado às queixas e que desperta a atenção dos trabalhadores é a contaminação através do lixo. Nas representações gráficas feitas pelos coletores, a tônica está associada ao lixo, aos micróbios, às possíveis contaminações transmitidas pela sujeira, pelas mordidas de cachorro etc.

“Este aqui está com os olhos bem amarelados, ele está bem anêmico, o pulmão está poluído... Aqui tem o problema de varizes nas pernas, a perna está inchada. Aqui é o desenho da dentada de um cachorro e aqui são fezes e micróbios”.

Este grupo, já com algumas características diferentes do primeiro, apresenta uma ênfase nos sintomas físicos, sem falar inicialmente no "sofrimento" do coletor de lixo.

As mordidas de cachorro se constituem numa ameaça a estes trabalhadores por terem de entrar nos jardins das residências onde estão esses animais e também os que estão soltos nas ruas. Esse tipo de problema também foi relatado por Gordon, em 1989.

Para uma terceira representação gráfica, alguns dos aspectos apresentados no desenho mostram bem o dia-a-dia do coletor de lixo, a sua conduta durante o trabalho e em algumas situações que lhe fazem frente, tais como esta apresentada nesta fala:

“No dia-a-dia, aqui a gente vê a bexiga, a urina amarela, principalmente quando come coisas da feira. Uma vez eu vi um coletor pegando uma banana. Quer dizer, ele não sabe o que isto vai lhe acarretar porque a banana estava no meio das coisas podres, no chão. Depois interna a gente com problema de gastrite. Aqui, na parte externa, o que a gente vê é a mordida do cachorro. O gari vai coletar e o cachorro está no portão e junta na perna do gari”.

Nervosismo ou ter sistema nervoso se apresentam na forma de: problemas de cabeça, pressão alta, dores de estômago e dores de cabeça. Estes problemas são associados pelos coletores ao ritmo intenso de trabalho, à pressão das empresas e também às precárias condições de vida, mas principalmente

relacionados ao estar trabalhando e estar desempregado.

“Sistema nervoso é falta de controle, é problema financeiro, de dinheiro; quando a gente não está trabalhando”.

“Nervosismo e sistema nervoso” também conhecidos como “preocupação e ansiedade”. Para falar destas emoções, os trabalhadores utilizam-se dos exemplos de situações por eles vivenciadas.

“Por que eu pus dinheiro em primeiro lugar? Porque eu acredito que é uma das primeiras dificuldades que o trabalhador tem. Porque pelo desemprego, ele não vai ter dinheiro e conseqüentemente vai ter dívidas, é uma das maiores preocupações do trabalhador”.

Os trabalhadores falam muito de doenças relacionadas à “ansiedade” que sentem em algumas situações. Mas, eles não conseguem expressar esta ansiedade sem referir-se a exemplos. É através destes exemplos que apresentam o medo do desemprego como fonte de adoecimento, apresentam indiretamente o trabalho como fundamental à sustentação da saúde.

André (1994) aborda o sofrimento do trabalhador, suas ansiedades frente ao tipo de trabalho realizado e do “salário de sofrimento” que recebem. A autora faz uma associação entre o medo da fome e também à ameaça de decomposição física dos entrevistados.

Assim, os trabalhadores exemplificam:

“É ansiedade de ver, quando entramos na limpeza urbana, antes de ser delegado sindical, nós vimos um monte de coisas erradas dentro da empresa e não podemos falar porque não temos estabilidade, o fiscal pode, atravessando a C.L.T. fazer o que quiser com a gente”.

“Eu sou um varredor, por exemplo. Eu vejo ali o fiscal abusando, dando suspensão, sei que meu salário está baixo, sei que eu valorizo o meu serviço, mas eu sei que boa parte da população não vê com bons olhos. Então, a gente quer mudar tudo isso aí, queremos mudar aquela posição, dá aquela ansiedade. A gente se sente rebaixado, depois vem aquele ódio do fiscal”.

A partir destas duas falas, observa-se que a ansiedade à qual os trabalhadores referem-se, trata-se de um sentimento de frustração e impotência por estarem frente a situações sobre as quais não conseguem ou não podem alterar.

Dejours aponta três formas diferentes de ansiedade: a ansiedade relativa à degradação do funcionamento mental e do equilíbrio psicoafetivo, a ansiedade relativa à degradação do organismo e a ansiedade gerada pela disciplina da fome. Esta última fornece esclarecimentos acerca do "*sistema nervoso, preocupação e ansiedade* " mostradas pelos coletores de lixo em suas falas.

“Apesar do sofrimento mental que não pode mais passar ignorado, os trabalhadores continuam em seus postos de trabalho, expondo seu equilíbrio e seu funcionamento mental à ameaça contida no trabalho, para enfrentar uma exigência ainda mais imperiosa: sobreviver. Ansiedade da morte. A esta ansiedade alguns autores deram o nome de “disciplina da fome”... Em todo caso, a disciplina da fome não faz parte diretamente da relação homem-organização do trabalho, mas é, acima de tudo, sua condição” (Dejours, 1987).

A fala de um dos trabalhadores expressou bem, como esta preocupação e ansiedade são sentidas por eles:

“A preocupação traz assim, nervoso. Você não dorme, não come, você fica com a cabeça pesada. Sem falar que com aquilo na cabeça, você não dorme”.

A preocupação e o nervosismo podem expressar-se de diferentes formas, demonstrando o quanto o coletor não percebe que o trabalho marca a alma, o coração, a mente e a vida do trabalhador.

Através de uma representação gráfica feita pelos coletores sobre sua saúde, durante os encontros (fase de pesquisa de campo), mostraram a interação de vários riscos e queixas e seus sentimentos em relação a este quadro.

“Os olhos amarelados, isso significa que o trabalhador não pode ter uma expressão alegre, tem a expressão sombria, triste. Quer dizer, os olhos amarelados também, da doença, dos problemas de coluna, da hérnia, as varizes, também o analfabetismo, a roupa suja dele”.

Esta fala me fez lembrar uma expressão usada principalmente no nordeste do Brasil, que se refere às expressões faciais das pessoas que estão um tanto quanto "sem graça", tristes, sem desejos, sem alegria.

Outros estudos realizados com esta categoria apontam para quadros relacionados ao "sistema nervoso". Silva (1973) designou de "afecções neuropsiquiátricas", as epilepsias e "desânimo, desinteresse, consumo alcoólico, hipertensão arterial"; enquanto Rubbo (1983), relacionou as neuroses, alcoolismo, demência, paranóia e associou estes problemas ao modo de vida e ao trabalho.

Mas nem sempre eles têm consciência da relação entre o trabalho e o seu sofrimento emocional.

“A cabeça não foi atingida, mas devido à febre que tive, se eu ficar nervoso agora, começa a doer a cabeça, devido à febre altíssima que eu tive, quarenta e um, quarenta e dois, da pneumonia, então ataca a cabeça. É só eu ficar nervoso um pouco, que ataca a cabeça. Eu não sei o motivo, só sei que afeta a cabeça. Não dei porque minha mulher tinha tirado o revólver do lugar e guardou, se não. No dia da febre, eu levantei, fui procurar o revólver, falando só que ia me matar, falava pra ela alimentar a cobra, pra dar ratinha pra cobra comer, que ela estava com fome, eu tava falando praticamente, através da febre”.

2 O trabalho não afeta a saúde

A despeito das relações apontadas, direta e indiretamente, pelos coletores entre a natureza da atividade, o tipo de trabalho e suas condições com as condições de saúde, seus problemas e queixas, ao explicarem a doença, apresentam teorias referendadas na categoria de que o trabalho não afeta a saúde.

Desta forma, a doença surge com os significados de fatalismo, destino e *cisma*.

a) O fatalismo

"Eu nunca senti nada na minha saúde, só a coluna. Eu acho que 90% dos brasileiros sofrem de coluna. O resto está tudo bem. Eu passei 42 dias no seguro. Não sei se tem a ver com o

meu trabalho, antes eu não sentia nada. Se bem que quando a gente tem de morrer, até tomando água fria a gente morre”.

Os aspectos acima comentados assumem um caráter fatalista, como se esta fosse a vontade de Deus e o destino tem que ser aceito de qualquer forma. Isto se mostra a potno de não estabelecerem ligação alguma entre o peso dos sacos de lixo que carregam, ao fato de correr uma média de 30 a 40 km por dia, a todo esforço exagerado ao qual a musculatura é submetida e uma dor na coluna. Leva-me a pensar que estes trabalhadores, talvez devido à baixa ou quase nenhuma escolaridade, criam suas próprias teorias sobre as doenças que os acometem e no final, tudo se resume, ao que tem de ser, ao que se tem de passar na vida.

Analisando a relação doença/trabalho no subproletariado, Dejours afirma:

“Com efeito, não se encontra no discurso do subproletariado, uma angústia específica relativa à saúde, à doença, à morte. A doença é vivida como um fenômeno totalmente exterior resultante do destino e dependente da intervenção exterior”. (Dejours, 1987).

b) A cisma

Além do fatalismo, quando argüidos diretamente sobre a origem da doença, responde:

“Esse negócio de doença é mais superstição, se ele fica pensando que isso vai me fazer mal, aí acaba fazendo mal mesmo. Se fosse assim, essa turma que vive debaixo do viaduto, jogado pelas ruas morria todo mundo, todo dia morria gente, não tem nada a ver, a gente tem que se precaver, mais isso também... porque é cisma, a cisma mata mais que a doença”.

A *cisma* é algo que não se vê, que não se toca, apenas se sente. A *cisma* é como o lixo acondicionado no saco. Não se sabe o que tem lá dentro do saco; não se tem idéia da composição do lixo. A *cisma* é para estes trabalhadores, o equivalente a “*não saber a que é regada a macumba*” que eles tem de recolher. A *cisma* é o desconhecido e o simbólico, o mágico; é o pensamento, a consciência do sentir medo, da possibilidade do adoecimento e a impossibilidade de ver-se doente.

Aqui, aponta-se para um outro tipo de doença relacionada com as emoções, com a significação e com o simbólico. Mas a *cisma*, se por um lado é reconhecimento, não anula a dimensão física, demonstrando a visão clara da relação psicofísico.

André (1994) também aponta a *cisma* como referida pelos trabalhadores, em função de não se saber o que pode acontecer durante a realização do trabalho. Assim, a autora aponta para o risco que está sempre presente e concorda com a dimensão imprevisível do trabalho apontado neste estúdio.

“O caso é o seguinte: a doença ela é uma coisa física, não é uma coisa psicológica, na minha opinião não é tão psicológica, porque aquele que tá doente, se fosse assim, a gente acreditava que ia estar rico e ficava também”.

A doença se deve a agentes externos e pode existir com ou sem sintomas físicos. Assinalam também par a qualidade de vida e, de uma certa forma, aponta a visão realista do processo saúde-doença é que ter saúde não significa ausência de sintomas, como se segue:

“Que nem esses caras que moram embaixo do viaduto, até hoje não se faz exames para saber as doenças que ele tem, que pode ter por dentro, doença de pele. Ele pode estar andando, tudo bem. O cara que mora embaixo do viaduto, ele pode estar andando por aí, pode estar dando risada, mas quem garante que o que ele comeu não tinha germe, não tinha micróbios, não passou doença para ele? Pode não se manifestar agora, mas com o tempo vai se manifestar...”

Um delegado sindical, ex-coletor de lixo, que narrou um episódio de pneumonia, apesar dos detalhes da descrição sobre o que o acometeu, durante a época em que estava na coleta também não conseguiu esclarecer e compreender a relação entre o nervoso, a pneumonia e a dor de cabeça.

A seguir, temos mais um exemplo da não associação dos fatores de risco existentes na atividade de trabalho com o adoecimento.

“Às vezes, em casa, a mulher começa a falar, a xingar, até mesmo gritar com as crianças, já começa o sangue ferver, já começa dor de cabeça. Isso só depois da pneumonia,

antes disso eu não tinha nada. A pneumonia foi o meu limite, saturou, não dava mais. A gente também, gosta de esnober um pouquinho, chovendo e tal, aquelas poças d'água assim, a gente entrava na água; chovia, a roupa secava no corpo. Tomava aquela chuva, depois esquentava, correndo, quando parava e agora? Pois se der uma parada, a roupa seca no corpo e aí vai afetando. Pode não dar nada no começo, mas três anos depois, o corpo não agüenta”.

Mesmo sabendo de todos os esforços e excessos realizados e das suas conseqüências para a sua saúde futuramente, o trabalhador coloca ainda que “essa pneumonia foi de uma hora pra outra”, ele não sabe como aconteceu.

Existem nesta fala dois movimentos de significação: um que se aproxima dos fatores de risco, se assim pudermos denominar; e um outro movimento que praticamente nega todos estes fatores, fazendo com que a doença tenha surgido do nada, sem relação como trabalho.

Afinal, o que é *cisma*? Muitas vezes, ela se aproxima do mágico, outras vezes dos fatores emocionais ou as duas coisas ao mesmo tempo.

“Eu acho que é mais psicológico. A pessoa tem medo de pegar macumba. Acontece que ela fica tão preocupada por exemplo, de ser atropelada por um carro, que ela acaba esquecendo que vem um trem. Então se acontece, ela fala: foi o espírito”.

Portanto outro aspecto, que merece destaque é a noção de contaminação atrelada aos problemas de ordem emocional, como expresso na referência “a pegar depressão”.

“Eu estava morando com o meu cunhado, dormindo no chão com os meus filhos. Estava trabalhando, mas estava difícil de encontrar uma casa pra alugar, estava com muita dificuldade e eu ia ao médico e ele falava que estava com estafa, mandava eu pegar umas férias, umas vitaminas. Só que a vitamina não reanimava, tanto que eu tomava antidepressivo que era pra não pegar depressão”.

Chama atenção a referência do trabalhador à depressão, como se esta fosse uma doença transmitida através de um vírus para o qual ele se medica,

evitando a contaminação. Apesar deste sistema de significado encontrar sua gênese numa perspectiva higienista, este mesmo trabalhador utiliza-se de um outro referencial, mais voltado ao psicossocial, para explicar o seu "sistema nervoso" e, assim, estruturar a sua concepção de saúde.

Estas dificuldades apontadas na fala encontram um canal por onde e para onde escoar, fazendo-se sentir no corpo através da estafa, da necessidade de vitaminas e de férias.

Apesar da diversidade de significados, pode-se resumir que a doença surge através de um vírus, um micróbio que leva à contaminação, podendo também ser provocada pela *cismeí*, pelo stress ou pelo lixo, seguindo o mesmo processo: a doença provocada por agentes externos.

A idéia de que o álcool tudo limpa e "queima", bem como a idéia de que a infecção está associada a coisas escondidas e úmidas é bastante difundida nas classes populares.

A este respeito, Boltanski comenta que

“A representação particularmente tenaz da doença como uma podridão, como uma podridão na parte externa do corpo, mas também dentro, podridão dos lugares obscuros e úmidos. Assim, de acordo com esse esquema, os ossos, as entranhas, o próprio sangue podem decompor-se e apodrecer... Mas como a infecção que é umidade, podridão, é também, e por definição infecta, desinfetar-se pode ser reduzido não a secar mas a limpar. Assim, dir-se-á que o mercurocromo ou o álcool a 90 servem para limpar a ferida como um bom desinfetante permite limpar, lavar os lugares úmidos, escondidos, infectos”.
(Boltanski, 1989).

A falta de informação também é um dos fatores que estão relacionados à ausência ou presença de um programa preventivo na área da saúde do homem.

B. Cuidados com a saúde

Os cuidados com a saúde despertaram grande discussão entre os trabalhadores e eles comentam suas práticas e posicionamentos:

“Na feira, por exemplo, o varredor que junta o monte de lixo, então ele está lá varrendo, então de repente, mesmo ele sa-

bendo que tem o risco de pegar cólera ou outro tipo de doença intestinal, então ele vê uma maçã no meio do chão, ele já pega, esfrega na camisa sem nenhuma higiene e come a maçã. Eles fazem isso mesmo sabendo do risco de doença”.

As roupas ou uniformes usados pelos coletores são levados para suas residências para serem lavados e um delegado sindical adverte que muitas vezes essa roupa que está suja é lavada juntamente com outras peças, coloca a importância de lavar bem os objetos e frutas antes de comer, o que, segundo ele, os coletores e muitos varredores não fazem.

Este delegado sindical compara a situação acima descrita com o coletor ou varredor que pode contrair uma doença, contaminar-se por não usar luva por

“Ser calorento, dá calor a luva. Ele pega o lixo com a mão, mesmo sabendo que corre risco de saúde”.

Conforme foi visto na fala sobre as frutas que são pegadas pelos varredores e coletores durante as limpezas das ruas de feira e que são ingeridas sem nenhum critério de higiene, apenas passadas rapidamente na roupa, segundo o delegado sindical Edmilson este é um dos caminhos para a doença e para a contaminação por micróbios, já que estas frutas estão jogadas no chão com toda a sorte de sujeira.

“É de um alto risco de doença esta profissão, mas também é necessária conscientização do trabalhador. Não é só colocar um boletim ensinando como se transmite a cólera ou Aids, a maioria dos trabalhadores nem ler sabe”.

Esta fala aponta, além de um dos possíveis caminhos para o adoecimento, uma característica da categoria, que é a baixa escolaridade, que define qualquer tipo de ação preventiva e seu modo de execução.

Uma das formas de cuidar do corpo e da saúde para prevenir-se o adoecimento e seus transtornos, é o afastamento da função. Um coletor conta um episódio de pneumonia e os problemas que culminaram com ela, bem como seu seqüente desligamento da função de coletor.

“Foi devido a isto que eu sai da coleta. Depois que eu fiquei doente, que eu fiquei internado quatro dias, fiquei dois dias desacordado no hospital, aí eu vim aqui e disse que não

queria mais coletar, queria passar para o dia. Mesmo assim, queriam me jogar pra coletar no Itaim, pirambeira. Nem eu acreditei, nem o chefe deixou. A partir daí, eu fui fazer feira, fui trabalhar em carro pipa, lavar rua de feira e agora eu estou assim, só sossego. Chega de correria. De vez em quando, eles vêm me procurar e eu falo que eu não agüento, que estou com o joelho inchado. Eu não tenho nada no joelho, veja que eu pratico até luta livre, mas a desculpa é o joelho”.

Esta fala indica, de um lado, que a doença é gerada pelo trabalho, e de outro, que ela é uma forma de se afastar da coleta. Através da doença surge a oportunidade de crescer dentro da empresa. Apesar de não haver um plano de carreira instituído e formalizado, parece passar por uma relação entre o acidente de trabalho e/ou doença profissional e a nova posição.

Mas nem sempre é expectativa do trabalhador se afastar de sua atividade. Um outro coletor, quando de um acidente, afastou-se por três dias e, ao retornar ao médico da empresa, recusou-se a ficar afastado por mais tempo.

“O médico me encaminhou para o hospital, eu fiquei três dias em casa. Aí, eu voltei lá no médico. – Já está bom ou você quer mais uns dez dias pra ficar parado? Eu falei: Estou bom. Não, precisa não”.

Segundo Dejours o trabalhador tem medo da doença pois ela está associada à perda do emprego e à ficar “*encostado na caixa*”.

“Homem ou mulher, todo estado anormal do corpo traz infalivelmente de volta a questão do trabalho ou do emprego... Doença e trabalho! Este par indissolivelmente ligado guarda contudo específico: a ideologia da vergonha erigida pelo subproletariado não visa a doença enquanto tal, mas a doença enquanto impedimento ao trabalho”.* (Dejours, 1987)

* “A ideologia da vergonha consiste em manter à distância o risco do afastamento do corpo ao trabalho e, conseqüentemente, à miséria, à subalimentação e à morte” (DEJOURS, 1987).

O coletor coloca que não quis os dez dias de licença para não “acostumar o corpo”, não perder o ritmo de trabalho e desta forma reafirma a citação anterior.

“Você fica acumulando doença, pondo manha no corpo. O corpo acostuma a ficar parado”.

Dejours afirma que

“...o ritmo do tempo fora do trabalho não é somente uma contaminação, mas antes uma estratégia, destinada a manter eficazmente a repressão dos comportamentos espontâneos que marcariam uma brecha no comportamento produtivo”.
(Dejours, 1987)

Estar em movimento é fundamental para estes trabalhadores, pois “pôr manha no corpo”, em outras palavras, significa “fazer corpo mole”, não ter ânimo e quando não se tem ânimo, não há cura. O controle do próprio corpo magoado, machucado, “quebrado”, é de importância fundamental para mantê-lo bem disposto para o trabalho. A questão básica é conter a doença, domesticá-la, viver com ela. Viver com ela a ponto de, quando indagado sobre as queixas de saúde, aquele problema parece ser algo à parte, ou mesmo, não ser considerado doença, mal-estar ou sofrimento.

A este respeito Dejours diz que

“O tempo fora do trabalho não seria nem livre nem virgem e os estereótipos comportamentais não seriam testemunhas apenas de alguns resíduos anedóticos. ... Numerosos são os operários e empregados que mantêm ativamente, fora do trabalho e durante os dias de folga, um programa onde atividades e repouso são verdadeiramente comandados pelo cronômetro. ... O ritmo do tempo fora do trabalho não é somente uma contaminação, mas antes uma estratégia, destina a manter eficazmente a repressão dos comportamentos espontâneos que marcariam uma brecha no comportamento produtivo” (Dejours, 1987).

Ainda a respeito da prevenção aos riscos de acidente e adoecimento, um dirigente sindical afirma:

“A coisa é séria. Se algumas pessoas da categoria não quer se ajudar, como é que a gente vai fazer? Existe um processo de ignorância dentro da cabeça deles. Eles imaginam, por exemplo, que o cara está com problema no pulmão que é devido à fumaça. Por isso esse está com os olhos irritados. Ele fica olhando para o colega como se nunca fosse acontecer com ele mesmo. Enquanto pensarem assim, a gente nunca vai se unir. Eles tem que pensar que isso pode acontecer com ele como acontece com um colega dele”.

Um outro coletor coloca um aspecto interessante que é a dissociação ou quase negação de um risco, muito comum entre a população, levando à crença de que alguns males só acontecem com as outras pessoas:

Nesta fala evidencia-se a atenção dispensada à saúde e até mesmo a concepção de saúde de uma categoria profissional. Ora, este mecanismo citado pelo trabalhador, de "achar que certas coisas só acontece com o outro", não está restrito à esta categoria profissional e não se pode estabelecer o critério "tipo de trabalho" como fator responsável pelos cuidados devidos ou não à integridade do trabalhador.

A questão da saúde extrapola o âmbito do trabalho, sendo que aparece, talvez de forma mais nítida, quando o trabalhador se acidenta ou adoecer, pois a doença profissional e o acidente de trabalho denunciam toda uma série de situações e condições inadequadas dentro daquele universo. Quando o acidente ocorre, significa apenas a ponta do iceberg. O acidente de trabalho e a doença ocupacional são os fatos através dos quais se evidencia um processo patológico e doentio de uma forma de organização do trabalho, bem como das condições em que este trabalho é executado.

Acompanhando a fala acima, um dos fatores que podem favorecer a ausência de cuidados com a saúde seria a "ignorância", traduzida como falta de conhecimentos. Entretanto, a falta de conhecimentos não explica tudo, haja visto os males que acometem a população mundial, como a Aids, situações estas em que são feitas campanhas educativas e ainda assim, encontramos resistência da população à utilização de medidas preventivas no seu cotidiano. Parece haver um distanciamento emocional nessas situações, levando as pessoas a pensar que só acontece com o outro. Aqui demonstram o papel das emoções mediatizando o processo de tomada de cons-

ciência, o agir e o pensar.

A conclusão que tiramos é que a saúde também é foco de ambigüidade para estes trabalhadores. As contradições estão presentes quando não estabelecem relação entre estar ou ser saudável e trabalhar na rua com o lixo e, ao mesmo tempo, quando relacionam as queixas de saúde e apontam associações entre estes problemas e o trabalho que realizam.

A *cisma* é a unidade de significação que se expressa como uma metáfora do sofrimento pelo qual passa esta categoria. Pois, se por um lado significa o fatalismo, o destino, os agente externos, por outro, significa a dúvida, a preocupação e a ansiedade perante o conteúdo imprevisível do trabalho realizado na rua com o lixo.

III PINGA: CURA E ADOECIMENTO

O consumo de álcool nesta categoria profissional é considerado um problema tanto pelos dirigentes sindicais, pelos representantes de Cipa das empresas, como também por alguns coletores de lixo. Estudos realizados confirmam essa preocupação: Silva, 1973; Marques, Carmona e Moraes, 1980; Rubbo, 1983; Robazzi, 1984; Tolosa, 1990 e André, 1994.

Não são apenas coletores que fazem referência ao alto índice de consumo alcoólico; os dirigentes sindicais também referem tal situação.

“Os coletores de lixo são movidos a álcool”.

Segundo um dos delegados sindicais, o alcoolismo tornou-se até um folclore para estes trabalhadores, criando-se até piadas a esse respeito, tais como:

“É melhor ser um bêbado conhecido do que um alcoólatra anônimo”. “Beba um dia e no outro também”.

No entanto, a ingestão de bebida e o uso de drogas nunca foram encarados seriamente pela categoria e empresa, e o que se vê são, portanto, comportamentos estereotipados, explicações, condutas, expressões e chistes que compõem e explicam, a seu modo, o consumo de álcool e drogas por esta categoria.

O presente estudo mostra a multidimensão do trabalho que cerca o hábito de ingerir bebidas alcoólicas, como algo mais que um problema de saúde ou mesmo como um estimulante ou como fuga (mecanismo de defesa). Neste trabalho observamos algumas relações entre o consumo alcoólico e o tipo de trabalho, o produto com o qual trabalham, o local onde o trabalho é realizado, suscitando sentimentos e valores, tais como, reconhecimento do trabalho, necessidade de desintoxicar-se, de limpar-se do cheiro do lixo e do próprio lixo; passando a vivenciar o consumo de bebida como um remédio que limpa por dentro.

André (1994) em estudo realizado com os bueiristas, apontou a relação entre o tipo e a natureza do trabalho e o consumo de álcool dos trabalhadores. Para esta autora, o uso do álcool significa uma forma de enfrentamento, de proteção, de ajuda para a realização de um trabalho por eles considerado repugnante.

Assim, o "bebei" apresenta várias conotações, envolvendo várias situações, inclusive a saúde do coletor de lixo. Aponto abaixo as significações que emergiram neste estudo.

A. A cachaça na relação com a população: reconhecimento e exploração

Trabalhar na rua, por proporcionar o contato direto com a população, favorece as mais diversas formas de troca, como é o caso da bebida alcoólica ou o limpar o sanitário do bar, para depois usar. Este último, mais comum entre as *margaridas*, que são as mais atingidas por trabalharem na rua sem condições adequadas e sem sanitários que possam ser usados para satisfazer suas necessidades fisiológicas.

Alguns estabelecimentos comerciais dão dinheiro para esses trabalhadores - "caixinha", por semana. Outros não dão nada, pelo contrário, empurram a "pinga". A "caixinha" é tão pequena que ao ser dividida entre todos os membros da equipe de coleta pouco sobra e os trabalhadores usam, também, para tomar um café ou um refrigerante.

Durante o seu trajeto, ao parar nos bares os coletores vão "bater o tambor" e "receber" o seu pagamento em forma de bebida: uns tomam vinho, outros tomam conhaque, aguardente, rabo de galo; outros tomam café, água, refrigerante.

O dono do bar diz que dá vinho porque o coletor gosta. De tanto pararem ali, naquele bar, de baterem os tambores, também os donos dos bares passam a conhecer suas preferências, a ponto de servir a bebida que os coletores gostara. Os coletores param em vários bares, incluindo também

as padarias, e pedem água para os moradores. A ingestão de muito líquido, segundo eles, atrapalha o ritmo da coleta, torna-os mais lentos.

Nas suas falas, os coletores deixam entrever duas significações: uma a de que os donos de estabelecimentos comerciais coagem os coletores, de alguma forma, a ingerir bebidas alcoólicas quando só oferecem "uma branquinha", e a outra que entende este "empurrar uma pinga" dos donos de bares como uma distinção feita com eles.

Araújo (1985) e Campana, (1987) em estudos realizados, relacionam o consumo alcoólico com as profissões e apontam cinco condições propícias que estimulam o "beber". Uma delas seria "o fácil acesso ao álcool", ou seja, a facilidade nos ambientes de trabalho de se ter acesso a uma bebida alcoólica e no caso dos coletores de lixo, este acesso é fácil e freqüente. A outra condição que, a meu ver, está associada à categoria dos coletores, é "a pressão social para beber", ou seja, a bebida alcoólica desempenha um papel facilitador nos contatos entre as pessoas, seja para desinibir, para entabular uma conversação, como uma forma de reconhecimento, pagamento, seja até como uma forma de introduzir estes indivíduos num determinado círculo social.

“Empurrar uma pinga é uma forma de discriminação porque por aí tem lixeiro que só trabalha bebendo. Lixeiro bebe para caramba. Por que eles não recusam? Será que um rabo de galo é mais barato que um cafezinho?”.

Por outro lado, responsabilizam os próprios coletores, dizendo que a escolha entre consumir uma bebida alcoólica ou não é apenas destes trabalhadores - "Isso vai da cabeça de cada um".

“E, às vezes, quando pára numa lanchonete pra pegar o lixo, tem lanchonete que libera duas canas. A primeira coisa que o cara do balcão faz é dar uma 51 ou 3 Fazendas, ele logo vai oferecendo uma cachaça. Nos setores de favela, eles não oferecem comida, logo perguntam: - Vai uma aí?”.

A bebida é instituída como forma de pagamento, como moeda, talvez a moeda deste grupo de trabalhadores. Este fato me lembrou o sistema carcerário, onde o preso, para suprir uma outra necessidade, paga com cigarros. Nas prisões, a moeda corrente é o cigarro. Na coleta de lixo, a moeda é a bebida.

“É que os donos de bares, ao invés de pôr os latões na frente do bar ou padaria, ele deixa nos fundos, aí você vai recolher, o motorista pára o caminhão, você bate a lata e vai levar quando você volta, ele pergunta: - Você vai querer o quê? Uma branquinha? Depois disso, existe uma troca entre o dono do bar por a gente pegar os latões”.

É interessante refletir sobre a troca que se estabelece entre os trabalhadores da limpeza pública e os proprietários de estabelecimentos comerciais. Esta troca subentende favores por parte dos coletores e varredores, tais como bater os tambores, que são proibidos de serem pegos pelas empresas; ir buscá-los nos fundos dos bares, padarias etc., bem como a troca que poderia ser chamada de perversa no caso das *margaridas*, que limpam os banheiros desses bares quando necessitam usá-los, e dos que dão “pinga” ao invés de dinheiro.

Parece haver, por parte dos donos de estabelecimentos comerciais e coletores um acordo de que este tipo de trabalho é difícil de ser realizado “com a cara limpa e de que eles precisam do álcool para se desinfetar”.

Segundo Dejours,

“A aguardente é uma dose de energia nem tanto física mas psicológica, que ajuda a enfrentar as condições de trabalho. Antes de retornar ao trabalho, uma dose de álcool ajuda por seu valor simbólico”. (Dejours, 1987).

A “pinga” torna-se, assim, um instrumento através do qual este trabalhador excluído, é incluído na vida das pessoas, sentindo-se necessário e reconhecido. Neste sentido, Vieira, Bezerra e Rosa, em pesquisa realizada com as pessoas que vivem nas ruas, aponta o seguinte sobre o significado da bebida alcoólica.

“Ela atua como o mediador que torna possível o desligamento do mundo das obrigações, dos papéis sociais e o mergulho num outro plano de realidade, que afasta a percepção do fracasso, faz esquecer dores e decepções, enfim torna suportável o cotidiano” (Vieira, Bezerra e Rosa, 1994).

B. A cachaça como o remédio que cura

O coletor, além da dimensão social e subjetiva, destaca a dimensão profilática da pinga.

Para entender esta dimensão, é preciso referir-se à natureza do trabalho dos coletores, pois eles relacionam o consumo alcoólico à natureza da atividade, ou seja,

“Apesar de que eu acho que não justifica, mas eu tomava uma pra animar devido aquele tipo de serviço, de ter de ver toda aquela imundície, aquele negócio, não sei explicar direito. Acho que era pra fazer de conta que estava tudo bem”.

O outro coletor de lixo complementa, dizendo que "era pra animar". Esse último trabalhador, ao falar sobre o consumo de álcool (quase não se ouve sua voz) complementa a fala do colega, quase que se desculpando, e ao mesmo tempo, como se quisesse pôr fim aquele assunto que ao seu colega causava constrangimento e agonia.

Os coletores afirmam que

“Neste tipo de trabalho, neste tipo de serviço, 90% dos trabalhadores bebem. O cara falar que trabalha no lixo e que não bebe, é difícil”.

Este tipo de afirmação foi feita várias vezes, em várias situações. A idéia básica que permeia o uso da bebida alcoólica parece ser o de proteção. Aqui, surgem as idéias de enfrentamento (para começar a trabalhar com a sujeira) e de constrangimento, vergonha de exercer esta função. O coletor se esconde atrás da bebida, que funciona como uma máscara e uma proteção contra o olhar do outro e contra a falta de significado do seu trabalho, que além de sujo é vazio. O tipo de trabalho executado se enquadra na categoria de trabalho vazio pelo fato deles não produzirem nada, ou seja, o coletor recolhe o lixo que é produzido por outras pessoas, não tendo nada de seu nesta produção. A sua produção basicamente está embutida na imagem da cidade limpa que é pouco lembrada a não ser no contraponto da cidade suja, quando ocorrem paralisações da categoria. Isto é, a bebida é proteção contra o trabalho sujo, corrido e vazio.

Um significado do uso da "pinga" está associado a um entorpecimento, um anestesiar os sentidos, estando dessa forma, como que revestidos por uma

armadura, uma proteção que os impede de entrar em contato direto com esta realidade desagradável.

Outros coletores também disseram que o cheiro do lixo fica entranhado na roupa, por mais que esta esteja limpa, e principalmente na pele, estabelecendo assim uma marca para esses trabalhadores. Talvez aqui caiba uma relação com consumo de bebidas alcoólicas, o cheiro do lixo na pele e a necessidade de se "limpar". É como se ao tomar bebidas alcoólicas, o coletor de lixo realizasse uma assepsia interna, no seu organismo, levando a uma descontaminação; poderíamos pensar que estaria "se lavando por dentro", "lavando a alma", deixando para trás toda a sujeira, o cheiro e o próprio lixo. Talvez devêssemos pensar que estaria livrando-se de inúmeros males, que contaminam até a sua alma e atravancam a sua vida.

Não haveria alguma relação entre o mal cheiro, a sujeira proveniente do lixo e a morte, decomposição dos corpos, a sensação de morte em vida e uma necessidade de quebrar essas demandas, quebrar estes males e sentir-se limpo, vivo outra vez, inclusive com energia suficiente para recomeçar a correr e coletar? Daí a pinga, o correr e o brincar.

Os trabalhadores da limpeza pública, ao tomar uma "pinga" sentem-se como se estivessem "lavando a alma". "Lavar a alma" ingerindo bebidas alcoólicas assume um caráter de limpar-se do cheiro do lixo, um caráter higiênico, de descontaminação.

De uma forma resumida, este trabalhador, em sua fala, nos diz do significado da bebida alcoólica para esta categoria profissional. Segundo ele,

“A cachaça é remédio pra tudo, pra dar resistência, pra ajudar a correr, pelo cheiro que fica na boca, ajuda também a não sentir o cheiro do lixo e sim o cheiro da cachaça”.

Além disso, trabalhar na coleta de lixo requer que o coletor tenha uma força e resistência física consideráveis para suportar o peso dos sacos de lixo e os inúmeros quilômetros que têm de percorrer.

Alguns trabalhadores afirmam que a bebida é necessária em função do ritmo de trabalho da atividade que executam. Eles precisam

“Tomar uma pra dar pique, têm que tomar uma branquinha pra poder encarar, pois sem tomar uma não dá pra agüentar o cheiro do lixo”.

No que se refere ao consumo alcoólico, um dos trabalhadores coloca uma representação do álcool como “estimulante” pois

“O que sem beber você faz um 20 minutos, quando você toma um conhaque, você diminui esse tempo para 15 minutos. Eu não gosto de comer para sair correndo. É como agora, o caminhão saiu para descarregar e essa hora não dá vontade de comer. Quando é meio dia, se não der nenhum defeito no caminhão, a gente vai embora. Então é melhor comer em casa”.

À noite, a “pinga” mantém acordado:

“À noite o trânsito é mais lento, mas pode ser ruim de trabalhar porque é a hora que o pessoal tem mais sono... Tem uns que tomam bebidas alcoólicas e até drogas pra se manter acordado”.

Esta observação foi referente aos coletores que, mesmo, exercendo suas funções no período da noite, quando o trânsito deveria ser mais tranquilo, menos intenso, percorrem ruas e setores, onde sempre há uma circulação intensa de veículos e estes coletores alegam tomar drogas para manterem-se acordados a fim de “ficarem espertos para evitar acidentes”.

Além de estimulante, o álcool funciona como um complemento vitamínico, para uma categoria que conta com poucos recursos financeiros para uma alimentação adequada.

“Eu conheço muitos garis que trabalham através da droga, senão ele não agüenta correr”.

Neste discurso, o coletor mostra claramente como a bebida alcoólica assume um caráter energético e calórico para os coletores conseguirem trabalhar.

Quando a temperatura está baixa ou chova, a bebida serve para “esquentar” o organismo,

“Até para correr é melhor, não ficam suados, não dá tantas dores no corpo. Mas também precisa beber, só que agora é pra esquentar. Você toma uma chuva... não tem jeito de não tomar um aperitivo pra esquentar o corpo”.

Dessa forma, eles apontam que o álcool, além de ser usado como um estimulante, também é usado como um remédio que corta as infecções, "mata e queima" todos os males, esquenta e protege o corpo contra as intempéries. Seguindo o raciocínio dos trabalhadores, a "pinga" é também uma substituta das vacinas anti-rábica, anti-tetânica e de qualquer outro remédio.

Este significado atribuído à bebida alcoólica, que é chamada entre os coletores de "*remédio de garrafa*", remonta a épocas em que não havia ainda anestésias ou para lugares que não tenham acesso a práticas mais atuais dentro da medicina, e que os médicos utilizavam-se de bebidas alcoólicas para minimizar a dor ou para estancar o sangue de um ferimento. Assume um caráter de remédio que serve para limpar alguma parte do corpo que está infeccionada. Nisto consiste a cura.

De uma forma geral, o álcool ainda é utilizado amplamente no sentido da limpeza, da purificação. E como nos disse um dos coletores que passa álcool no corpo, assim que chega em sua casa, para tirar os micróbios e o cheiro do lixo que impregna sua pele e para poder abraçar seus filhos. Ao passar o álcool no corpo e ao ingerir bebidas alcoólicas, o coletor se lava por dentro e, ao se lavar, se reconhece.

Mas seria um equívoco imaginar que eles vêem a "pinga" apenas nesta perspectiva acima, pois segundo os próprios coletores, ela também é prejudicial à saúde.

A bebida alcoólica e as drogas são apontadas como causadoras de acidentes, segundo informa a narração de um dos coletores de lixo sobre um atropelamento de três colegas de trabalho, na Radial Leste por

“Esses tipos de boy que tira racha de carro. Estava todos os três altos de cachaça, porque eu já conheço os três... Só trabalham, praticamente embriagados; e o problema não é só com bebida, é também com as drogas”.

Os próprios coletores concordam com o presidente da Cipa, para quem o consumo de álcool é um dos fatores responsáveis pelo alto índice de acidentes de trabalho,

“Pois, se você for beber em cada bar, você chega caindo. Tem uns que chegam quase bêbados aqui. Aonde dá muito acidente é nisso aí também”.

Mas um aspecto curioso no tocante ao consumo de álcool e de drogas, diz

respeito aos coletores que não as utilizam, colocando-os em posição desfavorável. Vejamos a seguinte fala:

“Às vezes, eu saio num caminhão, eu e mais três garis, os três usam farinha, cheiram cocaína, fumam antes de começar o setor. Pra eu conseguir enquadrar o meu tipo de carreira com eles, é difícil porque eles estão dopados, eles estão dopados. E prejudica a mim porque não uso droga, não bebo nada. Eu vou tentar igualar com eles... que nem esse corredor aí, o Bem Johson, ele ganhou, mas por quê? Os outros não conseguiram alcançar ele porque ele usou droga”.

Observa-se aqui uma lógica, um raciocínio que, aparentemente, foi invertido, pois o coletor que não usa droga, por um certo momento, parece até constrangido e pressionado, haja visto a pressão da equipe para se manter um ritmo de trabalho, pelo fato de ter que correr mais para se igualar com os outros colegas que usam e, também, pelo fato de não conseguir igualar, a ponto de mudar de setor de trabalho para desempenhar suas tarefas com coletores que não se utilizam de drogas.

Na atividade destes trabalhadores é indispensável que exista solidariedade e, por conseguinte, cooperação para o desempenho das tarefas. A ausência destas implica muitas vezes, num acidente de trabalho que pode levar à morte. Na verdade, esta solidariedade é muito mais que este sentimento de fraternidade, de ajuda e de cuidado com o outro e consigo próprio. Esta solidariedade transforma-se em pressão exatamente por esta atividade envolver um grande risco para a integridade dos trabalhadores. A pressão existe tanto de fora para dentro como de dentro para fora dos próprios colegas de trabalho, que precisam ter algumas “garantias” para continuar na coleta e estas “garantias” sobrevivem através de pressionamento, da massificação, que iguala a todos os membros da limpeza pública e não contempla as individualidades.

“Se você tem uma boa vontade de querer deixar o vício, você deixa. Eu bebi muito, mas hoje eu não bebo mais. Eu bebia muito, eu ficava um leão para trabalhar. Quando eu bebia, duas, três pingas, eu jogava saco de lixo na frente de todo mundo. A pinga ela faz uma influência imediata, ela agita mais pra você ficar disposto pro trabalho. Não tomar muito, tomar só um pouco. Umas três doses, no serviço da gente que é correndo, ela dá um bom começo pra você trabalhar”.

Outra linha de pensamento surge quando observa-se esta fala do mesmo coletor de lixo ainda sobre as drogas:

“O problema, aliás, um erro do trabalhador, tanto do coletor, como de qualquer outro, ele acha que tomando cachaça, droga, ele vai estar melhorando o serviço dele porque ele vai estar correndo por aí, e depois que passar o efeito, a droga vai diminuir a capacidade dele de pensar, os músculos dele vão ficar piores, vai estragar o estômago, inclusive pode até dar uma cirrose hepática. Então, é um cara que pode ficar mais esperto naquela hora, mas daqui a dois, três anos, o fígado dele, os músculos, e até mesmo a mente dele começa a diminuir o rendimento e pode piorar o serviço dele”.

Esta fala nos remete às estratégias defensivas, mecanismos de defesa coletivos, que, se por um Aldo protegem os trabalhadores de entrar em contato com ansiedades e medos em função de fatos reais, por outro, os paralisa, impedindo que procurem outras soluções para seus problemas, sem garantir, ainda, que a permanência deste estado de coisas seja o mais adequado e favorável à sua saúde.

O uso da bebida alcoólica – e isso fica muito evidente nas duas falas anteriores dos coletores de lixo – tem como função melhorar o serviço do trabalhador da limpeza pública, seja no ritmo imposto pela equipe; seja na facilidade para lidar com o cheiro do lixo; de uma forma geral, é usada pra trabalhar. E neste ponto, pode-se pensar até se não haveria uma certa permissividade da empresa, expressada na falta de providências a respeito do problema e também na ausência de uma punição. Talvez a “pinga” sirva também como uma mediação entre o coletor e a empresa, num jogo muito sutil de submissão e de domínio, de permissividade e de castigo, o que acaba por reforçar o alcoolismo entre os trabalhadores.

“Às vezes, só com o cheiro do colega, a gente sente dor de cabeça... Mas cada um com a sua consciência. A gente alerta, mas se ele não liga... Cada um, cada um...”.

Ele usa o esquema “cada um, cada um”, mas o problema não é individual ou de foro íntimo, mas coletivo, da equipe, da organização do trabalho, do conteúdo e do espaço de realização do trabalho.

Sennett, em sua obra “*O declínio do homem público, as tiranias da intimidade*”, expõe de forma muito feliz, a relação entre o alcoolismo, a passividade pública, o interesse da produção capitalista e a resistência dos trabalhadores.

“O silêncio público entre operários era tido pela burguesia como um sinal de que, caso não estivesse contente, o operário urbano estaria ao menos submisso... Assim sendo, aparecem leis... Proibindo a discussão pública entre operários de igual nível, e instalou-se um sistema de espões na cidade para relatarem onde as pequenas moléculas de trabalhadores se congregavam: em quais cafés, a que horas etc... Com a finalidade de se protegerem, os operários começaram a fingir que suas idas aos cafés tinham o único propósito de beberem algo mais forte e consistente após o dia de trabalho. A expressão boire um litre passou a ser empregada em 1840 entre operários. Significava ao ser exclamada em voz alta para que o patrão ouvisse, que os rapazes iam relaxar bebendo num café. Nada havia a se temer dessa sociabilidade: o beber os faria calar” (Sennett, 1988).

Sintetizando as reflexões sobre a pinga, pode-se afirmar que ela é a metáfora do processo de inclusão pela exclusão do coletor de lixo. Ela substitui o alimento, energiza para o ritmo, protege do olhar do outro envergonhado e encobre a vergonha.

A “pinga” é um estimulante para iniciar a dura jornada de trabalho e, também, para manter o ritmo imposto pelo grupo. Mantém os trabalhadores “eufóricos” e estimula a solidariedade entre eles, além de complementar as carências alimentícias.

Enquanto “remédio de garrafa”, higieniza o seu corpo “contaminado” pela sujeita e ajuda o coletor a trabalhar com o que é descartável, com o lixo, ajudando-o a não sentir-se lixo.

A “pinga” é remédio para tudo, principalmente para aliviar suas tristezas e vergonhas de ser coletor. A “pinga” “lava a alma” e protege o corpo maculado pela exclusão, dando a sensação de inclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais que trabalho sujo, trabalho vazio, trabalho livre ou brincadeiras, o que caracteriza a atividade realizada pelos trabalhadores da limpeza pública é a imprevisibilidade. Cada uma das unidades de significado analisadas apontaram anteriormente para esta qualidade do trabalho.

A imprevisibilidade existe quando acompanha situações de diversidade e ambigüidade, características que qualificam atividades exercidas no espaço público (rua) bem como o lixo, objeto de trabalho, sobre o qual não há controle ou conhecimento por parte dos trabalhadores. No caso da atividade do coletor, ela se concretiza na polarização entre o risco e a diversão, a liberdade e o cerceamento, à solidariedade, bem como a exclusão, a visibilidade e a invisibilidade, à exposição e ao anonimato; ambigüidade que também caracteriza o espaço público.

Nos espaços públicos, as exigências são de manter um certo distanciamento dos outros, de mostrar as aparências (ou o que pode ser exposto). A condição da rua é a impessoalidade, ausência de códigos afetivos. O silêncio se constitui, por vezes, na proteção daqueles que estão nas "vitrines" da rua. Mas esse mesmo espaço público, dadas essas características, permite mobilidade e diversidade de relações e formas de organização, além de possibilitar o encontro de pessoas, no geral ou em particular, subentendendo movimento para a surpresa.

“De fato, a categoria rua indica basicamente o mundo, com seus imprevistos, acidentes e paixões... a rua implica movimento, novidade, ação” (Da Matta, 1990).

Estes trabalhadores contam sempre com o imprevisível e, portanto, parecem estar sempre em estado de prontidão pura o movimento, para a surpresa. Esta prontidão não ocorre ele forma desordenada. Ao contrário, ela cria uma organização caracterizada pela brincadeira, riso, excitação, flexibilidade para lidar com imprevisibilidade do espaço público, e ao mesmo tempo, obedecendo a regras rígidas.

A equipe boa é o recurso usado pelos trabalhadores para organizar esta atividade no espaço público e com o lixo, que permite a criação e o uso coletivo de "macetes" e de "jeitos" diversos para enfrentar a imprevisibilidade do trabalho.

Alguns aspectos a se considerar na organização da equipe boa é a união, a solidariedade, a lealdade e a cooperação entre os trabalhadores. Estes significados garantem a certeza de não se acidentar, 11 distribuição equitativa do volume de trabalho; a cobertura dada pelos colegas para abandonar o trabalho por alguns minutos para namorar, a presença de códigos da intimidade que "quebram" a invisibilidade e anonimato do espaço público e que sejam liberados mais cedo do trabalho para ir embora para casa. Enfim, a equipe boa minimiza incerteza dos coletores, possibilitando o sentimento de confiança, de segurança e de responsabilidade com a sua vida e com a dos colegas.

Para garantir a certeza da solidariedade, a equipe estabelece regras rígidas para seus membros, a começar pela seleção, admissão na equipe e treinamento cios garis que se iniciam no serviço (com trotes, testes e um repasse gradual dos conhecimentos adquiridos para o gari novo, até que este seja considerado um colega no qual se pode depositar confiança).

A equipe não está isenta da ambigüidade, pois, ao mesmo tempo em que acolhe e protege, também explora, massifica, cerceia e nivela todos os trabalhadores em função da pressão pura fazer valer o princípio da solidariedade. Desta forma, quando estabelece que o ritmo deve ser mais intenso para "voar mais cedo para casa ", não admite que esta regra seja "quebrada", assim como não permite que algum coletor "faça corpo mole", no trabalho, sobrecarregando os demais na equipe. O trabalhador que não segue o ritmo, que não adota os "macetes" e "jeitos" da equipe é colocado à margem, inicialmente com um "gelo", não lhe sendo dada atenção e, depois, se a situação permanecer, deslocando-o para outra equipe. Não se aceita nas regras do jogo, um *desmancha-prazeres*, um *nó cego* ou alguém que "amarra" o ritmo da produção.

Mas esta equipe também colabora para o colega namorar, brincar ou tomar uma "pinga" . A vigilância sobre os trabalhadores é exercida pela própria equipe, que já tem introjetados os controles da produção, e pela população, que pode queixar-se do serviço a qualquer momento, apesar de não estarem sob as vistas do patrão e nos limites físicos da empresa.

A equipe boa é aquela que protege contra a sensação de insegurança, porém não garante a qualidade de vida. Os índices apresentados anteriormente sobre os acidentes de trabalho e doenças ocupacionais são alarmantes, bem como as queixas sobre discriminação, violência e ausência de condições de trabalho adequadas e de todos os aspectos já citados, confirmando a afirmação do parágrafo anterior.

O que fazer para melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores, garantindo o caráter da imprevisibilidade e autonomia no trabalho? O coletor de lixo, além de correr 20 a 40 km por dia, de juntar o lixo caído na rua, de perceber um salário baixo, apresenta também um espírito de colaboração na equipe de trabalho, uma certa dose de bom humor para lidar com a imprevisibilidade das situações que surgem no espaço público da rua.

Ao trabalhar com estes profissionais, uma certeza se estabelece com mais clareza do que quando se atua em outras ocupações, pelas características desta atividade: a de que é impossível e reducionista propor soluções para os problemas do mundo do trabalho, sem considerar a multiplicidade de aspectos que o compõem e a imbricação dos aspectos emocional, cognitivo, afetivo, empresarial etc.

No último VIII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, no Grupo de Trabalho Saúde, Trabalho e Desenvolvimento Social, durante as apresentações e comunicações e durante os debates dos diversos trabalhos apresentados, um aspecto foi enfatizado pela maioria daquele grupo debatedor: o estabelecimento de padrões de conduta, normas, crenças, valores morais, vocabulário, expressões, formas de organização próprias dos grupos de baixa renda que baseiam suas ações nesta forma de viver peculiar a cada grupo, e assim, não entendem ou percebem os sinais de uma doença como tal. O problema só é percebido quando já instalado, em função deste grupo possuir outros códigos de decodificação, bem como outras prioridades que não tratam da saúde; esta só é pensada quando o corpo não consegue mais atender às suas. É como se só pudessem procurar assistência médica quando uma "ordem" for expressa e, neste caso, a "ordem" é a ordem da doença já instalada, quando o corpo, valorizado como instrumento de trabalho, não obedece aos comandos. Mesmo assim, há de se pensar se é adequado procurar assistência médica, o que pode implicar em despesa financeira num

orçamento já medido e "apertado", ou ficar encostado na caixa.

Esta forma de organizar-se dentro de uma comunidade ou grupo social definido, é um aspecto de fundamental importância no sentido da necessidade de desenvolvimento de estudos, pesquisas que privilegiem o conhecer um modo de vida de um grupo específico, antecedendo quaisquer tipos de intervenção, pois sem esta compreensão qualquer ação estará fadada ao fracasso por não ser compreendida pela comunidade ou grupo como uma necessidade sua.

Assim, apontamos a necessidade de levar em conta a multidimensão do mundo de trabalho, superando modelos rígidos e unidirecionados. Acreditamos que não se trata de suprimir a ambigüidade e a diversidade que caracterizam o trabalho imprevisível, mas sim de estabelecer programas de ação que garantam a eliminação do risco sem perder a pluralidade e a possibilidade de autogestão, bem como a imbricação entre aspectos emocionais, cognitivos e afetivos.

A emoção, como mediadora do processo de conhecimento ou da tomada de consciência, foi vivenciada durante a pesquisa de campo em várias situações: seja para reconhecer a vergonha de trabalhar com o lixo, seja para facilitar a apreensão dos mecanismos de adoecimento, a relação destes com o trabalho, bem como a conscientização de que um acidente de trabalho "não acontece apenas com o outro".

Um dos coletores comenta que, quando são admitidos, é exibido um vídeo que teria o objetivo de treiná-los. Assim, duas críticas podem ser feitas neste contexto, pois, além do vídeo exibido ser de uma função diferente da que está sendo admitida, não supõe o envolvimento dos trabalhadores na situação real de trabalho, o que seria o ideal por envolver o elemento emoção. Conforme se viu no capítulo sobre o trabalho em equipe, o verdadeiro treinamento que se mostra eficaz é aquele realizado e ministrado pela própria equipe de trabalho.

A presente pesquisa não tem a pretensão de ser conclusiva. Sua contribuição ao estudo sobre saúde e organização do trabalho reside na demonstração da multiplicidade da trama intimista, que se constrói como suporte do processo de sustentação e reposição de um trabalho com um caráter de imprevisibilidade, bem como, na demonstração da necessidade de se contemplar e analisar a saúde e o trabalho como elementos dinâmicos, como um processo cujo eixo é

"...noção de variabilidade, a noção de que o predominante no funcionamento do homem é a mudança e não a estabilidade, e que esta variabilidade deve ser assumida e respeitada se se deseja promover a saúde dos indivíduos" (Dejours, 1986).

ANEXOS

ANEXO I GLOSSÁRIO

AGRADO - Gorjeta dada pela população aos coletores de lixo.

ARROZINHO - São vermes brancos, pequenos do tamanho de um grão de arroz, que surgem em função da decomposição do lixo.

BATER CAIXA - Fazer a limpeza de uma caixa de alvenaria nas favelas ou nos conjuntos habitacionais.

BATER LATA - Recolher as latas usadas pelos moradores, jogar o lixo dentro dos caminhões de coleta e devolver ao seu dono.

BATER TAMBOR - Operação que é feita, por dois ou mais coletores, em bares, escolas. Os tambores são grandes, pesados e de ferro.

BRANQUINHA - Bebida alcoólica, aguardente.

CABAÇO - Gari novo na coleta; virgem na coleta.

CAIXA - São depósitos de lixo, feitos de alvenaria e encontrados nos conjuntos habitacionais e favelas. Nestes locais, a coleta de lixo não é diária e o lixo é acumulado nas caixas.

CAIXINHA - Gorjeta, agrado, festas.

CARNE QUEBRADA - Dores no corpo, em função do exercício do trabalho; dores, especialmente, nas pernas e braços.

CHUPINHA - Nó cego; gari que não aceita uma divisão igualitária das tarefas de trabalho; chupa o sangue dos coletas; refere-se a diminuir a sua carga de trabalho, enquanto a dos outros é aumentada.

COBRIR/DAR COBERTURA - A equipe fica atenta à presença de fiscalização para avisar ao colega, quando este vai encontrar alguém, durante o período de trabalho; encobrir alguma ação do colega de equipe, para que não seja punido.

CORPO MOLE - Pôr manha no corpo; dar tempo para o corpo sentir o cansaço e entrar em outro ritmo; adoecer.

CRESCER - Sobressair-se, elevar-se hierarquicamente; subentende, exploração e abuso de poder.

EQUIPE BOA- Equipe de trabalho que em conjunto institui seu próprio ritmo e trabalha num clima de cooperação e igualdade.

EQUIPE UNIDA - Equipe boa.

FAZER FEIRA - Envolve a varrição, amontoamento e coleta do lixo de uma rua de feira livre.

FAZER UMA BOQUINHA - Tomar um lanche dado pelas padarias, bares. Pode ser dado em função de algum favor prestado pelos coletores.

FEIRINHA - Recolhimento de alimentos, que podem ser aproveitados de uma rua de feira livre.

FESTAS - Presentes e gorjetas dadas pela população aos coletores nas datas festivas.

FICAR ALTO - Ter voz ativa na equipe; posição de igualdade perante os colegas de trabalho; quando o coletor não é mais cabaço.

FISCAL BOM-Aquele que sabe distribuir o trabalho entre as diversas equipes.

FISCAL RUIM-Não distribui, de forma igualitária, o trabalho entre as equipes; sobrecarrega algumas equipes, em função de favores e privilégios de outras equipes.

GANCHO- Suspensão; punição.

GELEIANDO - Fazer corpo mole.

LIXO FRESCO - Lixo do mesmo dia, lixo que não está em decomposição, não tem cheiro.

LIXO POBRE - Lixo do qual não se aproveita nada, para uso próprio.

LIXO RICO - Lixo do qual se pode aproveitar coisas para uso próprio.

LIXO VELHO-Lixo do final de semana, recolhido apenas na segunda-feira; lixo em decomposição, em função do tempo decorrido e que por isso cheira mal.

MANHA NO CORPO - Quando o coletor descansa; quando admite a necessidade de descanso ou repouso.

MEL -- Refere-se a situações prazerosas na coleta. Por exemplo, setores onde o tipo de lixo coletado é papel.

MOCOSAR - Esconder objeto para não ser descoberto por outras pessoas.

MORCEGO - Coletor que chupa o sangue dos outros; que se escora nos outros coletores da equipe.

MORTE - Expressão usada para designar risco.

MUAMBA - Coisas que são jogadas fora pela comunidade e que são reaproveitadas pelos coletores. Tem uma conotação de ganho. Pode ser vendida ou utilizada para uso próprio.

NO CEGO - Coletor difícil de se entrosar; coletor difícil de desatar, de deslanchar no trabalho; que atrapalha a equipe.

OLHA O BURACO - Coletor dizendo para o outro deixar o espaço livre para que ele possa passar com o lixo.

PERIGO - Risco.

PIRAMBEIRA - Rua sem asfalto com chão irregular, com buracos, sem saneamento, com ladeiras.

PROBLEMA DE NECESSIDADE - Dor na bexiga devido à vontade de urinar e a ausência de banheiros.

REMÉDIO DE GARRAFA - Pinga, aguardente, branquinha.

SANTINHOS - Cartões feitos pelos coletores de lixo e distribuídos à população perto das festas de final de ano, saudando a população. Preparação para o pedido da caixinha.

SISTEMA NERVOSO - Falta de controle sobre si próprio; preocupação financeira.

SÓ SOSSEGO - Quando a atividade é fácil de fazer ou desperta prazer.

TAPA BURACO - Substitui por um período curto o coletor de lixo de uma equipe fixa de trabalho que faltou.

VOAR - Pular; brincar; voar como um pássaro.

“VOAR MAIS CEDO” - Liberar-se do trabalho e ir mais cedo e rápido para casa

ANEXO II OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

*E*sta visita foi programada em conjunto com o delegado sindical Ivair Vieira de Paula, o qual atuava na Vega Sopave S.A., na garagem central da Vila Cruzeiro.

A autorização para penetrar nas instalações da empresa foi facilitada em função do delegado Ivair estar ligado àquela garagem, por já haver sido funcionário da empresa - coletor de lixo - e também por ser membro da Cipa. Desta forma, a autorização para conhecer a empresa foi verbal e a definição do dia da visita ficou a critério da pesquisadora e do delegado sindical que iria acompanhar.

O dia de visita foi escolhido aleatoriamente, tendo-se discutido anteriormente que esta seria a primeira a ser realizada e que seria para "sentir" o clima da empresa, estabelecer um primeiro contacto com os coletores de lixo, observar um pouco a sua rotina, o desenrolar dos fatos no local de trabalho e até para obter subsídios, visando estabelecer critérios para uma próxima visita. Assine, no dia 04/03/1993 (quinta-feira), tinha à minha disposição um veículo, que foi por mim solicitado a Fundacentro para que permanecesse disponível durante todo o dia em função de não termos um roteiro definido e que só seria fechado a partir dos acontecimentos já na própria empresa.

O início da jornada de trabalho dos coletores de lixo, determinou o nosso horário de acordar e também o nosso horário de chegada na empresa. Acordei às 3:30 horas da madrugada e aguardei o carro, o qual estava previsto de bus-

car-me em minha residência, às 4 horas. No horário combinado, o motorista apresentou-se e fomos em direção à Vila Cruzeiro. Lá, na garagem, encontramos o delegado sindical por volta das 5 horas.

Mas por que tão cedo?

O início da jornada de trabalho dos coletores de algumas equipes é às 6 horas da manhã, e nosso interesse também era de vê-los chegar ao seu local de trabalho e observar o seu procedimento antes de desempenhar sua atividade propriamente dita, ou seja, verificar a sua preparação para a atividade, se esta preparação existisse.

Eu me encontrava munida de um verdadeiro arsenal. Realmente, era assim que eu me sentia, numa guerra. Não sabia o que iria encontrar e precisava estar preparada com tudo que me permitisse registrar todos os dados que tivesse possibilidade de apreender.

Assim, meu material constava de um caderno, tini gravador, canetas, lápis, uma sacola com lanche (maçãs, penas e muitos chocolates), várias fitas cassete, já numeradas para facilitar o manuseio e a troca quando necessário sem o risco de confundir-me e colocar uma fita que já havia sido usada para não perder os dados registrados; duas máquinas fotográficas, uma com *flash* automático e uma outra manual, já carregadas com filmes de 36 e 24 poses respectivamente, e com pilhas novas.

Passamos pela guarita, onde foi solicitada a nossa identificação profissional e nossa procedência. O fato de estarmos num veículo do Ministério do Trabalho funcionou como um "abre portas".

Bem, mas voltemos ao ritual de preparação dos coletores para ir para os setores de trabalho. Foi exatamente neste momento, no pátio que antecede o vestuário, quando alguns trabalhadores chegavam de sua jornada de trabalho do turno da noite, tendo tomado banho e já tendo batido o cartão de ponto e, portanto, prontos para ir embora para suas casas; e outros trabalhadores que estavam para iniciar sua jornada, a partir das 6:00 horas da manhã, que se aglomeraram alguns trabalhadores, bastante curiosos a meu respeito, pois estava com gravador e máquina fotográfica em mãos, além de uma prancheta com alguns questionários que eu iria testar (primeira proposta de trabalho - levantamento epidemiológico e caracterização geral da categoria, posteriormente descartada).

Estes trabalhadores foram reunidos pelo Delegado Sindical que me apresentou da seguinte forma: "Esta é a Tereza, psicóloga da Fundacentro que está fazendo uma visita porque ela está fazendo Um estudo". Complementei, di-

zendo que é um estudo sobre as condições de saúde dos coletores de lixo e que pra entender as suas queixas de saúde preciso conhecer a sua atividade de trabalho, quais os riscos de acidente, riscos de doenças ocupacionais e fazer a relação entre saúde e tipo de trabalho.

O grupo formado, em média de sete coletores, inicia suas colocações sob o ponto de vista de queixas de ausência de serviço médico na sub-sede do sindicato para o delegado sindical Ivair. Antes disso, colocam a questão das demissões na Vega Sopave, as quais ocorriam desde novembro de 1992, momento em que a Vega Sopave foi vendida a um grupo de empresários baianos, grupo este que inclui o político Antonio Carlos Magalhães, na época governador do Estado da Bahia.

Esse primeiro contato teve uma duração média de 25 minutos, quando foi interrompido a pedido meu, após pedir aos coletores que ali estavam que respondessem a um questionário curto, sem identificação, para fins de estudo. Foi cedida para mim uma saleta de aproximadamente 1 x 1 m, contendo uma mesa pequena e duas cadeiras, uma de cada lado da mesa. Esta saleta era usada pelo pessoal da vigilância patrimonial. Coloquei a importância do sigilo para os guardas, pedindo que se retirassem, e eles não ofereceram resistência.

Desta forma, enquanto eu entrevistava um coletor, o delegado sindical Ivair or-anizava a fila de candidatos fora da sala, para entrevista. O que era muito curioso é que entravam na sala com muita desconfiança, talvez até com medo. Eu expliquei a cada um do que se tratava, que não havia necessidade de identificação (nome, registro profissional ou outros documentos, que aquele material seria mantido em segredo, em sigilo e só por mim seria consultado) e após essa explicação começávamos as perguntas. O questionário constava de trinta perguntas e o tempo médio necessário para que fosse totalmente preenchido foi de cinco a oito minutos. Foram entrevistados seis trabalhadores e todos eles, ao final da entrevista perguntavam: "Só isso?", sendo que alguns, dois coletores, prolongaram seus relatos por "querer conversar mais".

Encerrei a sessão de entrevistas, em função do horário, a última do período da manhã terminou às 6h27, pois os coletores entrevistados, em sua maioria era do turno da noite e estavam chegando de sua jornada de trabalho e indo para suas casas; e os que estavam chegando para iniciar sua jornada de trabalho, já estavam se dirigindo para os caminhões de coleta, encontrando suas equipes para ir para os setores em que deveriam coletar, segundo a programação da empresa, previamente estabelecida. Outro motivo de paralisar as entrevistas, foi a intenção de escolher uma equipe de coletores para acompanhá-los durante o trajeto.

Desta forma, dirigimo-nos ao pátio onde ficam os caminhões de coleta quando aproveitei para bater algumas fotografias das equipes saindo da garagem, bem como dos caminhões de coleta.

Já havíamos combinado, eu e o delegado sindical Ivair, de acompanhar um caminhão de coleta, se possível naquele primeiro encontro com os coletores e conosco iria o presidente da Cipa da Vega Sopave, sr. Itamar, que chega ria às 8h30. Era aproximadamente 7 horas e os coletores saiam da garagem nos caminhões juntamente com seus colegas de equipe, todos dentro da cabine do caminhão, em número de cinco, ou seja, quatro coletores e um motorista. Bati algumas fotografias das equipes e todos queriam ser fotografados. Neste ponto surge a vergonha, pois a fotografia retrata o olhar do outro através das lentes da máquina. O mesmo olhar talvez represente as pessoas que fazem um ar malicioso quando percebem que eles, os coletores estão sentados no colo de um colega de trabalho.

A frota de caminhões saiu e o presidente da Cipa não chegava. Eu e o delegado sindical aguardávamos ansiosos, já dentro do carro para tentar alcançar algum caminhão de coleta. Aguardamos sua chegada por aproximadamente 1 hora e meia. Tentamos sair para acompanhar os coletores apenas nós, ruas encontramos uma certa resistência e insistência de que esperássemos o presidente da Cipa. Entendi ser mais oportuno não forçar a situação e dirigi-me a outros locais da garagem para aproveitar o tempo disponível.

Assim, visitamos a área de manutenção dos caminhões, a parte de mecânica, de pintura dos veículos, da limpeza dos caminhões com leme, e dentro do galpão da manutenção, coberto e fechado dos lados, imperava o cheiro do lixo, o cheiro de podre, com água suja no chão, espalhada em pequenas poças. Visitamos a sala de ferramentas e equipamentos, tais como roupas especiais, tipo calças de couro que alcançam até a altura da virilha, guardadas dentro de um quartinho por uma responsável -o sr. João. Ali ficam depositadas todas as ferramentas usadas pelos bueiristas para efetuar a limpeza das bocas de lobo. O Sr. João passou-me informações importantes e valiosas acerca da limpeza dos bueiros e também das condições de trabalho e saúde dos bueiristas, aqueles trabalhadores da limpeza pública responsáveis pela limpeza das bocas de lobo.

"Ponho a calça de couro perto da minha perna e esta perna de calça tem um cinto pra segurar. Mesmo assim, de uma forma ou de outra, os bueiristas se molham".

Algo que não havia pensado e que foi dito, é que os bueiristas só limpam as bocas de lobo quando não está chovendo pois a água da chuva, descendo pelos cantos das guias, traz toda sorte de lixo e entulhos, o que impossibilita a

limpeza do bueiro. Assim, se chover, eles não trabalham e o trabalho é feito todo após a passagem da chuva.

As bocas de lobo são lotadas de insetos e roedores em função de:

- 1) sujeira nos esgotos, que favorecem a proliferação de insetos;
- 2) a Prefeitura de São Paulo deveria dedetizar os esgotos, ou seja, colocar veneno periodicamente para evitar a proliferação destes insetos e roedores e
- 3) em parte esta sujeira que favorece a proliferação de insetos e roedores, bem como o risco de contrair alguma doença infecto contagiosa (por exemplo, problemas dermatológicos), ocorre devido à existência de ligações clandestinas nas regiões menos favorecidas, favelas. Os moradores fazem ligações das fossas de suas casas com as tubulações da SABESP, abastecimento de água e com as da prefeitura, galerias que desembocam nas bocas de lobo, onde os bueiristas exercem suas atividades;
- 4) a população, por falta de informação, também coloca animais mortos nos bueiros, o que aumenta a possibilidade de doenças, visto que o animal entra em decomposição exalando odores e produzindo "**arrozinho**"¹.

Quando voltamos da casa de ferramentas, enquanto o delegado sindical verificava se o presidente da Cipa já havia chegado e se ainda havia algum caminhão de coleta para sair para coletar, sentei numa mureta onde também estava sentado um trabalhador e comecei a conversar. Expliquei-lhe meu trabalho, liguei o gravador e ele mostrou-se resistente a falar. Então perguntei-lhe seu nome e o que ele poderia me falar sobre a sua atividade de trabalho.

Chega o caminhão da coleta que o trabalhador aguardava, ele diz que precisa ir, despede-se e diz que estava começando a gostar da conversa. Sobe no caminhão e todos fazem pose para que eu os fotografe.

Após esse bate-papo informal, fui informada que o presidente da Cipa havia chegado e que iria nos receber. Fomos para a sua sala e o delegado sindical apresentou-nos e disse que eu gostaria de acompanhar um caminhão de coleta, como já havia sido combinado com ele (Itamar). Eu não sabia desse acordo. Itamar brincou perguntando como eu havia conseguido chegar lá às

¹ O arrozinho são aqueles vermes brancos pequenos, do tamanho de um grão de arroz, que surgem em função da decomposição de material orgânico.

5 horas da manhã, que ele teve alguns problemas e não pôde chegar no horário dele, 8h30min. Já eram 10:00 horas e não havia mais nenhum caminhão de coleta para sair da garagem. O delegado sindical insistiu que pelo itinerário poderíamos alcançá-los em algum ponto, mas o presidente da Cipa diz que naquele dia não poderá ir, que seria melhor deixar para outro dia. Fiz um sinal para o delegado para que não insistisse mais e propus ao presidente da Cipa que conversássemos sobre as condições de trabalho e saúde dos trabalhadores.

Nossa conversa com o presidente da Cipa teve uma duração aproximada de trinta minutos; logo depois fomos autorizados a conversar com os dois bombeiros, também membros da Cipa que entraram na empresa como coletores de lixo.

Saímos da sala da Cipa e atravessamos um pequeno, jardim e estávamos na sala dos bombeiros, ex-coletores de lixo. Os bombeiros mostraram-se bastante cautelosos de início, o que até me parecer ter sido uma ideia não muito proveitosa ter ido conversar com eles. Mas, foi só aparência, pois ao começarem a talar, também juntou-se ao grupo o delegado sindical Ivair, que também já foi coletor e iniciou-se uma conversação n1r1to rica em detalhes e sobre vários aspectos do trabalho do coletor de lixo.

Terminada a nossa entrevista com os três ex-coletores de lixo, que teve uma duração de aproximadamente dias horas e meia, agradei a estes trabalhadores pois a partir destas conversas pude me orientar com relação aos passos e procedimentos que seriam adotados para a continuidade da pesquisa de campo.

Fiquei muito satisfeita e ansiosa para observar os coletores em plena atuação e poder "ver" com meus próprios olhos, tudo aquilo que foi dito pelos trabalhadores que entrevistei.

Já estava adiantada a hora(por volta de 13 horas) quando surgiu a possibilidade de acompanharmos uma equipe de coletores de lixo. À estas alturas, eu estava sozinha na empresa, sem o delegado sindical, visto que este tinha alguns assuntos para resolver no sindicato e foi embora.

Nosso contato, a partir deste momento, era o sr. Clécio, um dos chefes de tráfego (ou tráfico, como ele mesmo diz). Vale acrescentar que ele já foi coletor de lixo na Vega Sopave, do que **"sente muito orgulho, principalmente de ter subido lá dentro"**. Foi o sr. Clécio que nos passou a informação de que a Vega Sopave fazia parte de um grupo de empresários baianos desde novembro de 1992. Enquanto nos passava algumas informações, foi repreendido por um superior seu, por abrir tantas informações sigilosas.

Finalmente, estávamos a caminho do setor, local onde encontraríamos

os coletores de lixo para observação e outras entrevistas. Fomos acompanhados, a partir do momento em que saímos da empresa pelo sr. Eulálio, "fiscal de tráfico", ou melhor, de tráfico, que dirigia um Gol branco, de placa BLG - 0246, carro da empresa.

A equipe de coletores já se encontrava no local. Havia um motorista, apelidado de *Cazuza* por ser magro e de cabelos compridos, o líder da equipe e mais quatro coletores de lixo. O caminhão de coleta era do tipo Ford, identificado pelo número 984 -V, e a sua placa era , WD 6010, que fez questão de anotar para obter contato posterior com a mesma equipe. Seria uma forma de localizá-los, caso eu precisasse para esclarecer alguns pontos que fossem obscuros.

Com relação a este veículo e outros que são utilizados pela empresa Vega Sopave, para prestação de serviços de limpeza, os caminhões têm sua carroceria fabricada na própria empresa.

Logo percebi que deveria, em função do trabalho de campo, rever esta equipe em sua atividade de trabalho, pois os coletores de lixo que ali estavam, iam executar uma atividade diferente daquela costumeira de coletar lixo: eles iam "**fazer uma feira**".

Os coletores com quem estava conversando, não são sindicalizados e quando fizeram referência ao Ivair, o delegado sindical que estava me acompanhando durante a visita, expressaram uma certa discordância relacionada ao acordo e mais que isso, pretendiam incluir-me nessa discussão, diria que solicitavam uma posição minha acerca de qual lado eu estaria, deixando também entrever um descontentamento e descrédito com relação ao sindicato que os representa.

Além do que foi referido acima, entendi que estes trabalhadores queriam saber quem era eu, qual o meu objetivo em estar ali, entrevistando-os, investigando suas vidas, sua atividade, o que eu iria fazer com o que estavam me contando, confidenciando, até. Pareceu-me que, simultaneamente, pediam-me que explicasse outra vez o objetivo da minha presença, pediam-me para conhecer-me, para estabelecer vínculos de confiança, em resumo perguntavam-me: "o que é que você quer"?, e bem popularmente, "qual é a sua"?

Esclareci aos trabalhadores que não me colocaria contra ou a favor deles ou do sindicato, que não estava ali para julgar a posição de um ou de outro, que não expressaria opinião neste sentido e expliquei-lhes o motivo de estar observando aquela equipe, de estar entrevistando, fazendo tantas perguntas. Minha fala foi exatamente como se segue:

“Eu sou psicóloga, trabalho na Fundacentro, que é uma fundação de medicina e higiene do trabalho. Então, está voltada para estudos sobre saúde e segurança do trabalhador. Como psicóloga, a categoria de vocês me intrigou porque eu vejo vocês correndo pra cima e pra baixo; e sobe e desce naquele caminhão, e é sol e é chuva. Isso começou a me pegar muito e eu falei – vou ver se eu consigo conversar com esse pessoal e eu falei – vou ver se eu consigo conversar com esse pessoal e hoje, eu estou fazendo o primeiro contato aqui na Veja. Para quê? Para conhecer melhor o trabalho de você, porque eu não conheço, eu estou começando a conhecer agora, pelas coisas que vocês estão me falando...”

“Vejam bem, a gente tem o setor marcado que a gente tem de fazer, tantos quilômetros, se a gente for esperar a chuva estiar, se a gente for esperar o sol esfriar, vai sair meia noite, porque não dá tempo, vai ficar no chão esperando e termina pegando uma suspensão ou senão, você vai mandado embora sem direitos”.

Os coletores de lixo não responderam diretamente à minha explicação, mas indiretamente pareciam dizer que estava dispostos a colaborar, pois começaram a falar, todos ao mesmo tempo, sobre a atividade de coletor de lixo, fartando-me com inúmeras informações, respondendo também ao aspecto das condições climáticas, ao qual fiz referência, expressando suas opiniões sobre os ritmos de trabalho, bem como sobre o controle que exercem sobre sua atividade.

Esta foi a segunda visita realizada à empresa Veja Sopava S.^a, para fins de observação participante com os trabalhadores da coleta de lixo. Nosso objetivo, na primeira visita não foi alcançado, como já dissemos anteriormente quando descrevemos aquela observação. Continuava querendo observar os coletores de lixo, no desempenho de sua função, o que não aconteceu em 04/03/93.

Desta forma, combinei com o mesmo acompanhante, o delegado sindical Ivair e com o presidente da Cipa, que me deu sua autorização verbal para acompanhar os trabalhadores, e com a equipe de trabalhadores que acompanhei na primeira vez em que lá estive. Os trabalhadores não se opuseram pois já nos sentíamos mais próximos em função do nosso primeiro contato.

O material por mim utilizado neste dia foi gravador, várias fitas cassete, duas máquinas fotográficas com filmes, um caderno para anotações (diário

de campo) e uma sacola com duas caixas de chocolate e maçãs.

Este dia, umia segunda-feira (15/03/93) foi escolhido em função da quantidade de lixo a ser coletada. Em geral, as segundas-feiras é o dia em que a coleta é considerada "**pesada**" em função do lixo acumulado do final de se mana. Neste dia, não há feira na maioria dos bairros da cidade de São Paulo. Desta forma, atingi meu objetivo, que era exatamente o de acompanhar os trabalhadores realizando a coleta de lixo propriamente dita, o que não foi feito da primeira vez em que visitei esta empresa.

Todos os membros da equipe colaboraram decisivamente para a realização deste trabalho, incluindo-me na sua equipe, no meu entender, quando me ofereceram, durante a coleta, uma pinga, numa das paradas nos bares.

Outro ponto a se ressaltar, foi que em alguns trechos pequenos, eu corri atrás dos coletores para fotografá-los de perto, com suas expressões de cansaço, de desgaste, e muitas vezes, estes trabalhadores riam. Talvez, em função do meu esforço e também da dificuldade sentida por mim na ocasião ao mesmo tempo me estimulavam, dizendo "vamos lá". Vale ressaltar que em um dos bares, quando já havíamos estabelecido uma relação de confiança, os trabalhadores me ofereceram um conhaque, o qual recusei agradecendo e dizendo-lhes preferir água.

Nestas observações contei com a colaboração valiosa do delegado sindical Ivair, o qual também foi coletor de lixo durante três anos na Vega Sopave. Este ex-coletor foi comigo e com o motorista da Fundacentro dentro do nosso veículo, me explicando todos os movimentos, situações que os coletores de lixo enfrentaram.

ANEXO III
DESCARREGANDO O LIXO DO CAMINHÃO
NA USINA

A visita à Usina de Compostagem de Vila Leopoldina foi realizada em 02/12/1992. Nesta ocasião, fui acompanhada por dois dirigentes sindicais, sendo que um deles, já havia exercido atividade de mecânico de manutenção naquele local, o que facilitou sobretudo o contato com os trabalhadores que já o conheciam e, segundo eles, "*era um cara bom*". Além disso pude circular por toda a usina de compostagem, conhecer o processo de produção do composto e conversar com os trabalhadores da usina nos seus postos de trabalho. Embora não fosse este o objetivo primeiro, possibilitou a apreensão de dados estreitamente relacionados aos coletores de lixo, tais como o tipo e o conteúdo do lixo que é coletado, e que posteriormente, em outras entrevistas e encontros, foi colocado com bastante ênfase.

Apesar de nosso objetivo estar centrado no personagem Coletor de Lixo já definido anteriormente, entendemos ser importante conhecer o seu universo, a sua vida, a sua rotina de trabalho, e esta rotina inclui as Usinas de Composta -e m, aterros sanitários etc.

Durante vários meses, tentei estabelecer contato com o sindicato da categoria dos coletores de lixo e após um primeiro encontro com a diretoria do sindicato, onde me apresentei e expus meu interesse e objetivos, após justificar esta escolha, e de haver sido estabelecido um "contrato" referentes os interesses comuns, esclarecidos os procedimentos (tipo de pesquisa) a ser realizada, solicitei que viabilizassem um contato com os trabalhadores -

coletores de lixo - no seu local de trabalho e assim, fui visitar a Usina de Compostagem Leopoldina, pois lá teria oportunidade, segundo me foi dito, de encontrar os coletores e conversar com eles.

A usina de compostagem é o local onde ocorre a separação do lixo, por exemplo, latas, vidros, papel etc., submetido a um processo semi-automatizado de trituração e transformação em adubo, o qual é vendido pela prefeitura pelo preço, na época (dezembro/ 1992) menor que o de um café, a tonelada. Neste local, diferentemente dos coletores de lixo, os trabalhadores têm um contato direto com o lixo, quando fazem a separação do lixo na esteira de citação. Aqui, tive a oportunidade de perceber a dificuldade de trabalhar com este produto, o lixo, especialmente, quando se trata de uma segunda-feira, como foi o caso, pois, o lixo aí descarregado é aquele lixo velho, o qual não foi recolhido no final de semana e já, em estado de decomposição, exalando fortes odores.

Conhecer a usina de compostagem se constituiu para mim em um verdadeiro teste de coragem para continuar trabalhando com esta categoria profissional. Vale ressaltar que, após uns seis meses de trabalho com o Siemaco, um dos dirigentes que me acompanhou nesta visita, declarou que este local foi o primeiro a ser escolhido para a minha visita, como uma forma de verificar se eu "*teria estômago para encarar aquele tipo de trabalho, pra ver se eu teria coragem de seguir adiante*". Este foi portanto, o meu primeiro contato com os trabalhadores fora dos limites da empresa e também fora dos limites do sindicato que os representa.

O processo de compostagem do lixo se inicia quando o caminhão de coleta chega ir usina. Neste ponto, há de passar por urna fiscalização, localizada logo na entrada da usina, a fim de que seja feita a pesagem do lixo coletado. Portanto, o caminhão de coleta só pode se dirigir para este local em duas situações:

- 1) quando atingiu o seu limite máximo de capacidade de armazenar o lixo e
- 2) quando a limpeza do setor designado pela empresa foi concluída, independente de ter atingido o máximo de armazenamento de lixo.

O lixo, submetido a este processo, é o domiciliar (das residências) ou de escritórios, que é ensacado e posto nas calçadas para ser recolhido. Assim se dá a ligação entre os coletores de lixo e a usina de compostagem, pois, são os coletores de lixo que recolhem este material e jogam na parte traseira do caminhão de coleta. E este, o coletor de lixo é o nosso sujeito, e em torno dele estão. todos os procedimentos, passos e caminhos adotados no trabalho de

pesquisa de campo. O lixo descarregado nesta usina é predominantemente da região da Freguesia do Ó, Lapa, da Zona Leste.

"Até meados do século XIX, os agricultores do mundo todo só adubavam suas terras usando matéria orgânica. Os fertilizantes minerais, comuns hoje no comércio, eram desconhecidos. Como adubo orgânico eram utilizados os restos de cultura, as plantas leguminosas conhecidas como adubos verdes, os esterco animais, todos os resíduos, como o lixo domiciliar ou o industrial a base de matéria prima agrícola ou pastoril"*.

"Modernamente, os adubos orgânicos são fabricados pelo método da compostagem. Os esterco, os lixo~e demais restos orgânicos quando crus, ainda não são úteis às plantas. Para transformarem - se em adubo é necessário que sofram um processo de maturação. Então, a matéria orgânica crua produz o húmus, podendo neste estado propiciar os melhores benefícios ao solo e às plantas"*.

Como é preparado o composto

Somente o lixo de bairros residenciais da cidade de São Paulo é levado para as Usinas de Compostagem. O lixo domiciliar é o mais rico de todos em matéria orgânica, daí ser aproveitado para se transformar em um excelente adubo para nossas lavouras.

Nas Usinas, o lixo passa por um processo de catação, sendo removidos, manual ou mecanicamente, metais, vidros, louças madeiras, borrachas, plásticos, trapos, enfim, todos os objetos grandes ou pesados, que se destacam ou que podem ser retidos nas peneiras, imãs ou separadores gravimétricos.

Do lixo que chega à usina, cerca da metade da sua quantidade em peso é removida, restando urna matéria prima muito mais rica para o preparo do fertilizante.

O lixo sofre a seguir, um intenso processo de decomposição aeróbica, alcançando a temperatura de até 70° C, suficiente para assegurar o completo extermínio de micróbios patogênicos, germes, parasitas e sementes, que nele existirem e, que poderiam ser prejudiciais ao homem ou às suas lavouras".

No momento em que o caminhão de coleta vai descarregar o lixo coletado, alguns coletores permanecem no seu setor de trabalho, em algum abrigo ou local público (praça), descansando, e outros, em geral um ou dois, acompanham o motorista até a usina.

* SÃO PAULO. Prefeitura do Município de São Paulo – **Composto Orgânico**. S. Paulo, 3p.

Enquanto aí estive, presenciei a chegada de um caminhão de coleta de lixo da Cavo S.A., que trouxe além do motorista, dois coletores de lixo, com os quais conversei rapidamente. Chegando na usina de compostagem, o veículo é pesado pela fiscalização da empresa e em seguida segue para o local determinado para descarregar o lixo. Este processo teve, neste caso, uma duração aproximada de quarenta minutos.

Durante este período, os dois coletores de lixo que acompanharam o motorista, ficaram em um pequeno jardim, dentro e próxima à sala da fiscalização (pesagens), se refrescavam com água da torneira de um tanque (parecido com um tanque de lavar roupa, feito de cimento), com as mãos em concha, enchem de água e levavam à boca. Quando a água chegava à boca o volume já era bem pequeno, pois escorria pelos dedos grandes e grossos daqueles trabalhadores. A intenção parecia ser a de tomar água, mas aos poucos, todo o rosto era molhado, a cabeça encharcada, dando prosseguimento a seguinte seqüência de movimentos: beber água, molhar o rosto, lavar a cabeça, e as mãos são esfregadas e são lavadas e lavam os braços, o pescoço e parte do peito que o decote da blusa permite deixar descoberto e por conseguinte, ser visto.

Ao final de dez minutos de conversação, os coletores estão com os cabelos e a blusa molhados e, neste período de tempo repetem-se os gestos de tomar água, deixá-la escorrer pelo rosto, lavar mãos e braços, brincam com a água, talvez, refrescando-se do calor, ou suavizando o cheiro do suor ou tentando livrar-se do cheiro do lixo que pode estar impregnando seus corpos, suas peles, suas vidas.

Devo acrescentar que estes trabalhadores, coletores de lixo, não tinham conhecimento prévio da minha presença, bem como, do meu objetivo ao tentar estabelecer contato com eles. Os esclarecimentos e apresentações só foram realizadas naquele momento, em função de não sabermos se os encontraríamos, lá na usina, no período em que estávamos.

O trabalho na usina de compostagem, no processo de produção, é realizado por trabalhadores da limpeza pública, homens e mulheres que fazem a catação do lixo nas esteiras e a manutenção dos equipamentos da usina. Em média, segundo o coordenador geral dos trabalhos, são 240 pessoas trabalhando, excluindo-se os três funcionários da prefeitura que fazem a fiscalização e pesagem do lixo e do caminhão. A fiscalização se dá em função de não ser permitido no local a entrada de outro tipo de lixo, apenas o lixo domiciliar.

Nesta usina há um "museu do lixo", o qual tive oportunidade de conhecer. Lá estão peças antigas, raras, pitorescas que são encontradas no lixo pelos catadores. Tem até um exemplar muito antigo da C.L.T. - Consolidação das Leis do Trabalho.

ANEXO IV OS ENCONTROS

Conforme exposto, no capítulo da metodologia, no trabalho de campo, um dos passos para o levantamento de dados, foi a realização de entrevistas corri grupos de trabalhadores da limpeza pública.

Estes encontros foram realizados, durante nove quintas-feiras, sendo que o primeiro e o segundo encontros, ocorreram nas dependências do Siemaco, sindicato da categoria, e os outros oito na sede da Fundacentro, em sala de aula reservada para tal fim.

Todas as reuniões foram cravadas com fitas cassete e registro no diário de campo. Dispúnhamos ainda de flip chart, lousa, lápis de cor, papel etc. Em algumas das reuniões utilizei o recurso da fotografia.

As reuniões ocorreram no período de 24/03/93 a 27/05/93, por um período de três horas, com início às 10 horas e término às 13/14 horas. Durante as reuniões, fizemos pequenos intervalos de quinze a vinte minutos, tempo necessário "*para esticar as pernas*", ir ao banheiro, e fazer um lanche que se constituía de café, chá e biscoitos doces e salgados. Este lanches eram comprados por mim e preparados pela copeira da Fundacentro.

De uma forma geral, o grupo contava com a presença de 18 pessoas, envolvendo as pesquisadoras, os coletores de lixo, varredores, bueiristas, de diversas empresas, sexo, idade, tempo de função etc, e dois sindicalistas.

O **primeiro encontro** foi o que poderíamos chamar de atípico e por isso mesmo, revelador. Revelador, porque nos forneceu uma série de informações/

dados, acerca desta categoria profissional que foram percebidos em função dos contratemplos, mal entendidos e "equivocos" que ocorreram. E exatamente neste ponto, entendemos que ao colocarmos nossos pés na sede do sindicato, já havíamos iniciado esta fase da pesquisa de campo.

A reunião marcada para as 9 horas, só começou às 9h30. Enquanto aguardávamos, eu e a Sandra Donatelli (auxiliar da pesquisa de campo, nestes encontros) a chegada dos coletores de lixo, observava que os preparativos, tais como sala, mesa, cadeiras, gravador, não haviam sido previamente providenciados e naquele momento, os diretores sindicais se agitavam para organizar. Por volta da 9h30, estávamos na sala: uma saleta onde tivemos que improvisar um flip chart, uma mesa que era uma geladeira pequena e juntar as cadeiras para que pudéssemos caber todos no mesmo espaço. Estavam presentes: um sindicalista, Gilmar e três delegados sindicais, trabalhadores, para iniciarmos nossa atividade, sendo que esses delegados sindicais pertenciam a todas as funções da limpeza pública, eram varredores, coletores e bueiristas. Ora, por quê delegados sindicais e por quê de todas as funções, quando havíamos acertado que o trabalho seria desenvolvido, apenas, com coletores de lixo?

Pareceu-me, num primeiro momento, que não havia ficado claro para o Siemaco a nossa proposta de trabalhar, apenas, com coletores de lixo, voluntários e liberados pelas empresas. Afinal, quem eram esses delegados e qual o seu papel dentro da categoria?

O delegado sindical surgiu, em função de uma necessidade do sindicato de uma aproximação maior com a categoria. Na campanha salarial de 1990, uma das pautas de reivindicações, foi a eleição de trabalhadores da coleta, varrição e bueiros, os quais, após, se eleitos pelos próprios trabalhadores das garagens, seriam liberados pelas empresas de suas funções/exercício do trabalho, ficando ligados diretamente ao sindicato, pois, o seu papel dentro da empresa, seria de acompanhar os trabalhadores, conhecer suas dificuldades, queixas, problemas legais, insatisfações, promover campanhas para as assembléias da categoria em sua data base, enfim, seria um ponte de ligação entre os trabalhadores e o sindicato que sentia estar distanciando-se de suas bases.

Assim, em função de ser uma conquista recente, esses delegados foram convocados pelo sindicato para participarem dos encontros, pois, já haviam exercido essa função anterior e recentemente, podendo assim explicar/colocar de forma clara e detalhada a sua atividade e o seu mundo no trabalho.

Mas, restava-nos outra dúvida: por que delegados sindicais de todas as funções? Esta dúvida foi esclarecida no próprio grupo, quando estes trabalhadores colocaram que não havia esta distinção entre eles, tanto um coletor po-

deria realizar a varrição, como um bueirista realizar a coleta e outro ponto colocado é que não importa a função, pois, entre eles e para eles, todos realizavam coleta de lixo, o lixo dos bueiros, o lixo da varrição e os sacos de lixo colocados nas calçadas pela população.

Quanto ao fato de termos, apenas três delegados sindicais para iniciar as atividades de grupo, parece-me ter havido uma falha de comunicação entre a pessoa/diretor sindical com quem conversei e para quem coloquei as condições necessárias para desenvolvimento do trabalho e o diretor e os delegados sindicais que ali estavam presentes, pois, estes afirmavam não saber do que foi definido.

Diante desses contratempos, decidi, juntamente com o grupo que ali se encontrava, adiar o nosso primeiro encontro para 01/04/93, às 9 horas, no mesmo local, e asseguramos as seguintes condições, necessárias para o desenvolvimento do trabalho: um grupo de oito trabalhadores, todos coletores de lixo da coleta domiciliar, de diferentes empresas e garagens e dois sindicalistas. Orientei quanto ao que deveriam dizer para os trabalhadores, quando fossem convidá-los a participar no grupo, bem como, solicitei ao diretor sindical ali presente, que o sindicato solicitasse junto às empresas, que os trabalhadores a fazer parte dos encontros, fossem liberados do exercício de suas funções naquele período, no horário dos encontros, sem perder o seu dia de pagamento.

O segundo encontro ocorreu no dia 01/04/93, ainda na sede do sindicato, após havermos esclarecidos as dúvidas que pairaram no encontro anterior. Mesmo tendo esclarecido, durante o primeiro encontro, realizado em 25/03/93, que o grupo seria composto, apenas de coletores de lixo, ainda assim, neste segundo encontro, nos deparamos com as três funções existentes dentro da coleta de lixo e entendemos por bem deixar desta forma, visto que, segundo esses trabalhadores, todos coletavam lixo, independente da função que executavam predominantemente.

O primeiro passo a ser dado seria a apresentação do grupo, pelo próprio grupo, visto que os trabalhadores pertenciam a diferentes garagens e turnos de trabalho. A técnica de apresentação consistia em cada pessoa dizer seu nome, função, empresa em que trabalhava e a idéia surgiu, em função da tônica do grupo que nos primeiros 20 minutos, interrogava a naturalidade dos próprios membros do grupo e também, a minha. Entendi que era uma tentativa de conhecer-me, para sentirem-se mais à vontade para expressar suas opiniões; para estabelecer um vínculo de confiança e, também, para criar uma identidade própria daquele grupo. Foi muito interessante este tipo de contato, pois, permitiu fazer um mapeamento a partir do local de origem de cada membro do

grupo, ficando claro que os doze participantes ali presentes, dividiam-se entre a região nordeste e o estado de Minas Gerais.

É interessante e importante ressaltar a forma de expressar a sua necessidade de aproximação e de conhecimento de quem é quem e o que querem de mim: a aproximação se dá entre risos, chistes e brincadeiras, tal como veremos nas falas dos trabalhadores:

“A gente chega num lugar sem conhecer ninguém, até conhecer todo mundo, baiano; pernambucano, solta um queijo morro abaixo, o mineiro fica todo...Mineiro é que gosta de queijo né? Pra identificar alagoano é meio complicado. Agora, o baiano não, o baiano você pega uma rapadura, joga, virgem!!! Já cai na boca dele. Dizem que alagoano gosta de comer torresmo com farinha”.

As referências aos alagoanos são dirigidas a mim, pois, algum dirigente sindical comentou a minha naturalidade. Pareceu-me que isto influenciou para que o grupo confiasse em mim e continuasse constante na presença aos encontros posteriores.

O grupo, ainda permanece por algum tempo conversando um pouco sobre comidas típicas, hábitos e costumes de cada local de origem e quem define os contornos da conversa é o sr. José Corrêa, um mineiro muito divertido e brincalhão, que assim se apresentou: *“Sou José Correia Lima, amigo dos homens e querido das meninas”.* Eu diria que este bate papo informal funcionou como um quebra gelo, até que todos se acomodassem e percebessem que não havia da minha parte, nenhuma ameaça ao grupo, enquanto trabalhadores e cidadãos.

Quero chamar a atenção, para o fato deste quebra-gelo se dar através de brincadeiras e chistes; eu diria até, através da alegria. Este foi um dos momentos, em que vivenciei com esta categoria, as brincadeiras, o riso, a leveza e fluidez, até então, só observada, quando os coletores de lixo executavam suas atividades de trabalho, por exemplo, quando pulam, correm, esbarram os corpos entre si, como realizando uma brincadeira infantil.

Dá-se início a apresentação de cada um deles e em função de ser o primeiro contato nosso e do grande número de pessoas no grupo, propus que fizéssemos crachás de identificação. Seguiu-se uma movimentação geral e total dentro da pequena saleta, pois, todos queriam participar de alguma forma: sugerir cores diferentes para identificar as três empresas ali representadas; sugerir o que fazer, quando havia duas pessoas com o mesmo nome; diziam seus nomes

para que fossem escritos; outros cortavam tiras de papel para confeccionar os crachás; até que todos nos tornamos facilmente identificáveis, inclusive eu e a Sandra, a auxiliar de pesquisa.

Nosso trabalho de pesquisa prosseguiu, de uma forma livre, sem muitas direções a serem seguidas e espantosamente, deu-se numa seqüência natural, uma outra apresentação. Desta vez, unindo os nomes, função predominantemente exercida, naturalidade, empresa a que está ligado, turno de trabalho.

Em seguida a apresentação do grupo, os coletores levantaram de suas cadeiras, andaram pela sala, sentaram e fecharam os olhos por solicitação minha. Pedi-lhes que pensassem no trabalho do coletor de lixo e que fossem verbalizando o que surgisse em suas mentes. Em função do que foi verbalizado, resolvemos utilizar uma cartolina, a qual foi grudada na parede corri durex, para aspectos positivos e uma para os aspectos negativos relacionados ao trabalho do coletor de lixo, "*como é ser coletor de lixo*".

Um ponto enfatizado pelo grupo de coletores de lixo, que nos mostra os aspectos positivos e negativos, é colocado no tipo de atividade e em que implica trabalhar na coleta de lixo. Desta forma, as falas que surgiram, foram, eu diria, a própria representação da atividade do coletor de lixo, percebida pelos próprios coletores, o que envolve aspectos positivos e negativos durante o desempenho da atividade de coletar lixo. O trabalho do coletor de lixo foi a tônica desta reunião.

Seu término foi caracterizado pôr, arranjos feitos entre os pesquisadores e os trabalhadores da limpeza pública, no sentido de melhorar o desempenho e o próprio grupo. para dar prosseguimento aos outros encontros.

Assim, foram colhidas sugestões de inclusão de trabalhadores que mesmo aposentados, se disporiam a participar, com o objetivo de enriquecer os dados, em função de haverem trabalhado muito tempo nesta atividade.

Outra sugestão, foi relacionada aos temas a serem discutidos, tais como as relações entre os coletores e suas chefias imediatas e mediatas, ou com os "feitores"* como são designados pelos trabalhadores.

Também, foi apontado um outro tema relacionado à segurança e saúde do trabalhador, as Cipas das empresas. Segundo os coletores de lixo

* Vale ressaltar que essa denominação "feitor" data ela choca da escravidão. Os feitores eram trabalhadores subordinados aos grandes latifundiários que continham, no sentido de repressão. os escravos adquiridos para desempenhar tarefas.

”Ela não existe. Todos os caras da Cipa são pessoas de cargo de chefia da CAVO. A última vez que eu conversei com o presidente da Cipa, que havia trabalhador entrando no caminhão, em cima do lixo, ele disse que não podia fazer nada, só ouvir”.

Os trabalhadores presentes decidiram que os dois sindicalistas, Chaves e Gilmar, deveriam continuar participando dos encontros, pois, consideravam que poderiam "aproveitar" aquele espaço, como uma oportunidade para obter algumas respostas, discutir e denunciar fatos para o sindicato.

Ficou determinado que os próximos encontros seriam realizados na Fundacentro, rua Capote Valente, 710, Pinheiros, em função de melhores instalações, do tamanho do grupo e, principalmente, em função de sentirem-se mais à vontade para expressar-se.

Ficou acertado que os coletores aguardariam o veículo da Fundacentro na sede do sindicato, ponto de encontro, para levá-los ao local das reuniões e o sindicato, também, colocou um veículo à nossa disposição para facilitar o transporte dos trabalhadores.

O **terceiro encontro** com o grupo dos trabalhadores da limpeza pública ocorreu no dia 15/04/93, em sala de aula da Fundacentro, situada à rua Capote Valente, 710, Pinheiros, com início às 9h40 e com término às 12h30.

Conforme foi acertado, foi colocado um veículo da Fundacentro à disposição dos trabalhadores e um do Siemaco para transportá-los até o local combinado.

Nesta reunião, contamos com a presença de 17 trabalhadores, coleta, varrição e bueiristas, sindicalistas e das duas pesquisadoras. Um grupo grande que demonstrou-nos que a reunião de 01/04/93 atingiu um dos objetivos: o de mobilizar a categoria para discutir seus problemas.

Começamos nossas atividades com uma apresentação do grupo e para isto utilizamos a técnica de duplas trocadas, ou seja, foi pedido que os coletores se agrupassem em duplas, com pessoas que não conhecessem ou com quem tivessem pouco contato, dando-lhes um tempo de dez minutos para que conversassem depois, um trabalhador apresentaria o colega como se fosse ele, assumindo sua identidade.

Nosso objetivo, com esta técnica, foi de conhecer os trabalhadores; que estes se conhecessem e que fosse quebrado o gelo, em função da presença de novos membros no grupo, além de procurar proporcionar um estado de bem-estar aos que estavam chegando.

A partir das apresentações feitas pelos trabalhadores, destacamos os as-

pectos relacionados ao trabalho, inicialmente, enfatizados por eles:

O tempo de empresa para os coletores de lixo, é um fator que, segundo eles, deveria merecer uma especial atenção, por parte da empresa, no sentido de recompensá-los pelo longo tempo de casa.

A exaltação do posto de delegado sindical, enquanto um cargo ou função que propicia um crescimento e engajamento na luta pelos trabalhadores da limpeza pública.

Ocorre também uma espécie de convite, dirigido aos outros colegas de trabalho para ocupar a função acima, talvez até um apelo ou um pedido de ajuda "*pra dar, força pra nossa classe que é sofrida demais*".

As *queixas de saúde* surgem na fala durante a apresentação - "*tenho crer problema de coluna e quebrei o dedo*". Interessante este tipo de apresentação e poderíamos pensar que o que é dito, neste momento, é um indicador do que consideram importante e do que desejam que os colegas de trabalho saibam a seu respeito.

Surgem também, *a popularidade e a liderança*, entre os membros do grupo, sempre acompanhada de um jeito informal e das brincadeiras, o que já observamos em outras situações.

“Eu sou delegado sindical, trabalho na coleta de lixo hospital e às vezes, tomo um cafezinho no hospital”;

Após a apresentação, de todos os membros do grupo, conclui esta etapa, ressaltando e trazendo de volta as falas dos trabalhadores, levando-os a refletir sobre os inúmeros aspectos citados de suas vidas e sua relação com o mundo do trabalho e o mundo da casa.

A partir das falas anteriores, os coletores elegeram uma situação, onde pretendiam demonstrar as relações de poder dentro de seu trabalho, dentro de uma determinada empresa. Assim, resolveram representar, encenar uma situação, em que dois varredores estão varrendo a rua e resolvem parar, 10' antes do horário designado para tomar um café, ocasião esta, em que vem chegando o fiscal da empresa, iniciando-se uma discussão. Outra situação, que mereceu grande atenção por parte dos coletores de lixo, nesta reunião, foi o consumo alcoólico dentro da categoria dos trabalhadores da limpeza pública.

Os pontos básicos levantados foram os que estão acima expostos. Este encontro teve, um tanto quanto prejudicadas as gravações das fitas k-7, fornecendo-nos poucas informações, quando comparadas, às do segundo encontro.

Nosso começo, desta vez, **o quarto encontro**, enquanto aguardava todos se acomodarem, foi diferente e o assunto, ainda que incipiente, me levou a

refletir sobre as formas de incentivar, estimular o crescimento desta categoria em atividades esportivas, como por exemplo, as maratonas e corridas.

Após estas reflexões, passamos a uma outra etapa, previamente planejada: a visita ao museu da Fundacentro. Neste museu estão expostas peças de cera, as quais representam as doenças ocupacionais tais como: as intoxicações (silicone, benzenismo etc); as fraturas e lesões causadas por acidentes de trabalho e alguns agentes de riscos, tais como cobras, insetos etc.

O grupo acompanhou a visita com grande atenção e curiosidade, perguntando muito, sobre cada "pulmão", "perna fraturada" etc. A medida que avançávamos, íamos, eu a Sandra (auxiliar de pesquisa), explicando em que consistia cada peça exibida. Esta visita teve uma duração aproximada de 40' e, após isto, voltamos para a sala e combinamos um intervalo de 10' para café e uso dos banheiros.

Quando o grupo se reuniu outra vez, formamos um círculo para discutir as impressões, sentimentos e questionamentos dos trabalhadores da limpeza pública, após a visita ao museu.

A primeira coisa a registrar e que nos chamou a atenção, foi o silêncio do grupo. Este me pareceu estar "chocado", "impactado" corri o que foi visto no museu e até falar, expressar-se através da palavra, parecia difícil.

Os trabalhadores começam a falar, inicialmente sobre as peças de cera, dizendo como são "*perfeitas*" para só depois e através dessas peças, comentarem sobre acidentes de trabalho, no geral e sobre seus próprios acidentes de trabalho sofridos. "*Será que num acidente de trabalho a gente pode quebrar a perna daquele jeito?*", questiona um coletor e o outro responde: "*Quebra. A gente chega naquele lugar; dos segurados, o que a gente vê de nego quebrado*". Neste momento, interferi, perguntando-lhes se já haviam "quebrado" alguma parte do corpo em acidente de trabalho, como uma forma de trazer o grupo para o nosso tema: saúde e segurança do trabalhador e no trabalho.

"No trabalho, eu já torci o pé várias vezes. Só que não parei, continuei trabalhando".

Sofrer estes "pequenos acidentes", no dia-a-dia de trabalho e ignorá-los, é uma prática comum nesta categoria. Isto leva esta população a um número reduzido de acidentes, a um subregistro, o que não é verdadeiro. Os motivos que os leva a agir desta forma, muitas vezes, está relacionado a burocracia e às dificuldades encontradas no tratamento, procura do serviço médico, bem como ao receio de ter de ficar afastado do serviço, diminuindo assim, os seus vencimentos.

Na discussão entabulada sobre saúde, sobre as pneumoconioses, asbestose, higrardirismo, saturnismo, fraturas, entorses, ficou muito claro, a concretude de cada unia delas e a sua visibilidade. Aponto para as doenças que a gente não vê, que não se toca, do nervosismo. Pontuei ainda, o cheiro do lixo que os trabalhadores referem ser uni "sofrimento", abrindo assim, um caminho para falar com o grupo sobre as suas queixas, suas dores e alegrias no mundo do trabalho. Portanto, a ênfase do grupo, nesta reunião foi a discussão sobre a saúde da categoria, bem como, sobre os problemas que enfretam para realizar algumas intervenções no mundo do trabalho.

O grupo foi subdividido em grupos menores, utilizando-se do critério, função. Então, foram formados três grupos, riais o grupo dos sindicalistas, a fim de, dentro de suas funções, discriminar os problemas, queixas relaciona das à saúde, discutir nos pequenos grupos e, posteriormente, apresentar para o grupo maior. Esta apresentação foi realizada através de desenhos, representações gráficas elas funções, acerca do que significa saúde, as queixas referidas, os acidentes de trabalho e sua relação com as condições e a organização do trabalho. Para tal tarefa, foi distribuído papel sulfite, lápis, canetas, lápis de cor, hidrocor, tesoura etc.

As representações gráficas foram fixadas na parede e uni membro de cada ,grupo, explicou o que o desenho representava. O primeiro grupo a expor, foi o grupo da varrição; o segundo, foi o da coleta de lixo e bueiristas e o terceiro Grupo, foi apresentado pelos sindicalistas ali presentes.

No **quinto encontro**, o grupo chegou com uma hora de atraso e pareciam inquietos, dispersos, o que me levou a usar unia técnica de aquecimento pra relaxar, além elos objetivos já implícitos no "jogo ele bilhetes".

Os objetivos desta técnica de aquecimento são identificar diferentes formas de comunicação; reconhecer ruídos de comunicação; identificar fatores, tais como interpretações subjetivas e estereótipos que influenciam no processo de comunicação.

Organizamos (eu e a assistente de pesquisa) todos os participantes num círculo, colocados ombro a ombro, com as costas voltadas para fora do círculo para colar nas costas de cada pessoa unia folha de papel com uma frase escrita. As frases, diferentes para cada pessoa, eram as seguintes: "Me faça unia careta" (Gilmar); "Não me deixe andar" (Juscelino); "Sente-me. estou cansado" (Valdir); "Tenho uma barata na minha roupa... me ajude" (Tereza)-, "Me abrace" (Geraldo); "Me ensine a correr"(Marcos); "Fale alto. não escuto direito" (Filornena); "Me xingue" (Severino); "Vamos tomar um cafezinho" (José Corrêa); "Veja se estou com febre" (Pedro); "Chore no meu ombro" (Antônio); "Dê uma gargalhada" (Ivair); "Você paquera muito"(Chaves) e uma fo-

lha em branco (Humberto), sendo que por estar em branco, o grupo poderia fazer o que quisesse ou simplesmente não fazer.

Assim, a assistente de pesquisa deu as instruções que foram as seguintes: *“Agora que vocês já estão com a folha de papel colada nas costas, vocês vão ler o que está escrito nas costas dos seus colegas e fazer o que o bilhete determina. Isto tem que ser feito sem falar para o outro qual é a ordem do bilhete e depois nós vamos formar um outro círculo e vamos comentar. Está certo? No final, quando formarmos o círculo, cada um de vocês vai tentar adivinhar o que está escrito no papel grudado em suas costas”**. O grupo podia já movimentar-se e iniciar a atividade, mas ficaram receosos, por não saberem o que estava escrito no papel colado nas costas e desta forma, eu resolvi participar da "brincadeira". A Sandra (assistente de pesquisa) colou uma folha com um bilhete às minhas costas e a escolha do bilhete foi aleatória, sem que eu soubesse o que estava escrito. A partir daí, o grupo começou a movimentar-se pela sala e a executar as ordens dos bilhetes.

Em função das ordens emitidas nos bilhetes, a movimentação provocou muitos risos e atitudes descontraídas de todos os participantes. Após um tempo aproximado de dez minutos, formamos um outro círculo, desta vez, todos de frente um para o outro e passamos à etapa seguinte: adivinhar o que estava escrito em nossas costas, lembrando das ações dos colegas.

Então, neste momento o grupo mostrou-se participativo, comentando e rindo muito das situações em que estiveram envolvidos. Foi fácil para todos dizer qual a ordem contida nos bilhetes, o que significa que os colegas transmitiram bem as mensagens. Assim, tiramos o papel das costas e lemos a mensagem e outra vez tivemos mais risos.

A Sandra (auxiliar de pesquisa) faz o fechamento explicando que o objetivo da técnica foi atingido, pois, o que se pretendia verificar, era a forma como as pessoas se comunicavam, como acontecia o receber e o cumprir ordens. Coloca ainda sobre um dos trabalhadores, o qual recebeu uma folha em branco, sem nada escrito, que assim é feito para mostrar o que é possível fazer quando se tem algum espaço aberto pra fazer alguma coisa e não se sabe o que fazer, levando o grupo a fazer nada.

Outro ponto discutido está relacionado aos cuidados com a saúde e que suponho estar relacionado à esta falta de cuidados, é mais uma questão de "hábito", de "educar-se" para algo. No começo das atividades com este grupo, nesta mesma reunião, foi vivenciada uma situação, por um trabalhador, com

* Esta fala é da assistente de pesquisa que me auxiliou nesta fase do trabalho de campo.

uma folha de papel em branco, serra ordem alguma para ser executada, podendo-se, diríamos, "fazer o que quisesse", ou mesmo, "escrever uma ordem ou várias ordens". No entanto, nada foi feito, quando houve "liberdade" para tal. É interessante refletir, paralelamente, sobre estes pontos, pois, os dois refletem um certo aprisionamento à condutas, ordens e padrões ditados. É como se, só pudessem procurar assistência médica quando uma "ordem" for expressa e neste caso, a "ordem" é a ordem do corpo, ou melhor, da doença já instalada, quando o corpo, valorizado como instrumento de trabalho, não obedece aos comandos de seu dono. Mesmo assim, há de se pensar se é adequado procurar assistência médica, tendo em vista que procurar um médico ou registrar um acidente ou doença, pode implicar em despesa financeira nutra orçamento já medido e "apertado".

Passamos a outra etapa, com o grupo bem mais descontraído e sentindo-se à vontade para falar. Aproveito para chamar a atenção dos trabalhadores para as repercussões que surgiram após o último encontro, quando da visita ao museu da Fundacentro. Este tema voltou através do sindicalista, o qual antes do início da reunião me procurou para falar como se sentiu e se expressou para o grupo, da seguinte forma:

“O que eu coloquei para ela foi o seguinte: é que eu me surpreendi com essa doença facial, eu nunca tinha visto e eu senti um abalo assim e na realidade, eu nem consegui almoçar naquele dia. Eu fiquei quieto e pensando o que é o ser humano, pois não tem pobre ou rico, nessa hora é tudo igual Eu fiquei pensando naquelas peças, naquelas caras de cera, é tão real...”

Através deste trabalhador podemos verificar tinni processo de "tomada de consciência", mediatizado pela emoção. A mim parece que após ter percebido, perceber através dos olhos, após ter visto as peças expostas no museu, sua memória também foi acionada, trazendo "lembranças" de situações já vivenciadas, ocorrendo um processo que sinalizou sua existência através dos "enjôos, não consegui almoçar naquele dia". Até este ponto, as emoções existiam conturbadas e não achavam o espaço físico adequado para serem externalizadas. No grupo havia este espaço e seu comentário, feito apenas pra mim, sem a presença do grupo indicou a existência desses sentimentos não apenas naquele participante, mas em todos os outros colegas. Na verdade, aquela fala era a fala do grupo, sendo o sindicalista, o, o protagonista, o decodificador, o transmissor de uma mensagem que na reunião passada não

se mostrou. E foi falando dessas emoções, dessas lembranças e desse mal estar físico que pôde desvencilhar-se do impacto sentido e procurar alternativas concretas para as situações enfrentadas pelos trabalhadores de asseio e conservação.

A partir daí, outros trabalhadores se expressam sobre a visita ao museu, sobre o que esta lhes provocou e sobre a forma que utilizaram para lidar com esta realidade penosa que é a do acidente cio trabalho e das doenças ocupacionais. Alguns destes trabalhadores dizem em suas falas como identificaram as más condições de trabalho, a falta de segurança no trabalho, a exposição aos riscos, tanto em sua profissão como também em outras profissões.

Após esta discussão, foi solicitado ao grande grupo de trabalhadores que formassem três pequenos grupos tendo como critério de formação as funções de coletor de lixo, varredor e bueiristas. A estes grupos foi pedido que conversassem sobre suas queixas de saúde, aquelas que são sentidas no seu cotidiano e listassem corri as possíveis relações de causa imaginadas, e a pergunta primeira foi: por que vocês sentem sintomas de problemas de saúde? De onde surgem esses sinais, se estes forem sentidos, qual a sua origens?

A este critério, o grupo acrescentou um outro que seria, o de tipo de queixa e, por alguns minutos na sala, houve muito barulho para se saber quem tinha uma "*coluna*", para se saber quem tinha "*varizes*" e pra se saber quem tinha "*pressão alta*", e também pra se saber quem tinha "*preocupação*". Após algumas considerações, os grupos da pressão alta e da preocupação resolveram juntar-se em um só grupo denominado "*preocupação*". Para tal atividade, os grupos estabeleceram um tempo aproximado de trinta minutos e ao final deste, seguiu-se a apresentação e a discussão.

No sexto encontro, a hora marcada, 9h30, o grupo já estava presente, sendo que desta vez, a pesquisadora, ainda, não havia chegado. Sentia-me bastante cansada e me atrasei. Desta forma, ao chegar, às 10 horas, entrei na sala me desculpando. O grupo estava bastante agitado e eu também, pois este encontro, estava sendo realizado seis dias antes do meu exame de qualificação, para o qual estava me preparando.

Assim, solicitei ao grupo que tentassem relaxar ao máximo, na cadeira em que estavam sentados e que deixassem as imagens surgirem em suas mentes. Antes de passarmos a esta etapa, observei a presença de um novo membro no grupo ao qual pedi que se apresentasse.

Após, o nosso "relaxamento", os trabalhadores levantaram de suas cadeiras, andaram pela sala, "esticaram ns pernas", e formamos um grande grupo, em círculo e rapidamente, os assuntos foram se esboçando e constituindo-se num tema bastante polêmico e específico: as relações de poder dentro da

empresa e entre os colegas de trabalho, as relações interpessoais entre os colegas de trabalho, as dificuldades e facilidades das reivindicações dos trabalhadores e as posições perante estas reivindicações.

Neste dia, **dia do sétimo encontro**, retomamos a discussão dos grupos da Gastrite e da Preocupação, interrompidos no quinto encontro, em função de tempo previsto haver sido esgotado e por não pretendermos desgastar o grupo.

Utilizamos uma técnica de dinâmica de grupo "Forunfar"* para aquecimento do grupo. O objetivo desta técnica consiste, em vencer inibições, descontraír. Escolhe-se tini voluntário para sair do grupo e que terá a incumbência de descobrir, com perguntas o "verbo" que o grupo escolheu. O grupo escolhe tini verbo (andar, conter, apertar etc.) que será substituído pelo verbo "forunfar". O voluntário, retorna ao grupo e terá que descobrir o verbo fazendo perguntas.

Um dos trabalhadores colocou-se à disposição, como voluntário e o verbo escolhido, foi "dormir". O voluntário acertou após varias tentativas, despertando muitos risos e brincadeiras de todos os membros do grupo.

Todos os membros deste grupo, estavam, especialmente participativos neste dia. As mulheres se colocaram mais, se expuseram Irais que das outras vezes, chegando mesmo, a questionar o "sexo frágil", a menstruação. Outros trabalhadores, do sexo masculino, ao explicar as questões de saúde e o conto elas podem surgir, dramatizam as situações de trabalho, mostrando os movimentos que são realizados na coleta, na limpeza dos bueiros, provocando aplausos do grupo. Seu desempenho se dá de forma tão real, verdadeira e autêntica, que chega a transpirar ao demonstrar como empurra um container, levanta uma boca de lobo ou pega um saco de lixo pesado.

Assim, num clima, extremamente, prazeroso e descontraído, inicia-se o nosso trabalho deste dia, que consiste em, apresentar as queixas de saúde e estabelecer relações de causas para os surgimentos destas queixas.

Iniciamos a apresentação do grupo da Gastrite e os trabalhadores, imediatamente, incluem neste, o "sistema nervoso". Segundo eles, uma pessoa pode apresentar tal problema de saúde, em função de situações de tensão que enfrentam no seu cotidiano de trabalho. O segundo grupo a se apresentar foi o da Preocupação.

Desta forma, toda a discussão, neste dia, girou em torno das questões relacionadas à saúde, ao surgimento da doença, ou seja, das teorias que estes

* SILVA JUNIOR, Aldo. *Jogos*. Paraná: Imprensa Universitária, 1982.

trabalhadores construíram acerca de seus sintomas e doenças; bem como às suas concepções de saúde, de doença e de trabalho.

No oitavo encontro, os trabalhadores chegaram com uma hora de atraso, já supunha ter havido algo que os impedira de comparecer. No entanto, após sua chegada, fui informada de que naquele dia era pago o "vale" (um percentual do salário que é antecipado no dia 20 de cada mês) e, por terem ido receber, haviam se atrasado.

Nosso encontro é iniciado com o assunto de política partidária, com a então prefeita Luiza Erundina, estende-se até o ex-presidente Fernando Collor de Mello e por fim, retorna às garagens das empresas, aos trabalhadores e ao seu dia-a-dia, com todas as suas dificuldades.

Entre as dificuldades comuns enfrentadas por estes trabalhadores, encontra-se a ausência de um local adequado para guardar seus pertences, um refeitório para almoçar e chuveiros para tomar banho, após a sua jornada de trabalho.

Após um certo período de tempo, em que o grupo permanecia calado, aguardando a chegada dos outros colegas que já estavam a caminho, quando estes chegaram demos início às atividades, utilizando a dinâmica de grupo: "Eu e a organização"*. Esta técnica tem como objetivo: perceber as representações do imaginário em torno dos eixos referenciais em que se articulam, conforme o político-econômico-ideológico da empresa em relação ao trabalhador; favorecer a expressão daquilo que o grupo pensa e daquilo que é; obter uma representação pluridimensional da empresa; apreender as angústias e os desejos vividos na relação dos indivíduos com as instituições, com os objetos coletivos de investimento. O procedimento adotado foi solicitar ao grupo que pensasse na empresa em que trabalha, como se sente em relação a esta empresa, que deixasse fluir as imagens. Após esta etapa, fazer um desenho da empresa onde trabalha.

Solicitei ainda, que se distanciassem para desenhar e que não permitisse que os colegas vissem seus desenhos. O grupo silenciou e por aproximadamente trinta minutos, manteve-se concentrado na tarefa.

Após haverem desenhado, formamos um círculo e os desenhos foram misturados. Nesta ocasião, foi dado aos trabalhadores, desenhos que não eram os seus, a fim de que eles dessem suas opiniões, acerca do que estava contido naquela figura.

* PAGÈS, Max (et al.). *O poder das organizações: a dominação das multinacionais sobre os indivíduos*. São Paulo: Atlas, 1987.

As representações dos trabalhadores, apontadas pelos desenhos, foram bastante variadas: a empresa como uma mãe, os coletores de lixo são nordestinos, representados por lampião, o abuso de poder dos fiscais da empresa, o controle da empresa sobre os representantes sindicais, entre outras.

O nono encontro, assim como o primeiro, foi, também, bastante diferente dos outros. Isto se deve ao fato, de um dos trabalhadores que freqüentava as reuniões, não ter vindo no encontro anterior, mas foi à Fundacentro e deixou na portaria uma encomenda para mim: Uma caixa com três preservativos. A caixa de preservativos foi-me entregue na recepção, após o encontro anterior, quando estava saindo para almoçar. Vale ressaltar que, esta seria a última reunião prevista com o grupo de trabalhadores da limpeza pública.

Neste dia, todos chegamos cedo, ou melhor, no horário combinado e a sala estava lotada. Foi a reunião que mais houve participantes e participação. Em média, havia 22 pessoas. Abri a reunião, mostrando ao grupo a encomenda que haviam deixado para mim e logo nosso tema protagônico tomou corpo, indo cair num assunto difícil e cheio de mistérios, fantasias: a Aids.

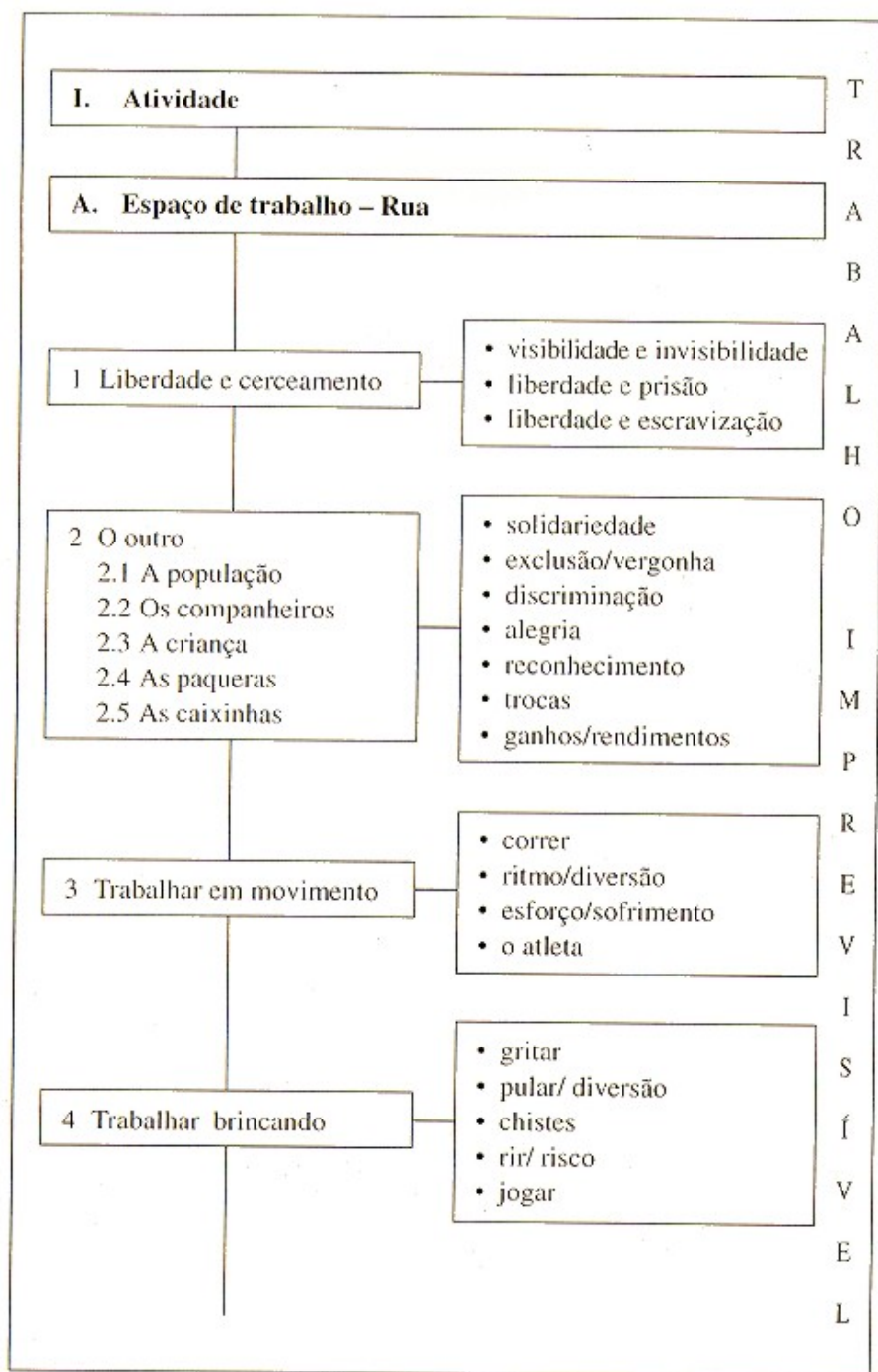
O grupo, prontamente, mostrou-se interessado e, paralelamente, constrangido. Interessado pelo fato de já terem tido contato com trabalhadores portadores do HIV, e constrangidos, até mesmo, por relacionar a contaminação, apenas, à multiplicidade de parceiros na relação sexual.

Solicitei um voluntário para falar sobre o preservativo, mostrar como usar e fiz a "camisinha" circular por todo o grupo, para que pudessem manusear e sentir a textura, como uma forma de preparação para o nosso debate. Enquanto manuseavam, comentavam, riam, faziam piadas tais como "*é o mesmo que chupar bala com papel!*", entre outros.

Após algum tempo, o grupo sugeriu que se encenasse, que se criasse uma cena, se fizesse um teatro, onde um dos membros seria o portador e colocando outras situações. Assim, três grupos menores se formaram, cada um deles com um tema específico.

O primeiro grupo a se apresentar preocupou-se com a questão da prevenção, mostrando para os homossexuais e heterossexuais, a importância de usar o preservativo. O outro grupo, mostrava uma situação em que uma pessoa descobriu ser portador do vírus da Aids e desenrolava toda uma trama, desde os sintomas físicos do desenvolvimento da doença, até as fantasias, a sua subjetividade, as representações e preconceitos.

O grupo ficou muito mobilizado nas suas emoções e afetos, neste encontro, com este tema e após as encenações, sentamos em círculo para conversar. Uma coisa interessante, foi a relação que estes trabalhadores estabeleceram entre coisas sujas, lixo, o vírus da Aids, a contaminação e a morte.



B. Objeto de trabalho - Lixo

1 O lixo velho

- fedor
- contaminação
- risco

2 O lixo triste

- tristeza
- desencanto

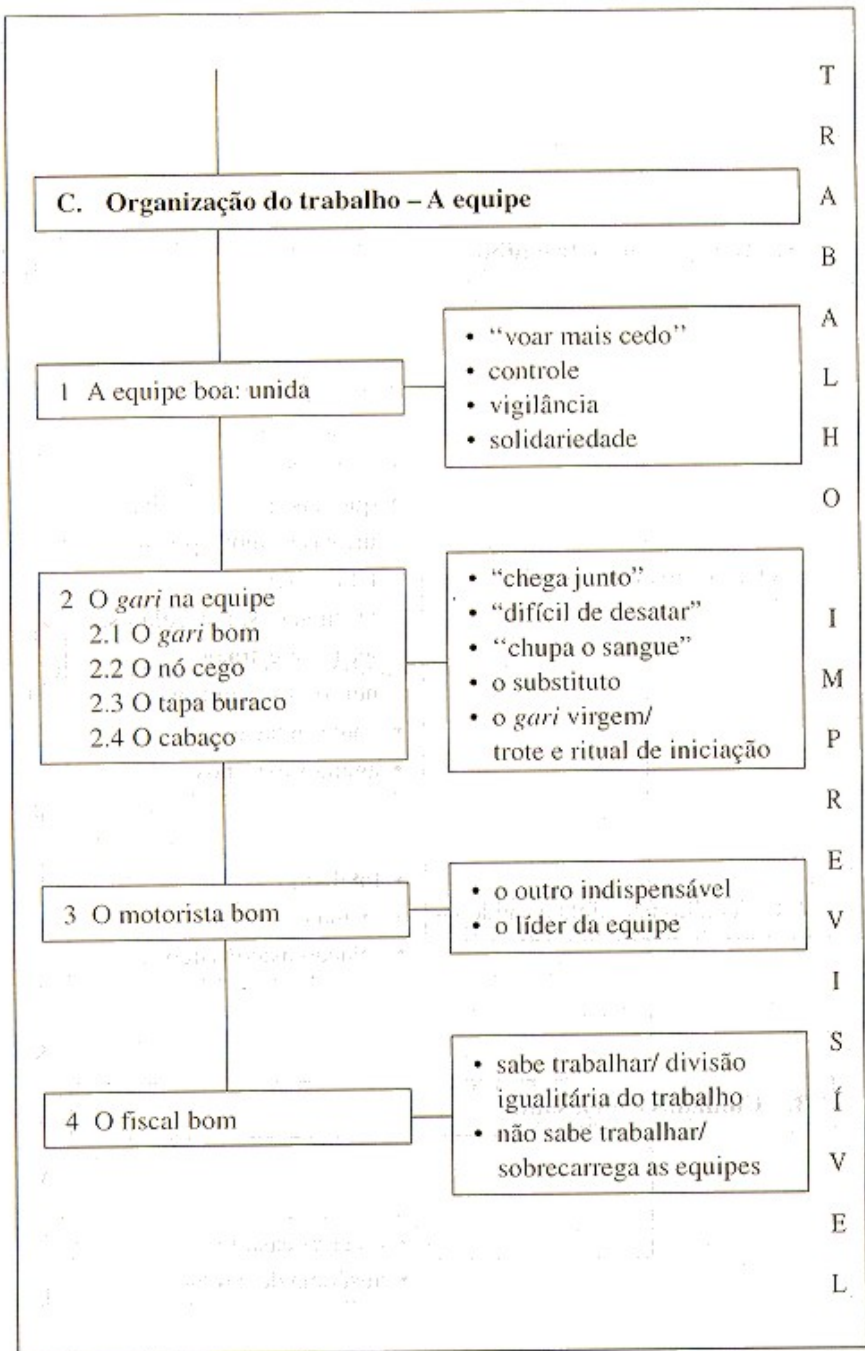
3 O lixo como esconderijo

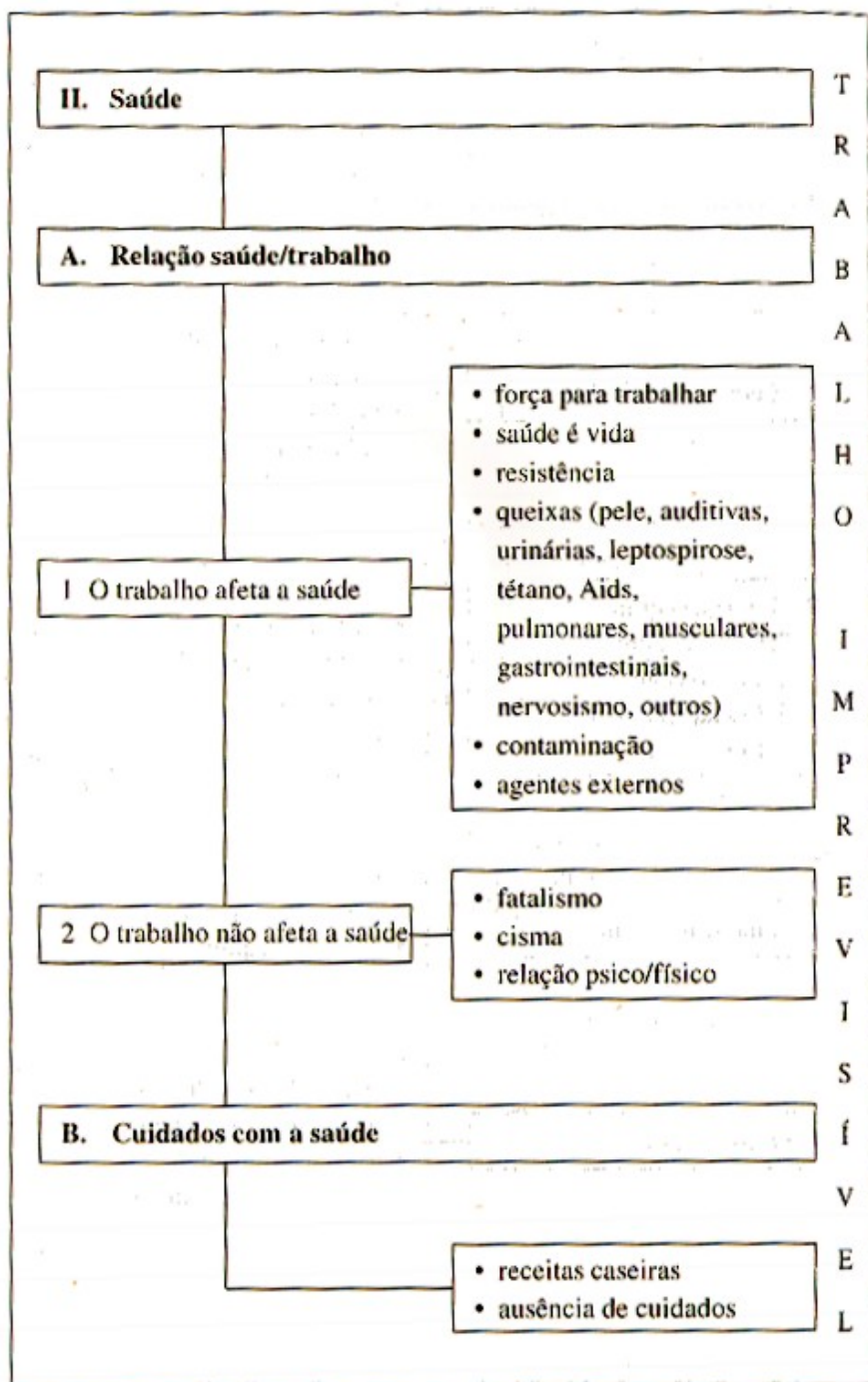
- mocosar/esconder
- risco

4 O lixo rico

- muambas
- presentes
- papai noel do lixo
- alegria

T
R
A
B
A
L
H
O
I
M
P
R
E
V
I
S
Í
V
E
L





III. Pinga

A. A cachaça na relação com a população

- exploração
- pagamento
- reconhecimento
- inclusão pela exclusão

B. A cachaça como o remédio que cura

- anestésico
- relaxante
- estimulante/excitante
- complemento vitamínico
- desintoxica
- desinfetante
- vacina
- proteção e defesa
- cura e adoecimento

T
R
A
B
A
L
H
O

I
M
P
R
E
V
I
S
Í
V
E
L

BIBLIOGRAFIA

- ACKERMAN, Diane. *Uma história natural dos sentidos*. Tradução por Ana Zelma Campos, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992. Tradução de A natural history of the senses.
- AMERICAN PUBLIC WORKS ASSOCIATION. Institute for solid wastes *Solid waste collection practice*. 4a. ed. Chicago: Illinois, 1975.
- ANDRÉ, Lúcia Márcia. *Heróis da Lama: sobrecarga emocional e estratégias defensivas no trabalho de limpeza pública*. Dissertação (Mestrado em Prática de Saúde Pública) FSP-USP, São Paulo, 1994.
- ARAÚJO, V.A. *Para compreender o alcoolismo*. São Paulo: Edicon, 1985.
- ARIES, Philippe. *História social da criança e da família*. 2^a. Ed. Tradução por Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. Tradução de L'Enfant et la vie familiale sous l'ancien régime.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. 2a. Ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987. Tradução de Lê pire.
- BLASS, Leila M. Da Silva. *Estamos em greve! Imagens, gestos e palavras do*

- Movimento dos bancários*. São Paulo: Hucitec/Sindicato dos Bancários de São Paulo, 1992.
- BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. 3^a. Ed. Tradução por Regina A. Machad. Rio de Janeiro: Graal, 1989. (Biblioteca de Saúde e Sociedade: v. n. 5)
- CAILLOIS, Roger. *Lês Jeux et les hommes – Le masque et le vertige*. 2^a. Ed. Paris: Gallimard, 1967.
- CAMARGO, Luiz O. Lima. *O que é lazer*. 2^a. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Coleção Primeiros Passos, 172)
- CAMPANA, A.M. *Alcoolismo e empresas*. In. RAMOS., S.P. (org.). *Alcoolismo hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- CIMINO, J. A. e MANTANI, R. Occupational hazards for New York City sanitation workers. *Journal of Environmental Health*, v. 50, n.1, p. 8-12, 1987.
- COELHO FILHO, Oswaldo O. e LOBATO, Fernando J. C. *Segurança e higiene do trabalho na limpeza pública de Belém*. In: Congresso Nacional de Prevenção de Acidentes do Trabalho, 1975, Rio de Janeiro. *Anais...* São Paulo: Fundacentro, 1976.
- CORBIN, Alain. *Sabores e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. Tradução por Lígia Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. Tradução de Lê miasme et la jonquille lódorant et l'imaginaire social XVIII-XIX siècles.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, 4a. ed. Ver. Aum. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- _____. *Carnavais, malandros e Heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro*. 5^a. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990.
- DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho, estudo de psicopatologia do trabalho*. 2a. ed. Tradução por Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira, São Paulo: Cortez-Oboré, 1987.

- _____. Por um novo conceito de saúde. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, v. 14, n. 54, abr./maio/jun., 1986.
- ELLIS, H. M. e outros. *Problemas de evacuación y tratamiento de desechos en las colectividades*. Ginebra: OMS, 1970; (Cuadernos de Salud Publica, 38)
- FERREIRA, Aurelio B. de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª. ed. Rev. Aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- _____. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11 ed. Tradução por Roberto Machado, Rio de Janeiro: Graal, 1979. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências v. n. 7)
- GORDON, W. Refuse collectors. In International Labour Office. *Encyclopedia of occupational health and safety*. Geneva, 1989.
- HANKS, T. *Solid waste/disease relationships: a literature survey*. Washington: PHS, 1968.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens – o jogo como um elemento da cultura*. 2ª. ed. Tradução por Ana Maria Spira. Rio de Janeiro: Imago, 1973. (Col. Psicologia Psicanalítica) Tradução de Homo ludens 0 vom ursprung der kultur im sprel.
- ILÁRIO, Enídio. Estudo de morbidade em coletores delixo de um grande centro urbano. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*. v. 17, n. 66, p. 7-13, abr./maio/jun., 1989.
- LASCOE, R. *Basuras, evacuación*. In. Oficina Internacional del Trabajo. *Enciclopédia de medicina, higiene y seguridad del trabajo*. Madrid: OIT, 1974.
- LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARQUES, E., CARMONA, G. e MORAES, L. C. *Prevenção de acidente nos servidores públicos em geral*. In. Congresso Nacional de Prevenção de Acidentes de Trabalho, 1980, São Paulo, *Anais...* São Paulo, Fundacentro, 1980.

OLIVA, Sueli Epstein. *O brincar do adulto – uma abordagem transicional*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) PUC, São Paulo, 1991.

OLIVEIRA, Walter Engracia. *Resíduos sólidos e limpeza pública*. In. PHILLIPE JR Arlindo (org.) *Saneamento do meio*. São Paulo: Fundacentro, USP, FSP, Depto. de Saúde Ambiental, 1982.

ORGANIZACION PANAMERICANA DE LA SALUD. *La eliminación de basuras y el control de insectos y roedores*. Washington: OPS, 1963.

_____. Faculdade de Saúde Pública. *Seminário sobre o problema do lixo no meio urbano*. São Paulo: OPAS – FSP, 1965.

PAGÉS, Max (et al.). *O poder das organizações > a dominação das multinacionais sobre os indivíduos*. Tradução por Maria Cecília Pereira Tavares, São Paulo: Atalas, 1987. Tradução de Lémprise de l'organization.

PHILIPPE JR., Arlindo. *Sistemas de resíduos sólidos: coleta e transporte no meio urbano*. Dissertação (Mestrado em Saúde Ambiental – FSP da USP, São Paulo, 1979.

PINTO, M. S. *A coleta e disposição do lixo no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1979.

ROBAZZI, Maria Lúcia C.C. *Contribuição ao estudo sobre coletores de lixo: acidentes de trabalho ocorridos em Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, no período de 1986 a 1988*. Tese (Doutorado na Escola de Enfermagem) – USP, Ribeirão Preto, 1991.

_____. *Estudo das condições de vida, trabalho e riscos ocupacionais a que estão submetidos os coletores de lixo da cidade de Ribeirão Preto*. Dissertação (Mestrado na escola de Enfermagem) – USP, Ribeirão Preto, 1984.

- ROBAZZI, Maria L. C. C. E BECHELLI, Maria H. M. Coletores de lixo: estudo de afastamento do serviço por problemas de saúde. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*. V. 13, n. 50, p. 68-74, abr./maio/jun., 1985.
- RUBBO, Júlio. *Doenças determinantes da aposentadoria dos servidores da coleta de lixo domiciliar em Porto Alegre*. Poá: UFRGS, 1983.
- SÃO PAULO. Prefeitura do município de São Paulo. *Composto orgânico*. São Paulo, 3p.
- SÃO PAULO. Prefeitura do Município de São Paulo. Secretaria de Serviços e Obras. Serviço de Limpeza Pública de São Paulo. *Histórico da privatização dos serviços de coleta de lixo e de varrição de vias públicas*. São Paulo, 1990.
- SANTOS, Zózimo L., *Contribuição ao estudo da problemática do lixo urbano*. Tese (Livre docência na Faculdade de Farmácia e Bioquímica) UFRGS, 1969.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Tradução por Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Tradução de The fall of public man.
- SIEMACO. Tribuna do Asseio. São Paulo, n. 16, março, 1995.
- _____. *Relatório de informações básicas*. São Paulo: SIEMACO, 1992.
- SILVA, Edgard P. *Condições de saúde ocupacional dos lixeiros de São Paulo*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Saúde Ambiental) Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, 1973.
- SILVA, Lígia M. B. E CARVALHO, Arlene S. Acidentes em Limpeza urbana na Guanabara. In: Congresso Nacional de Prevenção de Acidentes do Trabalho, 1974, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Fundacentro, 1974.
- SILVA JUNIOR, Aldo. *Jogos*. Paraná: Imprensa Universitária, 1992.

SLIEPCEVICH, E. M. *Effect of work conditions upon the health of the uniformed sanitation men of the New York city*. Dissertation (Doctor of Physical Education) Faculty of Springfield College, Springfield, 1955.

SPOSATI, Aldaiza Oliveira. *Relatório preliminar de pesquisa: Padrões de reprodução social*. São Paulo: PUC, 1990.

SÚSKIND, Patrick. *O perfume, história de um assassino*. Tradução por Fávio R. Kothe, Rio de Janeiro: Record, 1985. Tradução de Das parfum.

TOLOSA, Dora E. Rodrigues, *Avaliação das condições de trabalho dos servidores braçais da prefeitura municipal de Botucatu: levantamento das condições de risco e estudo de morbidade*, 1987. Dissertação (Mestrado em Medicina) UNICAMP, Campinas, 1990.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Saúde Pública. Departamento de Saúde Ambiental. *Resíduos sólidos e limpeza urbana*. São Paulo: USP, 1973.

_____. Faculdade de Higiene e Saúde Pública. *Lixo e limpeza pública*. São Paulo: USP/OMS/OPS, 1969.

VIEIRA, Maria A. Da Costa, BEZERRAM E. M. Ramos e ROSA, Cleisa M. Maffei (orgs.). *População de rua: quem é, como vive, como é vista*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Tradução por José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre, Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Col. Psicologia Psicanalítica) Tradução de Playing and reality.

Sobre o livro

*Composto em Times 11/14
em papel pólen rustic 85g
(miolo) e cartão supremo 240g
(capa) no formato 16x23 cm
pela Plural Art
1.000 exemplares
1ª Edição - 1999*

Equipe de realização

Supervisão Editorial:

Elisabeth Rossi

Revisão de provas:

Plural Art

Projeto Gráfico (miolo):

Silvia Massaro

Criação capa: APPM

MINISTERIO DO TRABALHO



FUNDACENTRO
FUNDAÇÃO JORGE DUPRAT FIGUEIREDO
DE SEGURANÇA E MEDICINA DO TRABALHO

Rua Capote Valente, 710
São Paulo - SP
05409-002
tel: 3066-6000